UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Gabriel Benedito Machado

Faces do neofascismo:
Uma análise do movimento identitário em contexto latino-americano

Juiz de Fora
2025

Gabriel Benedito Machado

Faces do neofascismo:
Uma análise do movimento identitário em contexto latino-americano

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Política, Cultura e Usos do Passado.

Orientador: Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Machado, Gabriel Benedito .
Faces do neofascismo : uma análise do movimento identitário em contexto latino-americano / Gabriel Benedito Machado. -- 2025.
180 p. : il.

Orientador: Odilon Caldeira Neto
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Extrema Direita. 2. Neofascismo. 3. Direitas Grupusculares. 4. Identitarismo. 5. América Latina . I. Caldeira Neto, Odilon, orient. II. Título.

Gabriel Benedito Machado

Faces do neofascismo: Uma análise do movimento identitário em contexto latino-americano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

Aprovada em 26/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Boris Matías Grinchpun
Universidad de Buenos Aires

Profa. Dra. Tatiana Silva Poggi de Figueiredo
Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora, 13/02/2025.

Documento assinado eletronicamente por **Odilon Caldeira Neto**, **Professor(a)**, em 26/02/2025, às 18:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Tatiana Poggi**, **Usuário Externo**, em 17/03/2025, às 18:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Boris Matias Grinchpun**, **Usuário Externo**, em 18/03/2025, às 09:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2245644** e o código CRC **CF9CCF82**.

AGRADECIMENTOS

Em muitos momentos, a jornada acadêmica é um caminho solitário. Felizmente, tive a bem-aventurança de um caminho povoado de boas pessoas que, quando não havia alegria para compartilhar, dividimos, pelo menos, um par de risadas escandalosas, palavras de incentivo e admiração, ou mesmo, uma dose de qualquer bebida suspeita à disposição.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais: pelo incentivo, por acreditarem nos meus sonhos, por sonhar junto comigo, pelo apoio, pela base que puderam me proporcionar com muito esforço, pela educação que me deram. Francisca Eny de Rezende Machado, a mulher mais inspiradora e esforçada que já conheci, dona de um carinho incomensurável pelos filhos, de um olhar atencioso para o outro, de uma inteligência afiada e de uma risada fácil e iluminada, que julgo ser herdeiro. Benedito Machado da Silva, que faz saudade brotar dos meus olhos enquanto escrevo estas palavras e que não pôde ver este trabalho ser concluído. Bené foi um homem doce, de palavra e honra ilibadas, de uma serenidade diante da vida que sempre vou admirar e invejar. Sinto-me grato pelo tempo que compartilhamos, as conversas que tivemos e a felicidade em saber que se orgulhava de mim, fazendo, por si só, que tudo isso tenha valido a pena. Dele herdei o senso de humor duvidoso, o interesse por política, a teimosia indobrável, o amor pela cachaça e pelo Clube de Regatas do Flamengo, “o maior time do mundo”, como ele mesmo dizia e que agora parafraseio como um emblema da luminosidade de sua memória. Amo e sempre amarei vocês profundamente.

Agradeço aos meus irmãos, José Geraldo dos Santos Machado e Eder Lucas Machado, por cada incentivo, pelo afeto, pelas brigas, pelo apoio cotidiano e pelo carinho. Como irmãos mais velhos, o olhar de vocês intermediou o meu contato com o mundo exterior enquanto crescia admirando vocês. Embora, às vezes, tenhamos nos desentendido e eu tenha me esforçado para tirar vocês do sério ao longo desses anos, quando penso em vocês, as primeiras imagens que me chegam à cabeça são das risadas de vocês.

Agradeço à minha companheira, Larissa Naiade Lima, por ser um porto seguro em meio a marés de azar e a turbulência das dificuldades da vida, a qual tenho uma sorte inenarrável de compartilhar com você. Obrigado por toda paciência, a ajuda, o encorajamento, as confidências, as preces, o carinho e compreensão, fundamentais para que cada palavra saísse da minha cabeça rumo a estas páginas de papel digital.

Às gatas Kiki e Miá, minhas estagiárias remuneradas com sachê e carinho entre as orelhas, que, mesmo em condições trabalho tenebrosas, foram companhias inseparáveis e me distraíram em meio à tensão de um parágrafo e outro.

Para além do seio familiar, fui agraciado pela existência de amigos e amigas maravilhosos, os quais, se não foram de suma importância para a concepção deste trabalho desde o início, ao menos, sem eles, este teria sido substancialmente mais difícil de ser concretizado. Dessa forma, é indispensável agradecer ao amigo-irmão Dionnata Martins, com quem compartilho meus sonhos e ambições desde a infância, a quem admiro e me espelho e que, sem sua maravilhosa influência, jamais teria me tornado um leitor apaixonado ou, mesmo, cogitado a possibilidade de fazer faculdade e seguir em uma pós-graduação, nossa amizade mudou minha vida. À Beatriz Sales e Andy Baldutti, pelas conversas, ansiedades e risadas divididas desde o ensino médio, por me receberem no Instituto de Ciências Humanas da UFJF e me apresentarem ao lugar no meu primeiro dia de aula do curso de Licenciatura em História, além de me oferecerem conversas importantes desde sempre.

Agradeço aos amigos e amigas que fiz na graduação, especialmente Ramon Cabral, Joice Schaeffer, Márcio Afonso, Juliana Coelho e Olímpio Campos, por nunca deixarem que eu me sentisse sozinho, pelas risadas escandalosas e sinceras, pelas conversas entre os corredores, o Centro Acadêmico e botequins, tornando o dia a dia da graduação um espaço onde fui feliz em estar. Agradeço ao Yan Marques e Rennan Baldutti, pela amizade de longa data, pelas conversas interessantes e pelas conversas bobas, e por contribuírem, juntamente com os meus amigos da graduação, para a manutenção da minha sanidade mental em meio à pandemia e o desenvolvimento deste trabalho. À Karol Ferraz e Lais Peres, pela amizade de longa dada, por acreditarem nas minhas capacidades, muitas vezes, mais do que eu, por sempre estarem à disposição para conversar e ajudar. Também agradeço a todos os colegas e aos amigos e amigas que fiz na Pós-graduação, especialmente, Giovanna Andrade, Caroline Lopes, Mayara Balestro, Bruna Silva, Marco Antônio Souza, Amanda Lira e Luís Roberto Silva, por compartilharem as trincheiras cotidianas nesses últimos dois anos, fizeram contribuições inestimáveis para esta pesquisa e tornaram o ambiente acadêmico um espaço instigante, rico e feliz e estiveram presentes em momentos difíceis.

Agradeço a todas as professoras e professores que tive durante todos esses anos na UFJF. Especialmente à prof. Dra. Sonia Miranda, pois, sem suas aulas inspiradoras, teria abandonado a graduação nos primeiros semestres, e à prof. Dra. Yara Alvim, pelas oportunidades que me concedeu e que me fizeram ir além, pelo olhar atento que viu em mim mais do que eu enxergava. Agradeço ao prof. Dr. Odilon Caldeira Neto, meu orientador, que, desde a graduação, me ofereceu inúmeras oportunidades, viu o potencial que eu tinha e fez contribuições incomensuráveis para o meu desenvolvimento intelectual e profissional.

Embora, quando demonstro minha gratidão, ele diga que faz apenas o próprio trabalho, quero deixar registrado aqui que esse, excelente, trabalho me foi/é, pessoalmente, importante.

Além disso, agradeço à professora Dra. Tatiana Poggi e ao professor Dr. Boris Matias Grinchpun, por serem referências importantes para o desenvolvimento deste trabalho desde a sua concepção como projeto, pelas contribuições que fizeram durante a banca de qualificação e pelo gentil aceite de avaliarem meu trabalho final.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora, por conceder um espaço e estrutura de excelência, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por possibilitar minha dedicação exclusiva à pesquisa. Asseguro que todo o investimento em minha formação intelectual e profissional será retribuído à sociedade brasileira.

Obrigado!!!

RESUMO

O autodenominado movimento identitário iniciou-se como uma expressão do neofascismo tipicamente europeu, conjugando elementos ideológicos da Nova Direita Francesa/Europeia, caracterizado como uma reação contra a globalização e a imigração em massa no continente europeu. Para esses grupos, a identidade nacional, formada essencialmente por aspectos étnicos e/ou biológicos, está em alarmante ameaça perante a modernidade capitalista e o multiculturalismo. Nas últimas décadas, o identitarismo se tornou um fenômeno efetivamente global da extrema direita, com interpretações autóctones em regiões extra-europeias. Dado esse contexto de transnacionalismo, a pesquisa proposta tem por objetivo analisar as especificidades do neofascismo/identitarismo na América Latina. Para isso, a pesquisa irá analisar principalmente três grupos autodenominados identitários: Legião Identitária (Brasil); Fuerza Nacional-Identitaria (Chile); e Frente Ungerista Identitario (México).

Palavras-chave: Identitarismo; Neofascismo; Extrema Direita; Direitas Grupusculares.

ABSTRACT

The self-proclaimed identitarian movement began as an expression of typically European neofascism, combining ideological elements of the French/European New Right, characterized as a reaction against globalization and mass immigration on the European continent. For these groups, national identity, formed essentially by ethnic and/or biological aspects, is under alarming threat in the face of capitalist modernity and multiculturalism. In recent decades, identitarianism has become an effectively global phenomenon of the far right, with autochthonous interpretations in non-European regions. Given this context of transnationalism, the proposed research aims to analyze the specificities of neofascism/identitarianism in Latin America. To this end, the research will mainly analyze three self-proclaimed identitarian groups: Legião Identitária (Brazil); Fuerza Nacional-Identitaria (Chile); and Frente Ungerista Identitario (Mexico).

Keywords: Identitarianism; Neofascism; Far Right; Groupuscular Right.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Bandeira Étnica Crioula …… 75

Imagem 2: Bandeira do Fuerza Nacional-Identitaria …….. 76

Imagem 3: Capa do Facebook do LI atualizada em 26/02/2016 ……. 79

Imagem 4: Simbolo do LI após atualização …… 79

Imagem 5: Barão Ungern representado como “Deus da Guerra” ……... 83

Imagem 6: Bandera del Nómada ……..… 84

Imagem 7: Identity Evropa, Geração Identitária, Nova Ordem Social - o símbolo também representa o Movimento de Resistência Nórdica, Legião Identitária, Fuerza Nacional-Identitária, Alt-Right, Szturmowcy, União Eslava e Renascimento, Der Dritte Weg, Obóz Narodowo-Radykalny ……. 153

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI: ACCÍON IDENTITARIA

AF: AURORA DE FERRO

BLM: BLACK LIVES MATTER

CICUGA: CÍRCULO DE CUERBOS GALENOS

CNT: COORDINADORA NACIONAL TEMPESTISTA

CPI: CÍRCULO DE INVESTIGACIONES PANCRIOLLISTAS

DA: DERECHA ALTERNATIVA

DE: DEFEND EUROPE

EA: EUROPE-ACTION

FEN: FÉDÉRATION DES ÉTUDIANTS NATIONALISTES

FNI: FUERZA NACIONAL-IDENTITARIO

FUI: FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO

GI: GÉNÉRATION IDENTITAIRE

GRECE: GROUPEMENT DE RECHERCHE ET D'ÉTUDES POUR LA CIVILISATION EUROPÉENNE

IE: IDENTITY EVROPA

JI: JEUNESSES IDENTITAIRES

JN: JEUNE NATION

LI: LEGIÃO IDENTITÁRIA

MSE: MOVIMENTO SOCIAL EUROPEU

MSI: MOVIMENTO SOCIALE ITALIANO

MSP: MOVIMIENTO SOCIAL PATRIOTA

ND: NOUVELLE DROITE - NOVA DIREITA FRANCESA

OAS: ORGANISATION ARMÉE SECRÈTE

ON: ORDINE NUOVO

OSMP: SUL É MEU PAÍS

RC: REVOLUÇÃO CONSERVADORA

SUMÁRIO

Introdução 11

Capítulo 1 - Pan-Europeísmo, Etnopluralismo e Metapolítica 25

1.1- Neofascismo e Pan-europeísmo 25

1.2- Nouvelle Droite e o Direito à Diferença 35

1.3- Movimento Identitário, Alt-Right e a Metapolítica 46

Capítulo 2 - Identitarismo Latino-Americano 60

2.1- Contextos e referências locais 61

2.1.1 - Chile 71

2.1.2 - Brasil 76

2.1.3 - México 80

2.2- Comunidades orgânicas, etnicidade e masculinidade 85

2.3- Entre passado e futuro 98

Capítulo 3 - Problemáticas Locais, Atuação e Rede Identitária 110

3.1 - Problemáticas Locais 111

3.2 - Atuação 127

3.3 - Rede Identitária 141

Considerações Finais 157

Fontes 163

Referências Bibliográficas 172

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, um crescente número de trabalhos e pesquisadores, de diferentes partes do mundo e dos mais distintos campos do conhecimento, têm se dedicado à busca pela compreensão de uma das principais problemáticas que circunscrevem o início do século XXI, em meio aos desdobramentos da globalização, os ecos das crises do neoliberalismo e o questionamento cada vez mais perceptível acerca da democracia liberal. Esses são apenas alguns dos fatores que delineiam o contexto de ascensão da ultradireita[1] ao redor do mundo, cuja repercussão é mais visível, para um público mais amplo, através das vitórias eleitorais de figuras como Donald Trump (2016 e 2024), Jair Bolsonaro (2018) e Javier Milei (2023), ou mesmo no progressivo avanço de partidos políticos pós-fascistas nos parlamentos europeus, como, por exemplo, na vitória do *Fratelli D'Italia* nas eleições de 2022, alçando Giorgia Meloni como primeira-ministra italiana. Esta pesquisa é mais um dos frutos desse cenário, porém, mirando um espectro da extrema direita ainda pouco discutido dentro do meio acadêmico, especialmente no Brasil, ou seja, o autodenominado movimento identitário, temática pela qual me interesso desde a graduação.

O início de minha trajetória acadêmica foi marcado pelo entusiasmo pela docência, aflorado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), projeto financiado pela CAPES o qual estive vinculado nos primeiros anos de licenciatura em História na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Tal oportunidade foi uma divisora de águas em minha formação intelectual e profissional, tendo em vista que as primeiras experiências docentes são um espaço de idealização para aqueles que passam pelos cursos de licenciatura. Contudo, em 2018, esse momento dispôs de outros significados, devido às eleições que ocorreram naquele ano. Assim, o convencional frio na barriga somou-se ao clima de polarização política, perseguição aos professores e violência que se manifestaram na escola, já que esta não é apartada da sociedade. Mas mais do que isso, minha primeira experiência como professor teve um gosto amargo por ocorrer na semana subsequente ao primeiro turno das eleições daquele ano.

Essa experiência galvanizou meu interesse em buscar compreender o fenômeno das Direitas, cujo sucesso recente, parecia repentino para grande parte da sociedade brasileira

[1] A ultradireita é um conceito guarda-chuva para designar as direitas anti-sistêmicas, abarcando tanto as chamadas direitas radicais - as quais aceitam a essência da democracia, mas se opõem a princípios da democracia liberal - quanto as direitas extremadas, as quais propõem a superação da democracia e como é enquadrado o campo neofascista. Embora uma possa ser entendida como reformista e a outra como revolucionária, com posturas distintas em relação à democracia, existe um histórico de convergência e interface entre esses dois polos. Ver: MUDDE, Cas. **O Regresso da Ultradireita:** da direita radical à direita extremista. Lisboa: Editorial Presença, 2020.

àquela altura. Dessa forma, em meados de 2019, me inseri em um grupo de estudos relacionados à temática. Porém, após algumas poucas reuniões, nossas atividades não puderam prosseguir no ano seguinte em razão da pandemia de COVID-19. Apesar disso, devido à relação entre pandemia e a intensificação da atuação de organizações de extrema direita nas redes sociais, o grupo de estudos tomou uma nova forma através do projeto "Monitor: COVID-19 e a extrema direita"[2], coordenado pelo Dr. Odilon Caldeira Neto (UFJF) e pelo Dr. Alexandre de Almeida (FFHC).

Essa atividade foi desgastante devido à pandemia, à linha de atuação a qual o Governo em exercício decidiu adotar e ao contato cotidiano com discursos extremistas, para além daqueles vinculados no noticiário. Entretanto, representou, na prática, um primeiro contato com ferramentas metodológicas relacionadas à História Digital, além de um amplo ecossistema de organizações, seus meios de atuação, organização e perspectivas ideológicas, as quais foram fundamentais para a execução desta pesquisa. A partir desse caminho, pude perceber que há uma diversidade dentro desse campo para além do bolsonarismo, o qual despertou meu interesse inicial, e de uma nova geração de pesquisadores das Direitas, em sua diversidade.

Nesse contexto, me interessei particularmente por grupelhos que possuíam referências ideológicas exóticas em relação às figuras que ficaram conhecidas a partir de sua associação com o bolsonarismo, não raro, produzindo um contraponto a essas. Especificamente, organizações que se apropriavam do ideário da chamada Revolução Conservadora, formada por intelectuais alemães do entreguerras críticos à República de Weimar e que, em muitos casos, foram apropriados e/ou se vincularam ao movimento nazista[3]; o Tradicionalismo, filosofia esotérica encabeçada pelo francês René Guénon, mas que teve no italiano Julius Evola o principal referencial para o extremismo político, especialmente para o neofascismo do

---

[2] O projeto teve como objetivo monitorar e analisar os conteúdos produzidos por tendências da extrema direita durante a pandemia de COVID-19. O Monitor buscou examinar os mitos políticos utilizados por esses grupos, assim como seus processos de interação com a extrema direita global, abordando temas como teorias da conspiração, propostas para desestabilizar pactos democráticos e estratégias de vigilância. O propósito do Monitor foi analisar as narrativas desses grupos e criar um acervo digital sobre a extrema direita e a COVID-19, com foco específico nas diversas expressões da extrema direita brasileira. Vale ressaltar que, devido ao contexto de paralisação das atividades da UFJF, tal projeto, não dispunha de vínculo institucional, sendo realizado de maneira totalmente voluntária. Além disso, o Monitor foi um dos destaques de uma reportagem publicada pelo portal UOL na época. Ver: KONCHINSKI, Vinicius. Nazismo e xenofobia "surfam" na pandemia e denúncias triplicam na internet. ***UOL***, 25 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/05/25/neonazistas-aproveitam-pandemia-para-intensificar-acoes-no-brasil.htm?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR2Ca4N7hsKvflWn2yiciUO-vuQAKuerJAKR_DwGtO1alPNCnYZsVbV1Oy8_aem_OH-W0nlA717ipVuKwTb6dw>. Acesso em: 10 set. 2024.

[3] HERF, Jeffrey. **El Modernismo Reaccionario**: Tecnología, cultura y política en Weimar y el Tercer Reich. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

pós-guerra[4]; e a chamada Nova Direita Francesa (*Nouvelle Droite* - ND), responsável por revitalizar as ideias do fascismo em um momento de crise, principalmente bebendo das referências supracitadas, somando-as ao arcabouço da Nova Esquerda[5].

Através do *think tank* GRECE (*Groupement de recherche et d'études pour la civilisation européenne*), jovens que atuavam nos círculos ativistas do neofascismo francês, renunciaram ao ativismo de rua, comumente associado à violência, e passaram a se dedicar à produção intelectual, partindo do pressuposto que o fracasso da extrema direita pós-1945, devia-se ao marasmo intelectual que se encontravam. Além disso, o GRECE surgiu como uma reação à efervescência política, cultural e intelectual da esquerda deflagrada no Maio de 1968 francês, apropriando-se de algumas de suas referências intelectuais a partir de uma leitura própria. Nesse sentido, o nome mais importante foi o do marxista italiano Antonio Gramsci, tendo sua noção de hegemonia cultural distorcida, para combater o que entendiam como predomínio cultural de esquerda, servindo de base para o que chamaram de metapolítica, ou seja, a luta do campo cultural/intelectual que entenderam preceder o poder político[6].

Capitaneados por Alain de Benoist, o GRECE passou por algumas fases de desenvolvimento intelectual ao longo dos anos: 1) 1968-72, marcada por um racismo biológico comum ao contexto neofascista europeu. 2) 1972-79, caracterizada pela crítica ao igualitarismo moderno, e a defesa de uma identidade europeia comum enraizada em uma perspectiva neo-pagã. 3) 1980-3, quando se deu o desenvolvimento da temática diferencialista. 4) 1984-7, e o desenvolvimento de uma postura pró-Terceiro Mundo, e a defesa das identidades coletivas contra a homogeneização global. Neste entendimento, a ideologia liberal e seu individualismo são compreendidos como agentes homogeneizadores dos diversos povos e culturas do planeta, solapando suas particularidades a partir de um modelo universalista de sociedade, sendo proposto que todos os povos possuem direito a serem diferentes uns dos outros. Contudo, isso perpassa uma visão fixa de identidade, sendo a mudança e a mistura uma ameaça tal qual no racismo convencional[7], substituindo suas bases raciais através de uma visão de identidade cultural, própria a cada povo do mundo e imiscível[8].

---

[4] SEDGWICK, M. **Contra o Mundo Moderno**: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

[5] GRIFFIN, Roger. Plus ça change! The Fascist Pedigree of the Nouvelle Droite. In: ARNOLD, Edward. **The Development of the Radical Right in France (1890-1995).** London: Routledge, 2000.

[6] SANROMÁN, Diego Luis. **La nueva derecha**: Cuarenta años de agitación metapolìtica. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2008.

[7] TAGUIEFF, Pierre-André. From Race to Culture: The New Right's View of European Identity. *Télos*, 1993

[8] RUEDA, Daniel. Alain de Benoist, ethnopluralism and the cultural turn in racism. **Patterns of Prejudice**, 2021 Vol. 55, No. 3, 213–235, https://doi.org/10.1080/0031322X.2021.1920722

A ND representou a continuidade de uma perspectiva pan-europeísta em uma nova geração, a qual ganhou força a partir do pós-1945. Com o pós-guerra, campo político da extrema direita precisou se adaptar a um contexto hostil ao seu ideário. Se a identidade nacional era um elemento central para a perspectiva fascista dos anos 1930[9], nesse novo contexto, debates acerca da identidade ganharam novos contornos, ocorrendo uma desterritorialização do ultranacionalismo vinculado à identificação com o Estado nacional, a partir de uma chave continental e pan-europeísta. Essa perspectiva, teve a contribuição transnacional de diversos ideólogos, tendo em vista que pensar o renascimento de uma Europa unida respondia a questões que o neofascismo enfrentava naquela conjuntura, como a fragilidade a nível local e a possibilidade de pensar uma terceira via às forças da Guerra Fria[10].

Na década de 1990, emergiu uma linha alternativa dentro da ND, como dissidência ao projeto do GRECE, desenvolvendo interpretações paralelas às problemáticas em emergência naquele contexto, como a globalização e a imigração em massa. Nesse sentido, o francês Guillaume Faye se tornou um dos pioneiros intelectuais e principal referência internacional do movimento que se autodenominaria “identitário”. O autor discordava de Benoist em alguns pontos, entre eles: ao propor que as culturas seriam indissociáveis de aspectos raciais, a recusa da perspectiva terceiro-mundista em prol de uma visão etnocêntrica europeia, a crítica que a estratégia metapolítica deveria ser associada a um ativismo político direto e que, para além da globalização homogeneizante, a imigração seria a principal ameaça identitária, compreendida como uma força colonizadora que substituiria as populações brancas locais[11].

A partir disso, na década de 2000, surgiram as primeiras organizações autodenominadas identitárias na França, como, por exemplo, o *Jeunesses Identitaires* (Juventude Identitária) em 2002 que acabaria se transformando no *Génération Identitaire* (Geração Identitária - GI) em 2012 e se espalharia por vários países europeus e inspiraria grupos sem ligação oficial fora do continente, como o Identity Evropa nos EUA, o Identity Australia na Oceania e o Legião Identitária no Brasil. Em 2003 surge o *Bloc Identitaire* (Bloco Identitário) o qual se tornaria um partido político entre 2009-2016 com o nome de Les Identitaires, estabelecendo contato com partidos análogos na Europa. Além disso, o identitarismo obteve grande receptividade nos círculos nacionalistas brancos

[9] BEN-GHIAT, Ruth. Language and the construction of national identity in fascist Italy. The European Legacy, 2(3), 1997.
[10] COPSEY, N. Neo-Fascism: A Footnote to the fascist Epoch? In: IORDACHI, C. at all. Beyond the Fascist Century: Essays in Honour of Roger Griffin. London: Palgrave Macmillan, 2020
[11] FRANÇOIS, Stéphane; NONJON, Andrien. Guillaume Faye (1949-2019): At the Forefront of a New Theory of White Nationalism. **The Journal of Illiberalism Studies** Vol. 2 No. 1 (2022): 17-30.

norte-americanos através do contato com o ideário da ND, influenciando uma série de grupos reunidos na autodenominação de Alt-Right (Direita Alternativa)[12].

Esses grupos nasceram adaptados ao século XXI, disseminando-se na internet através de uma linguagem violenta e a viralização de um ativismo performático, capazes de circular além de suas próprias bolhas e países. O Defend Europe (2017) é um caso insigne, o qual uniu esforços transnacionais para vigiar a fronteira do mar Mediterrâneo, ganhando cobertura da mídia europeia e viralizando conteúdo digital de suas ações. Os últimos anos têm se mostrado duros ao identitarismo, devido a sua retórica violenta que em vários momentos foi concretizada no mundo real. Isso levou diversos países a dissolver grupos e a restringir seu acesso às redes sociais. Contudo, esse ideário segue vivo e não deve ser menosprezado[13]. Dessa forma, o identitarismo é uma expressão intelectual e ativista de um cenário marcado pela ascensão da ultradireita ao redor do mundo. Devido à sua natureza recente e sua diversidade, a temática oferece possibilidades plurais de pesquisa, em termos multidisciplinares. Pelo mesmo motivo, essa é uma literatura em processo de consolidação e desenvolvimento.

Parte significativa da bibliografia tenta compreender a natureza transnacional do fenômeno. Riccardo Marchi e José Pedro Zúquete[14], entendem que as teorizações e ações identitárias são orientadas por uma espacialidade que se estende além das nações, estabelecendo na Europa como um novo referencial fronteiriço, representando uma descontinuidade do nacionalismo típico da ultradireita, ao mesmo tempo, intensificou um histórico pan-nacionalista anterior, sendo características fundamentais para explicar sua transposição em diversas realidades nacionais/continentais. Como aponta Tamir Bar-On[15], essa dimensão pan-europeísta esteve em desenvolvimento por décadas dentro dos círculos extremistas no continente, ganhando com a ND novas particularidades, as quais giraram em torno de um regionalismo ultranacional que ia em direção a uma Europa federalizada, unida e internamente homogênea. Para o autor, a soma dos fatores regionais e ultranacionalistas era irreconciliável, impossibilitando a ND de criar uma internacional de direita unida e mobilizada organizacionalmente.

---

[12] MURDOCH, Simon; Mulhall, Joe. **From Baners to Bullets**. HOPE not hate, Charitable Trust, 2019

[13] FIELITZ, Maik. Identitarians versus Big Tech: The Limits of Digital Metapolitics. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[14] ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. New York: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[15] BAR-ON, Tamir. Fascism to the Nouvelle Droite: The Dream of Pan-European Empire. **Journal of Contemporary European Studies,** 16(3):327-345 · December 2008.

Poucos anos após a publicação de Bar-On, essas ideias serviram de base para uma série de grupos que começaram a se organizar na Europa, sendo a mais bem sucedida à rede Geração Identitária, a qual conseguiu transpor seus símbolos e quadro de mobilização para diversos países europeus[16]. Como aponta Petra Mlejnková[17], o fenômeno europeu promoveu diferentes níveis de identidades interligadas e indivisíveis (nacional, regional, continental), permitindo uma maior flexibilidade para lidar com conflitos locais em prol de uma cooperação transnacional contra ameaças comuns à Civilização Europeia.

A percepção de ameaça comum é um ponto central não só para explicar a capacidade de articulação internacional desses grupos na Europa, mas também para entender como essas ideias se estenderam para além do continente. Como propõe Zúquete[18], essa percepção ultrapassou o continente, chegando à América do Norte, América do Sul, Oceania e África do Sul. O autor usa como exemplo o caso *criollo,* categoria apropriada por círculos identitários latino-americanos, principalmente de origem hispânica, utilizada nesse contexto para propor uma continuidade da cultura e sangue europeus a partir de uma especificidade americana, e colocando nos mesmos termos a necessidade de luta existencial dos europeus e dos brancos americanos. Dessa forma, conclui-se que a percepção de um destino comum entre os povos de ascendência europeia, gerou, em diferentes localidades, manifestações de solidariedade entre grupos identitários.

Além disso, o identitarismo expandiu-se tanto ao mobilizar o ressentimento entre aqueles que pouco se beneficiaram com as políticas de globalização, quanto pela facilidade de circulação de ideias e informações que o mundo globalizado proporcionou. Para além dos imigrantes e minorias, esse ressentimento foi direcionado às “elites globalistas”, as quais promoveriam políticas e instituições que apoiam o livre fluxo de pessoas e comércio através das fronteiras, não raro, sendo interpretado pelos identitários como um complô para destruir a civilização ocidental branca. Como apontam Patrik Hermansson et al.[19], esses grupos amalgamaram referências locais à ideologia da ND, produzindo uma perspectiva ideológica paradoxalmente global, reunidos por tecnologias globalizantes da era digital e estimulados por eventos e processos de um mundo interconectado, como imigração, crises financeiras,

---

[16] JACQUET-VAILLANT, Marion. Building a Transnational Identitarian Movement? Limits to the diffusion of Génération Identitaire in Europe In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[17] MLEJNKOVÁ, Petra. The transnationalization of Ethno-nationalism: the case of the identitarian Movement. **Intersections**. EEJSP 7(1): 136–149. DOI: 10.17356/ieejsp.v7i1.572

[18] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018

[19]HERMANSSON, Patrik; LAWRENCE, David; MULHALL, Joe; MURDOCH, Simon. **The International Alt-Right**: fascism for the 21st century? Nova York: Routledge, 2020.

terrorismo, etc. Dessa forma, esses grupos vinculam questões e problemáticas locais como parte de uma dinâmica mais ampla, conjugando uma antiglobalização (ou antiglobalismo[20]), em diferentes níveis, globalizada.

Se a princípio as revoluções das tecnologias comunicacionais serviram como meio de integração global e intensificaram o processo de globalização, suscitando visões otimistas nas quais tanto as fronteiras quanto o apelo nacionalista se desvaneceriam em prol de uma sociedade global e cosmopolita, multiplicaram-se, no entanto, movimentos e grupos norteados por perspectivas nacionalistas e antiglobalização, ecoados pela própria infraestrutura de comunicação e as consequências dentro do processo de globalização. Além disso, a internet, que trazia a expectativa de desmantelar fronteiras, passou a ser, não raro, um território transnacional para sujeitos com interesses, identidades e culturas parecidas, porém espalhados por diferentes localidades. Nesse sentido, a internet proporcionou diálogos transnacionais tanto para comunidades de imigrantes e grupos diaspóricos, possibilitando que mantivessem contato com seus territórios e culturas de origem, quanto para aqueles que enxergavam a globalização e a imigração como ameaças às suas concepções de comunidade, identidade e tradições[21].

Mas mais do que isso, a internet ofereceu um caminho para que a extrema direita pudesse romper com o espaço de marginalidade no debate público, o qual, grosso modo, ocupou desde o pós-guerra. Acerca do caso identitário, uma série de trabalhos buscaram entender essa dimensão, Ico Maly[22] compreendeu que esses grupos professam uma nova perspectiva metapolítica, que vai além da produção de uma contracultura, mas que se propõe em ocupar espaços, sendo a internet um espaço privilegiado para isso. Como apontam Imogen Richards[23] sobre o caso europeu e Aaron Winter[24] sobre o estadunidense, a atividade online desses grupos visou atrair jovens nativos digitais, utilizando as plataformas digitais

---

[20] Globalismo é um termo normalmente utilizado pela extrema direita como uma forma de crítica à centralidade do poder global, que estaria enfraquecendo as nações e apagando a diversidade cultural tradicional. Vale ressaltar que é um conceito um tanto vago, possuindo muitos significados, nenhum particularmente preciso. Assim, o termo pode ser compreendido como uma teoria do colapso da civilização, um sistema político de influência mundial ou uma ideologia que busca esmaecer fronteiras e enfraquecer as identidades e culturas tradicionais. Este último é o uso mais corrente entre os identitários. Ver: PENA, Lara Pontes Juvencio. "Globalismo": o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. **Fronteira**, v. 18, n. 36, 2019. p. 371-386.

[21] SOUZA FILHO. Carlos Luiz da Silva. Comunidades Imaginadas Transnacionais: globalização, identidade e ascensão da Alt-Right. **Revista Neiba**, Rio de Janeiro, Vol. 11, 2022

[22] MALY, Ico. Guillaume Faye's legacy: the alt-right and Generation Identity, **Journal of Political Ideologies**, 2023, 28:1, 35-61, DOI: 10.1080/13569317.2022.2045460

[23] RICHARDS, Imogen. A Philosophical and Historical Analysis of "Generation Identity": Fascism, **Online Media, and the European New Right**. Terrorism and Political Violence, 2019.

[24] WINTER, Aaron. Online Hate: From the Far-Right to the 'Alt-Right' and from the Margins to the Mainstream. In: Lumsden, Karen; Harmer, Emily (2019). **Online Othering**: exploring digital violence and discrimination on the web. London: Palgrave MacMillan, 2019.

disponíveis para propagar sua mensagem e usando linguagens próprias do mundo digital, como memes e gamificação.

Além disso, a internet se mostrou uma ferramenta fundamental para a mobilização de ativistas no mundo real, cujo objetivo principal foi chamar a atenção da grande mídia e viralizar conteúdo, retroalimentando suas redes digitais, como demonstraram Damla Keşkekci e Anita Nissem[25]. Maik Fielitz[26], argumenta que as grandes plataformas digitais ofereceram uma infraestrutura que permitiu a proliferação desses grupos, possibilitando acesso a grandes públicos, em espaços que pouco filtravam e moderavam seus discursos, além de proporcionar meios de financiamento e comunidades que, ao tentarem se opor, promoviam e transportavam as ideias identitárias para além de suas bolhas. Contudo, devido à pressão popular da sociedade civil no contexto europeu, entre o final da última década e início desta, houve um processo de desplataformização desses grupos, fazendo que migrassem para plataformas alternativas e que perdessem força comunicativa e mobilizacional. Processos similares ocorreram na América do Norte[27] e na Oceania[28].

O caso latino-americano apresenta uma dinâmica distinta. Em relação ao caso brasileiro, Odilon Caldeira Neto[29], empreende um panorama dos grupos que se aproximam dessa tendência. Para o autor, este é um fenômeno embrionário, com tendências que divergem em questões relacionadas a etnia, regionalismo e identidade nacional. Apesar disso, compartilham temas e estruturas organizativas centrais com o identitarismo global, tais como: a rejeição à modernidade capitalista e a globalização, além da grupuscularidade e a metapolitização ideológica. Essas ideias possuem uma circulação relativamente recente no Brasil, tendo em vista o caráter tardio do neofascismo brasileiro, surgindo os primeiros grupos norteados por dinâmicas metapolíticas a partir da década de 2010, em grande medida, em uma esteira de internacionalização da extrema direita brasileira e como fruto dos esforços iniciados através do Encontro Nacional Evoliano, realizado entre os anos de 2009 e 2014, reunindo

---

[25] KEŞKEKCI, Damla; NISSEM, Anita. Defend Europe and Transnational Activism. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[26] FIELITZ, Maik. Identitarians versus Big Tech: The Limits of Digital Metapolitics. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[27] THOMPSON, Jack. HAWLEY, George. Does the Alt-Right still matter? An examination of Alt-Right influence between 2016 and 2018. **Nations and Nationalism**. 2021.

[28] RICHARDS, Imogen; JONES, Callum. Far-Right Identitarianism in Australia. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[29] CALDEIRA NETO, Odilon.The identitarism in Brazil. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

interessados no tradicionalismo, filósofos dissidentes e neofascistas, bem como tendências ligadas à ND[30].

Boris Matias Grinchpun[31] questiona se há características de novidade dentro do movimento identitário chileno, para isso, ele examina os grupos *Accíon Identitaria* e *Movimiento Social Patriota*. Ambos os grupelhos apresentam características que podem ser enquadradas como grupusculares em sua forma de atuação e organização. O autor argumenta que caso se leve em consideração outros grupelhos como o *Fuerza Nacional-Identitario*, pode-se dizer que o identitarismo é uma expressão dentro do campo da extrema direita chilena. Além disso, embora tenha havido diálogo entre as direitas chilenas e esses grupelhos, as trocas transnacionais aparentam ter sido de maior influência. Nomes como Guillaume Faye foram mais utilizados intelectualmente pelos grupos para pensar a questão da identidade e criar uma perspectiva autóctone de identitarismo, do que pensadores históricos vinculados à extrema direita chilena, como Miguel Serrano e Erwin Robertson.

Dado o panorama, este trabalho se propõe a analisar a influência das ideias identitárias provenientes do Norte Global sobre as expressões do neofascismo latino-americano, buscando entender como essa tendência se reproduz a partir das particularidades locais, em condições marcadas pelo multiculturalismo, a miscigenação, etc. Esta pesquisa está alicerçada na análise de três principais grupos: o chileno *Fuerza Nacional-Identitaria*, grupo existente desde 2012, o qual propõe defender a identidade *criolla,* entendida como a identidade dos povos de origens europeias em território americano; o Legião Identitária, grupo criado em 2016 por estudantes visando preservar e fortalecer a cultura eurodescendente no Sul do Brasil; e o grupo mexicano *Frente Ungerista Identitario*, em atividade desde 2020, que propõe que a identidade seja uma tradição, formada por características étnicas, culturais e religiosas. A escolha desses grupos pelo sufixo “identitário(a)” conota uma natureza de articulação ou, mesmo, de reprodução de grupos pertencentes ao fenômeno identitário global, conforme os exemplos supracitados.

Do ponto de vista metodológico, um aspecto fundamental se relaciona com a natureza digital das fontes aqui trabalhadas, mostrando-se necessário ter no horizonte da análise ferramentas metodológicas que contemplem as especificidades desse corpus documental.

---

[30] CALDEIRA NETO, Odilon. Neo-Fascism In Brazil: from the local to the global? **Esboços**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p.579-598, sep./dec., 2022.

[31] GRINCHPUN, Boris Matias.“Chileans First!”: Movimiento Social Patriota, Acción Identitaria and Identitarianism in Chile. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

Como demonstra Anita Lucchesi[32], a internet, desde sua popularização, criou novos meios de sociabilidade e de expressão pública, resultando em uma nova esfera pública, ou até mesmo na sua expansão, implicando em novos espaços de conflitos coletivos e de diálogo de perspectivas distintas postas em debate público.

Problemáticas relacionadas ao digital e os diferentes campos de pesquisa das ciências humanas e sociais têm sido um campo de debate em diferentes áreas do conhecimento. Um aporte interessante pode ser encontrado nas chamadas "Humanidades Digitais", que resultou em um manifesto produzido em Paris, em 2010, durante o evento *THATCamp*, voltado para a discussão da interlocução entre o digital e as humanidades. Grosso modo, em termos metodológicos, o manifesto[33] propõe que as diversas áreas de conhecimento (humanas, sociais, artes e letras), devem se apoiar e conjugar seus arcabouços de paradigmas e conhecimentos específicos, ligando-as ao digital.

Apesar disso, é importante compreender que a análise de fontes digitais apresenta novas problemáticas em relação às fontes que precedem uma viragem digital. Fábio Chang de Almeida[34] discute essas problemáticas, sendo algumas delas, comuns a esta pesquisa. Um exemplo disso refere-se à facilidade e abundância de fontes, que em um primeiro momento é uma vantagem, mas pode se configurar em um obstáculo devido ao excesso de material e o tempo hábil de execução de uma pesquisa, sendo necessário empreender uma seleção acurada dos documentos em termos de relevância em análises qualitativas, em um universo mais amplo de fontes que se encaixam dentro de análises quantitativas.

Tendo em vista a natureza do fenômeno aqui trabalhado, dentre algumas dezenas de grupos que ou se identificaram com o identitarismo ou reproduziram parte desse ideário, os grupos escolhidos (Legião Identitária, Fuerza Nacional-Identitaria e Frente Ungerista Identitario) apresentam um corpus documental que permite análises mais sistematizadas, em termos de adaptações locais, interlocuções e a comparação de suas especificidades.

Além disso, foi necessária uma seleção de fontes acurada a partir de alguns critérios, tais como: a) textos vinculados ao corpus doutrinário dos grupos; b) textos originais escritos pelos grupos; c) textos que desenvolvam a perspectiva identitária dos grupos; d) textos que discutam a noção de pan-europeísmo; d) textos que possam oferecer pistas para a resolução

---

[32] LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. **XXVII Simpósio Nacional de História**: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: 2013.
[33] DACOS, Marin. Manifesto delle digital humanities. **THATCamp**. 26 marzo 2011. Disponível em <http://tcp.hypotheses.org/482>. Acesso em: 13 ago. 2024.
[34] ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. **Revista Aedos**, v. 3, n 8, 2011.

das problemáticas propostas. Esses critérios permitiram a operacionalização das fontes e a executabilidade desta pesquisa.

Outro aspecto fundamental se relaciona com a natureza efêmera e de fácil (e, muitas vezes, definitivo) desaparecimento das fontes digitais. Nesse sentido, é importante que os historiadores tenham a perspectiva de que existe uma "janela temporal restrita"[35] de disponibilidade de acesso a essas fontes, sendo necessário não apenas o trabalho de análise, mas de assumir a responsabilidade de preservação da informação dos documentos a serem analisados. Tendo isso em vista, as fontes que foram analisadas encontram-se, em sua completude, salvaguardadas em dispositivos de armazenamento físico, como computadores e *hard drives*, bem como plataformas de armazenamento em nuvem. Dessa forma, eventuais indisponibilidades dos documentos em suas respectivas plataformas digitais não impossibilitaram o desdobramento desta pesquisa.

Além disso, como aponta Jairo Antonio Flórez[36], a HD lida com fontes que não seguem uma organização dos arquivos e repositórios históricos relativos às fontes tradicionais. Assim, a HD, define como um dos papéis do historiador, atribuir uma ordem discursiva à memória digital, sendo a organização e a sistematização dessas fontes instrumentos metodológicos fundamentais para o pesquisador. Nesse sentido, utilizamos a ferramenta *Tropy*, aplicativo de código aberto desenvolvido em 2017 pelo Centro de História e Novas Mídias da Universidade George Mason, nos EUA, que facilita a gestão dos documentos, possibilitando sistematização de metadados, a agregação dos documentos em coleções, a adição etiquetas referentes a assuntos específicos e a escrita de comentários enquanto empreendemos a análise dos documentos.

Pela natureza digital e pelas características do fenômeno que este trabalho se propõe a examinar, levamos em consideração a perspectiva metodológica da história transnacional. Os estudos transnacionais surgiram como alternativa para a investigação de fenômenos que, se analisados apenas no âmbito nacional, não seriam compreendidos em sua complexidade. Nesse sentido, a história transnacional se aproxima, até certo ponto, de abordagens comparativas e internacionais, mas se diferencia daquelas, uma vez que não promove uma simples comparação entre fenômenos nacionais e sim analisa processos de conexão e circulação. Além disso , volta sua análise para as interações estabelecidas por indivíduos, movimentos e instituições, em vez de se concentrar apenas nas articulações feitas por atores

---

[35] ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. **Revista Aedos**, v. 3, n 8, 2011, p. 16

[36] FLÓREZ, Jairo Antonio. Historia digital: la memoria en el archivo infinito. **Historia Critica** No. 43, enero-abril 2011.

estatais. É importante que o pesquisador atente -se tanto à dimensão transnacional quanto à regional, dessa forma , permitindo a observação das especificidades e referências nacionais trazidas à esfera transnacional, sem subestimar as particularidades que os processos históricos assumem em determinadas localidades[37].

Ademais, a história transnacional não é contrária ao nacional, mas à ideia de que o nacional deve ser a categoria predominante e intransigente da busca e análise. Essa é uma questão que não pode ser dissociada das particularidades que o mundo digital impõe, pela noção efêmera de lugar que é característica da internet. A circulação de discursos pela WEB apresenta padrões que se perderiam caso se enclausurassem nas perspectivas tradicionais de espaço[38].

A história cultural também se mostrou um aporte metodológico fundamental para compreender não apenas como o ideário identitário se desenvolveu ao longo dos anos, mas como ele se conjugou em diferentes contextos, mantendo uma via de convergência global e, simultaneamente, sendo conjugado a partir de suas particularidades locais. Como aponta Roger Chartier[39], a história cultural "tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler". Contudo, as percepções do social não são neutras, produzindo estratégias que tendem a impor autoridade de um grupo a outro. Assim, as práticas, compreendidas nas relações dos seres humanos entre si e com o mundo, geram representações "determinadas pelos interesses de grupo que as forjam". Dessa maneira, as representações encontram-se no campo da concorrência e da competição, sendo sua investigação relacionada a compreender os mecanismos pelos quais determinados grupos impõem, ou tentam impor, seus valores, domínios e concepções do mundo social. Além disso, essa disputa ocasiona apropriações a partir das representações, de acordo com interesses, imposições e resistências.

Tendo isso em vista, analisaremos como os grupos aqui supracitados leram e se apropriaram do ideário produzido pela ND, bem como do identitarismo. Ademais, como demonstra Roger Chartier[40], é necessário compreender a leitura como uma prática ativa de criação, enquanto os autores constroem os textos propagando uma leitura de mundo (próprias), o leitor constrói significados e sentidos a partir de sua relação com o texto e seu

---

[37] PÉRES, Maria Luiza. História global versus história transnacional: um olhar a partir da história do feminismo. **História Social**, n. 26, 2023, pp. 181-209.
[38] BARROS, José D'Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia** (103), enero-abril, 2019: e-1528.
[39] CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 17.
[40] CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 233, 236.

contexto histórico. Como aponta Chartier, a história das práticas culturais precisa levar em consideração as interpretações e restabelecer suas complexas trajetórias, sendo útil a noção de apropriação por possibilitar a avaliação das "diferenças da partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção". Ao mesmo tempo, a leitura não pode se desprender do próprio texto, e nem as significações anuladas perante a significados impostos. Assim, a recepção de mensagens e modelos sempre se relaciona com ajustes, combinações ou resistências. Dessa forma a noção de apropriação, para o autor, relaciona-se em como práticas dessemelhantes devem ser compreendidas como competições, as quais as diferenças se estruturam através de estratégias de diferenciação ou imitação, sendo, os distintos usos dos mesmos bens culturais, enraizados nas "predisposições estáveis próprias de cada grupo".

Por fim, organizamos este trabalho em três capítulos. O primeiro deles buscou discutir as origens do movimento identitário, caracterizando-o como o desdobramento mais recente de uma série de adaptações que o campo neofascista enfrentou desde o pós-guerra. Passando por uma desterritorialização do nacionalismo, rumo a uma perspectiva de renascimento nacional cuja identificação transcendeu os Estados nacionais a partir de uma visão pan-europeísta. A partir de uma nova geração de intelectuais desse campo político, mais especificamente a chamada *Nouvelle Droite* liderada por Alain de Benoist, os quais readaptaram o ideário pan-europeísta a partir do desenvolvimento da perspectiva diferencialista, a qual tentou se desvincular de uma mácula racista, fortemente associada às experiências fascistas, mas que possui uma aversão a misturas culturais tal qual o racismo convencional.

Tal perspectiva foi associada a uma crítica à modernidade, lida como uma força homogenizadora que estaria ameaçando não apenas os europeus, mas todos os povos do mundo de perderem suas particularidades e identidades civilizacionais. Na última seção desse capítulo, discutimos como a dissidência do GRECE, Guillaume Faye foi uma figura pioneira para o que se tornaria o movimento identitário, delineando as principais problemáticas sobre as quais a identidade europeia estaria sendo ameaçada (a imigração em massa e a globalização), apontando novos caminhos metapolíticos que ultrapassavam apenas a produção intelectual e contra-cultural, e se tornando principal porta-voz dessas ideias fora do seu continente de origem. A partir disso, delineamos o contexto de surgimento dos primeiros grupos autodenominados identitários na França, como se espalharam pela Europa e para fora dela, em grande medida associado à atuação digital e a tradução de obras da ND feitas por empreendimentos como a *Arktos Media, a Counter-Currents e a American Renaissance.*

No segundo capítulo começamos a estabelecer focos de análise sobre os identitários latino-americanos, buscando compreender as apropriações desse ideário e suas novas representações no continente. Inicialmente traçamos uma discussão que buscou compreender como esse ideário, próprio dos círculos extremistas europeus, ganhou interlocutores em outras partes do mundo, com foco na América Latina. Embora no Brasil, como vimos, essas ideias sejam ainda mais recentes, na parte hispanófila do continente, a perspectiva diferencialista e sua crítica à homogeneização planetária foram apropriadas para pensar uma América Hispânica unida contra a globalização.

Contudo, de modo geral, referências intelectuais locais foram pouco utilizadas em detrimento de autores estrangeiros, em grande medida, devido à identificação desses grupos como pertencentes a uma dimensão pan-europeia nas Américas, sendo o identitário argentino Juan Pablo Vitali a principal exceção. A partir do pan-europeísmo, esses grupos construíram suas próprias visões identitárias, criando representações de comunidades internamente homogêneas que entendem a composição multiétnica de seus respectivos Estados nacionais como a ameaça primeva à identidade dos povos de origem europeia no continente americano. Por fim, argumentamos que essas identidades se baseiam em uma reelaboração do passado colonial que tenta eximir os brancos dessa responsabilidade, reafirmando esse passado para pensar um futuro em que os brancos possam superar a decadência identitária em que se encontram.

No capítulo final, em um primeiro momento, delineamos as principais questões que esses grupos se debruçaram, as quais foram pensadas a partir de uma lógica que compreendeu problemáticas locais como desdobramentos de problemáticas mais amplas e comuns a todos os povos de origem europeia, como a visão de uma globalização que estaria desenraizando identidades orgânicas e enfraquecendo a masculinidade, compreendidas como frentes de disputa que podem fazer frente à ideologia da globalização. Além disso, a questão imigratória, fundamental para o arcabouço identitário, foi pouco comentada entre os grupos latino-americanos, tendo em vista que não é fonte de ansiedades sociais no México e no Brasil. Contudo, no Chile, o FNI ofereceu uma interpretação peculiar em relação ao assunto, propondo que nem toda imigração é ruim, considerando que os brancos no continente são imigrantes e que, embora a imigração de outras etnias para o país seja um problema, não é nem de longe a maior ameaça que os brancos chilenos enfrentam , considerando a composição multiétnica da população.

Apesar disso, a metapolítica dessas organizações não causou o mesmo efeito nas redes sociais que suas contrapartes do Norte Global, já que estas se encontram em regiões onde os

brancos são maioria, não utilizando táticas mais agressivas e midiáticas. A organização chilena foi a única que apresentou alguma atividade fora das redes, principalmente distribuindo panfletos e através de cerimônias públicas de exaltação de figuras ligadas à colonização, enquanto outras organizações identitárias no país desenvolveram táticas mais próximas do movimento global e foram mais bem-sucedidas. Por fim, buscamos entender se esses grupos conseguiram estabelecer conexões e angariar reconhecimento com grupos e figuras dentro do movimento identitário a nível internacional. Argumentamos que existiu um interesse pronunciado em buscar esses contatos e que, em certa medida, foram bem-sucedidos. Contudo, demonstraram pouco interesse, ou mesmo interesses apenas unilaterais, em estabelecer contatos com grupos identitários locais.

Capítulo 1 - Origens do identitarismo: Pan-Europeísmo, Etnopluralismo e Metapolítica

1.1 - Neofascismo e Pan-europeísmo

O identitarismo é uma das manifestações mais atuais da ultradireita, tendo seu início na Europa e se disseminando em diversos contextos extraeuropeus nas últimas décadas. Esse fenômeno precisa ser pensado como expressão mais recente das adaptações que esse campo vem desenvolvendo desde o pós-guerra. Tanto em um sentido de afastamento da herança dos fascismos, quanto de pensar novas estratégias, rumos e ideias para um novo contexto político do pós-guerra.

Essa relação fica mais clara se levarmos em consideração que o movimento identitário é um desdobramento das ideias geridas e gestadas no cerne da *Nouvelle Droite* (ND), movimento intelectual que serviu de referência à ultradireita europeia a partir dos anos 1960 por produzir novos discursos e estratégias em um momento de crise de credibilidade do fascismo enquanto ideologia viável[41]. Por sua vez, a ND é tributária dos debates empreendidos pela extrema direita acerca das problemáticas que se impuseram ao campo a partir de 1945.

Tendo isso em vista, em um primeiro momento, procuraremos entender esse cenário destacando seus principais desdobramentos que serviram de influência para o surgimento da ND. Isso possibilitaria pensar, em um segundo momento, como o grupo construiu um

[41]GRIFFIN, Roger. Plus ça change! The Fascist Pedigree of the Nouvelle Droite. In: ARNOLD, Edward (ed.) **The Development of the Radical Right in France (1890-1995).** London: Routledge, 2000.

arcabouço ideológico e estratégico que, em certa medida, serviu como resposta aos anseios da ultradireita naquele momento. Concluiremos o capítulo mostrando de que forma o ideário da ND é operacionalizado e colocado em um novo patamar, em um contexto mais atraente para as direitas antissistêmicas.

Como aponta Ana Cento Bull[42], algumas das principais características do neofascismo europeu nos anos subsequentes à derrota do Eixo eram a clandestinidade, a fragmentação, o uso de táticas terroristas, uma concepção de Europa unida como uma terceira força. Além disso, teve de operar em isolamento em relação ao novo *establishment* político, devido à estigmatização por parte do debate público e do eleitorado. A principal exceção ocorreu na Itália, onde o *Movimento Sociale Italiano* (MSI), formado principalmente por veteranos da República Social Italiana, conseguiu estabelecer-se como força parlamentar. O partido, ostracizado por outras agremiações partidárias, angariou eleitores principalmente de círculos nacionalistas e conservadores baseados no sul da Itália.

Ademais, o MSI reivindicava publicamente o 'estatuto' fascista nos primeiros anos do pós-guerra - mesmo que proibido -, participando do parlamento italiano de 1948 até sua transformação em Aliança Nacional em 1995. O relativo sucesso do MSI serviu como inspiração ao Movimento Social Europeu (MSE), uma tentativa de organização internacional de extrema direita com o intuito de romper com a marginalização nacional. Tendo sido fundado em 1951 na cidade de Malmö na Suécia, mas permanecendo marginal e chegando ao fim em 1957[43].

Esse esforço transnacional contou com um número diversificado de ativistas e intelectuais relevantes no campo da extrema direita de origem fascista, como Francis Parker Yockey[44], Julius Evola[45], Maurice Bardèche[46] e outros, como veremos adiante. A estratégia do

---

[42] BULL, Anna Cento. Neo-fascism. In: BOSWORTH, R. J. B. **The Oxford Handbook of Fascism.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

[43]MUDDE, Cas. **O Regresso da Ultradireita**: da direita radical à direita extremista. Lisboa: Editorial Presença, 2020.

[44] Francis Parker Yockey foi um advogado e intelectual de extrema direita norte-americano, o qual possuía ligações com figuras do fascismo britânico, como Oswald Mosley, principal liderança da União dos Fascistas Britânicos. Junto a Mosley, foi um dos primeiros a propor uma organização supranacional de união dos povos europeus, fundando o *European Liberation Front,* em 1949. Yockey escreveu o manifesto intitulado *The Proclamation of London, 1949*, compreendendo os europeus como pertencentes a um único povo e cultura. O grupo teve duração curta devido a divergências internas, chegando ao fim em 1954. Ver: DAHL, Göran. **The Nature of Identitarianism**. Abingdon: Routledge, 2023.

[45] Julius Evola foi um intelectual italiano vinculado à filosofia tradicionalista. Embora tenha mantido contato com círculos fascistas e nazistas, tornou-se uma referência mais relevante ao campo da extrema direita nos anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra, escrevendo obras que nortearam a ação de grupos e intelectuais nesse contexto, sendo relevante para esse campo até os dias atuais. Ver: HAKL, H. T. Julius Evola and Tradition. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

[46] Maurice Bardèchefoi uma figura importante dentro do pensamento neofascista francês. Durante o contexto da Guerra Fria, defendeu a Europa unida como uma força alternativa aos dois blocos. Além disso, defendia uma reabilitação do fascismo, adaptando ideias do fascismo dos anos 1930 a um novo contexto e argumentando que o

MSE foi a de desterritorializar o nacionalismo vinculado ao Estado-nação - como foram as experiências fascistas - para pensá-lo a partir de uma perspectiva pan-europeísta, a qual a Europa deveria renascer unida. Essa desterritorialização do nacionalismo respondeu objetivamente a alguns anseios daquele contexto, como o entendimento de que nenhuma nação seria forte o suficiente para unificar a Europa e a fragilidade que o campo neofascista possuía em suas conjunturas locais. Contudo, algumas questões como o lugar do racismo biológico e a dificuldade de manter uma integridade organizacional acabaram minando o MSE[47].

Apesar disso, essa visão de um nacionalismo desterritorializado e pan-europeísta persistiu e continuou a informar novos militantes e intelectuais extremistas[48]. Além disso, a desterritorialização representou para os neofascistas uma estratégia de luta por uma soberania nacional ameaçada pelos poderes conflitantes da Guerra Fria. A Europa representaria um baluarte contra os projetos dicotômicos defendidos pelos Estados Unidos e a União Soviética. Autores como Maurice Bardèche entendiam essa questão como uma das principais problemáticas que se desenharam no pós-guerra, uma comunidade supranacional era entendida como única identidade capaz de garantir a independência nacional. A partir disso, a Europa passaria a transcender a identidade nacional, enraizada em um diferencialismo cultural que, em grande medida, possuía características étnico-raciais[49].

Questões raciais passaram a ocupar um espaço privilegiado em discussões dentro da intelectualidade extremista. Tanto como uma forma de pensar o afastamento de determinadas pautas manchadas pelas heranças fascistas dos anos 1930 quanto para matizar o debate a respeito da identidade europeia.

Devido ao genocídio perpetrado pelo regime nazista contra os judeus e, posteriormente, as guerras de descolonização, o racismo tornou-se um dos elementos mais problemáticos no contexto político europeu pós-1945. Dessa forma, reinventar o extremismo de direita significou também discutir questões relacionadas à raça. Um dos principais desenvolvimentos nos anos subsequentes à derrocada fascista, foi a mudança do referencial

---

verdadeiro fascismo se encontrava enquanto movimento, tendo sido corrompido ao perder sua perspectiva revolucionária. Bardèche também foi uma referência chave para novas gerações de intelectuais e ativistas neofascistas, entre os quais se encontram aqueles que viriam a ser conhecidos como *Nouvelle Droite*. Ver: BARNES, I. R. Antisemitic Europe and the "Third Way": The Ideas of Maurice Bardèche. **Patterns of Prejudice**, V.34(2). 2000

[47] MAMMONE, Andrea. **Transnational Neofascism in France and Italy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

[48] COPSEY, N. Neo-Fascism: A Footnote to the fascist Epoch? In: IORDACHI, C. e KALLIS, A. **Beyond the Fascist Century**: Essays in Honour of Roger Griffin. London: Palgrave Macmillan, 2020

[49] MAMMONE, Andrea. **Transnational Neofascism in France and Italy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

arianista do nazismo, o qual inferiorizava até mesmo outros povos dentro do próprio continente, para o supremacismo branco, abrindo possibilidades de alianças para além dos povos de origem germânica[50]. Um exemplo dessa perspectiva é o advogado e filósofo americano Francis Parker Yockey, o qual se tornou uma referência importante para o neofascismo. Os escritos de Yockey são marcados por características antiamericanistas, anticomunistas e antissemitas, bem como a ideia de um pan-europeísmo como alternativa à decadência do mundo ocidental. Para o autor, a cultura europeia havia sido unificada durante as Cruzadas, sendo símbolo da união dos europeus contra os estrangeiros, unificados como mesmo povo e possuindo a mesma cultura e raça. Além disso, a dimensão pan-europeia defendida por Yockey foi estendida tanto aos russos, anteriormente vistos como raça inferior pelos nazistas, quanto aos americanos[51].

A obra de maior relevância do autor norte-americano foi *Imperium,* fortemente influenciada por Julius Evola e os intelectuais alemães conservadores do entre-guerras que serviram, em maior ou menor grau, como influência para os nazistas[52] e, posteriormente, a Nova Direita Europeia. O livro possui forte inspiração em *The Decline of the West* de Oswald Spengler[53], sendo marcadamente influenciado pela crítica materialista, o elitismo e o diagnóstico da decadência da Civilização Ocidental. Contudo, divergem em um ponto crucial: Spengler dá menos importância às problemáticas raciais, entendendo a raça como uma questão de mentalidade e cultura e sem elementos biológicos. Em contrapartida, Yockey, em seu livro, propõe que a cultura ocidental seria salva de sua decadência a partir de um sistema político autoritário baseado na filiação racial, sendo um dos primeiros livros a pensar a Europa como uma unidade política alternativa ao marxismo e ao liberalismo[54].

---

[50] RUEDA, Daniel. Alain de Benoist, ethnopluralism and the cultural turn in racism. **Patterns of Prejudice**, 2021 Vol. 55, No. 3, 213–235, https://doi.org/10.1080/0031322X.2021.1920722

[51] YOCKEY, Francis Parker. **The Proclamation of London 1949.**

[52] A Revolução Conservadora, como esses intelectuais ficaram conhecidos posteriormente, será discutida mais adiante neste capítulo com a devida atenção. Suas ideias foram, marcadamente, uma crítica à modernidade no contexto da República de Weimar, possuindo ainda hoje relevância dentro dos círculos políticos de ultradireita. Ver: HERF, Jeffrey. **El Modernismo Reaccionario**: Tecnología, cultura y política en Weimar y el Tercer Reich. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

[53] *The Decline of the West,* publicado em 1918, é a obra mais relevante de Spengler, a qual rendeu ao autor certo prestígio tanto na Europa quanto nos EUA. A obra compara o desenvolvimento das culturas ao amadurecimento de seres vivos, desde o nascimento, seu ápice, até seu envelhecimento e decadência. Nessa perspectiva, a evolução das culturas levaria a substituição das democracias liberais a regimes ditatoriais em seu último estágio, sendo comparada ao período de Júlio César como ditador de Roma. Embora o autor expressasse simpatia pelo regime de Mussolini como sinal desse desenvolvimento, o autor foi crítico ao regime de Hitler. Apesar de ter havido contato e certa influência no regime nazista, Spengler via-o como de caráter proletário e demagógico, além de não concordar com sua doutrina racial. Ver: ENGELS, David. Oswald Spengler and the Decline of the West. In: In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

[54] DAHL, Göran. **The Nature of Identitarianism**. Abingdon: Routledge, 2023.

Julius Evola foi outro pensador importante para conceber um nacionalismo desterritorializado. O italiano foi um dos mais relevantes adeptos do tradicionalismo de René Guénon - filosofia esotérica que afirma que todas as religiões se originaram a partir de uma única religião ancestral, e de que o materialismo moderno estaria colocando o Ocidente em decadência por afastá-lo dessa tradição. O tradicionalismo adquire contornos políticos a partir do momento que Evola tenta influenciar o fascismo e o nazismo - sem grandes êxitos - segundo a filosofia tradicionalista[55]. Apesar disso, tornou-se um dos intelectuais mais importantes da extrema direita no pós-guerra. Seu ideário é perpassado por aspectos anti-igualitaristas e antissemitas, via o mundo moderno como sendo dominado por valores burgueses e entendia o capitalismo e o comunismo como faces da mesma moeda materialista. Em contrapartida, defendia uma sociedade tradicional composta por hierarquia, elitismo, autoridade e transcendência[56].

Outro aspecto importante do pensamento de Evola relaciona-se à sua concepção sobre raça, sendo uma discussão muito presente em suas obras durante os anos 1930 e 1940. Para o autor, o racismo biológico, muito presente no nazismo, era uma visão reducionista por focar apenas na dimensão material, tendo em vista que a raça também seria composta pela ‘raça da alma’ e ‘raça do espírito’, cada uma agregando diferentes características determinantes à raça biológica. A perspectiva racial de Evola despertou certo entusiasmo no regime fascista, como exemplo de independência intelectual italiana em relação ao nacional-socialismo. Isso fez com que suas obras fossem traduzidas para o alemão e que o autor ganhasse circulação entre certos setores da intelectualidade nazista, contudo, seu impacto foi limitado em ambos os contextos[57].

Para Julius Evola, um Estado atrelado aos valores tradicionais estava intimamente relacionado à raça. Além disso, a história da raça estava ligada às origens da Tradição, quando a civilização mítica dos Hiperbóreos colapsou e se disseminou por várias partes do mundo, onde seus descendentes construíram as grandes civilizações e se misturaram a outros povos. Essa é uma lenda de origem na Grécia Antiga, mas que teve ampla circulação nas rodas ultraconservadoras no início do século XX. Dessa forma, devido à mistura racial, uma pessoa poderia ter características físicas de uma raça, e alma ou espírito de outra, possibilitando a

---

[55] SEDGWICK, M. **Contra o Mundo Moderno**: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.
[56] GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **Sol Negro**: Cultos arianos, nazismo esotérico e políticas de identidade. Madras: 2004.
[57] GRINCHPUN, Boris Matías. **Antimodernos**. Julius Evola, sus lectores y las extremas derechas argentinas (1983-2003). Tese (Doutorado em História) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2020.

existência, por exemplo, de pessoas fisicamente arianas com almas judaicas inclinadas ao materialismo. No pós-guerra, esse racismo espiritual/cultural, e não biológico, foi importante para tornar ideias extremistas mais palatáveis, além de influenciar políticos e figuras centrais da ND[58], as quais se tornariam referências fundamentais para os identitários, como Alain de Benoist[59] e Guillaume Faye[60].

Evola concordava com Yockey, no sentido de que após as Guerras, a Europa precisava buscar uma unidade além de aspectos econômicos e políticos. No entanto, divergia do americano por fundamentar em aspectos biologizantes e materialistas a legitimidade de uma unidade europeia, a qual poderia provir apenas da autoridade Tradicional. Para o italiano, as nações deveriam se inserir dentro do Império, baseado na hierarquia e na ordem orgânica, sujeitas à autoridade supranacional, sendo a Europa medieval e o Sacro Império Romano-Germânico uma grande inspiração para o autor[61].

Para além dos desdobramentos de ordem ideológica, as formas organizacionais e táticas das direitas extremadas também se adaptaram ao contexto de marginalização que o campo passou a enfrentar após 1945. Diferentemente das estruturas e dinâmicas típicas dos fascismos dos anos 1930 - partidos armados, movimentos de massa, lideranças centralizadoras, etc - as direitas grupusculares, de acordo com Griffin[62], são entidades políticas essencialmente diminutas, com pouco apelo no processo eleitoral (muitas vezes rejeitando-o) e ocupando um espaço à margem da sociedade civil. Ademais, essas direitas são entendidas como um movimento policrático, ou seja, com valores mal delimitados, heterogêneo e pouco coordenado. Além disso, possuem características rizomáticas, sendo capazes de construir redes políticas, sem centro e liderança, sem limites concretos ou uma hierarquia formal capaz de formar uma rede com inteligência pulverizada.

---

[58] TOBIN, Robert Deam. The Evolian Imagination: Gender, Race, and Class from Fascism to the New Right. **The Journal of Holocaust Research**. Volume 35, 2021.

[59] Alain de Benoist é a principal figura da Nouvelle Droite, suas referências intelectuais giram em torno de Julius Evola, Maurice Bardèche, Oswald Spengler e outros. Nos anos 1960, esteve entre aqueles neofascistas que decidiram abandonar o ativismo de rua, muitas vezes violento, para se dedicar exclusivamente à produção intelectual, sob a perspectiva de que os grandes fatos políticos da história, aconteceram primeiro nas mentes das pessoas Ver: CAMUS, Jean-Yves. Alain de Benoist and the New Right IN: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

[60] Guillaume Faye (1949-2019) foi um dos nomes mais relevantes dentro do movimento identitário. O autor produziu interpretações alternativas e, não raro, críticas ao pensamento dominante dentro da ND personificado por Benoist, sendo classificado como um *neodireitista* 'heterodoxo' por alguns autores como Antón Mellón. Ver: ANTÓN-MELLÓN, J. El Eterno Retorno. ¿Son fascistas las ideas-fuerza de la Nueva Derecha Europea (ND)? **Foro Interno** 2011, 11, 69-92.

[61] FURLONG, Paul. Authoritarian Conservatism After The War: Julius Evola and Europe. **Paper presented at the PSA Annual Conference**, University of Leeds, 4-7 April 2005.

[62] GRIFFIN, Roger. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. **Patterns of Prejudice**, v. 37, n. 1, 2003, p. 27 – 50.

Embora Copsey argumente que a grupuscularidade não é uma característica exclusiva do neofascismo[63], essa é a estrutura organizativa que tende a caracterizar a maioria do campo neofascista desde 1945. Apesar do tamanho diminuto - o que muitas vezes pode levar ao desinteresse do olhar acadêmico -, possuem relevância histórica. A formação de grupúsculos permite que grupos marginais mantenham solidariedade mútua e pureza ideológica em ambientes hostis. Essas estruturas podem servir como incubadoras e caminhos para a circulação de ideias extremistas, podendo chegar a círculos além das bolhas do extremismo de direita. Além disso, conseguem formar redes transnacionais a partir de grupos de ideias relativamente semelhantes, possuindo estrutura organizacional pequena e, muitas vezes secreta, podem se converter com mais facilidade em células propagadoras de violência do que organizações maiores e mais conhecidas pelo público[64.] Vale a pena ressaltar que, essas características foram potencializadas nos últimos anos devido à globalização e a popularização da internet. Dessa forma, os grupúsculos de direita, entre eles, os grupúsculos identitários, experimentaram um ambiente com mais facilidades para exercer suas atividades e estabelecer contatos do que nas primeiras décadas do pós-guerra.

A Guerra de Independência da Argélia foi uma grande influência para estruturação de uma rede grupuscular na Europa, tendo grande impacto dentro dos círculos neofascistas da época. Durante o nascente clima de Guerra-Fria, o conflito colonial foi, grosso modo, interpretado como uma luta em defesa da Europa contra o Terceiro Mundo apoiado pelos soviéticos. O conflito provocou uma efervescência política que - juntamente com as posições pan-europeístas - marcaria profundamente a juventude direitista. Essa é uma das principais influências para o surgimento de grupos como o *Jeune Nation* (JN), fundado em 1949. Este foi um grupo extremista importante em sua época, com características racistas, revolucionárias e violentas, além do anseio por criar contatos com outros agrupamentos neofascistas além das fronteiras nacionais. O JN se desdobrou, posteriormente, em uma miríade de grupos de extrema direita, sendo comparável ao italiano *Ordine Nuovo* (ON) tanto nesse sentido quanto no aspecto de influenciar movimentos mais violentos e intelectuais que se juntaram à formação da *Nouvelle Droite* e a *Nuova Destra* em seus respectivos países.

Outro grupo importante foi o *Organisation Armée Secrète* (OAS), que promoveu uma série de atos terroristas tanto na França quanto na Argélia durante o período em que manteve suas atividades (1961-1962). O OAS manteve contato com diversos grupos na Europa, em

---

[63] COPSEY, N. Neo-Fascism: A Footnote to the fascist Epoch? In: IORDACHI, C. e KALLIS, A. **Beyond the Fascist Century**: Essays in Honour of Roger Griffin. London: Palgrave Macmillan, 2020

[64] BALE. J. M. **The Darkest Sides of Politics**, I: Postwar Fascism, Covert Operations, and Terrorism. London: Routledge, 2017.

grande medida na Itália, além de gerar desdobramentos em países como a Bélgica. Em 1963, foi homenageado por uma conferência organizada pelo grupo belga *Jeune Europe* e o italiano *Giovane Nazione*, contando com a participação de nomes como Oswald Mosley, antigo líder da União Britânica de Fascistas nos anos 1930. Os membros do OAS eram entendidos, por seus admiradores europeus, como defensores de uma identidade europeia pura[65].

Com a experiência mal-sucedida da guerra, grupos como o JN e o *Fédération des Étudiants Nationalistes* (FEN) assumiram a perspectiva de que seria pior para o nacionalismo francês uma Argélia francesa, tendo em vista o objetivo mais importante de preservação da pureza étnica, naquele contexto. Dessa maneira, o desenvolvimento do Terceiro Mundo emancipado significou o desenvolvimento de uma Europa etnicamente fechada[66]. Nesse sentido, Dominique Venner um antigo membro da JN e líder de um de seus desdobramentos (*Europe-Action* - EA), propôs a ideia de uma Europa forte e unida com base em traços étnicos comuns e não raciais. O extremista francês foi um dos pioneiros intelectuais entre aqueles que defendiam a substituição da biologia pela etnia como característica central da identidade europeia[67].

É importante ressaltar que a violência política propagada pelo extremismo de direita não foi uma exclusividade das realidades francesa e argelina no contexto da guerra de descolonização. O contexto italiano é um grande exemplo de como grupúsculos neofascistas usaram da violência como ferramenta política.

A ideia evoliana de *apoliteia* foi - e ainda é - um dos conceitos mais debatidos nos círculos extremistas, descrevendo a postura política a ser adotada no pós-guerra. As vertentes de interpretação dessa noção são paradoxais: enquanto alguns entendem como um afastamento total da política; outros interpretaram que a ação política é possível, mas não se pode ser afetado por ela. Muitos jovens entenderam isso como a necessidade de agir politicamente de forma intransigente, servindo como justificativa para atividades terroristas[68]. Na Itália, o ON grupo dissidente do MSI fundado por Pino Rauti em 1956, foi profundamente comprometido com o tradicionalismo de Evola, sendo um dos agrupamentos extremistas mais importantes naquele contexto, além de relevante difusor de Evola entre os círculos neofascistas. Embora suas atividades estivessem ligadas principalmente a atividades políticas

---

[65] MAMMONE, Andrea. **Transnational Neofascism in France and Italy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

[66] SPEKTOROWSKI, Alberto. The French New Right: Differentialism and the Idea of Ethnophilian Exclusionism. **Polity**, 33(2), 2000, 283–303. doi:10.2307/3235491

[67] RUEDA, Daniel. Alain de Benoist, ethnopluralism and the cultural turn in racism. **Patterns of Prejudice**, 2021 Vol. 55, No. 3, 213–235, https://doi.org/10.1080/0031322X.2021.1920722

[68] HAKL, H. T. Julius Evola and Tradition. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

e intelectuais, serviu de referência para uma ampla constelação de grupos envolvidos em atividades terroristas. Vale ressaltar que o contexto de Guerra Fria e de Guerra da Argélia foram agravantes para a escalada da violência no cenário político italiano, com o pico dessa escalada a partir de 1968, sendo uma ferramenta política da extrema direita italiana até o final do século XX[69]. Curiosamente, o ideário evoliano chegou a círculos de extremistas ingleses através de terroristas de extrema direita que cruzaram o Canal da Mancha para fugir da justiça italiana[70].

O ano de 1968 foi marcado por uma série de manifestações por toda a Europa, reverberando, inclusive, além dela. Este ano foi marcado por ocupações universitárias, barricadas, confrontos violentos com a polícia, greves de trabalhadores e ocupações de fábricas. O grande estopim ocorreu no evento que ficou conhecido como noite das barricadas. No dia 10 de maio de 1968, o protesto universitário que ocupava Sorbonne já há alguns dias foi violentamente reprimido pela polícia francesa. A brutalidade policial contra os estudantes terminou por insuflar o sentimento de revolta na sociedade francesa para além das manifestações universitárias que estavam ocorrendo, levando, poucos dias depois, à deflagração da maior greve geral da história francesa. Além disso, foi um momento de questionamento da hegemonia da liderança do movimento operário por organizações stalinistas. Os acontecimentos dos anos 1960 demonstraram que os trabalhadores também se erguiam contra os sindicatos burocratizados e o movimento comunista oficial vinculados a URSS, os quais já se encontravam abalados devidos ao Relatório Khrushchov e à posição hesitante assumida pelo Partido Comunista Francês perante a Guerra da Argélia[71].

O Maio de 1968 representou críticas às velhas doutrinas e hierarquias, influenciando novas perspectivas intelectuais, culturais e comportamentais. Não só em 1968, com a deflagração dos conflitos em Paris, mas em toda a década de 1960 o meio universitário e as manifestações juvenis, inclusive contraculturais, encontravam-se em efervescência. Diversos eventos históricos influenciaram aquela juventude universitária e contribuíram para a sensação de que os estudantes eram capazes de se manifestar autonomamente, tais como: a oposição à guerra do Vietnã, as mobilizações pelos direitos civis dos negros nos EUA, as lutas armadas empreendidas na África e na América Latina, a Revolução Cultural na China e a própria Guerra da Argélia. As influências intelectuais giravam em torno de um marxismo não

---

[69] SEDGWICK, M. **Contra o Mundo Moderno**: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

[70] EATWELL, R. (1996). The Esoteric Ideology of the National Front in the 1980s. **The Failure of British Fascism,** 99–117. doi:10.1007/978-1-349-24758-5_6

[71] VARELA, Raquel; SANTA, Roberto della. O Maio de 68 na Europa – Estado e Revolução. **Rev. Direito e Práx.** Rio de Janeiro, Vol. 9 N. 2, 2018, p. 969-991.

vinculado à ortodoxia da URSS, mas a nomes como Trotsky, Mao Tsé Tung, Che Guevara, Antonio Gramsci, bem como Marx e Lenin[72].

De fato, os eventos de maio de 1968 proporcionaram debates sobre liberdades políticas e sociais, assim como discussões acerca da luta de minorias políticas e o reconhecimento das diferenças, que acabaram por influenciar novos movimentos sociais vinculados a diferentes identidades. A noção de direito à diferença diz de uma proposição de lutas por reconhecimento, assentando o anseio de diferenciação dentro das sociedades modernas que tendem a produzir homogeneização e padronização. Essa noção se distingue do direito à igualdade, tendo em vista que a igualdade perante a lei não garantiu o reconhecimento pleno de diversos grupos e não foi o suficiente para promover um equilíbrio nas relações entre os sujeitos[73]. Como veremos adiante, a noção de direito à diferença foi apropriada posteriormente pelos intelectuais da ND, tornando-se uma das bases fundamentais da perspectiva pan-europeísta adotada pelos identitários.

Além disso, os acontecimentos de 1968 tiveram um importante impacto nos neofascistas europeus do período. Tanto na Itália quanto na França esses ativistas foram, em certa medida, surpreendidos pelos eventos e tiveram dificuldade em produzir uma resposta efetiva às manifestações. Na França, mesmo que em efervescência, havia uma grande divergência no campo extremista, o que impossibilitou a formação de uma estratégia comum entre os grupos neofascistas e a construção de uma oposição efetiva à esquerda. O grupo *Occident*, formado por dissidências do FEN e do EA em 1964, foi um dos poucos grupos neofascistas franceses que tentaram explorar aspectos antissistêmicos de revolta de 1968, atuando de maneira violenta - o que levou a sua proibição no mesmo ano - ao mesmo tempo que aderiram à manifestação gaullista. A maioria da extrema direita francesa se colocava em oposição ao presidente De Gaulle, principalmente depois da Guerra da Argélia, mesmo com acenos a setores extremistas – como a anistia a lideranças do OAS - esse cenário não se inverteu. O apelo a ordem proposto pelo gaullismo se mostrou uma bandeira conveniente para os setores nacionalistas, anticomunistas, contrarrevolucionários, agregando 40% dos votos nas eleições convocadas em meio a crise de 1968, enquanto a extrema direita angariou apenas 0,13%[74].

---

[72] THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Tempo Social; Rev. Social**. USP S. Paulo, 10(2); 63-100, outubro de 1998.

[73] BITTAR, Eduardo C. B. Reconhecimento e Direito à diferença: teoria crítica, diversidade e a cultura dos direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo** v. 104 p. 551 - 565 jan./dez. 2009

[74] MAMMONE, Andrea. **Transnational Neofascism in France and Italy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

Em 1969, foi formado o grupo *Ordre Nouveau* - uma tradução literal do *Ordine Nuovo* de Pino Rauti - por meio de diversos grupos minúsculos que se encontravam dispersos na França e por ex-militantes do *Occident*, tornando-se uma organização guarda-chuva marcada por uma crítica ultranacionalista ao marxismo, ao capitalismo e a onda de imigrantes norte-africanos que supostamente estavam colonizando a França. Inspirados no MSI, o grupo adotou uma estratégia que mesclava um ativismo político violento a uma plataforma eleitoral com um verniz de respeitabilidade. A falta de sucesso eleitoral levou a criação de um partido que aglutinasse diversas correntes direitistas, sendo criado em 1972 o *Front National* (Frente Nacional - FN), com Jean-Marie Le Pen escolhido como líder do partido. Nas eleições de 1973 não obtiveram bons resultados, em uma campanha marcada por uma retórica ultranacionalista, o que gerou conflitos entre as facções do *Ordre Nouveau* e Le Pen, o qual foi culpabilizado pelo fracasso. Contudo, no mesmo ano, durante uma reunião organizada pelo grupo com teor anti-imigracionista, deflagraram-se tumultos e conflitos violentos contra militantes comunistas contramanifestantes, resultando na proibição do *Ordre Nouveau*. A partir disso, Le Pen se tornou a principal liderança do FN[75].

1.2 - Nouvelle Droite e o direito à diferença

Desde o início da década de 1960, Dominique Venner, antigo membro do JN e fundador do EA, propunha uma estratégia de militância a partir do campo intelectual e da produção de novas ideias, uma alternativa à militância de rua que, não raro, terminava em violência. Essa perspectiva fragmentou o EA, levando à criação do grupo *Occident* em 1964. Tal abordagem foi uma resposta à percepção de que a extrema direita vinha sofrendo sucessivas derrotas no pós-guerra, como fracassos eleitorais, a derrota na Guerra da Argélia e, posteriormente, o Maio de 1968. A partir desse cenário, surge o *Groupement de Recherche et d'Études pour la Civilisation Européenne* (GRECE) em 1968, um *think tank* formado por jovens intelectuais - principalmente vinculados ao EA e ao FEN -, os quais seriam posteriormente denominados com o rótulo de *Nouvelle Droite*[76].

Entre 1968 e 1987, o GRECE, principalmente sob a liderança de Alain de Benoist, produziu uma revisão do fascismo a partir de duas premissas. A primeira foi a interpretação particular da produção teórica de Antonio Gramsci. Nesta leitura e apropriação, a interpretação do conceito de hegemonia, do marxista italiano, foi compreendido como um

---

[75] MAMMONE, Andrea. The transnational reaction to 1968: Neo-fascist Fronts and Political Cultures in France and Italy. **Contemporary European History**, 17(02), 2008, p. 213-236.
[76]SANROMÁN, Diego Luis. **La nueva derecha**: Cuarenta años de agitación metapolìtica. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2008.

mecanismo de articulação cultural, distorcido para combater o que eles entendiam como ideologia dominante de esquerda. A segunda, foi a tradução para um novo contexto de ideias chave do pensamento fascista do entreguerras, nomeadamente a chamada Revolução Conservadora, reformulando esse discurso a ponto de não ser reconhecido, à primeira vista, como fascista. Dessa forma, foi possível o distanciamento da mácula fascista sem que se perdesse o horizonte de palingênese cultural[77], esse arcabouço teórico desenvolvido durante esses anos, serviria, posteriormente, como referência intelectual para a formação do movimento identitário.

A chamada Revolução Conservadora, movimento heterogêneo composto por inúmeros intelectuais críticos à República de Weimar, foi marcada pela crescente modernização da sociedade alemã e pela 1ª Guerra Mundial. Esses intelectuais - como Ernst Jünger[78], Carl Schmitt[79], Oswald Spengler e outros - conciliaram ideais antimodernistas e antirrevolucionárias ao romantismo e irracionalismo do nacionalismo alemão, utilizando a tecnologia moderna e conciliando o materialismo tecnológico ao passado, sustentando que a Alemanha poderia ser tecnologicamente avançada ao mesmo tempo que fiel a suas tradições espirituais e culturais.

Seus principais temas de discussão giravam em torno de: 1- uma cultura alemã superior ao liberalismo e ao socialismo, assim como a uma influência cosmopolita, sendo o nacionalismo uma ferramenta de oposição a essas influências racionalizantes, modernas e desenraizadas. 2- A superioridade alemã viria das tradições culturais e não biológicas, embora o antissemitismo e a conspiração judaica ainda estivessem presentes. 3 - A ideia de comunidade era colocada em primazia contra uma visão de sociedade fragmentada, seja por direitos individualizantes ou por divisões de classe, as quais atrapalhavam o caminho para uma comunidade genuína. 4- A primazia da política, que esmaecia a diferença entre política e

---

[77] GRIFFIN, Roger. Plus ça change! The Fascist Pedigree of the Nouvelle Droite. In: ARNOLD, Edward. **The Development of the Radical Right in France (1890-1995).** London: Routledge, 2000.

[78] Ernst Jünger (1895-1998), foi um intelectual e soldado alemão da Primeira Guerra Mundial. Sua obra é marcada pelo fascínio pela guerra, o militarismo e pelo sacrifício. Sua obra mais famosa, Tempestade de Aço, descreve a experiência da guerra de modo gráfico em um estilo heroico. Durante o entre-guerras se tornou uma figura influente entre os nacionalistas veteranos de guerra, contribuindo para a narrativa nacionalista que tentava justificar a grande perda de vidas na guerra e se opor à República de Weimar. Apesar de sua postura anti-liberal e militarista, não se sentiu atraído a se juntar ao Partido Nazista. Ver: In: NEAMAN, Elliot y. Ernst Jünger and Storms of Steel. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

[79] Carl Schmitt (1888-1985), foi um jurista especializado em direito constitucional e internacional. Sua carreira se estendeu entre 1910 e 1982. Em 1920, desenvolveu uma teoria constitucional que declarou o estado parlamentar liberal ultrapassado. Posteriormente usou sua teoria para justificar o decreto presidencial que pôs fim à República de Weimar. Além de pensador, foi um ator que interveio na política, mobilizando a sua distinção entre amigo e inimigo, presente em sua teoria jurídica, para defender posições nacionalistas, estatistas, contrarrevolucionárias, apocalípticas e antissemitas. Além disso, foi membro do Partido Nazista, alcançando posições de prestígio. Ver: MEHRING, Reinhard. Carl Schmitt and the Politics of Identity. In: **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

guerra e colocava a crítica cultural a serviço de um Estado forte. 5- A ideia de um socialismo compatível com as tradições antiliberais e autoritárias do nacionalismo alemão e que se posicionaria contra o capitalismo ocidental e o socialismo oriental[80].

A noção de Revolução Conservadora surgiu a partir de Armin Mohler que publicou em 1950 *Die Konservative Revolution in Deutschland 1918-1932,* título que compila correntes de pensamento de autores antidemocráticos que permearam a República de Weimar, apresentando-os coletivamente sob essa denominação. Mais do que um acadêmico, Mohler era um signatário dessas ideias, sua publicação tinha objetivo de contribuir eventualmente para uma possível revolução à direita. Se essa revolução parecia iminente no entre-guerras, o pós-guerra implicou na vitória das forças da modernidade. Dessa forma - para o pensador suíço - era um momento de interregno, ou seja, um momento para que os intelectuais preparassem o terreno para transformações culturais, em um primeiro momento, que se seguiriam ao poder político, quando a decadência da modernidade seguiria seu curso. A proposta de Mohler assemelha-se à noção evoliana de apoliteia que, associada à noção de tempo cíclico do autor italiano, fornecia, em termos práticos, influências para estratégia metapolítica que a ND adotaria no final da década de 1960[81].

Essa noção de tempo cíclico, conjugada por Evola, foi baseada em Guénon, sendo emprestada da religião hindu pelo tradicionalista francês. Nessa perspectiva, a humanidade estaria vivendo a quarta idade, ou *Kali Yuga*, chamada por Guénon de idade das trevas, a qual representaria a modernidade materialista e o declínio da Tradição. Esse declínio era explicado pelo autor italiano também em termos do hinduísmo, onde o declínio da Tradição primordial estava associado ao declínio das elites brâmanes (sacerdotais) e xátrias (guerreiros) e a ascensão das castas comerciantes (como nas democracias liberais) e, em sequência, as castas serviçais (como nos países socialistas), sendo associado a isso a emergência dos valores da modernidade. Enquanto para Guénon a transformação do indivíduo através de iniciações esotéricas formaria uma elite tradicionalista que poderia influenciar a transformação do Ocidente, Evola entendia que o processo de autorrealização individual teria como consequência a transformação da sociedade[82].

Essa autorrealização era entendida como um processo pelo qual o indivíduo se tornava um ser absoluto, uma pessoa identificada consigo mesma, alcançando controle sobre a

---

[80] HERF, Jeffrey. **El Modernismo Reaccionario**: Tecnología, cultura y política en Weimar y el Tercer Reich. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

[81] GRIFFIN, Roger. Between metapolitics and apoliteia : The Nouvelle Droite's strategy for conserving the fascist vision in the 'interregnum'. **Modern & Contemporary France**. v. 8(1), 2000, p. 35-53.

[82] SEDGWICK, M. **Contra o Mundo Moderno**: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

completude do seu ser. Esse homem diferenciado defenderia os valores da Tradição contra a ascensão temporária das forças da desordem durante o *Kali Yuga,* até o retorno da Idade de Ouro e restabelecimento da Tradição. Nessa perspectiva, a história é movida pelo conflito das forças espirituais, caracterizada pela capacidade da elite de manter e reforçar seus valores mais elevados, sendo a degeneração da Tradição efeito dessa incapacidade. No mundo moderno, essas elites tradicionais são diminutas, devendo sustentar seus valores a nível individual de forma a estarem preparadas até o ressurgimento de condições mais favoráveis a esses valores[83].

Outro aspecto importante que é válido ressaltar é que aqueles intelectuais posteriormente catalogados por Mohler sob a alcunha de Revolução Conservadora não eram estranhos a Evola, sendo inclusive, uma importante influência à sua crítica à modernidade e possuindo contato com esses autores[84]. Isso se manifesta na formação da ideia de apoliteia.

A percepção de viver em um mundo em ruínas é um tema recorrente na Revolução Conservadora que dá origem a um niilismo, que seus signatários entendiam como positivo, uma vez que a destruição não era um fim, mas um caminho para possibilitar uma reconstrução. Contudo, o niilismo de Evola não alimentava grandes esperanças de uma reconstrução, indo em direção a uma postura diante das ruínas da modernidade, a ponto de que o homem diferenciado aja de acordo com seus próprios preceitos e não seja contingenciado pela sociedade moderna. Isso se reflete na sua posição política; a proposta de apoliteia diz de uma posição afastada da política para o homem diferenciado. Esse conceito - como vimos anteriormente - gerou controvérsia dentro do campo da ultradireita italiana, dando origem a duas possíveis interpretações distintas. De um lado, aqueles que entenderam que qualquer acordo com o sistema seria uma traição à Tradição e à identificação consigo mesmo, adotando um engajamento político extremista e violento em direção à aceleração da destruição da sociedade moderna decadente. De outro, uma interpretação quase literal no sentido de afastamento da política institucional e o engajamento em atividades voltadas a cultura e a produção intelectual, ou seja, metapolítica, criando bases para um diálogo, a partir de seu ponto de vista, com a cultura dominante[85].

A metapolítica, definida pela própria ND, foi baseada na perspectiva de que as ideias desempenham um papel fundamental na consciência e história humana, tendo os grandes

---

[83] FURLONG, Paul. Riding the tiger: crisis and political strategy in the thought of Julius Evola. **the italianist 31** · 2011 · 25-40

[84] DAHL, Göran. **The Nature of Identitarianism**. Abingdon: Routledge, 2023.

[85] FERRARESI, Franco. Julius Evola : tradition, reaction, and the Radical Right. **European Journal of Sociology**, 28, 1987. pp 107-151 doi:10.1017/ S0003975600005415

intelectuais e suas grandes obras desencadeado impactos decisivos, fornecendo direcionamento e significado para a ação política[86]. Para o principal porta-voz do GRECE, Alain de Benoist, não há ação eficaz sem teoria, sendo as revoluções um desdobramento natural à evolução intelectual. Em uma crítica à direita, Benoist afirmou que esta não entendeu a importância de Gramsci, não percebendo que o poder cultural é uma ameaça não só ao poder do Estado, mas atua sobre os valores pelos quais se cristaliza o consenso para a duração do poder político. Para o direitista francês, a direita estava sendo imediatista, pensando apenas nas próximas eleições e perdendo a visão de longo prazo, enquanto a esquerda avança metapoliticamente, fazendo seu discurso político soar cada vez mais verdadeiro[87].

Anos depois da formação do GRECE, Guillaume Faye, que se tornou uma dissidência do grupo, criticou a estratégia metapolítica *grecista*. Acusou-a de praticar um gramscismo equivocado, apontando que a ND interpretou mal Gramsci ao adotar o embate apenas no campo intelectual, não sendo eficaz sem o combate político e econômico para se apoiar. Dessa forma, isso teria levado seu público e alguns de seus intelectuais a se juntarem a esfera de influência do Frente Nacional, como o próprio Pierre Vial[88], um dos fundadores do GRECE que se tornaria dirigente do FN, além de figura importante no identitarismo, posteriormente.

Durante décadas, o GRECE desenvolveu uma série de ideias, muitas vezes heterogêneas, em seu seio. Contudo, para Pierre-André Taguieff[89], o *think tank* passou por quatro fases de desenvolvimento doutrinário marcantes desde a sua formação no final dos anos 1960. A primeira, entre 1968 e 1972, foi marcada por um racismo biológico, ainda muito próximo daquele proposto pelo EA. Em um segundo momento, entre 1972 1979, a doutrina *grecista* ganha um corpo mais sólido, baseado, principalmente, na crítica ao igualitarismo nascido a partir do monoteísmo judaico-cristão, visto como estrangeiro à cultura europeia original. Isso vai de encontro com um prenúncio de um antirracismo diferencialista - como veremos adiante - bem como de um paganismo, conjugados a partir de uma perspectiva cientificizada de identidade cultural europeia baseada nas obras do cientista da religião Georges Dumézil[90]. Em terceiro, no início da década de 1980, as identidades e diferenças

---

[86] BENOIST, Alain de; CHAMPETIER, Charles. **Manifesto for a European Renaissance**. London: Arktos Media, 2012.

[87] BENOIST, Alain de. **La Nueva Derecha**: una respuesta clara, profunda e inteligente. Barcelona: Editorial Planeta, 1982

[88] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.

[89] TAGUIEFF, Pierre-André. From Race to Culture: The New Right's View of European Identity. **Télos** 1993 (98-99):99-125

[90] Georges Dumézil (1898-1986) foi um intelectual francês que se dedicou ao estudo dos povos indo-europeus. Sua interpretação da literatura em diversas línguas europeias antigas valorizava uma hierarquia social estável e

culturais foram enfatizadas a partir da noção de etnopluralismo e do desenvolvimento da temática diferencialista. Por último, entre 1984-1987, foi marcado pelo pela postura diferencialista pró-Terceiro Mundo, sendo um momento de defesa das identidades e do enraizamento, contra a uniformidade e a aculturação dos povos.

O centro do embate metapolítico da ND se dá a partir de uma denúncia filosófica a qual gira em torno da rejeição à modernidade ocidental, inspirada intensamente pelos intelectuais da Revolução Conservadora, os quais produziram críticas culturais às fundações liberais na República de Weimar, procurando superar o que entendiam como o enfraquecimento dos laços sagrados, étnicos e comunitários pelo liberalismo. Nessa perspectiva, a modernidade teria secularizado o universalismo e o igualitarismo, originários do monoteísmo judaico-cristão, sendo o principal fruto dessa relação a ideologia liberal e sua filosofia individualista. Essas, teriam promovido uma homogeneização de todos os povos do planeta, sendo responsáveis por ameaçar as particularidades das identidades coletivas e as culturas tradicionais - como na própria Europa. Em resposta, a ND passou defender uma perspectiva própria de direito à diferença[91].

Essa secularização é explicada pelos *neodireitistas* de Benoist e Champetier[92] através de quatro aspectos comuns entre a metafísica judaico-cristã e as ideologias pós-1789: 1- o individualismo, presente na noção de salvação individual e relação íntima entre Deus e o indivíduo, sendo responsável pela destruição dos antigos modos de vida comunitária; 2- o igualitarismo, baseado na ideia que a salvação é possível para toda a humanidade, se todos são iguais perante os olhos de Deus, também são todos iguais perante às leis do Estado moderno, sendo associado a uma massificação e a adoção de estilos de vida padronizados; 3- o progressismo, a noção de que a história tem um início e um fim linear, que se desenvolve globalmente conforme os interesses divinos foi associada a uma racionalização, a qual pensa a história em direção a um progresso linear através do domínio da técnica e da razão instrumental. 4- o universalismo, manifestação de uma religiosidade universal válida para todos, a qual todos podem - e devem - se converter, esse universalismo vai em direção de um

---

discriminatória, dominada por instituições reais, sacerdotais e guerreiras. Seus críticos associam essa interpretação do autor a sua admiração pelo monarquista francês Charles Maurras, bem como à sua ligação ao grupo monarquista *Action Française*. Outro ponto de crítica da obra de Dumézil se dá pela reprodução de uma visão problemática relativamente comum nessa área de estudos: a ideia de buscar um único ponto originário para a formação dos indo-europeus, caracterizando, no presente, fenômenos dispersos no passado como geneticamente relacionados. Ver: LINCOLN, Bruce. Dumézil, Ideology, and the Indo-Europeans. **Zeitschrift für Religionswissenschaft** v.6, 1998, 221-227. doi.org/10.1515/0029.221

[91] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

[92] BENOIST, Alain de; CHAMPETIER, Charles. **Manifesto for a European Renaissance**. London: Arktos Media, 2012.

modelo de sociedade - o da democracia-liberal - o qual é imposto a nível planetário como o único possível, além de superior às formas de organização baseadas na diversidade cultural ao redor do mundo.

Tanto a denúncia à homogeneização global, como a ideologia diferencialista da ND caminham em direção à ideia de que os europeus, assim como os outros povos do mundo, sofreram com o colonialismo liberal. O Estado liberal promoveria a primazia do indivíduo e do universalismo dos direitos humanos sobre a comunidade cultural, sendo uma arma a qual as nações poderosas usariam para dominar as mais fracas. Para além da perspectiva racista de superioridade étnica, presente em diferentes expressões fascistas dos anos 1930, a ideologia diferencialista da ND se basearia no respeito mútuo entre as diferentes culturas contra a homogeneização liberal. Dessa forma, o homem branco europeu foi colocado em pé de igualdade com outros povos que sofreram e sofrem com o colonialismo cultural e político do Ocidente, transformando essa problemática em uma frente comum[93].

Na perspectiva da ND a divisão esquerda/direita seria superada, entendendo que a nova divisão política para o século XXI seria entre aqueles que defendem o universalismo contra aqueles que defendem a identidade. O objetivo final destes últimos, seria um mundo heterogêneo formado por grandes unidades territoriais - como a Europa - etnicamente homogêneas. Essa é uma visão de mundo empirista, enquanto o liberalismo tenta promover a igualdade entre os seres humanos através dos direitos humanos, a natureza observável é que a humanidade é diferente entre si de forma geral. Isso vai em direção à rejeição à liberdade individual, onde todos têm direitos inalienáveis, entendendo que não há uma liberdade geral e abstrata, mas sim liberdades consoantes às diferentes naturezas humanas, mostrando-se pertencente a um plano prático e político, e não abstrato. Dessa forma, a liberdade está associada ao pertencimento a uma comunidade cultural, defendendo que cada comunidade política, histórica e cultural tenha o direito de estabelecer - partir de sua própria visão de mundo - quais os direitos que seus membros devem possuir. A partir disso, - em contraste com os direitos humanos universais - formulou-se a crítica de que se os seres humanos pertencem a comunidades diferentes, possuem necessidades e direitos distintos[94].

Na perspectiva de Alain de Benoist[95], o conceito moderno de liberdade se confunde com a independência do sujeito, essa ascensão do indivíduo se choca com as comunidades

---

[93] SPEKTOROWSKI, Alberto. The intellectual reconstruction of post-war fascism and the populist right. In: DOVAL, G.P. e SOUROUJON, G. **Global Resurgence of the Right**. Londres: Routledge, 2021

[94] ANTÓN-MELLÓN, J. El Eterno Retorno. ¿Son fascistas las ideas-fuerza de la Nueva Derecha Europea (ND)? **Foro Interno** 2011, 11, 69-92

[95] BENOIST, Alain de. **Nossotros y los Otros**: Problemática de la identidad. Torredembarra: Ediciones Fides, 2015.

orgânicas, implicando na rejeição das raízes e dos laços sociais herdados, em nome de um ideal de autonomia. Dessa forma, as identidades singulares, baseadas em laços orgânicos e comunitários, são esmaecidas e o Estado-nação assume o papel de produção dos laços sociais baseados na igualdade entre os sujeitos. A partir disso, a identidade é separada entre uma individualidade liberal/burguesa e uma identidade coletiva indistinta, arrancando o que esta tem de orgânica e colocando-a em um campo social estruturado a partir do espaço público regido por lei, onde o cumprimento desta é parte social dessa identidade coletiva. Tendo isso em vista, a sociabilidade moderna é baseada na redução da diversidade; homogeneização das regras da língua e da lei; supressão de modos de vida relacionados ao lugar, profissão, crença e ambiente social; a indistinção dos papéis sociais de gênero; e o esmaecimento das estruturas familiares.

A temática do direito à diferença foi inicialmente uma pauta dos novos movimentos sociais surgidos a partir de Maio de 1968, produzindo uma crítica à modernidade homogeneizadora e influenciando uma série de movimentos políticos de esquerda, não só em França, mas em diversas partes do mundo[96]. Ao mesmo tempo, esse mote foi emprestado pela ND e usado em direção oposta à inclusão das diferenças, apesar de - superficialmente - parecer avançar no mesmo sentido de reconhecimento delas[97]. Para Antônio Flávio Pierucci[98], embora esses movimentos sociais de esquerda baseados na diferença tenham produzido avanços em diversas bandeiras sociais, situam-se em um terreno desvantajoso de disputa política por ser um terreno próprio da direita. Para o autor, a direita articula uma concepção global de sociedade e um projeto de modo de sociabilidade, desde a ultradireita contrarrevolucionária de 1789, antagonista ao projeto da modernidade iluminista. Suas ideias e práticas políticas avançaram em direção a uma obsessão identitária, a partir de uma postura de autopreservação de um grupo que estaria sendo ameaçado pelo outro. Nessa perspectiva, a direita se baseia em um visão empírica sobre o mundo, onde é observável que os seres humanos nascem diferentes e, por isso, devem ser tratados de maneira diferente, explicando as desigualdades e as legitimando. Nesse mesmo sentido, há uma rejeição às ideias abstratas e universalistas, tal como os Direitos do Homem, como não há homem universal, a perspectiva moderna terminaria por minar os laços identitários e as raízes comunitárias baseadas nas diferenças.

---

[96] BITTAR, Eduardo C. B. Reconhecimento e Direito à diferença: teoria crítica, diversidade e a cultura dos direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo** v. 104 p. 551 - 565 jan./dez. 2009

[97]TAGUIEFF, Pierre-André. From Race to Culture: The New Right's View of European Identity. **Télos** 1993 (98-99):99-125 (1993)

[98] PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Editora 34, 2013.

Através dessas influências, todo o escopo metapolítico da ND avança em direção a uma defesa da Europa em um sentido pan-europeísta, pensando o mundo a partir de comunidades heterogêneas entre si, mas etnicamente homogêneas internamente. Esse projeto conecta elementos tanto do pan-europeísmo do fascismo histórico[99] quanto do neofascismo dos primeiros anos do pós-guerra, mas sua originalidade é fundamentada em aspectos regionalistas, ansiando por centenas de comunidades homogêneas e regionais associadas a uma Europa unida, soberana e hierarquizada[100]. Por mais que o continente abrigue uma diversidade enorme de diferentes povos e culturas, a referência aos indo-europeus confere origem comum a todos os povos provenientes do continente, o que possibilitaria um vínculo entre essas culturas e, tendo isso em vista, a capacidade de transcender os Estados-nação por uma Europa unida. Essa é uma influência baseada no trabalho de Dumézil, o qual propõe a existência de uma origem comum aos povos europeus e, portanto, uma herança comum. Isso também serviu de argumento para um retorno ao paganismo, próprio da cultura europeia, contra o cristianismo, percebido como aculturador e de origem estrangeira[101].

O conceito de etnopluralismo sintetiza essa perspectiva diferencialista, sendo fundamental para se compreender não só a ND mas também o movimento identitário, e os partidos de direita radical europeus. O termo foi cunhado pelo alemão Henning Eichberg, que em sua juventude, nos anos 1960, participou da intelectualidade neofascista e da criação da contraparte alemã da ND. Em 1973 foi criado o conceito, cujo cerne está em uma visão de povo como um organismo coletivo com uma essência e cultura herdadas, as quais só podem ser desenvolvidas no lugar de onde elas se originaram. Essa é uma visão de cultura e etnicidade rígida, que entende que a mudança e a mistura levam a destruição das culturas. Essa perspectiva mudou o referencial da raça biológica para o campo da cultura e etnia,

---

[99] No início dos anos 1930, após a crise de 1929, o Fascismo italiano passou a ser visto internacionalmente por muitos setores como solução tanto para a democracia liberal, quanto para o capitalismo, que pareciam estar próximos de um colapso. Mussolini chegou a declarar que o fascismo seria o remédio de que a Europa necessitava. Naquela década, houve um certo esforço institucional da Itália de internacionalizar o fascismo, tendo Roma como liderança. Contudo, o principal traço comum entre os fascismos - o nacionalismo - trouxe elementos que impediram a plena solidariedade entre os diversos movimentos. Ver: BERTONHA, João Fábio. A questão da "Internacional Fascista" no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. **Revista Brasileira de Política Internacional, vol.43** no.1 Brasília Jan./June 2000.

[100] BAR-ON, Tamir. Fascism to the Nouvelle Droite: The Dream of Pan-European Empire. **Journal of Contemporary European Studies,** 16(3):327-345 · December 2008.

[101] SILVA, Glaydson José da. O mundo antigo visto por lentes contemporâneas: as extremas direitas na França nas décadas de 1980 e 90, ou da instrumentalidade da Antigüidade. **HISTÓRIA**, SÃO PAULO, v. 26, n. 1, p. 98-118, 2007.

mostra-se um marco importante para a ultradireita porque consegue se distanciar da herança racista dos fascismos e se esquivar publicamente de acusações de racismo[102].

Em um contexto marcado pela imigração de pessoas provenientes das ex-colônias para a Europa, a ND propôs uma forma de antirracismo diferencialista, ao mesmo tempo em que acusa o antirracismo universalista e multiculturalista de racista ao buscar a assimilação do outro, transformando-o em um igual e não respeitando a sua diferença. Por outro lado, o antirracismo proposto pela ND, reconhece a pluralidade humana e exalta as diferenças, não excluindo, não assimilando o outro e não se misturando com ele. Nessa perspectiva, a ideia de raça é menos relevante que a cultura, a mistura seria ruim não pela miscigenação, mas porque as culturas possuem um cerne que fornece respostas diferentes a questões vitais, e a tentativa de mistura acaba gerando a destruição de ambas as partes. A verdadeira culpada pela imigração seria o crescente modo de vida orientado pelo consumo, promovido pelos países industrializados, que obrigaria pessoas a abandonar seus países de origem para atender às necessidades econômicas das nações ricas. Ao mesmo tempo, a imigração é ruim para a população local, confrontada com mudanças bruscas em suas cidades. Além disso, o Estado-nação, sem interesse nas identidades vindas de fora, acaba promovendo a assimilação dos indivíduos a partir de uma cidadania abstrata e homogeneizante[103].

Embora tente se distanciar de aspectos biologizantes, o etnopluralismo é um conceito permeado pela perspectiva de hereditariedade, o qual determina não só o pertencimento a uma cultura, mas a capacidade de adquiri-la. Outro aspecto é o ideal de pureza etnocultural em termos que lembram o racismo convencional. Dentro dessa perspectiva, a territorialidade é um fator fundamental, a separação geográfica de um grupo foi entendida como condição fundamental da preservação de sua cultura, além de ser um aspecto crucial na formação de uma identidade através da relação entre ambiente e grupo[104].

O diferencialismo cultural da ND constrói bases para a superação de um mundo liberal e um renascimento cultural da Europa, isso envolve a substituição de um Estado-nação universalista por um etnorregionalismo, avançando rumo a uma Europa mais assertiva culturalmente e mais preocupada com as identidades comunitárias[105]. Nessa perspectiva, o

---

[102] ÅSBRINK, E. (2021). When Race Was Removed from Racism: Per Engdahl, the Networks that Saved Fascism and the Making of the Concept of Ethnopluralism. **Journal of the History of Ideas**, 82(1), 133–151. doi:10.1353/jhi.2021.0006

[103]BENOIST, Alain de; CHAMPETIER, Charles. **Manifesto for a European Renaissance**. London: Arktos Media, 2012.

[104] HAVERTZ, Ralf. Ethnopluralism and its ambiguities: racism with and without race, **Journal of Political Ideologies**, 20 May 2023. DOI: 10.1080/13569317.2023.2212252

[105] SPEKTOROWSKI, Alberto. The New Right: ethno-regionalism, ethno-pluralism and the emergence of a neo-fascist 'Third Way'. **Journal of Political Ideologies** (2003), 8(1), 111–130

Estado-nação foi compreendido como ineficaz em resolver os problemas europeus, sendo isso urgente em um mundo globalizado, onde a organização seria necessária para impedir as interferências externas. A partir disso, a ND propõe que a região se organize em uma estrutura federal que reconheça a autonomia de seus componentes e facilite a cooperação entre a região que se constituiria e as nações individuais. Surgiria, assim, uma Europa forte e hierarquizada, que reconheceria suas culturas históricas, em contraste a uma organização europeia que seria um desdobramento de um Estado nacional[106].

Como argumenta Rueda[107], o etnopluralismo pode representar uma ameaça para um mundo formado por sociedades cada vez mais multiculturais, desafiando a possibilidade de uma coexistência pacífica entre as diferentes culturas, ainda mais em uma Europa marcada por um contexto de imigração em massa. Embora não seja abertamente racista, é utilizado como ferramenta por movimentos que promovem discriminação não apenas na Europa, mas além dela - como veremos adiante -, sendo uma espécie de giro cultural do racismo. Nesse sentido, a hipótese de Taguieff[108] parece bastante razoável, a de que o racismo pode ser expresso tanto como uma rejeição quanto uma exaltação das diferenças, seja em termos de raça ou de cultura, mas tem como cerne a aversão à mistura com o outro.

Na década de 1980 muitos intelectuais importantes do GRECE romperam com o grupo em direção ao FN. Havia uma certa convergência ideológica, entre o *think tank* e o partido, de uma aversão a misturas culturais ao mesmo tempo em que defendiam a diversidade através do isolamento. Além disso, a estratégia metapolítica começou a gerar impaciência, enquanto uma intervenção política mais ativa poderia, na percepção desses ativistas, levar a resultados políticos mais imediatos. Esses intelectuais desempenharam um papel de expansão do quadro ideológico do FN, pouco delimitado até então, com foco na imigração e segurança pública. Algumas ideias geraram controvérsia, como o paganismo defendido por Pierre Vial, enquanto outras já se encontravam em sintonia, como a aversão ao multiculturalismo, ao comunismo e ao internacionalismo.

Contudo, a principal convergência se deu por meio do etnopluralismo, resultando na noção de preferência nacional, a qual propunha a primazia da cultura e identidade francesas, bem como a elevação dos direitos civis franceses acima dos não franceses. Essas questões também englobaram a defesa do aumento da taxa de natalidade francesa e o fim da imigração,

---

106 BENOIST, Alain de; CHAMPETIER, Charles. **Manifesto for a European Renaissance**. London: Arktos Media, 2012.

107 RUEDA, Daniel. Alain de Benoist, ethnopluralism and the cultural turn in racism. **Patterns of Prejudice**, 2021 Vol. 55, No. 3, 213–235, https://doi.org/10.1080/0031322X.2021.1920722

108 TAGUIEFF, Pierre-André. From Race to Culture: The New Right's View of European Identity. **Télos** 1993 (98-99):99-125

sem perder de vista particularidades pan-europeístas. Dessa maneira, esses intelectuais oriundos do GRECE colocaram o direito à diferença no centro das propostas do FN[109].

Essa interface entre as ideias *grecistas* e partidos políticos não foi um caso isolado, tendo se expandido para além da França. Jens Rydgren[110] argumenta que o arcabouço político extrema direita se tornou inoperante em termos eleitorais desde o início do pós-guerra, sendo necessário um novo arcabouço político-ideológico para que o campo superasse a marginalidade eleitoral. Nesse sentido, a ND fez importantes contribuições, combinando etnopluralismo com uma retórica anti-*establishment*, possibilitando que partidos de direita radical levantassem bandeiras anti-imigração e mobilizassem os descontentamentos políticos sem que fossem estigmatizados como racistas ou antidemocráticos. O relativo sucesso eleitoral do FN em 1984, fez com que esse novo arcabouço elaborado pela ND fosse adotado e adaptado em outros países europeus que, associado a oportunidades políticas locais, inspirou novas instituições político-partidárias.

1.3- Movimento Identitário, a Alt-Right e a Metapolítica.

Como visto, o GRECE ofereceu um frescor ideológico em um momento de crise de credibilidade para parcelas da extrema direita europeia, principalmente aquelas associadas aos expoentes do fascismo histórico. Para isso, adaptou - para uma nova conjuntura - ideias tradicionais da extrema direita europeia, como, por exemplo, a crítica à modernidade e o pan-europeísmo, em uma chave diferencialista, a qual se tornou a principal fonte de convergência dentro do movimento. Isso possibilitou um distanciamento estratégico da herança dos fascismos clássicos sem perder o objetivo de superação de uma decadência nacional, em uma postura de apoliteia em meio ao interregno através da estratégia metapolítica.

Apesar disso, essa estratégia gerou certa impaciência de uma série de quadros importantes do grupo, levando-os às fileiras do FN em busca de avanços políticos mais claros e imediatos. Essa migração produziu uma revitalização doutrinária no partido através da síntese diferencialista, diminuindo sua marginalidade política e influenciando outras instituições em diversos países europeus em um contexto de crescente globalização e imigração de pessoas advindas das ex-colônias. Tendo isso em vista, os intelectuais da ND também estabeleceram as bases ideológicas do que, posteriormente, autodenominar-se-ia de

---

[109] MCCULLOCH, Tom. The Nouvelle Droite in the 1980s and 1990s: Ideology and Entryism, the Relationship with the Front National. **French Politics**, 2006, 4, (158–178)

[110] RYDGREN, Jens. Is extreme right-wing populism contagious? Explaining the emergence of a new party family. **European Journal of Political Research** , 44(3), 413–437. 2005)doi:10.1111/j.1475-6765.2005.00233.x

movimento identitário. Contudo, outra dissidência do GRECE estabeleceu críticas ideológicas e estratégicas, bem como novos conceitos, os quais se refletiram no identitarismo, nomeadamente Guillaume Faye.

Faye juntou-se ao GRECE no início dos anos 1970, tornando-se um dos nomes mais proeminentes do grupo e ocupando cargos de importância a partir da década de 1980. Ele defendia uma identidade cultural e biológica, um nacionalismo pan-europeu, bem como uma postura anti-americanista, anti-liberal e anti-imigração. A partir de divergências com a principal liderança do grupo, Alain de Benoist, começou a ser marginalizado dentro do *think tank,* levando-o a se desligar da organização em 1987 e se voltar a trabalhos vinculados à mídia, como o rádio. Em 1998, o autor retomou sua atividade intelectual com o livro *L'Archéofuturisme* (Arqueofuturismo)*,* talvez sua obra mais importante. Quando Faye retornou brevemente ao GRECE, teve novamente divergências com Benoist, principalmente em relação à perspectiva biológica de identidade, o que levou à sua expulsão definitiva no início dos anos 2000. A mudança mais significativa do pensamento de Faye se deu em um ponto de vista geopolítico. Seus trabalhos iniciais se voltavam a uma crítica à sociedade de consumo, a homogeneização das culturas e a insurgência de valores americanizados sobre a Europa. Essa rejeição ao americanismo, levou-o a propor uma aliança com os regimes árabes contra os EUA e Israel, cujos interesses iam contra os da Europa, bem como do Terceiro Mundo. Contudo, com a sua retomada ao debate intelectual, a visão geopolítica se inverteu, manifestando um apoio aos EUA e Israel contra o mundo árabe/muçulmano, muito associado a um discurso anti-imigracionista e etnocêntrico. Embora o americanismo ainda fosse visto como um problema, os americanos deixaram de ocupar o lugar de principais inimigos, passando a ser considerados como os principais adversários da Europa[111].

Esse novo momento do pensamento de Faye se coloca na contramão do diferencialismo étnico e pró-Terceiro Mundo que o GRECE adotou na década de 1980, mantendo uma clara postura eurocentrada e racializada[112]; se o etnopluralismo de Benoist possui certas nuances biológicas que dificultam diferenciar cultura, etnia e raça[113], essas ambiguidades se tornam ainda mais acentuadas com o racialismo de Faye.

Para o autor, a política deve ser orientada principalmente a partir de aspectos biológicos e demográficos, buscando a saúde biológica de um povo e a melhoria de seu

---

[111] FRANÇOIS, Stéphane. Guillaume Faye and Archeofuturism. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

[112] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.

[113] HAVERTZ, Ralf. Ethnopluralism and its ambiguities: racism with and without race, **Journal of Political Ideologies**, 20 May 2023. DOI: 10.1080/13569317.2023.2212252

gérmen. Por sua vez, gérmen é caracterizado como o cerne de uma etnia, a raiz biológica de um povo ou civilização da qual a cultura humana floresce. Se a raiz biológica estiver danificada, torna-se impraticável o renascimento cultural de um povo. Dessa forma, o etnopluralismo não é apenas uma aversão a uma mistura de culturas, mas, desavergonhadamente, uma aversão a miscigenação. Nessa perspectiva, o gérmen europeu estaria sendo ameaçado tanto por uma globalização uniformizadora de culturas, quanto por uma substituição da população europeia por imigrantes do Terceiro Mundo - principalmente aqueles de religião muçulmana - os quais estariam empreendendo uma colonização na Europa. Essa colonização estaria sendo incentivada pela elite política de postura etnomasoquista, ou seja, uma postura orientada pela desvalorização da própria etnia em detrimento de uma sociedade multicultural, baseada no sentimento de culpa gerado a partir das antigas opressões impostas pela Europa ao resto do mundo[114].

A noção de arqueofuturismo proposta no livro de mesmo nome, é definida em linhas gerais pelo próprio autor como a junção dos pensamentos de Julius Evola e de Filippo Marinetti, futurista italiano vinculado ao fascismo. Faye ambiciona conjugar as potencialidades da tecnologia ao arcaísmo, o que vai de encontro à corrente de pensamento da Revolução Conservadora, a qual o próprio autor diz se inserir[115]. Contudo, Faye nunca mostrou interesse particular a uma nostalgia ao passado como seu colega Pierre Vial, ou mesmo a um tradicionalismo de Evola, ou Guénon. Tendo em vista que o passado gerou a modernidade, as tradições devem ser cuidadosamente escolhidas e não apenas reproduzidas. Dessa forma, o autor caracteriza seu pensamento não como anti-moderno, mas como não moderno, e foi a partir disso que o termo arcaico foi expresso[116].

Mas mais do que isso, o arqueofuturismo possui três aspectos principais. Em primeiro lugar, diz respeito a uma modernidade decadente, a qual estaria produzindo em seu âmago uma convergência de catástrofes de diferentes naturezas que convergiriam durante o século XXI, levando ao caos e ao fim Civilização Ocidental. Em segundo, em meio essa conjuntura imposta pelo cataclismo da modernidade, mostrar-se-ia necessária uma ideologia que fosse suficientemente resistente ao mundo pós-caos e que pudesse restabelecer a Civilização Europeia, conjugando uma visão arcaica que seria capaz de expurgar a tecnologia de suas características modernas. Em terceiro, uma imaginação desse mundo pós-caos, através de uma

---

[114] FAYE, Guillaume. **Why We Fight**: Manifesto of the European Resistance. London: Arktos Media, 2010.
[115] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.
[116] FRANÇOIS, Stéphane; NONJON, Andrien. Guillaume Faye (1949-2019): At the Forefront of a New Theory of White Nationalism. **The Journal of Illiberalism Studies** Vol. 2 No. 1 (2022): 17-30.

sociedade europeia hierarquizada, racialmente homogênea e autossuficiente, que iria da Rússia a Portugal, batizada de Eurosibéria[117].

Além disso, o autor nunca abandonou a perspectiva metapolítica. Contudo, como vimos, Faye produziu uma crítica a metapolítica ensimesmada do GRECE, propondo que a metapolítica não pode se dissociar da ação política direta. Seu manifesto de 2001, publicado sob o título original de *Pourquoi nous combattons: Manifeste de la résistance européenne*, possui um forte apelo à tomada de ação política direta, onde suas ideias serviram como direcionamento à ação política[118]. As obras de Faye informaram ativistas identitários tanto na Europa quanto nos EUA, onde Faye é tão relevante quanto Benoist. Contudo, seu maior legado se deu através de sua nova perspectiva metapolítica, adotada por uma ampla gama de ativistas dentro da ultradireita a nível global, sendo ainda mais potencializado pela internet e o ativismo digital que emergiu dela[119].

Dessa maneira, o movimento identitário não é só um fruto do século XXI, como nasce perfeitamente adaptado a ele, utilizando novos meios de comunicação social e novas tecnologias com o objetivo de influenciar o debate público. A França é o berço do movimento, tanto em termos das ideias a partir dos debates empreendidos pela ND, quanto o desenvolvimento dos primeiros grupos que serviram de modelo a ativistas em outros países. Em 2002 surge o *Jeunesses Identitaires* (Juventude Identitária, JI), subsequentemente , em 2003, surge o *Bloc Identitaire* (Bloco Identitário), os quais deram os primeiros passos à formação de uma rede de grupos identitários. Este último se tornou um partido em 2009, pouco tempo depois mudando de nome para *Les Identitaires*, e por fim tornando-se uma associação em 2016. Enquanto isso, a JI é substituída por *Une Autre Jeunesse* (Uma Outra Juventude) até se transformar em *Génération Identitaire* (Geração Identitária, GI), fundado em 2012. A partir disso, ambos os grupos contribuíram mutuamente para a formação do movimento no país, contudo, o GI serviu de inspiração direta para diversos ativistas em outras localidades, originando, a partir disso, filiais oficiais do grupo em diferentes países europeus, como, por exemplo, o austríaco Identitäre Bewegung Österreichs, o dinamarquês *Generation Identitær*, o alemão *Identitäre Bewegung Deutschland*, o húngaro *Identitas Generacio*, o italiano *Generazione Identitaria* e outros[120].

---

[117] FAYE, Guillaume. Archeofuturism: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.
[118] FAYE, Guillaume. **Why We Fight**: Manifesto of the European Resistance. London: Arktos Media, 2010.
[119] MALY, Ico. Guillaume Faye's legacy: the Alt-Right and Generation Identity, **Journal of Political Ideologies**, 2023, 28:1, 35-61, DOI: 10.1080/13569317.2022.2045460
[120] MURDOCH, Simon; Mulhall, Joe. **From Baners to Bullets**: the international identitarian movement. HOPE not hate Charitable Trust, 2019.

O BI foi a primeira entidade identitária a estabelecer ligações transnacionais com contrapartes europeias como a *Lega Nord* na Itália, *Vlaams Belang* na Bélgica; *Plataforma per Catalunya* na Espanha; e o *Freiheitliche Partei Österreichs* na Áustria. Apesar disso, o BI acabou minguando até se tornar *Les Identitaires* em 2016. Contudo, o GI francês foi bem-sucedido em difundir seu quadro organizacional para além das fronteiras, servindo como modelo. Isso pode ser entendido através de algumas características comuns a essas organizações, como: um certo grau de institucionalização, à margem do sistema político tradicional, mas integrado ao campo da ultradireita; uma baixa centralização e autonomia para as sucursais locais; uma hierarquia baseada em porta-vozes e não em um líder oficial; a difusão dos símbolos vinculados à organização, como o nome, as cores, o logotipo etc. Além disso, tanto o conteúdo doutrinário quanto os repertórios de ação foram plenamente difundidos a partir da referência francesa[121].

A ultradireita sempre apresentou dificuldades de se associar de maneira transnacional devido a sua principal característica, o ultranacionalismo. O movimento identitário promove diferentes níveis de identidade, como a regional, a nacional e a continental, as quais são indissociáveis. Essas identidades intimamente interligadas proporcionam uma certa maleabilidade para superar conflitos nacionais rumo a uma cooperação transnacional, cujo objetivo é proteger a civilização e identidade europeias ameaçadas sem que se perca a perspectiva nacional ou gere conflitos entre os grupos. Sendo essas ameaças impossíveis de serem combatidas individualmente - como a União Europeia, o multiculturalismo, a Grande Substituição[122], a globalização, etc. - surgindo um apelo ao transnacionalismo. Dessa forma, a noção de identidade europeia é usada como meio de mobilização internacional através de uma visão de uma Europa, de história e cultura comuns contra inimigos comuns para promover a homogeneidade étnica e cultural[123].

---

[121] JACQUET-VAILLANT, Marion. Building a Transnational Identitarian Movement? Limits to the diffusion of Génération Identitaire in Europe In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[122] A Grande Substituição é uma teoria da conspiração popularizada por Renauld Camus. Camus teve uma participação ativa nos eventos de 1968 como militante LGBT e membro do Partido Socialista Francês, sendo reconhecido no país como escritor. Contudo, desde o início dos anos 2000 começou a se preocupar em particular com a questão imigratória, em 2011 publicou a obra *Le Grand Replacement* (A Grande Substituição), a qual seria traduzida para o inglês poucos anos depois, sendo influente no campo da ultradireita tanto na Europa quanto nos EUA. A teoria da Grande Substituição, grosso modo, afirma que as populações europeias estariam sendo substituídas por pessoas advindas de suas ex-colônias, configurando um processo de conquista e colonização da Europa por essas populações advindas do Terceiro Mundo. Ver: BARONE, Victor e SILVA, Glaydson José da. A Grande Substituição, o colonialismo projetado e os usos do passado: esboço para uma crítica ao caráter paranóico da Nova Direita francesa. **Fronteiras - Revista Catarinense de História** | ISSN 2238-9717 | n. 41, p. 192-212, jan./2023

[123] MLEJNKOVÁ, P. The transnationalization of Ethno-nationalism: the case of the identitarian Movement. **Intersections**. EEJSP 7(1): 136–149. DOI: 10.17356/ieejsp.v7i1.572

Nesse contexto, marcado pela globalização e imigração em massa, o identitarismo buscou criar uma contracultura dedicada à salvaguarda da identidade e civilização europeia, com base em uma visão etnocêntrica e diferencialista. O movimento se articulou através de redes formadas por pequenos grupos que, apesar de sua flexibilidade e fluidez, possuem uma certa hierarquia. A principal forma de ativismo desses grupos é a metapolítica, caracterizada pelo uso da internet e de uma linguagem que visa chocar o interlocutor, contudo, partem do princípio que é prejudicial a sua causa se abster da disputa nas ruas. É dessa forma que buscam criar sua contracultura, tentando subverter a ordem atual de dentro, por meio de uma estratégia de ação que busca chamar a atenção através da internet e das redes sociais, criando brechas no establishment e na mídia tradicional[124].

A internet, desde meados dos anos 1990, foi um dos maiores incrementos de uma nova esfera pública. Promovendo novas relações sociais e uma cibercultura onde é comum se relacionar, trabalhar, trocar informações, comprar, vender, ler, escrever e publicar virtualmente. A sociedade passa a ser marcada por um processo de desterritorialização, confundindo o público e o privado, além de esmaecer fronteiras. Tornando-se um novo espaço para conflitos coletivos, interações de diferentes pontos de vista de indivíduos ou grupos levados a público[125]. Dessa forma, o GI utiliza as novas plataformas para propagação e ocupação de sua mensagem cultural e ideológica, incentivando um ativismo online participativo e empreendendo um esforço de atrair jovens nativos digitais. Além disso, incorpora práticas de propaganda e ativismo online de coletivos de esquerda contemporâneos[126].

Para Jorge Alberto S. Machado[127], essas novas tecnologias de informação e comunicação proporcionam a formação de novos movimentos sociais e formas de ativismo, caracterizados pela atuação em forma de rede, formação de coalizões e pela agregação de grupos identitários. O fundamento para o desenvolvimento dessa nova forma de organização é a informação gerada e rapidamente distribuída, o que amplia as possibilidades de produção e difusão de fatos, ideias, valores, visões de mundo e experiências em torno de interesses,

---

[124] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

[125] Lucchesi baseia a sua afirmação a partir dos estudos do sociólogo especialista em comunicação J. B. Thompson. Segundo o autor, a utilização de redes de comunicação e informação cria novas formas de sociabilidade e de vida pública, e que estas implicam uma reinvenção da esfera pública. Ver: LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. **XXVII Simpósio Nacional de História**: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: 2013

[126] RICHARDS, Imogen. A Philosophical and Historical Analysis of "Generation Identity": Fascism, **Online Media, and the European New Right**. Terrorism and Political Violence, 2019.

[127] MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p. 248-285

identidades e crenças em um espaço curto de tempo. Embora Machado se debruce essencialmente em organizações de esquerda, essas e outras características listadas pelo autor podem ser facilmente encontradas no movimento identitário, tais como: a proliferação e ramificação de coletivos; possibilidades de alianças globais, maior horizontalidade e menor hierarquização em redes; tendências em formar coalizões; grande dinamismo organizacional; minimalismo organizacional-material.

O maior exemplo de ação metapolítica do GI se relaciona com o que eles chamaram de missões *Defend Europe* (Defender a Europa, DE), as quais possuíam um nível de ação coordenada internacionalmente. A primeira missão DE, em 2017, organizada pelos GI da França, Alemanha e Áustria, consistia em impedir que imigrantes chegassem à Europa pelo mar Mediterrâneo, bloqueando barcos de uma ONG que resgatava refugiados no mar. Após abordagens com uma balsa, a GI organizou uma campanha online de *crowdfunding* para conseguir um barco e tripulação maiores, arrecadando cerca de 200 mil euros. As atividades marítimas foram associadas a um empenho online de todo o movimento, através de publicações em diversas redes sociais, traduzindo conteúdos para vários idiomas e a criação de um site e contas transnacionais em redes sociais vinculadas ao DE.

Essa foi a ação do GI que melhor contou com a cobertura dos meios de comunicação tradicionais, em um nível internacional. Embora, na prática, a missão tenha sido um fracasso, com o barco encalhando uma semana depois do início das atividades, o GI enquadrou o caso como um grande sucesso metapolítico. O que se percebe nas missões DE seguintes, como a intimidação de imigrantes nas fronteiras franco-italianas de 2018 nos Alpes e o monitoramento das fronteiras franco-espanholas em 2021, é que a atenção da mídia internacional diminuiu gradativamente, assim como a interação internacional em rede, o que pode ser explicado pelo banimento das contas do GI do *Facebook* e *Instagram,* como repercussão da missão de 2018, demonstrando suas limitações metapolíticas[128].

A metapolítica digital do GI consiste em atingir o maior público possível para promover sua visão política através de ações provocativas e performances espetacularizadas, buscando atrair o maior público online possível, cujo objetivo principal é chamar a atenção e repercutir ideias a públicos distantes além de seus próprios seguidores. Para que essa estratégia seja fosse bem-sucedida foram necessários alguns fatores como: 1- acesso gratuito a plataformas populares de redes sociais, com acesso a grandes públicos que possam ser

[128]KEŞKEKCI, Damla; NISSEM, Anita. Defend Europe and Transnational Activism. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

expostos a determinadas ideias, possibilitando a criação de comunidades que possam multiplicar essas ideias e normalizá-las. 2- uma comunicação ininterrupta, a qual atuou sem filtros por anos pelas plataformas, permitindo que discursos extremistas circulassem livremente. 3- o engajamento contínuo de comunidades opositoras, que ao se indignar e tentar se opor, acabam dando palco e compartilhando o discurso identitário para novos públicos. 4- A possibilidade de monetização das atividades digitais. A atuação digital do movimento identitário precisa dessa infraestrutura, capaz de ser usada como meio de criar a sensação de apoio popular para suas causas a baixo custo, criando com poucas pessoas a impressão de preocupação pública generalizada. Contudo, desde 2018 esses grupos têm sido banidos das grandes plataformas, embora tenham migrado para plataformas alternativas, seu impacto diminuiu em larga escala[129].

Além disso, outras limitações são perceptíveis em sua coordenação transnacional. A dimensão europeia é visível em alguns aspectos: na comunicação, com publicações feitas nas diversas línguas das sucursais locais, a coordenação e as atividades que envolveram ativistas de diversas nacionalidades; e a insistência em uma questão europeia. Durante o DE, o movimento europeizou suas reivindicações, colocando a dimensão europeia no centro da sua mensagem, focando no denominador político comum para esses grupos: a imigração e a crise migratória. Contudo, embora os ativistas do GI exijam uma resposta continental, suas atividades sempre se dirigiram aos Estados Nacionais, não apelando ao Parlamento ou a Comissão Europeia, assim, a utilidade da difusão transnacional é limitada ao não buscar pressionar os órgãos representativos plurinacionais[130].

Além da internet, a internacionalização do identitarismo foi potencializada através da tradução de pensadores importantes para a causa. Nesse sentido, a editora *Arktos Media,* fundada em 2009, desempenhou um papel relevante, traduzindo obras de autores até então inéditas em inglês e outros idiomas, como Benoist, Faye e Venner. A *Arktos* é um ponto nodal de uma rede do norte da Europa, principalmente escandinava, que desde os anos 2000 vem contribuindo para a formação de um pensamento identitário, bem como para a promoção de um movimento juvenil pan-europeísta. O interesse da editora pelos identitários se baseou na capacidade do movimento em levar as ideias ao mundo real[131].

---

[129]FIELITZ, Maik. Identitarians versus Big Tech: The Limits of Digital Metapolitics. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[130]JACQUET-VAILLANT, Marion. Building a Transnational Identitarian Movement? Limits to the diffusion of Génération Identitaire in Europe In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023

[131] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

O sueco Daniel Friberg, cofundador e CEO da *Arktos*, está ligado desde a virada do século a iniciativas nacionalistas, o contato com o pensamento da ND foi um divisor de águas para o autor, tanto por oferecer um frescor ideológico em comparação à ultradireita de seu país quanto pela estratégia metapolítica. Através da organização *Nordiska förlaget* (Imprensa Nórdica, Nf), de origens vinculadas à cena *skinhead* e *white power*, Friberg atuou em muitas frentes como imprensa, tradução de livros, música, eventos, e a criação de diversos sites como o Metapedia, uma versão metapolítica da Wikipédia. Com o fim da Nf por discordâncias internas e problemas econômicos, o empresário fundou a *Arktos Media* cuja linha editorial se voltou, principalmente, para a publicação de autores vinculados a ND, ao identitarismo e ao tradicionalismo. Além disso, os esforços de Friberg foram importantes para a formação da direita alternativa americana, tanto por meio das traduções para o inglês oferecidas pela sua editora, quanto pela associação com o americano Richard Spencer e o sueco Henrik Palmgren a qual desaguou, em 2017, na *Alt-Right Corporation* e no site altright.com[132].

O termo *alt-right* (*Alternative Right*, Direita Alternativa) foi cunhado por Spencer em 2008 para se diferenciar da direita americana convencional, sendo usado não só por seu criador, mas por uma série de grupos e intelectuais que professam um nacionalismo branco em defesa de uma identidade branca ameaçada pelo multiculturalismo, a imigração e politicamente correto. Os pilares da *alt-right* giram em torno de heranças de variantes anteriores do nacionalismo branco e do neonazismo, bem como o ideário da ND e sua estratégia metapolítica. A partir dessa perspectiva, autores como Spencer, defendem a criação de etno-estados racialmente homogêneos como meio de proteger a identidade branca[133], que em muitos sentidos vai de encontro da noção de etnosferas proposta por Faye, ou seja, territórios governados por povos etnicamente relacionados[134].

Outra iniciativa importante da *alt-right* para a proliferação do ideário *neodireitista* nos EUA gira em torno de Greg Johnson e da *Counter-Currents*. Johnson possui influências do nacionalismo branco americano, bem como do tradicionalismo e da ND, conjugando um etnopluralismo racializado e, em grande medida, antissemita, produzindo uma crítica metapolítica à modernidade liberal americana a partir dessas influências. A *Counter-Currents* surge em 2010 a partir dessas perspectivas, sendo inicialmente um site que oferecia uma variedade de textos e traduções que foram utilizados por diversos grupos de ultradireita.

---

[132] TEITELBAUM, Benjamin. Daniel Friberg and Metapolitics in Action. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

[133] BAR-ON, Tamir. The Alt-Right's continuation of the 'cultural war' in Euro-American societies. **Thesis Eleven** 2021, Vol. 163(1) 43–70 DOI: 10.1177/07255136211005988

[134] FAYE, Guillaume. **Why We Fight**: Manifesto of the European Resistance. London: Arktos Media, 2010.

Posteriormente a iniciativa se converteu em editora, oferecendo um arcabouço contracultural à ultradireita norte-americana, sendo capaz de digerir diversas vertentes nacionalistas, fundindo ideias, até certo ponto, discordantes como o racismo da extrema direita americana e a ND[135].

Além disso, a defesa de uma identidade branca em moldes muito parecidos com o etnopluralismo, embora não seja uma influência direta, vem sendo feita nos EUA desde o início dos anos 1990, constituindo uma forte contribuição e sedimentando pilares à formação da *alt-right*. Jared Taylor lançou a revista *American Renaissance* para promover a ideia de uma defesa racial branca, sendo inicialmente em formato impresso e, a partir de 2012, como um *website*. Desde seus primórdios, a revista tentou oferecer uma defesa a uma identidade branca de maneira intelectualizada, argumentando que, tal como os negros e os latinos, os brancos possuiriam interesses raciais que precisavam ser levados em consideração. Para Taylor, sociedades multirraciais são inerentemente desarmoniosas, defendendo a tese de que diferentes grupos étnicos devem se desenvolver de maneira separada. Suas principais influências se relacionam a uma forma de conservadorismo proveniente do Sul dos EUA, que remonta ao século XIX, o qual se afirmou contra os princípios dos direitos humanos universais, influenciando as leis de segregação racial. Além disso, na última década, Taylor tem buscado fazer alianças com grupos europeus que se preocupam com questões relacionadas a identidade branca ameaçadas pela imigração, como o próprio Front Nacional na França, além de possuir uma predileção pelos escritos de Guillaume Faye[136].

O que fica claro no ideário identitário da *alt-right* é que existe uma clara junção entre uma tradição da ultradireita americana de nacionalismo branco local voltado a questões raciais e as ideias desenvolvidas pela ND. Embora seja, aparentemente, uma contradição, pelo menos a partir dos intelectuais que, assim como de Benoist, permaneceram fiéis ao projeto do GRECE, vale ressaltar que os primeiros anos do *think tank* são marcados por um racismo abertamente biológico[137]. Além disso, por mais que tenha havido um distanciamento de ideias biologizantes a partir de uma abordagem cultural, Guillaume Faye retoma visões etnocêntricas e biológicas, defendendo que as sociedades só podem ser culturalmente

---

[135] MACKLIN, Graham. Greg Johnson and Counter-Currents. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

[136] NIELI, Russell. Jared Taylor and White Identity. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

[137] TAGUIEFF, Pierre-André. From Race to Culture: The New Right's View of European Identity. **Télos** 1993 (98-99):99-125.

homogêneas se forem racialmente homogêneas, o que se manifesta na sua perspectiva sobre o gérmen de uma sociedade[138].

Desde sua retomada ao mundo intelectual, o autor ganhou popularidade internacionalmente dando palestras e participando de reuniões voltadas para a discussão das identidades brancas e europeias em diversos países. Em 2006, participou de reuniões da revista *American Renaissance* de Taylor, na mesma década inúmeras traduções seriam publicadas em inglês pela *Arktos*, alcançando popularidade entre a extrema direita norte-americana, principalmente aquelas voltadas a um viés anti-muçulmano[139]. Talvez a característica mais imiscível da *alt-right* com o identitarismo europeu seja a perspectiva antissemita presente nos principais grupos, a qual os judeus estariam promovendo a imigração de não-brancos para os países ocidentais. Contudo, o próprio Faye criticava essa visão, argumentando que os verdadeiros inimigos são a colonização pelo Terceiro Mundo e o Islã, e aqueles que defendem a identidade europeia, deveriam se livrar da perspectiva antijudaica[140].

Apesar disso, desde 2010, iniciou-se um surgimento gradual de uma *alt-right* europeia a partir da influência do ideário nacionalista branco americano, fomentado principalmente pela internet. Isso é associado a um campo fértil para essas ideias a partir de um contexto marcado pela imigração, que, a partir da visão identitária, gera inúmeras problemáticas que parecem ir de encontro com a realidade estadunidense. A partir disso, criou-se uma perspectiva de que tanto os americanos de ascendência europeia quanto os europeus se encontram no mesmo lado contra a ameaça imposta pelos povos de outras etnias, gerando, dessa forma, uma congruência e um intercâmbio de ideias e repertórios de contestação[141].

Por outro lado, dentre os diversos grupos que integram a *alt-right* americana, o que mais explicitamente adota táticas do movimento identitário europeu é o *Identity Evropa* (IE) fundado em 2016, mas posteriormente dissolvido e reorganizado, a partir de 2019, com o nome de American Identity Movement. O GI foi uma inspiração direta para o fundador do grupo, Nathan Damigo, o que se manifesta na reprodução de táticas comuns realizadas pela organização europeia, como exposição de faixas, ações teatrais para chamar atenção, entrega

---

[138] FAYE, Guillaume. **Why We Fight**: Manifesto of the European Resistance. London: Arktos Media, 2010.
[139] FRANÇOIS, Stéphane; NONJON, Andrien. Guillaume Faye (1949-2019): At the Forefront of a New Theory of White Nationalism. **The Journal of Illiberalism Studies** Vol. 2 No. 1 (2022): 17-30.
[140] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.
[141] ZÚQUETE, José Pedro. Para além do populismo: a defesa da identidade branca na Europa Ocidental. In Pinto, A. C., Gentile, F. (Eds.), **Populismo** - Teorias e caso, pp. 56- 75. Fortaleza: Edmeta. 2021.

de panfletos, distribuição de alimentos a pessoas brancas em situação de rua e participação de eventos universitários, sem perder de vista a estratégia metapolítica digital[142].

Grosso modo, a *alt-right* possui uma estrutura menos coesa e organizada do que o GI, por exemplo, funcionando muito mais como uma rede grupuscular do que como um movimento social organizado. Sua predominância nas redes sociais favorece esse aspecto, onde tanto seu público quanto seus membros estão pulverizados entre diferentes plataformas digitais, com pontos nodais independentes e sem hierarquia. A *alt-right* se tornou conhecida de um público mais amplo a partir da campanha de Donald Trump à presidência dos EUA, mobilizando a internet a partir de um discurso que visava o choque e a desinformação produzindo, assim, uma interface entre essa direita que estava restrita a um nicho específico da internet americana e o debate público mais amplo[143].

Além disso, se por um lado a ND e os identitários europeus tiveram influência sobre a *alt-right*, por outro, a metapolítica digital dos ativistas americanos foi de grande influência para as contrapartes europeias. A cultura dos memes e as hashtags da *alt-right* implicaram em um novo arsenal virtual utilizado pelos europeus[144]. A Alemanha oferece um exemplo bastante ilustrativo. Em 2017, o GI Alemão tentou influenciar as eleições federais em prol do partido de direita radical *Alternative für Deutschland* (Alternativa para Alemanha), fazendo o uso de *fake news*, sequestro de hashtags, comportamento troll, memes e mobilizando redes de direita antissistêmica, de maneira muito inspirada na *alt-right* e nas eleições americanas do ano anterior[145].

Como aponta Tatiana Poggi[146], a campanha presidencial de Donald Trump em 2016 contou com apoio da rede da *alt-right* durante o pleito, sendo fundamental para a mobilização eleitoral do então candidato. Embora os identitários não se sentissem plenamente representados, tendo em vista que Trump possuía uma base variada e compromissos com setores tradicionais, a campanha fez acenos e legitimou suas pautas como uma expressão política válida, fazendo com que o republicano fosse visto como aliado. Para além da

---

[142] HERMANSSON, Patrik; at al.. **The International Alt-Right**: fascism for the 21st century? Nova York: Routledge, 2020.
[143] WINTER, Aaron. Online Hate: From the Far-Right to the 'Alt-Right' and from the Margins to the Mainstream. In: Lumsden, Karen; Harmer, Emily (2019). **Online Othering**: exploring digital violence and discrimination on the web. London: Palgrave MacMillan, 2019.
[144] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.
[145] FIELITZ, Maik. Identitarians versus Big Tech: The Limits of Digital Metapolitics. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.
[146] POGGI, Tatiana. Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo. **Marx e o Marxismo** v.6, n.11, jul/dez 2018.

mobilização eleitoral, esse contato contribuiu para estimular uma cultura de ódio, verificável pelo aumento de crimes de ódio, conflitos em escolas e manifestações públicas.

Um evento bastante ilustrativo ocorreu ainda em 2016, após a vitória do republicano, sendo organizado por Richard Spencer no Distrito Federal de Washington, reunindo mais de duzentas pessoas. Após um dia de palestras, Spencer ministrou o encerramento com um discurso marcado por um nacionalismo branco desavergonhado, antissemitismo e atacando a grande mídia usando o termo alemão - bastante utilizado pelos nazistas - "*Lügenpresse*" (literalmente "imprensa mentirosa"). Contudo, o que mais chamou a atenção de maneira negativa - até dentro da própria *alt-right* - foi a saudação direcionada a Trump "*Hail Trump! Hail our People! Hail Victory!",* a qual foi seguida por inúmeros membros da plateia se levantando e estendendo os braços assim como os nazistas e fascistas faziam nos anos 1930[147].

Em 2017, inúmeras figuras proeminentes da *alt-right* empreenderam esforços para levar o movimento do mundo digital para as ruas, organizando alguns pequenos eventos públicos, contando apenas com a cobertura da mídia local. Na segunda metade do mesmo ano, decidiram organizar o primeiro comício de grande porte denominado *Unite the Right*[148] (Unir a Direita, em tradução literal), em Charlottesville, no estado da Virgínia, para protestar contra a remoção da estátua do general confederado Robert Lee de uma praça pública. Embora o evento tenha conseguido chamar a atenção da mídia em nível internacional, foi considerado um fracasso devido à repercussão negativa da violência ocorrida durante o ato, principalmente pela morte de uma manifestante antifascista. Isso acarretou o banimento de diversas contas vinculadas à *alt-right* das redes sociais e de plataformas de financiamento, bem como ações judiciais contra figuras de liderança, inviabilizando-os financeiramente e dificultando tentativas de reorganização[149].

---

[147] LOMBROSO, Daniel; APPELBAUM, Yoni. 'Hail Trump!': White Nationalists Salute the President-Elect. **The Atlantic**. 2016 Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/11/richard-spencer-speech-npi/508379/> Acesso em: 07/03/2024.

[148] O comício *Unite the Right* foi organizado por meio de plataformas digitais, principalmente o *Discord*, aplicativo popular entre o público *gamer* que possibilita, entre outras coisas, a formação de grupos e comunidades. Além disso, é importante ressaltar que a manifestação não contou apenas com grupos vinculados à *Alt-Right,* mas os participantes representavam em torno de cinquenta organizações e vertentes de ultradireita, entre elas: *Alt-Right* de Spencer, *Identity Evropa*, neonazistas, neoconfederados, grupos vinculados à Ku Klux Klan, milícias armadas e outros. Ver: Blout, Emily & Burkart, Patrick. White Supremacist Terrorism in Charlottesville: reconstructing 'Unite the Right'. **Studies in Conflict & Terrorism**, 2021. DOI: 10.1080/1057610X.2020.1862850

[149] THOMPSON, Jack. HAWLEY, George. Does the Alt-Right still matter? An examination of Alt-Right influence between 2016 and 2018. **Nations and Nationalism**. 2021;27:1165–1180. DOI: 10.1111/nana.12736

Embora haja pontos de contato e influência entre os identitários europeus e americanos, também existem divergências claras. Mesmo que grande parte do movimento europeu admire a cultura digital da *alt-right*, há discordâncias em relação ao papel que as contrapartes americanas atribuem a raça - embora o próprio movimento identitário europeu seja heterogêneo sobre essa perspectiva -, além do antissemitismo, sendo características que dificultam as relações entre os movimentos. Além disso, em termos de militância, também há uma discordância, os ativistas europeus - principalmente os que se vincularam ao GI - possuem uma certa disciplina em relação à mensagem, em um sentido que se há uma forma correta de celebração da identidade, também há uma incorreta. Dessa maneira, um comício como o *Unite the Right* na Europa seria impraticável, tanto pela proibição de determinados símbolos do passado por alguns sistemas legais quanto pelo esforço do movimento europeu de se dissociar desse passado e organizações ligadas a ele. Isso gerou uma divisão na própria *alt-right*, tanto Greg Johnson quanto Jared Taylor viram os acontecimentos de Charlottesville como um retrocesso para a causa nacionalista e enxergaram o movimento europeu como um bom exemplo de ativismo[150].

Os identitários norte-americanos tiveram relativo sucesso em adaptar as táticas do GI no mundo digital, mas não conseguiram extrapolá-las, de forma eficiente, até o ativismo de rua como as contrapartes europeias. Hermansson (et al.)[151] argumenta que a principal razão para isso é a falta de uma infraestrutura que o GI herdou do movimento identitário preexistente na Europa. A organização europeia não apenas possuiu uma estrutura organizativa mais eficiente, mas também contou com o apoio de uma rede de instituições geridas por identitários ou simpatizantes da causa, como bares, restaurantes, ginásios, centros sociais, editoras, *think tanks* e veículos de comunicação social. Embora existam redes e organizações de ultradireita pré-existentes na América do Norte, a tentativa de se distanciar - direita alternativa - impossibilitou a angariação de apoio. Além disso, a própria *alt-right* foi incapaz de criar uma infraestrutura duradoura, não deixando herança além da disseminação do ideário identitário em seu contexto.

Como vimos, esses grupos caminharam no sentido do identitarismo, a partir de uma perspectiva etno-diferencialista que possui derivações, as quais, para alguns, têm características mais culturalistas e, para outros, apresentam aspectos racialistas mais

---

[150] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

[151] HERMANSSON, Patrik; LAWRENCE, David; MULHALL, Joe; MURDOCH, Simon. **The International Alt-Right**: fascism for the 21st century? Nova York: Routledge, 2020.

acentuados. Essas perspectivas estabelecerão derivações, algumas das quais chegaram em vias diversificadas na América Latina, sendo esse o assunto do próximo capítulo.

Capítulo 2- Identitarismo Latino-Americano

Na última década, grupos autodenominados identitários foram formados em diferentes partes do mundo, deixando de ser um fenômeno exclusivo no cenário francês. Tendo isso em vista, é fundamental buscar delinear quais vias permitiram o identitarismo se complexificar, deixando de ser um fenômeno restrito a um contexto específico para se ligar à diferentes realidades, não apenas europeias e norte-americanas, como também oceânicas, latino-americanas e, em menor instância, africanas[152]. A compreensão do identitarismo passa, necessariamente, por sua capacidade de transcender fronteiras durante as primeiras décadas do século XXI. Por sua vez, a questão de um nacionalismo desterritorializado e pan-europeísta, próprias à especificidade do contexto neofascista europeu - inicialmente, nas primeiras décadas pós-1945 e, posteriormente, a partir do final da década de 1960, como meio de rearticulação em momentos de crise do campo da extrema direita[153] - mais recentemente, tornou-se central para que o identitarismo ganhasse dimensões globais.

Existem discussões bibliográficas, como veremos a seguir, que buscaram discutir essas dinâmicas, grosso modo, voltadas para análises mais detidas às conjunturas europeias e norte-americanas. Porém, como há uma certa escassez de análises acerca do identitarismo latino-americano, essas pesquisas podem oferecer pistas que irão permitir tatear esse cenário. Dessa maneira, neste capítulo, buscaremos estabelecer focos de análise sobre o movimento identitário no contexto latino-americano, principalmente por três grupos. O chileno Fuerza Nacional-Identitario, fundado em 2012; o brasileiro Legião Identitária, em atividade entre os anos de 2016 e 2020; e o mexicano Frente Ungerista Identitario, em atuação desde 2020.

Dessa maneira, inicialmente, discutiremos esse cenário, buscando compreender quais as referências, inspirações e apropriações feitas nos contextos locais pelos grupos supracitados. Assim, em um segundo momento, iremos delinear a concepção de identidade conjugada por esses grupos, argumentando que estes propõem perspectivas identitárias que vão, ao mesmo tempo, em direção tanto de tentar se estabelecer localmente, quanto de

---

[152] MURDOCH, Simon; MULHALLl, Joe. **From Baners to Bullets**: the international identitarian movement. HOPE not hate Charitable Trust, 2019.

[153] MAMMONE, Andrea. **Transnational Neofascism in France and Italy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

inserção dentro do movimento identitário internacional. Por fim, debateremos as problemáticas que tangenciam a maneira que o identitarismo é utilizado para criar uma perspectiva de futuro.

2.1- Contextos e referências locais

Nos últimos anos, o cenário político de diversas partes do mundo foi marcado pela ascensão de figuras, partidos e grupos de ultradireita. Para autores como Cas Mudde[154], esse cenário é caracterizado por uma nova onda de ultradireita iniciada no início dos anos 2000[155], marcada pela capacidade que esse campo teve em suplantar a marginalidade, estabelecendo coalizões com partidos tradicionais ao *establishment* político, fazendo avançar suas políticas e pautando o debate público. Em termos partidários, essas organizações e figuras aumentaram significativamente seu apoio popular surgindo em contextos, anteriormente, resistentes e, não raro, tornando-se forças protagonistas em seus respectivos países. Além disso, outras particularidades se evidenciam, como a interface entre essa direita institucionalizada e grupos extremistas, como no caso neofascista, bem como aspirações de contato transnacional, em grande medida, impulsionadas pela internet[156].

Segundo Mudde, a quarta onda se inicia no século XXI, lucrando política e eleitoralmente com as crises relacionadas aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a crise econômica de 2008 e a crise de refugiados de 2015, abalando o *status quo*, embora de maneiras diferentes, nas democracias ocidentais e na política internacional. Por outro lado, para autores como José Antonio Sanahuja e Camilo López Burian[157], a origem desses atores

---

[154] MUDDE, Cas. **O Regresso da Ultradireita:** da direita radical à direita extremista. Lisboa: Editorial Presença, 2020.

[155] A periodização repartida em quatro ondas proposta por Mudde se mostra muito útil para compreender o cenário europeu do pós-Guerra. Contudo, após a primeira onda, entendida como um momento de rearticulação da extrema direita, o foco de análise se volta para a vertente compreendida pelo autor como radical a partir de seu apelo eleitoral, o qual, em muitos casos, não é o termômetro ideal para as direitas extremadas, como nas direitas grupusculares, as quais estiveram em atuação durante todo o período analisado e que, segundo o próprio autor, compõem a categoria de "ultradireita". Além disso, tais ondas pouco podem ser aplicadas em outros contextos, como na América Latina, cujo maior exemplo dessa contrariedade são as ditaduras cívico-militares de extrema direita durante o contexto de Guerra Fria, ou mesmo em parte da Europa, como Espanha e Portugal através das ditaduras Franco e Salazar. Embora, essa quarta onda tente ser utilizada para compreender outros contextos, ela é colocada dentro de uma linha evolutiva de ondas anteriores, as quais não são compatíveis com o resto do mundo.

[156] BULL, Anna Cento. Neo-fascism. In: BOSWORTH, R. J. B. **The Oxford Handbook of Fascism**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

[157] SANAHUJA, José Antonio. BURIAN, Camilo López. La nueva extrema derecha neopatriota latinoamericana: el internacionalismo reaccionario y su desafío al orden liberal internacional. **Revista Conjura Austral**. V. 11, n. 55, jul./set. 2020.

inclui, para além de fatores locais, a crise da globalização como um elemento estruturante a nível global. Nesse contexto, a crescente insatisfação entre aqueles que pouco se beneficiaram com as políticas de globalização, permitiu que essa nova direita encontrasse bases sociais para o seu projeto político, apresentando-se como agentes de proteção da sociedade e mobilizando setores populares contra as gradativas incertezas vinculadas a mudanças socioeconômicas e insegurança laboral, assim, promovendo questionamento às perspectivas de progresso e de outros processos relacionados à globalização, que podem ser traduzidos como a rejeição ao cosmopolitismo, reconhecimento da diversidade social, multiculturalismo e a ordem liberal internacional.

A questão identitária é fundamental na constituição desses atores políticos, por meio de discursos e táticas que utilizam um medo e/ou ódio ao "outro", delineando este como uma ameaça à desintegração dos valores tradicionais que dão sentido à comunidade. Dessa forma, a identidade é municiada de conteúdo político baseado na concepção schmittiana de "amigo-inimigo", permitindo conjugar um internacionalismo reacionário em defesa de uma suposta tradição. Isso é perpassado por uma expectativa de retorno a uma comunidade tradicional, e imaginada[158], conferindo sentido ao questionamento da ordem liberal internacional - em diferentes níveis: nacional, regional e global - e de seus discursos universalistas, cosmopolitas e a visão de progresso, indo em direção não apenas de enfrentamento da ordem estabelecida, mas também na construção de uma ordem alternativa.

Dessa maneira, em diferentes partes do mundo, ganhou força a perspectiva de que a ideologia liberal e a globalização estão enfraquecendo as respectivas identidades coletivas. Isso pode ser observado tanto em uma faceta mais centrada em partidos e políticos de uma ultradireita institucionalizada, quanto em uma dimensão mais intelectual e ativista, a qual o autodenominado identitarismo se insere. Se por um lado, esses grupos representam uma continuidade em comparação a movimentos nacionalistas anteriores, cuja base está na defesa e delimitação de uma comunidade, como a formação de uma identidade dicotômica do "nós contra eles", uma estrutura de pertencimento e não pertencimento à comunidade original, a visão de hereditariedade, modos de vida, tradições e história. Por outro lado, há uma descontinuidade em relação ao nacionalismo típico vinculado ao Estado-nação, em prol de um de pan-nacionalismo de extrema direita. Dessa forma, as teorizações e ações identitárias voltam-se para uma espacialidade que transcende as fronteiras nacionais. A nacionalidade não

[158] Para Benedict Anderson, a nação é compreendida como uma comunidade política imaginada, onde seria impossível se conhecer todos os participantes que a formam, mas todos esses têm a consciência comum de compartilhar uma afinidade mútua. Ver: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

reflete mais o pertencimento à comunidade, tendo a identidade se enraizado na visão de uma Civilização Europeia, enquanto as ameaças a esta esmaecem as antigas noções de "amigo-inimigo" que sustentavam, anteriormente, rivalidades intra-europeias[159].

Além disso, em um mundo de fronteiras esmaecidas, onde antigas continuidades, certezas e hierarquias de uma identidade nacional foram colocadas à prova. O significado, por exemplo, do que é ser europeu é diverso em um continente cada vez mais multiétnico, povoado tanto pelas diferentes culturas de suas antigas colônias quanto por uma cultura globalizada mais ampla. Dessa forma, o fortalecimento de identidades locais pode ser compreendido como um meio de reação defensiva por membros de grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas, gerando empreendimentos que buscam reconstruir uma identidade unificada que proteja de supostas ameaças, frequentemente, tendo como base um racismo cultural presente tanto em partidos institucionais quanto movimentos políticos extremistas[160]. Nesse sentido, o ideário identitário é um desdobramento dentro desse cenário, tendo como proposta a busca pela unidade cultural e étnica dos povos europeus/brancos, em uma chave de conflito entre estes e os outros povos do mundo, por mais que essa unidade nunca tenha, de fato, existido[161].

Ademais, se a princípio, as revoluções das tecnologias comunicacionais serviram como meio de integração global e intensificaram o processo de globalização, suscitando visões otimistas as quais entendiam que tanto as fronteiras quanto o apelo nacionalista se desvaneceriam, em prol de uma sociedade global e cosmopolita. Por outro lado, multiplicaram-se movimentos e grupos norteados por perspectivas nacionalistas e antiglobalização, ecoados pela própria infraestrutura de comunicação e as consequências dentro do processo de globalização. Além disso, a internet, a qual trazia a expectativa de desmantelar fronteiras, passou a ser, não raro, um território transnacional para sujeitos com interesses, identidades e culturas semelhantes, porém espalhados por diferentes localidades. Nesse sentido, a internet proporcionou diálogos transnacionais tanto para comunidades de imigrantes e grupos diaspóricos, possibilitando que mantivessem contato com seus territórios e culturas de origem, quanto para aqueles que enxergaram a globalização e a imigração como ameaças às suas concepções de comunidade, identidade e tradições[162].

---

[159] ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.
[160] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
[161] VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. O arqueofuturismo de Guillaume Faye e a Nouvelle Droite (1970-2019): uma metapolítica da guerra étnica para uma Europa em crise. **Hist. Historiogr.**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, 2026, p. 1-26, 2023. ISSN 1983-9928.
[162] SOUZA FILHO. Carlos Luiz da Silva. Comunidades Imaginadas Transnacionais: globalização, identidade e ascensão da Alt-Right. **Revista Neiba**, Rio de Janeiro, Vol. 11, 2022

A percepção de ameaça comum é um ponto-chave não só para explicar a capacidade de articulação internacional desses grupos, mas também para entender como essas ideias se disseminaram. O pan-europeísmo tem sido central nas redes identitárias, a partir da perspectiva de que todos os europeus étnicos enfrentam a mesma ameaça, deixando de lado nacionalismos e rivalidades locais. Contudo, esse apelo a uma unidade civilizacional estendeu-se como um ponto de convergência internacional para intelectuais e ativistas fora da Europa. Dessa forma, o pan-europeísmo não se limitou a um espaço geográfico, sendo ampliado para os povos de origem europeia, alcançando territórios fora do continente e conjugando uma solidariedade étnico-cultural com essas populações, fazendo que o identitarismo possuísse uma dimensão de maior alcance, produzindo adaptações em diferentes contextos[163].

Autores como Patrik Hermansson (et al.)[164], descrevem esse fenômeno como pertencente a uma direita alternativa internacional[165], impulsionada tanto ao mobilizar o ressentimento entre aqueles que pouco se beneficiaram com as políticas de globalização, quanto pela facilidade de circulação de ideias e informações que o mundo globalizado proporcionou. Para além dos imigrantes e minorias, esse ressentimento foi direcionado às ‘elites globalistas’, as quais promoveriam políticas e instituições que apoiaram o livre fluxo de pessoas e comércio através das fronteiras, não raro, sendo interpretado pelos identitários como um complô para destruir a civilização ocidental branca. Esses grupos amalgamaram referências locais à ideologia da *Nouvelle Droite* (ND), produzindo uma perspectiva ideológica paradoxalmente global, reunidos por tecnologias globalizantes da era digital e estimulados por eventos e processos de um mundo interconectado, como imigração, crises financeiras, terrorismo, etc. Dessa forma, esses grupos vinculam questões e problemáticas locais como parte de uma dinâmica mais ampla, conjugando uma antiglobalização (ou antiglobalismo), em diferentes níveis, globais.

---

[163] ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[164] HERMANSSON, Patrik; LAWRENCE, David; MULHALL, Joe; MURDOCH, Simon. **The International Alt-Right**: fascism for the 21st century? Nova York: Routledge, 2020.

[165] A direita alternativa internacional é compreendida a partir da aglomeração de vários movimentos sociais e políticos, principalmente ligados à Nova Direita Europeia, ao movimento identitário, à Direita Alternativa e às comunidades de antagonistas online. Estes últimos são compreendidos como comunidades reacionárias online, construídas em torno de valores e interesses, convergindo quando seu antagonismo se direciona ao que consideram ser a hegemonia política, social e cultural de esquerda, sendo prevalentes em sites como *4chan*, *8chan*, *Reddit*, *Voat* e *Gab*, que compartilham as várias tendências políticas encontradas dentro da direita alternativa. Cada um destes possui sua própria historicidade, estruturas organizacionais, grupos e ideias, mas, não raro, existe a sobreposição de interesses, ideias e interações. Ver: HERMANSSON, Patrik. The International Alternative Right: An Explainer. 2017. **Hope not Hate**. Disponível em: <https://hopenothate.org.uk/wp-content/uploads/2019/07/Alt-Right-report-SHORT-2019-v1.pdf>. Aceso em: 17/11/2024.

Outro aspecto importante se relaciona com a natureza do ideário da ND, tendo sido marcado pelos momentos definidores do surgimento dos novos movimentos sociais de esquerda, resultantes dos protestos iniciados em maio de 1968 - ou mesmo como resposta a eles - podendo ser descritos como uma síntese da Revolução Conservadora e da Nova Esquerda[166]. Dessa maneira, a crítica à modernidade e o enaltecimento de valores tradicionais oferecem possibilidades de diálogo entre grupos e figuras que não são necessariamente europeus ou, até mesmo, supremacistas brancos[167]. O mesmo vale para o recorte identitário, como disse John Morgan - ex editor da Arktos Media - o identitarismo pode ser transplantado não somente na Europa, mas em qualquer lugar onde haja a ligação entre uma tradição cultural e histórica com as pessoas[168].

Ao longo dos anos, uma série de intelectuais em diferentes partes do mundo produziram apropriações do ideário da ND. Alguns exemplos disso são o russo Alexandr Dugin[169], o americano Michael O'Meara[170], o guineense Alpha Mamadou Baldé[171], ou mesmo os argentinos Alberto Buela e Juan Pablo Vitali. Estes últimos, provavelmente os exemplos mais destacados no continente, relevantes por pensar, em diálogo com o ideário *neodireitista*, questões voltadas à defesa de uma identidade continental ameaçada pela globalização homogeneizadora, em uma ótica que vai além dos nacionalismos vinculados ao Estado-nação.

---

[166] BAR-ON, Tamir. Fascism to the Nouvelle Droite: The Dream of Pan-European Empire. **Journal of Contemporary European Studies,** 16(3):327-345 · December 2008.

[167] GAYOZZO, P. Arqueofuturismo: El Proyecto Postmoderno De La Derecha Alternativa Internacional. **Ciencia Política**, vol. 17, n.º 34, 2023

[168]ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018, p. 69.

[169] Alexandr Dugin (1962) é um intelectual de extrema direita tradicionalista russo. Suas influências giram em torno de René Guénon e Julius Evola, além de autores da Revolução Conservadora e da Nova Direita Europeia. Através dessas referências, propôs o que chamou de Quarta Teoria Política, a qual superaria as teorias políticas que fracassaram durante o século XX: o liberalismo, o comunismo e o fascismo. Grosso modo, a Quarta Teoria Política tem como plano central a ideia de construir um mundo multipolar em oposição a um suposto governo mundial liberal, partindo da concepção de uma nova ordem mundial baseada em grupos regionais fundamentados em suas identidades, conjugando uma espécie de internacionalismo antiglobalista. Ver: SPEKTOROWSKI, Alberto. The intellectual reconstruction of post-war fascism and the populist right. In: DOVAL, G.P. e SOUROUJON, G. **Global Resurgence of the Right**. Londres: Routledge, 2021

[170] Michael O'Meara é um etnonacionalista o qual se atribui a introdução do pensamento da Nova Direita Europeia aos leitores de língua inglesa, tendo traduzido obras de Faye, além de publicar obras autorais em editoras como a Counter-Currents e a Arktos Media. O'Meara propôs a criação de uma República Branca secessionista, a partir de uma comunidade nacional branca. Além disso, sua visão geopolítica é perpassada pela proposta de aliança dos povos brancos do Norte. Ver: ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

[171] Alpha Mamadou Baldé, inspirou-se diretamente em Faye para desenvolver o que chamou de afro-arqueofuturismo, o qual combinou heranças culturais locais com e a tecnociência para propor um novo modelo de cidadão africano. Baldé culpa a modernidade pelo processo de escravidão e a Revolução Industrial pela exploração e colonização do continente, a qual submeteu milhões de negros a situação de pobreza. Dessa forma, afro-arqueofuturismo tem por objetivo sacralizar a natureza, aperfeiçoar tecnologicamente os meios ancestrais de cultivo e desenvolver uma mentalidade de conquista que recupere os valores tribais, vinculados ao espírito de luta da antiga dinastia Núbia que governou o Egito. Ver: GAYOZZO, P. Arqueofuturismo: El Proyecto Postmoderno De La Derecha Alternativa Internacional. **Ciencia Política**, vol. 17, n.º 34, 2023

Alberto Buela é formado em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires e doutor pela Sorbonne. Suas atividades intelectuais e na militância política tiveram início nos anos 1960, quando esteve ligado ao nacionalismo católico e à direita peronista. Após sua formatura, dedicou-se ao trabalho intelectual, ganhando bolsa do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas*, e ministrando aulas na Universidad Nacional da Patagônia San Juan Bosco e na Universidad de Mar del Plata. Com o golpe de 1976, voltou para sua cidade natal, onde se dedicou aos estudos e manteve-se ligado ao sindicalismo peronista, aproximando-se da Comissão dos 25, composta pela união dos sindicatos de diversas categorias visando resistir à Ditadura. Em 1981 foi a Bruxelas como representante da *Confederación General del Trabajo* perante a Organização Internacional do Trabalho, e depois para Paris. O título obtido naquele contexto, sob orientação do importante especialista em Aristóteles, Pierre Aubenque, conferiu ao autor argentino um certo capital acadêmico, ao mesmo tempo que estabeleceu contatos com figuras como o conservador Julien Freund e Alain de Benoist, os quais, juntamente com Buela, ministraram uma conferência, em 1984, no Palácio de Congressos de Versalhes, relacionada à oposição entre América Latina e o Ocidente Anglo-Americano[172].

Com sua volta à Argentina em meados dos anos 1980, retomou sua atividade acadêmica na Universidade Católica Argentina. Além disso, Buela foi diretor da *Disenso*, revista argentina tradicionalista com publicações trimestrais durante os anos 1990. A publicação trazia personalidades importantes do nacionalismo e do tradicionalismo, além de buscar se estabelecer como um bem cultural de certo prestígio, refletindo em seus colaboradores e convidados, tais como: Mario Bunge, importante filósofo e acadêmico argentino; o diplomata peruano Alberto Wagner de Reyna; Gonzalo Fernández de la Mora, ex-ministro da ditadura de Francisco Franco; e Abel Posse, então embaixador da República Tcheca, o qual publicava assiduamente na revista e trouxe patrocinadores para o periódico, como a empresa automobilística *Škoda.* Esses recursos permitiram tanto a manutenção da revista quanto a organização de congressos internacionais de metapolítica até o final de 1999, quando a perda de financiamento impediu a continuidade da iniciativa. Os congressos contaram com a participação de expoentes da Nova Direita Europeia, os quais também publicaram textos na revista. Buela foi um dos principais responsáveis por possibilitar essas contribuições, por meio de figuras como Alain de Benoist, Marco Tarchi[173] e Robert

[172] GRINCHPUN, Boris Matías. Los enemigos del "pensamiento único". Disenso y las redes transnacionales de la "nueva derecha", 1994-1999. **Latitud Sur**, n.º 12, 2017.

[173] Marco Tarchi foi vinculado ao MSI e fundador e principal liderança da Nuova Destra, a contraparte italiana da Nouvelle Droite, sendo influenciado por esta e compartilhando referências como Julius Evola e a Revolução

Steuckers[174], através dos contatos que estabeleceu durante sua estadia na Europa[175]. Vale ressaltar que a *Dissenso* fez parte de uma rede transnacional com figuras heterogêneas, o que se manifestava na diversidade de autores estrangeiros que publicaram na revista, advindos de diversos países da Europa e da América Latina. Além disso, possuía ligações com outras revistas no continente, cujos anúncios manifestavam apoio e validavam o caráter supranacional desse empreendimento intelectual, como, por exemplo, a revista chilena *Ciudad de los Cesares,* dirigida pelo professor universitário Erwin Robertson, o qual também possui certa proximidade com o pensamento *neodireitista*[176].

Durante esse período, a revista *Disenso* delineou os EUA como responsáveis pelo declínio civilizacional que o Ocidente atravessava, criticando valores, estilo de vida e a postura do governo estadunidense em relação ao resto do mundo. Nessa perspectiva, se de um lado os EUA condicionaram e persuadiram países através do dólar, do controle dos meios de comunicação de massa e do poderio militar de alcance planetário, em contrapartida, a emergência de uma aldeia global teria implicado na importação de valores e modos de vida decadentes. Dessa maneira, foi proposta uma reivindicação do particular e do específico contra o universalismo dos direitos humanos e os valores do globalismo. Em contraposição a uma ordem internacional unilateral, a perspectiva de união de blocos de nações integradas a partir de culturas partilhadas, como na América Hispânica. Nesse sentido, enquanto para alguns colaboradores da publicação defenderam apenas uma unidade econômica, outros, compreendiam que a soberania nacional e a própria nacionalidade eram obstáculos a essa integração.

Assim, uma unidade hispano-americana foi colocada como uma forma de oposição à ordem unipolar, através da formação de um bloco supranacional, no caso da *Disenso*, inspirado nos escritos geopolíticos schmittianos e nas perspectivas da *Nouvelle Droite*. Vale ressaltar que essa perspectiva de união da América Hispânica foi importante para outros

---

Conservadora. Além disso, trabalhou como professor universitário de ciência política na Universidade de Florença. Ver: MAMMONE, Andrea. **Transnational Neofascism in France and Italy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

[174] O belga Robert Steuckers foi colaborador esporádico do GRECE e criador da *Études, Recherches et Orientations Européens*. Defende um nacionalismo enunciadamente anticapitalista e pan-europeísta, além de ter militado pela independência flamenca junto ao partido Vlaams Blok. Embora tenha publicado apenas um texto na *Dissenso*, pagou por vários anúncios de sua própria revista, a *Vouloir*. Ver: GRINCHPUN, Boris Matías. Los enemigos del "pensamiento único". Disenso y las redes transnacionales de la "nueva derecha", 1994-1999. **Latitud Sur**, n.º 12, 2017.

[175] GRINCHPUN, Boris Matías. Antimodernos. Julius Evola, sus lectores y las extremas derechas argentinas (1983-2003). Tese (Doctorado en Historia) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2020.

[176] GRINCHPUN, Boris Matías. Los enemigos del "pensamiento único". Disenso y las redes transnacionales de la "nueva derecha", 1994-1999. **Latitud Sur**, n.º 12, 2017.

grupos evolianos na Argentina, os quais se inseririam em uma união internacional de ordens diferenciadas formada por homens inspirados pela Tradição, indo em direção de um Império que preservaria as suas respectivas particularidades[177].

Tendo isso em vista, Alberto Buela produziu perspectivas bastante afinadas com o ideário da ND, criticando os discursos globalizantes que, em sua visão, relacionavam-se com a noção de progresso vinculado à modernidade, o cristianismo como relato universal e o consumo como motor das sociedades. Sua proposta para a *Iberoamérica* seria um pensamento alternativo que se expressaria por meio de uma filosofia das raízes e da identidade[178]. Esse pensamento alternativo é marcado pela perspectiva de que existe um consenso, produzido pela esquerda progressista, distante do popular e cujo objetivo é alcançar uma democracia como acordo entre os poderosos, os quais realmente tomam as decisões. Esse consenso, teria sido posto em prática nas últimas décadas pelos principais partidos políticos do mundo, o qual foi inicialmente entendido como a melhor alternativa para as sociedades, mas que resultou em um grande fracasso. De outro lado, Buela propõe a teoria do dissenso, ou seja, a dissidência desse suposto consenso, a qual só poderia ser efetivamente levantada, contra a universalidade abstrata, se partisse de um lugar específico. Nessa visão, uma vez que os povos se identificam conseguiriam levantar questões a partir de suas próprias realidades, o que levaria a dissensão do pensamento único imposto por terceiros, culminando na construção de uma história genuína e multifacetada em termos filosóficos, políticos, econômicos, religiosos, culturais e científicos. Dessa maneira, essa dissidência surgiria a partir das comunidades, ou seja, grupos que não partilham apenas leis e línguas, mas também valores, vivências históricas e experiências que serviriam como respostas a dar ao modelo de mundo homogêneo[179].

A partir disso, a perspectiva identitária de Buela é perpassada pela noção de direito a diferença, compreendida como a manifestação da preferência de si e um dos pilares da hispanidade[180], sendo os outros o *genius loci*, ou o espírito do lugar, e as tradições locais. Essa

---

[177] GRINCHPUN, Boris Matías. Antimodernos. Julius Evola, sus lectores y las extremas derechas argentinas (1983-2003). Tese (Doctorado en Historia) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2020.

[178] BUELA, Alberto. Ensayos de Disenso: sobre metapolítica. Barcelona: **Nueva República Ediciones**, 1999.

[179] BUELA, Alberto. Teoría del Disenso. Barcelona: **Ediciones Fides**, 2016

[180] O conceito de hispanidade não é novo, e vem variando desde o século XIX, dentro de perspectivas conservadoras e progressistas. Neste contexto inicial, o pan-hispanismo foi uma expressão do hispano-americanismo conservador, constituído em oposição ao pan-americanismo de origem estadunidense e ao pan-latinismo de cunho francês. Possui características como nacionalismo, exaltação do passado colonial espanhol, defesa do catolicismo, perspectiva providencial da história através da colônia e do império, na defesa de uma ordem social tradicional e hierárquica. Além disso, a reivindicação da hispanidade se liga ao ressurgimento do nacionalismo espanhol, mesmo que exista um abundante pensamento hispano-americanista na América Latina. Ver: SANAHUJA, José Antonio; BURIAN, Camilo Lópes. Hispanidad e Iberosfera: antiglobalismo, internacionalismo reaccionario y ultraderecha neopatriota en Iberoamérica. Documentos de Trabajo 69 / 2022.

hispanidade é representa tanto uma postura contra a modernidade quanto a homogeneização global. Grosso modo, o autor argumenta que existem duas cosmovisões na América, a indígena pré-colombiana e a europeia, em um recorte pré-moderno, cuja simbiose teria gerado a América crioula e a consciência hispano-americana, diferentemente do caso estadunidense que ao não se misturar com os nativos, permaneceu com uma consciência europeia em solo americano. Um dos fatores fundamentais que diferencia essa apropriação da hispanidade é a relação com a América, lida como um hóspito para aqueles que vieram de lugares inóspitos, tentando sair de realidades as quais não poderiam ser plenamente humanos[181], sendo um espaço formado por imigrantes - desde os indígenas que atravessaram o estreito de Bering, até os europeus que atravessaram o Atlântico - e que exige um esforço daqueles que chegam, de estabelecerem raízes e se converterem em americanos[182].

Em 2015, Alberto Buela foi um dos palestrantes do *Primer Congreso Internacional Identitario*, organizado na cidade de Guadalajara, em homenagem aos 100 anos do negacionista do holocausto mexicano Salvador Borrego. O evento reuniu principalmente negacionistas do holocausto, ativistas antiaborto, paleoconservadores e nacionalistas brancos, sendo esses de diferentes nacionalidades, principalmente mexicanos, mas também advindos da Argentina, EUA, Espanha, Alemanha e Austrália. O evento buscou denunciar a decadência que estaria obstruindo as comunidades e promover uma nova ordem onde, em termos cristãos, os “valores do espírito brilhem”[183].

Tal evento parece não ter tido relação com o movimento identitário *stricto sensu*, em termos de figuras e grupos, mas se apropriou de nomenclaturas, imagéticas e discussões associadas a ele, tais como: o nome do evento, o capacete romano e a letra grega lambda como logotipo do congresso, além da perspectiva de ameaça a raça/identidade branca.

[181] Esse hóspito era o mesmo para todos? Vale ressaltar que pouco se menciona a respeito da importância das diferentes culturas africanas diaspóricas para a formação de uma identidade continental, menos ainda em relação à escravidão, sendo essa uma especificidade fundamental para a compreensão da constituição das Américas como um todo. A contribuição europeia, mais especificamente da Península Ibérica, é colocada em um patamar superior às outras, “Acá no es cuestión de negar los aportes culturales franceses, italianos, alemanes, eslavos, árabes, judíos o negros en Nuestra América, que son muchos y apreciadísimos. Ni tampoco negar el aporte indiano…”. Dessa forma, “Simplemente se trata de encontrar la categoría que nos defina más ajustadamente en lo que somos, y esta es la de hispano o iberoamericano.”. Ver: BUELA, Alberto. Ensayos de Disenso: sobre metapolítica. Barcelona: Nueva República Ediciones, 1999, p.147.

[182] BUELA, Alberto. Hispano-América contra o Ocidente. Caxias do Sul: **Ars Regia**, 2023.

[183] O evento não possui site nem redes sociais oficiais. Contudo, a *Proclama del Movimiento Internacional Identitario,* contendo as principais pontos de discussão e a organização das mesas está disponível na *Metapedia* em sua versão em espanhol. Isso se relaciona diretamente com que o criador e atual administrador da versão hispanófona do site foi um dos convidados, sendo este o negacionista do holocausto argentino Walter Romero. No verbete sobre sua figura, o congresso aparece em destaque, onde demonstra que sua fala no congresso se relaciona com suas atividades no site, como meio de divulgação de ideias de direita. Ver: Primer Congreso Internacional Identitario. **Metapedia**. Disponível em: <https://es.metapedia.org/wiki/Primer_Congreso_Internacional_Identitario> Acesso em: 17/11/2024; “Walter Romero”.**Metapedia.** Disponível em: <https://es.metapedia.org/wiki/Walter_Romero> Acesso em: 17/11/2024.

Possivelmente isso se relaciona com a efervescência que estava associada a esse imaginário durante a metade da última década. Embora as palestras ministradas não estejam disponíveis gratuitamente de maneira oficial na íntegra, elas são comercializadas pela *Centro de Estudios de Pensamiento Americano*[184] em formato de minicurso online e pelo site *Librería Vigente la Derrota Mundial*[185], em formato de DVD, bem como textos vinculados na *Metapedia*. Isso demonstra não apenas vias de financiamento desse campo no continente, mas também capacidade de articulação transnacional, não apenas no continente, mas também fora dele.

Diferentemente de Buela, cuja visão de identidade de vinculou a uma perspectiva culturalista, assim como setores mais ortodoxos da ND[186], Juan Pablo Vitali (1961-2021) esteve mais próximo de uma ótica racialista, defendendo um identitarismo *criollo*[187] (crioulo), ou seja, voltado para a defesa dos descendentes de europeus em solo sul-americano. Proveniente de um lar peronista, Vitali teve contato com escritos de autores como Julius Evola, René Guenón, Alain de Benoist, Robert Steuckers, Guillaume Faye, além de ser influenciado pela Revolução Conservadora, o movimento völkisch e perspectivas pagãs indo-europeístas. Principalmente a partir dos anos 2000, seus poemas e textos de opinião começaram a circular em sites e blogs no continente e fora dele, principalmente de língua espanhola, ganhando espaço como colaborador e tendo obras publicadas na Espanha pelas editoras *Fides Editorial* e *Editorial Eas*[188].

Ademais, dedicou seus últimos anos de vida a reflexões sobre o movimento identitário a partir de um ponto de vista pan-crioulista, ganhando certa relevância entre esses círculos. Um exemplo disso foi a publicação e tradução para o inglês de seu poema dedicado a Dominique Venner publicado em 2014 no site *Counter-Currents,* o qual descreve semelhanças

---

[184] Site voltado para a venda de cursos online em formato de vídeo, que busca difundir conhecimento filosófico, histórico, político e cultural. Além disso, diz-se motivado pela verdade histórica, a liberdade de expressão e fortalecimento espiritual. Ademais, os conteúdos são produzidos por figuras vinculadas à ultradireita argentina. Ver: Sobre Nosotros. **Cepa.la**. Disponível em: <https://cepa.la/sobre-nosotros/> . Acesso em: 17/11/24.

[185] Loja virtual mexicana, fundada em 2013, voltada para conteúdos relacionados ao negacionismo do holocausto, nazismo e a Salvador Borrego, sendo o nome da loja uma homenagem à obra do autor, a "Derrota Mundial". Além disso, o site possui um blog sobre os mesmos assuntos supracitados. Ver: Sobre la Libreria. **Librería Vigente la Derrota Mundial**. Disponível em: <https://libreriavigenteladerrotamundial.com/sobre-nosotros/>. Acesso em: 17/11/24.

[186] ANTÓN-MELLÓN, J. El Eterno Retorno. ¿Son fascistas las ideas-fuerza de la Nueva Derecha Europea (ND)? Foro Interno 2011, 11, 69-92

[187] Vitali entendia os *criollos*, ou crioulos em português, como uma transformação do europeu em contato com o Sul. Dessa forma, o autor insere os crioulos dentro de uma europeidade, argumentando que a Europa vai além de um território, estendendo-se através da linhagem, atravessando outros contextos como, por exemplo, a Austrália e a África do Sul, onde o que ele chama de crioulo possui outros nomes. Tendo isso em vista, os crioulos são compreendidos pelo autor como a continuidade de um povo antigo, porém, agora decadente, que pode não levar ao reconhecimento dos crioulos como parte da grandeza que um dia tiveram. Ver: VITALI, Juan Pablo**.** Los Criollos. 2013. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/los-criollos>. Acesso em: 27/10/2024.

[188] VITALI, Juan Pablo**.** Sobre el autor. **Juan Pablo Vitali.** Disponível em: <https://juanpablovitali.wordpress.com/acerca-de/>. Acesso em: 27/10/2024.

entre as duas figuras, "*Just like your Frenchmen in Indochina, // I live in the mists of a distant estuary // Fulfilling my Creole destiny: // The Overseas White Man. // I know we share //The heroic melancholy of the suicidal*."[189]. Mais tarde, em 2017, no dia de aniversário de falecimento de Venner[190], Greg Johnson, editor do site e editora *Counter-Currents,* mencionou o poema de Vitali como um dos tributos à memória do extremista francês, ao lado de homenagens feitas por Alain de Benoist, Guillaume Faye e o próprio Johnson[191].

A ideia de identitarismo pan-crioulo proposta por Vitali, parte da percepção da heterogeneidade racial presente nos países da América, levando a conclusão de que o nacionalismo associado a esses é construído a partir de narrativas criadas por interesses de forças globalistas, cujo objetivo é unir povos distintos e, por isso, mutuamente excludentes entre si. Dessa maneira, os "brancos do Sul", ou crioulos*,* seriam uma minoria no continente, em risco de desaparecimento. Assim , a superação dos nacionalismos próprios dos Estados-nação e a adoção do pan-crioulismo visam a uma confederação crioula nos moldes do arqueofuturismo. Dessa forma, os valores arcaicos seriam utilizados para superar o monoteísmo e o igualitarismo iluminista, visando projetar a identidade branca no futuro.[192].

2.1.1 – Chile

Dado o pequeno panorama, é possível compreender que as ideias da ND já circulavam na América Latina, principalmente no contexto hispanófono, há quase duas décadas antes do surgimento dos primeiros grupos identitários nesse contexto, encontrando porta-vozes locais que participaram de diferentes círculos no continente e fora dele, como Alberto Buela e Juan Pablo Vitali. Este último se destaca nesse cenário pelo pioneirismo na produção e propagação de um discurso identitário local, sendo diretamente associado à formação do primeiro grupúsculo identitário no continente, o chileno Fuerza Nacional-Identitario (FNI), em

---

[189]VITALI, Juan Pablo**.** To Dominique Venner. **Counter-Currents**, 2014. Disponível em: <https://counter-currents.com/2014/06/to-dominique-venner/>. Acesso em: 27/10/2024

[190] Venner morreu no dia 21 de maio de 2013, aos 78 anos. Sua morte foi seu último ato político, tirando sua própria vida no altar da Catedral de Notre Dame com um tiro, em meio ao público que visitava o local. Seu objetivo era chamar a atenção, o que despertaria a consciência dos europeus sobre as ameaças que estariam sofrendo. Assim, sua morte foi vista pelos identitários como um ato profundamente político. Ver: ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018, p. 69.

[191] JOHNSON, Greg. Remembering Dominique Venner:April 16, 1935–May 21, 2013. **Counter-Currents**, 2017. Disponível em: < https://counter-currents.com/2017/05/remembering-dominique-venner-2/>. Acesso em: 27/10/2024.

[192] GAYOZZO, P. Arqueofuturismo: El Proyecto Postmoderno De La Derecha Alternativa Internacional. **Ciencia Política**, vol. 17, n.º 34, 2023, p.209.

atividade desde 2012, onde publicou mais de uma centena de textos entre os anos de 2012-2019. Embora a proximidade, o poeta argentino era compreendido mais como um colaborador e um contato próximo do que um membro efetivo do grupo chileno[193].

Essa colaboração se estendeu através do *Círculo de Investigaciones PanCriollistas* (CPI), fundado em 2013 no Chile por membros do FNI em associação com Vitali, o qual o objetivo seria promover a análise da realidade e identidade crioula[194]. Tanto o FNI quanto o CPI foram importantes na difusão em espanhol dos trabalhos de diversos autores *neodireitistas* e identitários, como, por exemplo, Alain de Benoist, Guillaume Faye, e Dominique Venner, contribuindo, assim como a Arktos e outras redes, independentemente de tamanho, idioma e impacto, para transformar o identitarismo e o antiglobalismo um fenômeno global[195].

O Chile é o país latino-americano onde o identitarismo parece ter melhor se assentado. Isso pode ser relacionado à questão imigratória no país, cada vez mais central nas discussões da ultradireita local[196], sendo pouco relevante em países como Brasil ou México. Outros grupos inseridos dentro de um arquétipo identitário são o *Accíon Identitaria* (AI) e o *Movimiento Social Patriota (*MSP). O primeiro, nascido na cidade de Coquimbo, difere do FNI que defende uma identidade pan-crioula, compreendendo-se como um movimento social baseado na identidade chilena, opondo-se à globalização e os valores da modernidade, defendendo uma sociedade orgânica, completa e hierárquica. De outro lado, o MSP, formado em 2016 a partir de dissidências do AI (fundado em 2013), parte de uma ótica dicotômica entre o nacionalismo e o globalismo, argumentando que há uma etnia chilena, ameaçada por políticas de substituição da população local através de políticas que beneficiam a imigração; assim, defendendo uma "chileanidade" contra a adoção de códigos culturais lidos como estrangeiros, sendo as fronteiras nacionais uma barreira ao globalismo e às organizações internacionais ligadas a ele[197].

---

[193]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Entrevista a Fuerza Nacional-Identitaria en American Renaissance, 2019. Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/entrevista-a-fuerza-nacional-identitaria-en-american-renaissance>. Acesso em: 27/10/2024.

[194] CÍRCULO PANCRIOLISTAS DE INVESTIGAÇÕES. Nosotros, 2013. **CPI** Disponível em: <https://pancriollismo.com/nosotros/> Acesso em: 07/03/2024.

[195] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018, p. 69.

[196] SERRANO, Lorena Oyarzún; ARANDA, Gilberto; GISSI,Nicolás. Migración internacional y política migratoria en Chile: tensiones entre la soberanía estatal y las ciudadanías emergentes. Colombia Internacional, n.º106, 202.

[197] BUSTAMANTE, Gilberto Cristian Aranda. Chile's Radical and Extreme Right: Two Groups at the Fringe of Politics. In: Bar-On, Tamir; MOLAS, Bàrbara (Org.). The Right and Radical Right in the Americas. Lenham: Lexington Books, 2022.

Em comparação com suas contrapartes locais, o FNI demonstra-se mais próximo de tendências identitárias críticas a uma nacionalidade de origem liberal e de bases jurídicas, capaz de amalgamar diferentes culturas em um Estado-nação, como em setores importantes da *alt-right*[198] ou, como visto no capítulo anterior, à crítica *neodireitista* ao Estado, principalmente a partir da leitura de Guillaume Faye. Para este a solidariedade é possível apenas dentro do escopo de uma comunidade homogênea e autoconsciente de si mesma[199], assim, para o FNI, a partir da chave pan-crioulista de Vitali, o ponto central de sua atuação metapolítica é compreendido como um meio de gerar autoconsciência nos brancos do Sul, e, dessa forma, estabelecer comunidades e contatos entre os crioulos por todo continente com base em uma solidariedade racial[200].

Para o grupo chileno, a modernidade estaria acelerando o processo de homogeneização iniciado com o cristianismo, sendo responsável por promover a destruição da sociedade da maneira em que se organiza atualmente. Neste cenário, as ameaças passaram a ser não apenas locais, mas globais, indo em direção a uma convergência de catástrofes, assim como delineou Faye. Diante disso, a única alternativa seria aceitar esse destino e se preparar para o mundo pós-caos, isso é perpassado pela necessidade de criar uma consciência de si entre os crioulos do continente. Tendo em vista um mundo dilacerado pelas catástrofes gestadas no bojo da modernidade, a sobrevivência dos crioulos só seria possível por meio de uma solidariedade racial, a qual é possível apenas entre os iguais[201]. Essa visão decorre da perspectiva de Faye de que o motor da história seria o choque de civilizações[202], em uma lógica de guerra étnica, a qual seria necessária para definir novas fronteiras e blocos civilizacionais. Dessa forma, seria viável constituir uma reorganização política através da agregação de comunidades locais baseadas na hierarquia e na homogeneidade etnocultural interna[203].

---

[198] BAR-ON, Tamir. The Alt-Right's continuation of the 'cultural war' in Euro-American societies. **Thesis Eleven** 2021, Vol. 163(1) 43–70 DOI: 10.1177/07255136211005988

[199] A questão da consciência étnica é muito importante não apenas para Faye, mas também para o movimento identitário como um todo, sendo definida como uma forma de consciência individual e coletiva de defesa da identidade étnica e cultural, ou mesmo biológica, em determinados casos, do próprio povo, o que seria fundamental para a longevidade e autonomia deste. Ver: FAYE, Guillaume. **Why We Fight**: Manifesto of the European Resistance. London: Arktos Media, 2010.

[200]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Nosotros. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/nosotros> Acesso em: 07/03/2024.

[201]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. ¿Por qué una Nación? 2012. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/por-que-una-nacion>. Acesso em: 17/11/2024.

[202] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.

[203] VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. O arqueofuturismo de Guillaume Faye e a Nouvelle Droite (1970-2019): uma metapolítica da guerra étnica para uma Europa em crise. Hist. Historiogr., Ouro Preto, v. 16, n. 41, 2026, p. 1-26, 2023. ISSN 1983-9928.

Boris Matias Grinchpun[204] questiona se há características de novidade dentro do movimento identitário chileno, para isso, ele examina principalmente os grupos *Accíon Identitaria* e *Movimento Social Patriótico*. Ambos grupelhos apresentam características que podem ser enquadradas como grupusculares em sua forma de atuação e organização. O autor argumenta que, se levarmos em consideração outros grupelhos como o *Fuerza Nacional-Identitario*, pode-se afirmar que o identitarismo é uma expressão dentro do campo da extrema direita chilena. Contudo, a ligação com outros setores extremistas chilenos tem sido difícil devido às críticas ao capitalismo financeiro e o papel marginal conferido ao cristianismo na constituição da identidade nacional. Apesar disso, ocorreram diálogos entre esse campo no país, todavia, as trocas com figuras e lideranças em outras localidades foram mais pronunciadas, o que também se reflete nas referências ideológicas desses grupos. Nomes como Guillaume Faye, Dominique Venner, Juan Pablo Vitali foram mais utilizados pelos grupos para pensar suas questões, do que pensadores históricos vinculados à extrema direita chilena, como Miguel Serrano[205] e Erwin Robertson.

Mais do que isso, o FNI, não reconheceu a contribuição destes ao pensamento identitário ou mesmo metapolítico local, entendendo que, antes da formação da organização, havia apenas escritores afiliados às visões liberais/clássicas que buscavam validar a existência da nação chilena a partir de laços artificiais. As referências importantes para o grupo vieram de fora, tais como Juan Pablo Vitalli, Guillaume Faye, Tomislav Sunic, Alain de Benoist, Dominique Venner[206]. Sobre Serrano, o grupo afirmou que, embora tenha sido um grande escritor, possuía uma visão idealista sobre a realidade racial no país, nociva para a identidade crioula por não se opor a miscigenação e a homogeneização dos povos dentro da nacionalidade cívica[207]. Nesse sentido, a perspectiva de uma identidade local teria sido

---

[204] GRINCHPUN, Boris Matias.“Chileans First!”: Movimiento Social Patriota, Acción Identitaria and Identitarianism in Chile. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[205] Miguel Serrano (1917-2009) foi um diplomata e escritor chileno, pioneiro do negacionismo do Holocausto e do misticismo nazista no país. Sua atuação consistiu na publicação de livros e atuação na imprensa. Seu primeiro livro, publicado em 1978, *El Cordón Dorado. Hitlerismo Esotérico*, descreveu o genocídio perpetrado contra os judeus como uma farsa. Sua atuação na imprensa escrita nacional, principalmente na década de 1980, permitiu que suas que expressasse posturas negacionistas, extremistas e antissemitas para um público mais amplo, além dos círculos de extrema direita, possibilitando que tivesse um espaço de influência cultural tanto para tentar absolver o passado nazista e rearmar a direita chilena. Ver: GUZMÁN, Gustavo Castro. Negación del Holocaustoen Chile: Miguel Serrano en los años ochenta. **Cuadernos Judaicos,** n.º 27, 2010.

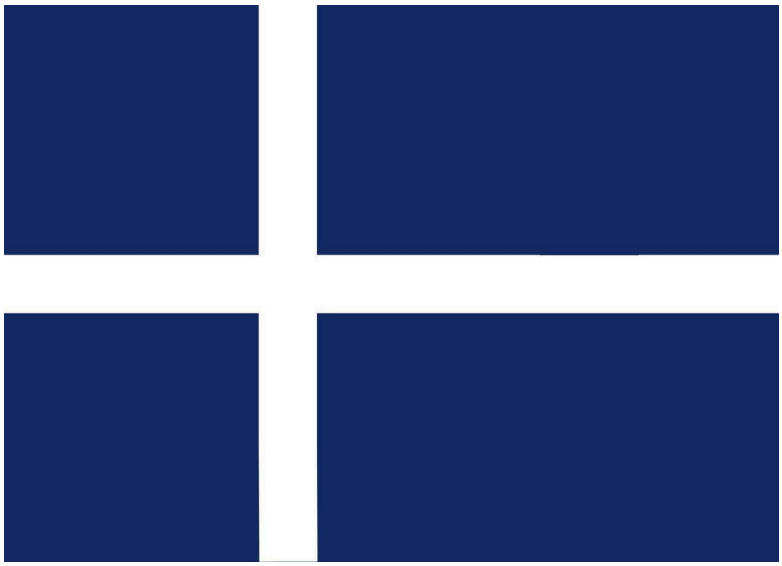
[206]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Algunas preguntas sobre Identitarismo. 2015. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/algunas-preguntas-sobre-identitarismo>. Acesso em: 17/11/2024.

[207] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Entrevista a Fuerza Nacional-Identitaria en American Renaissance, 2019. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/entrevista-a-fuerza-nacional-identitaria-en-american-renaissance>. Acesso em: 27/10/2024.

construída a partir de uma recepção de um identitarismo global. O mesmo pode ser dito para os casos brasileiro e mexicano.

Outro aspecto interessante relaciona-se com os simbolismos adotados por essas organizações, sendo uma característica compartilhada entre os mais diversos grupos identitários, as quais representam suas ideias e visões sobre a identidade que dizem defender. Um exemplo disso, e possivelmente o mais conhecido desse universo, é a letra grega lambda (ʌ) usada pelo GI, muitas vezes referidos como identitários lambda ou de movimento lambda. Nesse uso, a letra grega faz referência ao exército espartano que utilizava a letra em seus escudos, sendo a primeira letra usada para escrever, em grego antigo, a palavra "Lacedemônia", como Esparta era conhecida na Grécia Antiga. Os espartanos representam um ideal heroico para os identitários, cuja história da batalha das Termópilas, onde os guerreiros espartanos resistiram a invasão dos persas no século V a.C. - adaptada para os quadrinhos e para o cinema através da franquia "300" - tornando-se uma referência central nas mensagens, no marketing e na iconografia do identitarismo europeu, representando a união dos europeus contra um "outro" invasor[208].

Tendo isso em vista, os grupos latino-americanos possuem seus próprios símbolos, que dizem respeito às suas representações em relação à identidade que defendem, seus objetivos políticos, além de os distinguir enquanto organização, como é o caso do FNI:



(Imagem 1: Bandeira Étnica Crioula)

[208] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

(Imagem 2: Bandeira do Fuerza Nacional-Identitaria)

Essas são as duas bandeiras usadas pelo grupo, a primeira referente à identidade crioula e a segunda a da organização. Em ambas, as cores buscam denotar o mesmo significado, o azul representando o céu, enquanto o branco representa a identidade étnica crioula, em sua dimensão biológica, psíquica e cultural, manifestando o resultado da interação histórica entre o sangue europeu a partir do solo americano. Contudo, as partes em branco possuem distinções. A cruz da primeira imagem representa a Cruzeiro do Sul, constelação utilizada como pelos navegantes colonizadores europeus como forma de orientação para chegar na América do Sul. Enquanto isso, na segunda, os caracteres unidos são as letras “N” e “I”, referentes às palavras “Nação” e “Identidade”. O “I” assume o formado de martelo, o qual seria dotado de um potencial criativo e destrutivo, representando os objetivos de resistência e disseminação da consciência crioula, garantindo a sobrevivência étnica dos brancos do Sul.

2.1.2 – Brasil

Segundo Odilon Caldeira Neto[209], o neofascismo brasileiro possui uma especificidade tardia, desenvolvendo-se enquanto fenômeno significativo somente a partir do processo de redemocratização nos anos 1980, sendo esse cenário - até os anos 2000 - povoado principalmente por neointegralistas, neonazistas e negacionistas do Holocausto. Contudo, a partir dos anos 2010 até atualmente, ocorreu um processo de diversificação e radicalização,

[209] CALDEIRA NETO. Odilon. Neo-Fascism In Brazil: from the local to the global? **Esboços**, Florianópolis, v. 29, n. 52, 2022.

gerando uma paisagem mais plural e internacionalizada, marcada pela utilização dos meios digitais para a inserção de diálogos relativamente efetivos, embora, em grande medida, grupusculares. Essa crescente ambição transnacional do neofascismo brasileiro pode ser compreendida por fatores associados à convergência em torno do processo de globalização centrado no projeto de Jair Bolsonaro. Assim, na medida que o Brasil se torna parte de uma agenda global, os grupos neofascistas buscaram conexões como meio de sobrevivência em um cenário preenchido por grupos bolsonaristas. Além disso, outro fator se relaciona com a diversificação desse campo, com novas manifestações que possuem uma dinâmica própria no que se refere a diálogos e ambições internacionais. Nesse contexto, começou a difusão de grupos que se vinculam a dinâmicas metapolíticas e a autores como Alain de Benoist, Guillaume Faye e Alexandr Dugin.

Para o autor, esses grupos surgem como consequência de um esforço principiado nos Encontros Nacionais Evolianos, ocorridos durante os anos de 2009 e 2014, responsáveis por congregar tendências relacionadas ao tradicionalismo, perenialismo, dissidentes neofascistas e tendências ligadas a ND. Embora o principal ponto de conexão tenha sido o tradicionalismo, principalmente a vertente duginista, a dimensão metapolítica do neofascismo brasileiro desenvolveu grupos e tendências que vislumbraram conexões e vínculos diretos com o identitarismo europeu. Dentro desse quadrante, destacam-se os grupos Legião Identitária (LI) e o Aurora de Ferro (AF), cuja atuação foi exclusivamente de forma online. O AF inspirou-se em uma contraparte estadunidense, o *Archeofuturist Front*, mantendo uma relação ativa durante seus anos de atividade, além de conjugar o ideário de Evola e da ND, especialmente por meio do arqueofuturismo de Guillaume Faye, empreendendo uma tentativa de adaptação dessas referências à realidade brasileira, buscando adequar o referencial identitário às especificidades étnicas nacionais. Enquanto isso, o LI, grupo que atuou entre os anos de 2016 e 2021, autodenominava-se como parte do movimento identitário, cujo objetivo era a preservação e o fortalecimento da identidade e cultura eurodescendente da Região Sul do Brasil, apropriando-se de autores *neodireitistas* como Alain de Benoist, Dominique Venner e Guillaume Faye, ou mesmo o tradicionalista Julius Evola.

Este último se autoproclamou um *think tank* formado por estudantes, visando alcançar um público jovem. Atuando principalmente por meio da metapolítica, tinha por objetivo despertar a consciência da cultura sulista na população eurodescendente da região Sul do Brasil. A atuação do grupo, grosso modo, restringia-se ao espaço digital, através da tradução e escrita de textos, sua divulgação nas redes sociais e a tentativa de financiamento por uma loja de camisetas online. Além disso, o LI se associou com a rede Arktos Media, resultando na

publicação em português dos, através da editora do grupo Aquiles Editora, dos livros *Die identitäre Generation* escrito por Markus Willinger, importante liderança do movimento identitário austríaco, e *Manifeste pour une renaissance européenne* de Alain de Benoist e Charles Champetier. Ademais, como aponta Gustavo Henrique Shigunov[210], uma das especificidades do LI relaciona-se com o apoio ao movimento separatista do Sul, sendo uma suposta substituição populacional, com base na mudança da composição demográfica da região, a principal justificativa, por meio de casamentos de intercâmbio étnico e do crescimento populacional superior entre negros e pardos em comparação aos brancos. Apesar de tomarem posição a respeito disso, o grupo pouco se interessou em tomar partido oficialmente na política cotidiana. Quando isso ocorreu, relacionou-se com atores estrangeiros, apoiando figuras como Donald Trump, Marine Le Pen, Viktor Orbán, além de reproduzir críticas à política de imigração europeia.

Tendo isso em vista, esse desinteresse em comentar desdobramentos políticos no cenário político brasileiro, pode ser relacionado a uma confrontação à identidade nacional, a qual seria ensinada nas escolas desde tenra idade, como uma forma de "lavagem cerebral". Nesse sentido, ser brasileiro para o LI foi visto como uma imposição, que tenta ofuscar as origens culturais europeias do povo sulista, implicando na homogeneização da diversidade cultural desses povos, os quais seriam heterogêneos em uma unidade baseada na síntese de diversas culturas europeias que formaram a identidade cultural da região[211]. Isso também se reflete nos referenciais intelectuais desses grupos, mais voltados para nomes como Benoist, Faye, Venner e Evola do que figuras locais do campo extremista.

Dessa maneira, grosso modo, os grupos que se aproximam da tendência identitária no Brasil divergem em algumas questões como: etnia, regionalismo e formação da identidade nacional brasileira. O identitarismo brasileiro pode ser compreendido como um fenômeno embrionário, com tendências que divergem em questões relacionadas a etnia, regionalismo e identidade nacional. Apesar disso, compartilham temas e estruturas organizativas centrais com o identitarismo global, tais como: a rejeição à modernidade capitalista e a globalização, além da grupuscularidade e a metapolitização, do ponto de vista ideológico e ativista. Ademais, as principais pautas de suas contrapartes europeias e, até mesmo, norte-americanas

---

[210] SHIGUNOV, Gustavo Henrique. "Nossa Guerra contra vocês": identitarismo e o caso da Legião Identitária. In: Seminário Internacional História do Tempo Presente, 4., 2021, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UDESC,2021.

[211] LEGIÃO IDENTITÁRIA. Este é o Sul, 2016. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/28/este-é-o-sul> Acesso em: 07/03/2024.

não seriam compartilhadas como problemáticas e questões fundamentais de ameaça à identidade defendida por eles, como a anti-imigração ou a islamofobia[212].

Em termos estéticos (e ideológicos), o LI possui uma maior proximidade com os identitários europeus, seja na apropriação de uma imagética vinculada a cultura greco-romana, o que é visível até mesmo no nome da organização (Legião Identitária), quanto nas cores preto e amarelo, normalmente associadas ao movimento lambda. Inicialmente, quando o grupo foi fundado em fevereiro de 2016, as cores predominantes que utilizavam eram o vermelho e o amarelo, comumente associadas ao Império Romano, porém, em agosto do mesmo ano surgiu uma nova identidade visual com as cores preta e amarela. Embora não haja explicações em relação a essa mudança, o que, por si só, é bastante incomum nesse tipo de organização, isso pode se relacionar com uma busca para se diferenciar do Legio Victrix (Legião Vitoriosa, em tradução literal), grupo metapolítico brasileiro em atuação desde 2010, o qual além de possuir um nome parecido com o LI, havia feito as mesmas escolhas estéticas em termos de cores e simbolismos primeiro.

(Imagem 3: Capa do Facebook do LI atualizada em 26/02/2016)

(Imagem 4: Simbolo do LI após atualização)

[212]CALDEIRA NETO, Odilon. The identitarism in Brazil. In: ZÚQUETE, José Pedro. **Global Identitarism and the extreme-right**. Londres: Routledge, 2022.

Segundo o grupo[213], eles escolheram utilizar a runa Algiz (ᛉ), de origem germânica, por simbolizar a conexão com o sagrado, que representaria a tradição e a conexão com os ancestrais. Além disso, simboliza a vida e a Árvore Sagrada; por esse significado, foram adicionados dois traços a mais, para representar a araucária, símbolo da Região Sul. Esses quatro traços também seriam representações de dardos romanos, os quais simbolizam os valores do etnonacionalismo, do tradicionalismo, da família e da aristocracia. Por fim, os louros, também muito presentes em uma imagética romana, significam "Vitória na Vida, com conexão com a tradição, os ancestrais e o sagrado".

2.1.3 - México

Assim, como o caso brasileiro, essa direita dita "metapolítica" em um recorte *neodireitista* e grupuscular parece ser um fato recente no contexto mexicano. A título de exemplo, o próprio *Primer Congreso Internacional Identitario*, ocorrido em 2015, contou com figuras mexicanas mais próximas de perspectivas vinculadas ao fundamentalismo religioso cristão, ao revisionismo do Holocausto e a defesa de uma identidade nacional mexicana, isso pode ser relacionado principalmente com o caráter de homenagem a Salvador Borrego do evento[214].

A religiosidade cristã, especialmente católica, é uma característica bastante enraizada na extrema direita mexicana e na política como um todo, cujo evento mais importante talvez tenha sido a Guerra dos Cristeros iniciada em 1929, marcada pelo conflito entre a tentativa de secularização do Estado e setores católicos. Esse rescaldo político foi importante para a visão de Salvador Borrego, sendo permeada por uma perspectiva religiosa, cuja preocupação basilar era encontrar um modelo político compatível com essa visão, onde a Igreja voltasse a ocupar um lugar de destaque em uma sociedade homogênea guiada por valores cristãos, assim como teria sido no Antigo Regime. Tendo isso em vista, a opção que parecia melhor se enquadrar nesses critérios era o fascismo. Para borrego, o nazismo representou uma terceira via entre o comunismo e o liberalismo, cuja máquina de guerra representaria uma força divina da cristandade contra o comunismo que pairava no Ocidente. Durante a Guerra Fria, defendeu que o nazismo foi a verdadeira força que poderia preservar os valores e instituições basilares do cristianismo, sendo um propagador de ideias anticomunistas e negacionistas do Holocausto. Com a queda do muro de Berlim, suas preocupações se voltaram para o

---

[213] LEGIÃO IDENTITÁRIA. Sobre. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/sobre>. Acesso em: 25/12/2024

[214]"Primer Congreso Internacional Identitario". **Metapedia**. Disponível em: <https://es.metapedia.org/wiki/Primer_Congreso_Internacional_Identitario> Acesso em: 17/11/2024;

neoliberalismo e a globalização, como os novos braços políticos dos judeus depois do fim do comunismo. Além disso, esse é um momento de perda de credibilidade para o autor, tendo em vista que durante a Guerra Fria tinha oportunidades de divulgar suas ideias para setores mais amplos da sociedade[215].

A centralidade política do cristianismo para as direitas mexicanas pode explicar a dificuldade de enraizamento do ideário *neodireitista* no país, que são abertamente anti-cristãos. Porém, um grande representante desse ideário no país foi José Luis Ontiveros (1954-2015), sendo relevante dentro de circuitos direitistas tanto na América Latina quanto na Espanha, sendo influenciado por autores como Jünger, Evola e Guénon, e colaborando com inúmeras revistas dentro e fora do continente, tais como a *Disenso* e a *Ciudad de los Césares* e a revista *neodireitista Nouvelle École*, publicando seus livros em diferentes países da Europa e América, sendo escritor tanto de ficção quanto de ensaio político. Além disso, contribuiu para o *Editorial EAS*, no conselho de redação da coleção *Pensamientos & Perspectivas*[216]. Tal qual Erwin Robertson, no caso chileno, Ontiveros é pouco referenciado, pelo menos nominalmente, nos círculos grupusculares mexicanos. Contudo, algumas questões relacionadas ao autor tangenciaram esses grupos, como a arte como expressão metapolítica, a autodenominação de nacional-bolchevique[217] e a admiração por pelas figuras de Yukio Mishima, escritor e nacionalista japonês, e do general do exército monarquista russo, o barão Roman Ungern von Sternberg. Além disso, estabeleceu críticas, assim como Buela, ao "pensamento único" e a influência estadunidense no mundo[218].

Dos grupos que se aproximam da tendência metapolítica no país, alguns dos mais relevantes são o *Coordinadora Nacional Tempestista* (CNT) e o Frente Ungerista Identitario (FUI), ambos fundados no início dos anos 2020. O primeiro de influências vinculadas ao

---

[215] MURILLO, David Benjamin Castillo. **A la extrema derecha del conservadurismo mexicano**: El caso de Salvador Abascal y Salvador Borrego. Tese (Doctorado en Historia) - División de Ciencias Sociales y Humanidades, Universidade Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco.

[216] EDITORIAL EAS. José Luis Ontiveros. Disponível em: < https://editorialeas.com/autor/jose-luis-ontiveros/> Acesso em: 07/03/2024.

[217] A perspectiva de nacional-bolchevismo se relacionou com o projeto de construir uma espécie de comunismo nacionalista, que coloca a nação como ponto central de união, em detrimento da luta de classes. Essa perspectiva se desenvolveu na Alemanha, em um contexto marcado pela Revolução Conservadora, reação ao Tratado de Versalhes e à República de Weimar. Com a tomada do poder pelos nazistas, a derrocada das forças do Eixo e a Guerra Fria, o nacional-bolchevismo só será retomado com o desmantelamento da URSS e com as tentativas de relegitimação da memória de Stálin, mais recentemente. Vale ressaltar que, nos anos 1990, houve a formação, na Rússia, de um partido nacional-bolchevique, tendo o escritor Eduard Limonov como principal líder e Alexandr Dugin como principal figura intelectual. Ver: VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. "Para Salvar a Nação Somos Até Capazes de Comunismo": o nacional-bolchevismo ontem e hoje. Almanaque de Ciência Política, Vitória, vol. 6, n. 1, pp. 01-34, 2022

[218] ROBERTSON, Erwin. Presentación de Vivir Peligrosamente: antología de José Luis Ontiveros, 2023. Asociación Robert Brasillach. Disponível em: < https://acrobertbrasillach.substack.com/p/presentacion-de-vivir-peligrosamente> Acesso em: 07/03/2024.

anarco-fascismo, ao nacional-bolchevismo e ao duginismo, tendo participado da organização latino-americana *Comité Central de Liberación Americana*[219]. O grupo propõe a organização da sociedade a partir de uma identidade tribal, a qual seria capaz de construir uma comunidade orgânica formada por líderes, mas sem uma liderança[220]. A principal atividade metapolítica do grupo se relaciona com a produção artística através do fanzine digital denominado *Caput*, com textos e desenhos marcados pelo apreço a violência, ao tribalismo, e ao caos, simbolizado pela tempestade, bem como o ódio à modernidade liberal e as expressões artísticas burguesas a ela relacionadas[221].

Enquanto isso o FUI é um autodenominado grupo identitário, cuja perspectiva é marcada por uma visão Tradicionalista, associada diretamente a identidade de um povo, a qual estaria sendo ameaçada pelo mundo consumista e globalista. A figura do *landlord* de origem alemã Roman Ungern von Sternberg, o qual foi um general do Exército Branco e, posteriormente, teve anseios de estabelecer um império na Ásia Central, é uma figura de inspiração para o grupo, o que se manifestou no nome da organização. Para o FUI, Ungern representa a defesa da Tradição contra a ascensão das forças da modernidade burguesa que assolam o Ocidente. Além disso, o grupo, assim como o CNT, defende uma perspectiva tribalista como uma característica natural dos povos e uma verdadeira nação diante da ideia de um Estado que serve aos interesses do mundo globalizado. Assim, a tribo seria formada por pessoas relacionadas entre si, estabelecendo uma comunidade forte, mediante uma lógica de amigo-inimigo, capaz de fazer frente ao mundo moderno e as ideologias políticas que o governam. Além disso, a masculinidade é um aspecto fundamental dessa identidade ameaçada, sendo associada à violência e a guerra, como meio de defesa da comunidade[222]. As principais referências intelectuais dos grupos são relacionadas giram em torno de Jack Donovan[223] e Juan Pablo Vitali.

---

[219] Tal rede foi formada em 2021, por duginistas de diferentes países do continente, tais como, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Porto Rico. O nome dessa organização multinacional é um reflexo da maneira como essas ideias são articuladas no contexto íbero-americano, assumindo aspectos vinculados à soberania política e independência econômica em níveis nacional, regional e continental, opondo-se ao imperialismo e ao globalismo. Além de Dugin, esses grupos se apropriam de figuras não liberais de ambos os espectros políticos. Ver: MACHADO, Gabriel Benedito. O Neofascismo na América Latina: um breve panorama. Juiz de Fora: **Revista Casa D'Italia**. n. 31, 2023 – ISSN: 2764-0841.

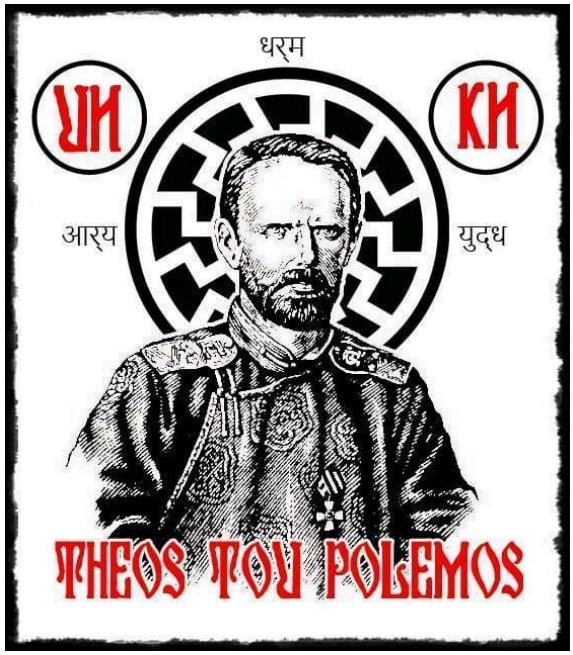
[220] CNT. The Anarcho-Fascist Manifesto. 2022. **Zero Schizo (Medium)**. Disponível em <https://medium.com/@zeroschizo/the-anarcho-fascist-manifesto-4ba58af0e0fc> Acesso em: 17/11/2024

[221] CNT. The Tempestist Manifesto. 2022. **Zero Schizo (Medium)**. Disponível em <https://medium.com/@zeroschizo/the-tempestist-manifesto-7171bd1671d5> Acesso em: 17/11/2024

[222] FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Manifesto Ungerista, 2020. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/07/manifiesto-ungerista-por-frente.html> Acesso em: 07/03/2024.

[223] Jack Donovan é um intelectual de extrema direita estadunidense, criador do chamado tribalismo masculino, uma espécie de ideologia supremacista masculina, com foco na camaradagem entre homens. Essa perspectiva é complementar ao nacionalismo branco, seus anos de interlocução com a alt-right serviram para moldar a

Além disso, a figura de Ungern é muito presente na imagética criada pelo FUI, muitas vezes sendo representado como um ser divino. Isso pode ser visto na imagem abaixo, onde o barão está centralizado acima de inscrições que vêm do grego e significam, em tradução direta, “Deus da Guerra”. Outro aspecto interessante, é que o grupo frequentemente associa Ungern a uma imagética tipicamente relacionada ao neonazismo, como a Cruz Celta e o Sol Negro, este último ocupando o lugar de uma auréola em volta da cabeça do barão, reforçando características divinas e sagradas.



(Imagem 5: Barão Ungern representado como “Deus da Guerra”)

perspectiva desse campo em relação às mulheres e à masculinidade, ajudando a construir uma ideologia supremacista com mais camadas. Em um congresso organizado por Richard Spencer, Donovan defendeu que os homens brancos europeus apenas estavam colocando seu próprio povo em primeiro lugar, ao conquistarem, matarem e escravizarem outros povos. Contudo, essa colaboração chegou ao fim com o desastre que foi o protesto *Unite the Right*, em Charlottesville, quando tentou se desvincular do nacionalismo branco e de figuras ligadas a ele. Ver: LYONS, Matthew N. Jack Donovan and Male Tribalism. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

(Imagem 6: Bandera del Nómada)

Outro símbolo frequente utilizado é a Bandera del Nómada (Bandeira do Nômade, em tradução livre), a qual representaria a guerra e o espírito livre do guerreiro[224]. Entre as espadas, encontra-se um tipo de estandarte de origem mongol, denominado *Tug* ou *Sulde*. Segundo o grupo[225], um *Sulde* negro simboliza o espírito de Genghis Khan e o tridente acima, os ciclos de criação, manutenção e destruição. A runa ao centro se chama Uruz (ᚢ), utilizada para se referir a Ungern. Além disso, o FUI também utiliza o que chamam de "Fascio Mongol", muito parecido com o símbolo da Falange espanhola, mas com um arco centralizado como uma runa Uruz unindo as flechas, representando a unidade tribal e a união entre guerreiros[226].

Assim, os grupos autodenominados identitários no continente apresentam características bastante heterogêneas entre si e, até mesmo, em relação às suas contrapartes europeias e estadunidenses. Contudo, compartilham algumas características fundamentais, tais como a percepção de que existe uma ameaça às suas respectivas identidades comunitárias, causada pela globalização, a crítica ao Estado-nação universalista e referências intelectuais vinculadas a ND que, em grande medida, são preferidas em relação a referências intelectuais locais.

---

[224]FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Bandera del Nómada. **Facebook**: 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/photos/pb.100064362384412.-2207520000/170140864698688/?type=3>. Acesso em: 25/12/24.

[225]FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Estandarte Ungerista. **Facebook**: 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/photos/pb.100064362384412.-2207520000/143986510647457/?type=3>. Acesso em: 25/12/24.

[226]FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Bandera del Arco Ungerista. **Facebook**: 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/photos/pb.100064362384412.-2207520000/146825997030175/?type=3>. Acesso em: 25/12/24.

2.2 Comunidades orgânicas, etnicidade e masculinidade.

A questão da identidade sempre foi um fator importante dentro do escopo da ultradireita, como aponta Antônio Flávio Pierucci[227]. Desde o surgimento deste campo a partir de uma ultradireita contrarrevolucionária e crítica à 1789, para além de uma fórmula de governo e pensamento a perspectiva dessa direita articulou uma concepção global de sociedade e sociabilidade, prescrevendo mais do que uma restauração de uma ordem tradicional. Isso ocorre em um sentido não apenas político, mas de retomada ou reinvenção de uma forma de sociabilidade, sendo essa a aspiração fundamental do pensamento desses atores[228]. Além disso, através dessa carga regressiva e pretensão holística, conseguiu manter-se atraente mesmo após a esperança de restauração de um Antigo Regime ter perecido. Assim, mais do que conservação política, o cerne fundante da direita se relacionou com uma proposta de sociabilidade antagonista ao projeto da modernidade iluminista.

Dessa forma, o autor argumenta que enquanto essa perspectiva não é apenas uma combinação de ideias, mas de práticas e discursos que abrangem a esfera pública e privada, composta tanto de soluções políticas e econômicas quanto de demandas morais e correções comportamentais que vão em direção - ou mesmo, têm origem - em uma perspectiva identitária. Nesse sentido, a busca da preservação de uma comunidade ameaçada constitui-se e difunde-se para além do campo político, em seu sentido estrito, mas também no metapolítico, ou seja, nas relações sociais cotidianas, nos modos e estilos de vida e na luta cultural.

Isso é perpassado por uma perspectiva de unidade e homogeneidade interna que, de fato, nunca existiu ao longo da história, nem na Europa como um todo, nem na formação de seus respectivos Estados nacionais, ou mesmo em outras partes do mundo. Contudo, a historiografia europeia entre os séculos XVIII e XIX construiu narrativas heroicas de nações com origens lastreadas na antiguidade, não levando em consideração a heterogeneidade identitária, étnica, cultural, linguística e religiosa, além de processos históricos complexos e ainda em curso[229]. Por exemplo, na França, a antiguidade é constantemente retomada no cenário político através do "mito gaulês", sendo usado tanto pelos colaboracionistas quanto pela resistência à invasão nazista. Mais recentemente, Emmanuel Macron chamou os franceses de "gauleses refratários a mudanças", explicando a resistência que sofria da

---

[227] PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Editora 34, 2013.
[228] O autor baseia este argumento na obra de René Rémond. Ver: RÉMOND, René. **Les Droites en France**. Paris: Aubier Montaigne, 1982.
[229] GEARY, Patrick. **O Mito das Nações:** a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005.

população às reformas neoliberais que tentava implementar em seu país. O mito gaulês também tem sido amplamente usado dentro do campo identitário como apelo para resistir a imigração no continente. Assim, o uso do passado no presente por esses atores ao mesmo tempo que influi no desdobramento do processo histórico também foi informado por ele[230].

O caso fascista oferece um bom exemplo desse anseio por homogeneidade interna, a qual foi erigida no processo de construção da nação italiana e sua tardia unificação. O regime de Mussolini buscou remodelar a identidade nacional a partir de uma perspectiva de nação ideal, passando por uma política linguística que propunha o enfraquecimento das diferentes culturas regionais e linguísticas e na supressão de estrangeirismos advindos, principalmente, de minorias etnicamente não italianas, mas residentes no país. Nesse sentido, as disputas sobre essa política linguística foram tentativas de refazer os italianos a partir da imagem de uma comunidade homogênea e disciplinada, cujas diferenças são disfarçadas e suprimidas a partir da perspectiva de uma comunidade imaginada[231].

Como argumentado no capítulo anterior, com a derrocada dos fascismos e a marginalização desse campo pós-1945, o anseio por uma homogeneidade interna foi transportado da esfera nacional para a continental, ganhando com a ND, novas particularidades que giraram em torno de um regionalismo ultranacionalista, direcionando-se para uma perspectiva de Europa federalizada, unida e homogênea. Para alguns autores, como Tamir Bar-On[232], a soma dos fatores regionais e ultranacionalistas era incongruente, impossibilitando a ND de criar uma internacional de direita unida e mobilizada organizacionalmente. Talvez o identitarismo seja o caso que mais se aproximou disso, pelo menos a nível europeu, mostrando-se capaz de mobilização internacional, principalmente no que diz respeito às ações *Defend Europe* e da rede Geração Identitária[233], sendo capaz de conciliar diferentes níveis de identidades interligadas e indivisíveis (nacional, regional, continental), permitindo uma maior flexibilidade de cooperação transnacional contra ameaças comuns à Civilização Europeia[234].

---

[230] BARONE, Victor; SILVA, Glaydson José da. A Grande Substituição, o colonialismo projetado e os usos do passado: esboço para uma crítica ao caráter paranóico da Nova Direita francesa. **Fronteiras** - Revista Catarinense de História. ISSN 2238-9717 | n.41, p.192-212, jan./2023.

[231] BEN‐GHIAT, Ruth. *Language and the construction of national identity in fascist Italy. The European Legacy, 2(3),* 1997. *438–443.* doi:10.1080/10848779708579754

[232]BAR-ON, Tamir. Fascism to the Nouvelle Droite: The Dream of Pan-European Empire. **Journal of Contemporary European Studies,** 16(3):327-345 · December 2008.

[233]KEŞKEKCI, Damla; NISSEM, Anita. Defend Europe and Transnational Activism. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[234] MLEJNKOVÁ, Petra. The transnationalization of Ethno-nationalism: the case of the Identitarian Movement. **Intersections**. EEJSP 7(1): 136–149. DOI: 10.17356/ieejsp.v7i1.572

Dessa forma, a perspectiva nacionalista europeia, tanto a vinculada ao Estado quanto a empreendida a partir de um nacionalismo desterritorializado pan-europeísta[235], parte de um anseio por uma comunidade, constituída pelo compartilhamento de sociabilidades, modos de vida e aspectos étnico-culturais comuns. Nesse sentido, tendo em vista a heterogeneidade de povos que formaram as Américas - devido ao histórico de colonização, escravidão e genocídio dos povos originários -, os grupos e figuras latino-americanas que se aproximam de uma "matriz metapolítica"[236], produzem perspectivas identitárias distintas, de um lado aqueles que como Alberto Buela, Aurora de Ferro e os duginistas, tentam conciliar essas heterogeneidades e construir uma identidade homogênea a partir disso. Por outro lado, os grupos autodenominados identitários buscam delinear uma homogeneidade constituída pela herança cultural europeia conjugada com as raízes estabelecidas no continente americano, possuindo dimensões que vão em direção ao local, como forma de enraizar essas identidades em seus respectivos contextos, e global, como forma de se inserir em uma europeidade e, por extensão, ao movimento identitário internacional.

O ponto central dessa questão se relaciona com a forma como enxergam os seus referentes Estados nacionais, produzindo uma crítica afinada com a ótica *neodireitista*. Assim, compreendendo que, enquanto forma de organização social, o Estado homogeniza os diferentes, por não ser baseado laços comunitários naturais e na inserção em uma humanidade específica[237]. Enquanto na Europa esse discurso se tornou uma via para a exclusão do outro na forma dos imigrantes, nas Américas, o outro a ser excluído passa a ser os próprios compatriotas não brancos.

Para o FNI, a nacionalidade chilena é baseada na afirmação de uma humanidade abstrata, constituída no desejo das elites locais que, ao romperem com a monarquia espanhola, pretendiam exercer poder sobre o maior número de pessoas possível, sendo lida como um vínculo jurídico que tem como cerne o universalismo iluminista. Em contrapartida, uma verdadeira nacionalidade tem suas bases na correspondência da população com uma identidade étnica fundamentada em vínculos orgânicos, a qual não propõe apenas a igualdade entre os iguais, mas também a diferença entre os diferentes, tendo em vista o anseio por uma ordem que subordine os interesses políticos aos interesses étnicos como meio de organização

---

[235] COPSEY, N. Neo-Fascism: A Footnote to the fascist Epoch? In: IORDACHI, C. e KALLIS, A. **Beyond the Fascist Century**: Essays in Honour of Roger Griffin. London: Palgrave Macmillan, 2020

[236] CALDEIRA NETO. Odilon. Neo-Fascism In Brazil: from the local to the global? **Esboços**, Florianópolis, v. 29, n. 52, 2022, p. 592.

[237] BENOIST, Alain de. Nossotros y los Otros: Problemática de la identidad. Torredembarra: Ediciones Fides, 2015.

coletiva[238]. Nesse sentido, o projeto de nação do grupo é excludente ao ser direcionado apenas a um setor da sociedade, considerando, assim como Faye, que sociedades multiculturais são conflituosas e, por definição, *multirracistas*[239]. Assim, descartam não apenas pessoas de outras raças, mas também indivíduos com identidades étnicas que teriam sido diluídas pela miscigenação ou mesmo brancos que ignoram, voluntariamente, sua própria identificação como consequência de um condicionamento ideológico. Dessa maneira, uma nação não é formada apenas por aqueles que compartilham aspectos objetivos, como etnia e cultura, mas também pela consciência de pertencimento. Portanto, não basta ser crioulo, mas ser autoconsciente dessa crioulidade, o que possibilitaria capacidade de organização, colaboração e relações sociais sólidas entre iguais[240].

Para o grupo a identidade é constituída de um conjunto de características adaptativas em termos biológicos, culturais e psicológicos que integram as comunidades humanas, sendo uma expressão natural da conjunção de uma hereditariedade e meio ambiente, ou sangue e solo, permitindo coesão em ambientes adversos, agrupando e diferenciando os seres humanos[241]. Essa identidade específica é denominada de *criolla*, ou crioula em português. Enquanto a colonização, como veremos mais detalhadamente adiante, representa um momento em que os crioulos ainda tinham uma certa autoconsciência de sua identidade, a independência das colônias espanholas representa o esquecimento dessa identidade, incapacitando a luta pela sobrevivência étnica, resultando na ausência de afirmação étnica, dispersão pelo território e a assimilação dos valores iluministas. Dessa forma, por mais que os crioulos sejam a elite econômica e política do país desde sua formação, a identificação com os valores do Iluminismo está mais sintonizada com projetos e perspectivas estranhas à própria sobrevivência étnica[242].

Apesar disso, o termo crioulo, foi usado para diferenciar os espanhóis nascidos nas Américas, os quais possuíam menos direitos em relação aos espanhóis nascidos na Europa. Não raro, era um termo entendido como ofensivo, sendo preterido pelo termo “americano”. Contudo, com a independência das colônias espanholas nas Américas, o termo foi apropriado

---

[238] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: La Nacionalidad Chilena. 2012. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/la-nacionalidad-chilena>. Acesso em: 27/10/2024.
[239] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.
[240] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Un Movimiento Criollo. 2012. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/un-movimiento-criollo>. Acesso em: 27/10/2024.
[241] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Explicando el concepto «Nacional-Identitario». 2012. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/nacional-identitarismo-concepto>. Acesso em: 27/10/2024.
[242] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Realidad Étnica Criolla. 2012. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/realidad-criolla-en-chile>. Acesso em: 27/10/2024.

pela historiografia do século XIX, a qual colocava os crioulos como protagonistas de um processo heroico de emancipação, iniciado por conflitos entre os peninsulares que representavam atraso e despotismo. Essa literatura foi importante para sedimentar tanto as identidades dos Estados nacionais que surgiram nesse contexto quanto a formação de um nacionalismo crioulo[243]. Para o grupo, os crioulos representam o sangue europeu nas Américas, em um sentido de continuidade e desdobramento, não de reprodução. Essa perspectiva é delineada pelo fator solo, sendo os crioulos frutos de uma etnogênese. Nessa leitura, quando uma raça passa a ocupar um território durante várias gerações, o território não consegue interromper a conexão racial original, mas obriga esse povo a seguir caminhos diferentes, em termos culturais e históricos, gerando uma nova etnia. Dessa forma, a chilenidade teria sido construída a partir apenas do fator solo, ao mesmo tempo que anula o fator sangue. Tendo isso em vista, os crioulos do FNI se colocam no mesmo patamar de luta que os povos indígenas locais que rejeitam, legitimamente, a identificação com o Chile e seus símbolos. Nessa perspectiva, não pela opressão histórica desde a chegada dos europeus e a imposição dessa nacionalidade, mas por ser um tipo de filiação cívica e não étnica[244].

A relação entre o Estado e a nação orgânica também é uma questão de destaque para o LI. Para o grupo, enquanto o primeiro representa um vínculo jurídico e administrativo, a segunda é constituída pelo conjunto de um povo que compartilha cultura, língua, costumes e um espaço geográfico, estando a nação acima do direito de existência de qualquer Estado. Além disso, Estados que tentaram abarcar mais de um povo dentro de seu território ao longo da história tendem à corrupção dessas culturas[245].

O Estado brasileiro é uma representação dessa problemática. Para o grupo, este nunca aceitou que determinados grupos étnicos abraçassem suas respectivas identidades, reconhecendo o pertencimento apenas pelo direito ao solo e negando autoafirmações veiculadas à hereditariedade. Um exemplo disso se relaciona com a aparente resistência dos teuto-brasileiros em manter seus valores, costumes e cultura, frente a repressão das forças estatais brasileiras. Dessa maneira, depois da perseguição durante o Estado Novo e uma tentativa de integração forçada dos descendentes de alemães, a estratégia adotada teria sido o abrasileiramento, lido como uma forma de homogeneização dessas populações, através do

---

[243] ALTAMIRANO, Carlos. La Invencíon de Nuestra América. : Obsesiones, narrativas y debates sobre la identidad de América Latina. Madrid: Siglo XXI Editores, 2021

[244] A.G. Patriotismo, Nacionalismo e Identitarismo. 2014. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/patriotismonacionalismo-o-identitarismo>. Acesso em: 27/10/2024.

[245] ABAMMON, Frater. Identidade, Nacionalismo e a Proposta para o Renascimento Cultural. 2016. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/11/identidade-nacionalismo-e-a-proposta-para-o-renascimento-cultural>. Acesso em: 17/11/2024.

intercâmbio entre a cultura brasileira e a cultura local, enfraquecendo suas tradições e singularidades[246].

A figura do colono seria a personificação da identidade sulista, sendo chamado assim por vir da Europa para se estabelecer em outra terra, caracterizado por um estilo de vida simples, conectado com a natureza e o trabalho no campo, de uma sociabilidade ordeira, educada, cortês e hospitaleira, além de ser um repositório de sua cultura ancestral, mantendo viva suas tradições que continuam vivas no Sul do país[247]. O colono é descrito a partir de uma dimensão heroica, tendo sobrevivido a condições adversas tanto na Europa, como guerras, fome e miséria, quanto na América, desbravando o território, o que teria fortalecido os laços comunitários e de sangue, sendo o povo sulista herdeiro desses "heróis de dois mundos"[248]. Dessa forma, a identidade sulista seria formada pela conjunção de diferentes culturas europeias em comunhão com o território, o que teria determinado costumes, comportamentos, valores, crenças, etc.[249].

Além disso, para o grupo a afirmação de uma identidade eurodescendente serviria como um meio de proteção contra ideologias danosas da modernidade, como o progressismo, pautas de gênero e sexualidade e o multiculturalismo. Assim, essa afirmação identitária é uma condição importante para a manutenção da cultura dos descendentes de europeus. No entanto, ela estaria se tornando um tabu, ou mesmo, sendo motivo de ridicularização e rejeição, principalmente por setores de esquerda. A partir disso, o argumento do grupo tem por objetivo de igualar o orgulho de uma europeidade à luta de outros povos, os quais seriam tão ameaçados culturalmente pela modernidade quanto os brancos[250].

Além disso, há uma confluência de perspectivas entre o grupo e movimentos separatistas locais, como, por exemplo, o movimento O Sul é Meu País (OSMP), tais como a mobilização da dimensão étnica para discutir problemáticas de natureza política e social. A valorização do imigrante (europeu) como componente de construção da identidade da região,

---

[246] SCHWEICKERT, Bertram; E. Ricardo. A falsa festividade "identitária". 2016. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/09/a-falsa-festividade-identitária>. Acesso em: 17/11/2024

[247] SCHWEICKERT, Bertram. O Colono é a representação do Espírito Sulista. 2018. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/12/31/o-colono-é-a-representação-do-espírito-sulista>. Acesso em: 17/11/2024.

[248] SCHWEICKERT, Bertram. Heróis de Dois Mundos. 2018. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/12/31/heróis-de-dois-mundos>. Acesso em: 17/11/2024.

[249]SCHWEICKERT, Bertram. A Demografia da Região Sul. 2016. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/15/a-demografia-da-região-sul>. Acesso em: 17/11/2024.

[250]SCHWEICKERT, Bertram. Pelo direito de afirmar nossa identidade. 2017. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/06/16/pelo-direito-de-afirmar-nossa-identidade>. Acesso em: 17/11/2024.

ao mesmo tempo que possuem um caráter diferencialista que rejeita a imigração; a construção social do povo a partir da ancestralidade, através do pioneirismo da colonização e ocupação do território; o pertencimento a um grupo restrito de indivíduos desejáveis para a composição do povo e do território; a luta por autodeterminação herdada pelos antepassados e a inconformidade e oposição ao pertencimento à União.

Apesar dessas discussões comuns, o OSMP, reconhece minimamente as contribuições dos povos originários e negros para a construção da região, principalmente através de figuras que simbolizam para eles resistência e revolta do Sul, tais como o Cacique Guairacá, considerado como o primeiro herói sulista, por combater - entre 1550 a 1961 - os espanhóis que queriam anexar a região, e os "heróis" negros que lutaram para estabelecer a República de Juliana e a República Rio-Grandense[251]. Por outro lado, o LI adiciona uma dimensão etnopluralista e pan-europeísta a essas discussões e história, a qual começa com os colonos europeus não com Cacique Guairacá, e suas batalhas provaram a bravura daqueles que são ancestrais de europeus, não de outros povos[252], pois essa perspectiva não reconhece a colaboração entre quem é, supostamente, diferente.

A questão colonial do Sul do Brasil é uma dimensão importante da constituição da identidade da região. Como aponta Giralda Seyferth[253], a colonização europeia do Sul do Brasil, foi uma política imigratória promovida pelo Estado para povoar o território nacional, entre meados dos séculos XIX e início do século XX, sendo a colônia uma forma de exploração agrícola com base da pequena propriedade, voltada ao abastecimento e empreendida com mão de obra familiar. A exclusão dos nacionais nesse processo, serviu para vincular a categoria de colono ao imigrante europeu, relacionando simbolicamente a expressão à identidade e, não raro, em perspectivas laudatórias, também compreendida tanto por oposição aos brasileiros quanto qualificadores étnicos distintivos das colônias alemãs, italianas e polonesas. Para a perspectiva nacionalista republicana, as particularidades culturais trazidas pela imigração passaram a ser vistas como ameaças à unidade nacional, gerando medidas nacionalizadoras durante o Estado Novo, cujo ápice ocorreu com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, até o fim do regime, em 1945, com apreensões de

---

[251] KULAITIS, Fernando. AVER, Gabriel Pancera. As fronteiras do pertencimento étnico na pauta separatista do movimento "O Sul é o meu país". Sociologias, Porto Alegre, volume 25, 2023, e-soc123675, p. 1-33

[252] E. Ricardo. Lembremos de nossas revoluções! 2016. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/20/lembremos-de-nossas-revoluções>. Acesso em: 17/11/2024.

[253] SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. MÉTIS: história & cultura – v. 11, n. 22, p. 13-39, jul./dez. 2012.

aparelhos de rádio, livros, e documentos, além de prisões, principalmente da população de origem alemã.

Como demonstra a autora, além dessa política não ter produzido o resultado pretendido, a integração à sociedade nacional já estava em curso antes mesmo da repressão, tendo em vista que a integração à sociedade nacional não é impeditivo à distinção cultural que apoia as identidades alusivas à etnicidade, mas são reconstruídas em torno de determinados temas, podendo recuar ao passado, como a memória da colônia. Exemplos disso são os museus, grupos folclóricos e outras instituições voltadas às tradições culturais e à história, importantes na conformação de uma memória coletiva da colonização, que partem do pressuposto, do ponto de vista dos descendentes de alemães, de uma tradição teuto-brasileira, constituindo uma germanidade brasileira (ou *Deutschbrasilianertum*, termo usado antes de 1939 como uma variação da palavra alemã *Deutschtum*, para germanidade) e não puramente europeia, mas uma cultura inserida no país.

Dessa forma, tanto os crioulos quanto os colonos são reimaginados a partir da ótica do identitarismo, embora essas figuras estejam enraizadas nas representações locais de identidades na América Latina, ganham um novo contorno ao serem conjugados em uma lógica de pan-europeísmo etnodiferencialista, personificando uma comunidade ideal. Há uma tensão comunidade x nação, formada por aqueles que possuem uma ancestralidade europeia, mas se diferenciam destes pela relação que estabeleceram com uma terra distinta. Ademais, partem do pressuposto de que nações são comunidades estritamente homogêneas em termos étnico-culturais e/ou mesmo raciais. Assim, o Estado se torna a ameaça primeva, ao impor uma homogeneidade aos que são diferentes. Essa é uma crítica compartilhada pelo FUI, contudo, sua perspectiva de nação não é delineada a partir de referências locais diretas.

Para o grupo a Tradição é a dimensão fundamental da identidade, composta pelas heranças étnicas, culturais, espirituais, visões de mundo e costumes dos povos, a qual se manifesta através da tribo. A tribo é, por extensão, um contraponto à nação universalista, inserida em uma humanidade particular, de comunidades formadas por pessoas relacionadas entre si, capazes de produzirem uma solidariedade entre iguais, a partir de uma lógica amigo-inimigo[254]. Dessa forma, o Estado impõe uma unidade entre aqueles que são diferentes, como meio de centralizar poder no maior número de pessoas possível, não sendo o México

---

[254] FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Manifesto Ungerista, 2020. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/07/manifiesto-ungerista-por-frente.html>. Acesso em: 07/03/2024.

uma nação, mas regiões com tradições, costumes e tradições distintas e próprias que foram absorvidas e unificadas em torno desse ideal de nação[255].

Essa questão é mais bem delineada a partir da forma como foi compreendido o assassinato de George Floyd pela polícia estadunidense e a consequente erupção dos protestos e do movimento *Black Lives Matter* (BLM), em 2020, em resposta à violência policial contra a comunidade negra no país. Segundo o FUI[256], esses conflitos que se desenvolveram foram compreendidos a partir de uma lógica de guerra tribal, entendendo a polícia como uma gangue/tribo que responde aos interesses dos grupos que dominam o Estado e de si mesmos. Por sua vez, nessa visão, os EUA seriam um país fundado e dirigido por brancos de origem e cultura inglesa, onde os negros não foram assimilados pelo desinteresse de rejeitar uma identidade própria em favor de outra que não lhes diz respeito.

Dessa forma, o conflito entre uma sociedade que quer assimilar diferentes grupos, forçando a adoção uma identidade e cultura distintas da própria, gerando revolta entre esses grupos e a cultura dominante, o que se manifestou nos conflitos entre negros e a polícia, enquanto representantes da ordem dominante branca, cuja violência mútua entre os dois seria uma manifestação de um conflito identitário, ou tribal. Partindo desse ponto de vista, o FUI compreende que sociedades multiculturais são, naturalmente, conflituosas, sendo a saída possível, a autodeterminação dos povos e a formação de Estados etnicamente homogêneos. Outro ponto importante relaciona-se ao entendimento de que a verdadeira solidariedade só é possível dentro de grupos étnicos iguais e que cada povo deveria lidar com seus próprios problemas. Isso é construído a partir do argumento de que embora os brancos tenham manifestado apoio ao BLM, os negros não demonstram apoio quando brancos sofrem violência, assim, equiparando a luta de minorias étnicas com problemáticas, não raro, episódicas e/ou fantasiosas, envolvendo brancos.

Embora o FUI possua uma perspectiva clara em termos de promover uma visão etnopluralista de mundo - concordando com suas contrapartes sul-americanas que sociedades multiculturais são essencialmente conflituosas, que os Estados enfraquecem as raízes culturais dos povos e contribuem para a homogeneização ao amalgamar em um território e em uma identidade nacional diferentes culturas -, o grupo não fez um esforço de delimitar e discutir,

---

[255] ANTARES. Microhistoria. 2020. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/01/microhistoria-por-antares.html>. Acesso em: 07/03/2024.

[256] CORVINUS, Velkan. Guerra Tribal. 2020. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/05/guerra-tribal-por-velkan-corvinus.html>. Acesso em: 07/03/2024.

em termos étnicos e/ou raciais, a qual identidade a sua perspectiva tribalista se refere e busca defender.

Apesar disso, a relação de amizade entre Juan Pablo Vitali e Velkan Corvinus, pseudônimo da principal liderança do grupo, oferece alguns caminhos. No prólogo do livro *Escritos del Último Criollo: Tributo a Juan Pablo Vitali*, organizado de forma independente pelo escritor de ficção e ensaios metapolíticos mexicano Fernando Trujillo e Corvinus[257], este descreve sua relação próxima com Vitali, sendo o contato com suas ideias um divisor de águas para a sua formação, até então vinculada à terceira posição e ao nacional-socialismo. Além disso, serviu de inspiração para o ativismo metapolítico e a criação do site *Círculo de Cuerbos Galenos*, o qual mais tarde o FUI se tornaria um braço. A partir disso, foi estabelecido contato e uma relação de admiração mútua entre ambos, através do interesse de Vitali nos textos publicados e traduzidos para o espanhol, os quais o autor argentino divulgou em suas redes sociais. Embora Corvinus se descreva como crioulo vitaliano, não há referências a isso nos textos do site ou em publicações originais do grupo nas redes sociais relacionadas à identidade crioula. Contudo, a influência de Vitali na organização parece se manifestar na perspectiva do paganismo, a qual, segundo Corvinus, o autor argentino ajudou-o a afirmar, ensinando sua essência através das tradições indo-europeias.

Nesse sentido, mesmo não havendo delimitação direta sobre o vínculo identitário que o FUI busca em termos étnicos, principalmente baseado em representações identitárias locais, é possível aproximar o grupo a uma europeidade a partir da exaltação, em imagens e textos, voltados a figuras e símbolos de um imaginário do paganismo europeu. Além disso, essa particularidade também é associada a uma religiosidade tradicionalista que se soma a referências de religiões asiáticas, como o hinduísmo e o budismo. Esse amálgama de referências é personificada através da figura do Barão Roman Ungern von Sternberg (1886–1921), de onde vem o nome "*Frente Ungerista Identitario*", a qual é uma figura que provocou admiração em diferentes círculos da extrema direita ao longo dos anos.

O Barão Ungern foi um senhor da guerra anticomunista, advindo de uma família aristocrática alemã do Báltico. Sua visão de mundo combinava monarquismo, religiosidades budistas e cristãs e a admiração pela cultura nômade. Além disso, serviu em diversos conflitos bélicos, tais como a Guerra Russo-Japonesa, a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Civil Russa. Contudo, é mais conhecido por sua invasão da Mongólia, cujo objetivo era usar o país como base contra as forças revolucionárias e tentar retomar o controle do Império. Mesmo

[257] CORVINUS, Velkan. Ave Vitali. In: CORVINUS, Velkan; TRUJILLO, Fernando (Org.) **Escritos del Último Criollo**: Tributo a Juan Pablo Vitali.

conseguindo estabelecer controle no país, terminou capturado e sentenciado à morte em 1921 pelos bolcheviques. Antes de sua morte, tinha o objetivo de criar um império euro-asiático de proporções similares às conquistas mogóis, governado por um misticismo híbrido de cristianismo, budismo e xamanismo, capaz de curar o Ocidente de sua decadência. Suas ideias políticas de criar um império teocrático capaz de destruir os bolcheviques e reerguer o mundo ocidental serviram de inspiração para diversas personalidades extremistas, como Julius Evola, Alexandr Dugin e Eduard Limonov[258].

Tendo isso em vista, Ungern consolida uma dimensão tradicionalista para o FUI. Para o grupo, o Barão teria visto na Mongólia um lugar onde a Tradição ainda estava viva, assim, possuindo uma identidade que não havia sido corrompida pela modernidade burguesa. Assim, Ungern teria dado a vida pelo objetivo de restaurar e espalhar a Tradição através de um novo Império onde se tornaria Khan. Além disso, Ungern ganha traços míticos e místicos, sendo descrito como aquele que se converteu em um Deus da Guerra, como Shiva e Odin. Ele é compreendido como o caminho que o homem deve seguir e representa a força necessária para encerrar o *kaliyuga* e dar início a um novo ciclo. Mais que isso, o barão representado como um avatar de masculinidade ideal para o grupo, guerreiro, violento, selvagem e tribal. Esse é o cerne das preocupações identitárias do grupo, mais do que com questões étnicas, embora, como vimos, estas não se ausentem de suas discussões[259].

A violência é uma dimensão fundamental da perspectiva de tribalismo proposta pelo grupo, sendo ela uma força motriz da masculinidade e a principal característica associada ao homem, servindo como um caminho de defesa de si e da comunidade em que se insere. Nesse sentido, a modernidade não é apenas uma ameaça à Tradição, mas também à virilidade, enquanto o estilo de vida burguês seria uma forma de enfraquecimento da masculinidade idílica, corrompendo, assim, os valores heroicos e guerreiros, domesticando a masculinidade[260]. Essa visão vai tanto em direção da interpretação de Evola sobre o declínio da casta guerreira e sacerdotal e a ascensão da casta comerciante na modernidade[261], quanto da perspectiva de tribalismo masculino de Jack Donovan.

---

[258] DOHNAL, Adam, Baron Roman von Ungern-Sternberg: Between Global Pop Culture and Mongolian Historiography. In: PESHKOV. Ivan. **The Hulunbuir and Transbaikalia Playground**: Microphysics of Power on the Sino-Russian Border. Poznań: Adam Mickiewicz University, 2019.

[259] FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Manifesto Ungerista, 2020. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/07/manifiesto-ungerista-por-frente.html>. Acesso em: 07/03/2024.

[260] FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Manifesto Ungerista, 2020.**Círculo de Cuervos Galenos.** Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/07/manifiesto-ungerista-por-frente.html>. Acesso em: 07/03/2024.

[261] SEDGWICK, M. **Contra o Mundo Moderno**: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

O pensamento de Donovan tem no vínculo masculino o ponto central de reflexão, como base de uma identidade masculina e da sociedade como um todo, sendo o patriarcado o estado natural e legítimo da humanidade, enraizado em um contexto de sobrevivência primitiva. Para o autor, a primeira forma de organização social se desenvolveu a partir de homens que se reuniram em bandos em busca de sobrevivência e na competição de recursos em ambientes hostis. Assim, essas gangues/tribos forneceram a segurança para que as culturas e civilizações humanas surgissem. Mas mais do que isso, essas gangues/tribos eram as estruturas sociais que permitiam que os homens se realizassem enquanto indivíduos, através dos valores da força, coragem, habilidade e honra, bem como um modo de vida centrado em torno da luta, na hierarquia e na defesa da comunidade contra forasteiros. Ademais, Donovan entende que existe uma tensão entre a vida de gangue e a civilização, a primeira marcada pela violência e selvageria e a segunda pela contenção e ordem. Embora na maior parte da história a conciliação entre essas duas esferas foram possível, isso tem se tornado cada vez menos viável no último século, principalmente devido ao abandono da perspectiva de gangue em direção a um mundo globalizado formado por uma tribo mundial, enfraquecendo identidades comunitárias, com Estados modernos se tornando incapazes de produzir culturas de honra, associado-se a aspectos burgueses e afeminados[262].

Mesmo que de forma secundária, questões relacionadas à masculinidade são relativamente comuns nos meios identitários. Segundo Judith Goetz[263], há um debate interno sobre a crise e o significado da masculinidade dentro do extremismo de direita, sendo associada principalmente a capacidade de defender a comunidade quando ameaçada, a qual o feminismo é representado como uma das principais figuras de oposição. Essa visão é associada a uma masculinidade viril e militar, ameaçada ou mesmo perdida. Tal enfraquecimento da masculinidade é atribuído a diversos fatores, como as ideias da geração de 1968, a decadência dos valores, o liberalismo, o feminismo, a homossexualidade, a queda das taxas de natalidade dos brancos e pela cultura de acolhimento aos imigrantes, estes descritos como mais viris e, por isso, capazes de substituir a população local. Além disso, como demonstra a autora, essas perspectivas estão associadas não apenas a uma retórica violenta, caracterizada por metáforas de combate, guerra e referências à cultura pop, como os filmes “300” e “Clube da Luta”, mas também à percepção de uma masculinidade combativa,

---

[262] LYONS, Matthew N. Jack Donovan and Male Tribalism. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

[263] GOETZ, Judith. ‘Patriotism is not just a Man’s Thing’: Right-wing Extremist Gender Policies within the so-called Identitarian Movement. **Journal of Modern European History**. Volume 20, Issue 3, 2022.

tendo a violência um meio tanto de restabelecer essa masculinidade perdida quanto de defesa da identidade contra o outro.

Ademais, segundo John Grant e Fiona MacDonald[264], essa perspectiva de masculinidade pode ser melhor compreendida ao se considerar algumas mudanças sociais que estão se desdobrando desde o pós-Segunda Guerra Mundial, tais como: evoluções na estrutura familiar, a participação das mulheres no mundo do trabalho, a revolução sexual, a crescente aceitação da comunidade LGBTQIA+, a crescente influência e participação de mulheres e pessoas não brancas, em espaços de poder e em setores da mídia, e o movimento em direção a uma economia pós-industrial. Dessa forma, mesmo que tanto em termos individuais quanto coletivos, essas mudanças não tenham posto fim à dominância masculina, abriram espaços mais frequentes de questionamento da legitimidade do privilégio masculino branco, a qual, grupos setores como a *alt-right* entendem como sintomas da decadência masculina.

Essas questões estão presentes no LI e no FNI, mas de formas menos relevantes se comparados ao FUI. Um exemplo disso são traduções de textos vinculadas principalmente a referências como Jack Donovan, *Operation Werewolf*[265] e, nos grupos hispanófonos, Juan Pablo Vitali, demonstrando confluência em assuntos relacionados a decadência da masculinidade e do papel social do homem, a exaltação da virilidade, a admiração da figura do guerreiro a partir de dimensões heroicas e a interpretação das feministas como mulheres que não entendem a si mesmas e os homens.

Dessa forma, os supracitados grupos latino-americanos construíram suas perspectivas identitárias baseadas na concepção sociedades multiculturais são, por natureza, estruturas desarmônicas, sendo a solidariedade uma sociabilidade possível apenas em uma nação homogênea e étnico-culturalmente relacionada, o que coloca a concepção de Estado-nação moderno como a primeira trincheira na batalha metapolítica pela identidade, o que parece ser não uma problemática restrita à América Latina, mas na América como um todo, tendo em vista as propostas em torno da criação de etnoestados pela *Alt-Right* de Richard Spencer nos

---

[264] GRANT, John; MACDONALD, Fiona, The alt right, toxic masculity and violence. In: MACDONALD, Fiona e DOBROWOLSKY, Alexandra. **Turbulent Times, Transformational Possibilities?**: gender and politics today and tomorow. Toronto: University of Toronto Press, 2020

[265] Operation Werewolf tem como principal liderança o americano Paul Waggener, sendo definido por este como uma mistura de clube da luta, academia de musculação, clube de motoqueiros e ordem esotérica. A imagem do lobo está associada a uma perspectiva tribalista bem próxima daquela de Jack Donovan, relacionada a um culto ao corpo masculino musculoso e à camaradagem entre homens violentos. Além disso, embora sua iconografia, não raro, aproxime-se do nazismo, Waggener nega essa associação, dizendo que tais referências advêm da mitologia nórdica. Ver: RUTHERFORD, Stephanie. Wolfish White Nationalisms? Lycanthropic Longing on the Alt-right. **Journal of Intercultural Studies**, 41(1), 60–76, 2020. doi:10.1080/07256868.2020.1704227

EUA[266]. Ademais, houve uma busca de inserção em uma pan-europeidade, que se desenvolve não apenas por uma via de reprodução, mas também em um esforço de adaptação dos grupos locais, onde as representações em torno dos crioulos e dos colonos são os maiores exemplos.

Além disso, há uma preocupação relacionada ao enfraquecimento da masculinidade, a qual associa o homem à virilidade, ao guerreiro e, não raro, à violência. Essa é uma questão fundamental para o FUI, mas que tangencia os grupos LI e FNI, partindo de percepções que, com as mudanças sociais do último século, as quais foram agravadas pela globalização, ambas as questões parecem partir da mesma percepção a respeito dessas dinâmicas, a de que o homem branco estaria perdendo seu espaço central nas sociedades ocidentais. Dessa forma, a metapolítica identitária é povoada pelo anseio de retorno às antigas formas de organização comunitária, sociabilidades e papéis sociais de gênero, mas, além disso, o retorno de uma visão de mundo que coloca o homem branco no centro. Dessa forma, como veremos adiante, isso pode ser relacionado com perspectivas colonialistas.

2.3 - Entre passado e futuro

Nas sociedades ocidentais do início do século XXI, existem discussões importantes que vão de encontro à subsistência ou mesmo a regressos de passados conflituosos, os quais tendem a ser percebidos e valorizados de maneiras distintas pelos atores sociais. Um exemplo disso relaciona-se ao legado colonial e escravocrata dos Estados europeus, o que se manifesta em discussões sobre o caráter estrutural do racismo e da xenofobia nesses países. Por outro lado, a ultradireita busca reabilitar um passado autoritário e, até mesmo, em alguns casos, fascista, tal como seus líderes, sua historiografia e visões de mundo. Não apenas evocando esse passado como horizonte de realização do presente e no futuro, mas também contribuindo para dar densidade histórica a seus projetos culturais, políticos, sociais e econômicos os quais essas forças visam estabelecer com a conquista do poder. Essa é também uma dinâmica da metapolítica e das chamadas guerras culturais em contextos europeus e americanos desde meados do século XX[267].

A colonização é um tema pouco frequentado nos círculos identitários europeus. Certamente, o termo aparece mais associado aos imigrantes, para descrevê-los como uma

---

[266] BAR-ON, Tamir. The Alt-Right's continuation of the 'cultural war' in Euro-American societies. **Thesis Eleven** 2021, Vol. 163(1) 43–70 DOI: 10.1177/07255136211005988

[267] CALDEIRA NETO. Odilon; MADEIRA, Bruna. Direitas radicais e extremas: uma introdução. **Lusotopie**, XXI (2), 2022.

ameaça colonizadora. Para Guillaume Faye[268], o terceiro-mundismo de Alain de Benoist foi um erro ideológico motivado por um antiamericanismo equivocado, uma vez que ignora a ameaça real, a colonização dos povos do Norte pelos povos do Sul, motivada por um revanchismo contra a Europa. Nesse sentido, Faye propõe que se mostra necessário parar de entender os países do Sul, e ele ressalta, os países africanos, como vítimas das contínuas maquinações dos países do Norte. Dessa forma, a história neocolonialista de subjugação desses povos pela Europa foi compreendida como um mito martirológico que precisa ser destruído, tendo em vista que, cada povo, seria responsável pelo próprio destino e não vítima. Essa leitura exime os europeus de sua responsabilidade e a transporta para os povos, por eles, dominados. Mas, mais do que isso, os exime de culpa.

Para o autor, essa culpa impede que os europeus afirmem a sua superioridade civilizacional, sendo responsável pela perda de consciência étnica, gerando sentimentos de xenofilia, ou seja, a superestima do estrangeiro, visto como vítima, enquanto desvaloriza a sua própria etnia. Por sua vez, essa desvalorização é compreendida como *etnomasoquismo*, gerada pela vergonha e ódio de si, sendo um empreendimento sistematizado para fazer os europeus se sentirem culpados pela forma como trataram outros povos, além de lavá-los a se verem como opressores, negando o direito de uma identidade étnica[269].

Diante disso, a Europa ser subjugada e colonizada pelo outro, personificado no imigrante árabe-muçulmano, seria culpa dos próprios europeus, tendo em vista que um povo não é vítima da sua destruição cultural e étnica, mas também um colaborador, ao optar pela resignação e a renúncia da autodefesa. Dessa maneira, a dominação cultural norte-americana e a colonização da Europa pelo Sul, poderiam ter sido evitadas, mas a escolha feita teria sido a da conformidade. Enquanto a cultura europeia foi compreendida como enfraquecida, a do imigrante árabe-muçulmano é, em contrapartida, vista como vigorosa e de mentalidade arcaica, sendo o Islã novamente um conquistador, após séculos de interrupção pelo colonialismo europeu. Desse modo, a oposição à colonização perpassa a retomada dessa mentalidade arcaica e o abandono do humanismo moderno[270].

Ironicamente, a descrição das características dessa "mentalidade arcaica" dos povos árabes-muçulmanos, que estariam colonizando os europeus, mesmo que os *neodireitistas* insistam que as culturas são fundamentalmente distintas entre si, parece mais uma descrição

---

[268] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.
[269] FAYE, Guillaume. **Why We Fight**: Manifesto of the European Resistance. London: Arktos Media, 2010.
[270] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.

de como foi organizado o sistema colonial europeu. Tais características listadas pelo autor francês seriam: o domínio da força, a legitimidade da conquista, o etnicismo exacerbado, a animalização do outro, uma religiosidade agressiva, machismo e consciência hierárquica[271]. Portanto, para Faye, os europeus não devem sentir culpa em relação ao colonialismo, tanto porque os povos dominados são corresponsáveis pela subjugação, assim, essa culpa é a raiz do problema da dominação árabe-muçulmana sobre os europeus, os quais são corresponsáveis pelo processo de colonização que estariam sofrendo. Assim como seus supostos colonizadores, o povo da Europa deveria retomar uma mentalidade arcaica, a qual permitiria que os europeus pudessem afirmar sua superioridade étnica novamente. Dessa forma, essa retomada, se não for de uma mentalidade colonialista *stricto sensu*, é de uma mentalidade que permitiu que o colonialismo prosperasse.

Tatiana Poggi e Rejane Hoeveller[272] apontam que tanto as novas direitas do Norte quanto do Sul Global promovem um arcabouço histórico-cultural eurocentrado, baseado em um padrão de humanidade etnocêntrico, excluindo tudo aquilo que não se adequa minimamente a esse padrão. Dessa forma, a perspectiva de sociedade gira em torno de concepções de etnoestados, cuja legitimação perpassa argumentos étnico-culturais e de um passado mitificado, podendo se inscrever nos princípios do sangue e solo, mais especificamente em casos europeus, ou mesmo através da experiência da colonização, como na América Latina. As elites políticas latino-americanas, historicamente, mimetizaram a cultura europeia nas Américas, não sendo um fato novo entre os autodenominados identitários, ambos se identificando mais os aspectos europeus do que com os povos locais.

Além disso, as autoras delinearam o ideário *neodireitista* como sendo baseado no princípio de pureza étnico-cultural, o horror à mistura e a afirmação de uma herança e ancestralidade europeia. Assim, a afirmação de direitos à valorização de grupos não brancos à ancestralidade, como proposto por Alain de Benoist, é um subterfúgio para reivindicar a valorização da identidade e ancestralidade europeia, ou seja, uma busca pelo direito de afirmação da branquitude. Dessa forma, esse projeto, por mais que muitas vezes se diga afinado com perspectivas anti-coloniais e anti-imperialistas, na verdade, vai em direção à representatividade e orgulho do dominador, dissipando sua essência emancipadora para que aqueles sigam dominando. Essa questão é bem clara nos grupos aqui trabalhados, os quais não

---

[271] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.

[272] POGGI, Tatiana; HOEVELLER, Rejane. Velhas ideologias, novas roupagens: perspectivas do fascismo atual a partir da experiência da nova direita europeia e latino-americana. In:TZEIMAN, Andrés; MARTUSCELLI, Danilo Enrico. La crisis de la democracia en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2024. ISBN 978-987-813-704-9

negam que os grupos diferentes de si tenham o direito de autoafirmação identitária, sendo uma forma de argumentar que, tal qual os mapuche[273] ou os afrodescendentes[274], aqueles de herança europeia também teriam o direito de se orgulhar de seus ancestrais e de se afirmarem etnicamente.

Contudo, esses direitos de autoafirmação não são equiparáveis, como demonstram Poggi e Hoeveller. Com a colonização europeia, foi incutido, nos povos originários, negros mestiços, o desejo de ser branco. Porque ser branco nessas sociedades é ser reconhecido, respeitado, ter virtude, encaixar-se no padrão e escapar da discriminação. As autoras balizam seus argumentos na obra de Frantz Fanon[275], o qual entendia que os povos colonizados possuem um complexo de inferioridade devido ao sepultamento da originalidade de suas culturas, enquanto assimilam a cultura e os valores metropolitanos. Este é, para além da força bruta, mais um método sistemático de colonização que, mesmo com o fim do domínio colonial, permanece na cultura através de padrões eurocêntricos e no desprezo pela própria herança cultural. Portanto, a autoafirmação das heranças africanas e indígenas, com as quais esses grupos tentam se igualar, parte, fundamentalmente, de lugares distintos, uma como forma de ultrapassar o legado colonial e outra como meio de reafirmá-lo.

A tentativa de suavizar o passado escravista é um dos grandes marcos dessa questão, colocando os negros como corresponsáveis pelo processo escravista, atenuando a culpa dos colonizadores e, até mesmo, sendo descrita como benéfica para aqueles que foram escravizados. Para o FUI[276], não faria sentido sentir culpa por algo que aconteceu há tanto tempo e que, embora os negros se vitimizem por esse passado, a maioria deles nunca teria experienciado, de fato, o que é ser escravo. O grupo argumenta que, na África, ainda existe escravidão e traficantes de escravos negros, partindo de uma visão essencialista em relação ao continente africano, associando-o à miséria e à barbárie. Com isso, conclui que os negros deveriam se sentir "gratos" por estarem nas Américas, e que se acham "o mundo branco" de hoje algo "maligno" para com seu próprio povo, seria porque nunca estiveram na África.

---

[273] A.G. Patriotismo, Nacionalismo e Identitarismo. 2014. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/patriotismonacionalismo-o-identitarismo>. Acesso em: 27/10/2024.

[274] SCHWEICKERT, Bertram. Pelo direito de afirmar nossa identidade. 2017. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/06/16/pelo-direito-de-afirmar-nossa-identidade>. Acesso em: 17/11/2024.

[275] Fanon, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008. Citado por: POGGI, Tatiana; HOEVELLER, Rejane. Velhas ideologias, novas roupagens: perspectivas do fascismo atual a partir da experiência da nova direita europeia e latino-americana. In:TZEIMAN, Andrés; MARTUSCELLI, Danilo Enrico. La crisis de la democracia en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2024. ISBN 978-987-813-704-9

[276]CORVINUS, Velkan. Culpabilidad Mierda. 2020. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/06/culpabilidad-mierda-por-velkan-corvinus.html>. Acesso em: 17/11/2024.

Dessa forma, o grupo argumenta que os negros nas Américas foram beneficiados pelo passado escravista. Nessa visão, embora muitos negros, como aqueles do BLM, vitimizem-se e digam odiar "o mundo branco", neste lado do Atlântico, ao mesmo tempo, podem desfrutar de diversos benefícios que não existem em "países negros", sendo hipócritas por odiarem os brancos, protagonizarem violências contra brancos, mas gostarem de "suas criações". Nessa perspectiva, os brancos deveriam sentir orgulho de si e não culpa por seus ancestrais, tendo em vista que nenhum outro povo sente vergonha do seu passado. Ademais, os negros, ao se ressentirem, estariam mantendo uma mentalidade de escravizados, porque, caso se sentissem verdadeiramente orgulhosos de si e tivessem uma "mentalidade de conquistador", não recorreriam à vitimização e ao ódio contra brancos, o qual recorrem todas as "vítimas do mundo branco", as quais, no fundo, usufruiriam de seus benefícios.

Para o LI, o etnomasoquismo garante o privilégio de outros povos à identidade, enquanto nega aos brancos o direito a ela, sendo uma espécie de racismo contra o próprio povo. Esse etnomasoquismo seria manifesto através de duas dimensões, a da culpabilização pela escravidão e a negação das contribuições dos brancos para a humanidade nas mais diferentes áreas do conhecimento. A soma desses dois fatores levaria ao etnosuicídio, ou seja, quando um etnomasoquista entende que a única solução para si e para seu povo seria a extinção[277]. O grupo se queixa de que mesmo que todos os povos do mundo tenham, em algum momento, cometido mal reciproco, o homem branco é o único que sente culpa por seu passado. A partir disso, o grupo tentou relativizar a escravidão perpetrada pelos europeus, argumentando que a escravidão é uma prática antiga da humanidade, utilizada por diversos povos e que permanece presente atualmente, com maior concentração na África. Além disso, argumentam que os árabes-muçulmanos possuem uma cultura que não condena a escravidão, tendo estes ao longo de quase mil anos escravizado mais pessoas que os europeus (em 400 anos)[278].

---

[277] SCHWEICKERT, Bertram. Etnomasoquismo. 2018. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/08/30/etnomasoquismo>. Acesso em: 17/11/2024.

[278] Na última década, esse tipo de discussão ganhou força no debate público, em grande medida devido às obras do jornalista Leandro Narloch, que se propunham a escrever um tipo de história que contraporia a "doutrinação de esquerda" por parte dos professores e das universidades. Essa narrativa transformou a diversidade cultural no continente em um bloco único, cuja escravidão seria um traço comum, com o objetivo de transferir a culpa e a responsabilidade pela escravização de pessoas dos europeus para os africanos e, no caso das Américas, para os indígenas. Mesmo após séculos de domínio imperialista europeu, que impôs valores europeus em diferentes partes do continente, é impossível pensar na África como uma só cultura, sendo a afirmação de que africanos escravizavam africanos, por si só, um essencialismo e uma má-fé histórica. Tendo isso em vista, havia escravidão em algumas regiões da África antes da chegada dos europeus; porém, sua natureza era totalmente distinta, mais relacionada a conflitos internos, ou seja, escravidão por dívida ou por guerras. Contudo, a partir das conquistas europeias no século XVI, desencadeou-se um grande aumento da demanda por escravizados, provocando uma mudança radical na maneira como a escravização passou a ser estruturada. Antes, restrita a alguns locais e em pequena escala, a escravidão se transformou em um empreendimento de larga escala que abasteceu mercados na

Ademais, pontos importantes do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas não seriam comandados por brancos, mas por judeus, que dominavam pontos-chave no comércio de pessoas no Caribe, além dos próprios africanos que capturavam e escravizaram pessoas para o comércio. Enquanto isso, os brancos foram os primeiros a abolir a escravidão[279], assim, usando um artifício antissemita para eximir os brancos da culpa pela escravidão e transportá-la aos judeus, o que não se sustenta como justificativa tendo em vista que as coroas europeias foram as grandes promotoras do empreendimento escravista.

Discutir e minimizar o passado colonial e a escravidão não é um fenômeno restrito a esses grupos, mas se insere em uma dinâmica mais ampla de fortalecimento da oposição à democracia liberal. Como aponta Arthur Lima de Avila[280], o negacionismo histórico, antes vinculado a setores mais marginalizados da extrema direita, como no negacionismo do Holocausto, nos últimos anos, tem ganhado cada vez mais espaço no debate público, sendo perpassado pela romantização da colonização, a minimização da escravidão no Ocidente e na reabilitação de diversos regimes autoritários. Esses negacionismos agem através de silêncios, mistificações, ocultamentos e minimizações no âmbito narrativo, tentando subtrair determinados passados do presente, visando torná-los insubstanciais e fixar significados unilaterais à história. O autor toma como exemplo a produtora Brasil Paralelo, responsável por uma série de documentários de conteúdo histórico que não levam em consideração os avanços historiográficos, buscando promover uma visão de passado alinhada com as novas direitas. Tendo isso em vista, algumas de suas representações sobre a escravidão assemelham-se aos grupos aqui trabalhados, ao falsear a história sem negar seus acontecimentos, como o argumento da escravidão como algo milenar, a mitificação da abolição, tentativas de trivializar a escravização e eximir os europeus de culpa, colocando os africanos como os verdadeiros escravistas e negando a fundamentação racial da escravização de pessoas.

Além disso, os colonizadores ganham delineados heroicos, como conquistadores, capazes de feitos heroicos e corajosos, ao desbravar o Novo Mundo. Segundo o FNI, tanto os

---

Europa e nas Américas. Portanto, a narrativa de que os africanos são os culpados pela escravidão não é apenas falaciosa , mas também busca eximir de culpa os europeus que enriqueceram durante séculos com o comércio transatlântico de pessoas. Ver: DANIELI NETO, Mário. Os portugueses nunca pisaram na África e não foram responsáveis pela escravidão? In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Revisionismos: a universidade esclarece. São Paulo: Editora Mentes Abertas, 2020.

[279] LEGIÃO IDENTITÁRIA. O pecado capital do Homem Branco. 2019. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2019/05/14/o-pecado-capital-do-homem-branco>. Acesso em: 17/11/2024.

[280] AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021 http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-09

crioulos quanto seus ancestrais sempre foram minoria no continente, contudo, graças a atos de valentia e, até mesmo, de brutalidade, souberam subjugar as maiorias selvagens hostis. Isso se manifesta na celebração de figuras ligadas às guerras que deram início ao domínio colonial espanhol no Chile, como Inés de Suárez, descrita como a mulher europeia que salvou Santiago ao resistir ao ataque de "estrangeiros raciais". Enquanto os espanhóis sofria um cerco pelos Mapuche e não havia mais esperança, Suárez teve a ideia de decapitar as lideranças indígenas que eram mantidas como reféns pelos espanhóis e expor suas cabeças para aqueles que os cercavam, causando a confusão necessária para a reação, sendo um esforço que permitiu que a cidade de Santiago permanecesse de pé[281].

A cidade de Santiago simboliza para o grupo um marco da conquista europeia no país e, portanto, uma origem mítica de seus ancestrais colonizadores, assim como um símbolo de resistência aos indígenas. A cidade de Santiago del Nuevo Extremo, fundada por Pedro de Valdívia em 12 de fevereiro de 1541, tem essa data comemorada pelo grupo anualmente, com manifestações próximas a monumentos dedicados ao conquistador espanhol. Essas atividades consistiram na reunião dos membros, a ostentação de bandeiras do grupo, em alguns casos da bandeira do Império Espanhol e a leitura de discursos, ou até mesmo, de poesias de Juan Pablo Vitali[282]. Essas comemorações são compreendidas como uma forma de homenagear os feitos heroicos dos ancestrais colonizadores, cuja história estaria sendo menosprezada e esquecida não apenas pela sociedade chilena atual, mas também pelos seus herdeiros crioulos[283].

Outra comemoração que foi ao encontro do passado colonial se relacionou com o Dia de Colombo, que celebra o 12 de outubro em que este chegou às Américas, sendo também conhecido como Dia da Hispanidade ou Dia da Raça. As atividades foram semelhantes às realizadas no aniversário de Santiago, ocupando o espaço público para celebrar a herança europeia e afirmar e tentar recuperar um orgulho, segundo eles, esquecido. O grupo enxerga como um ato de rebeldia e inconformismo não se vincular a histórias condenatórias, uma *leyenda negra*[284] sobre seus antepassados dentro da sala de aula, não devendo sentir culpa ou

---

[281] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Recordando el 11 de Septiembre de 1541. 2019. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/11-de-septiembre-de-1541>. Acesso em: 27/10/2024.

[282]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Segunda conmemoración Nacional-Identitaria de la fundación de Santiago del Nuevo Extremo. 2014. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/segunda-conmemoracion-nacional-identitaria-de-la-fundacion-de-santiago-del-nuevo-extremo>. Acesso em: 27/10/2024.

[283]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. FNI conmemora la fundación de Santiago. 2013. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/fni-conmemora-la-fundacion-de-santiago>. Acesso em: 27/10/2024.

[284] O termo "*leyenda negra"*, ou lenda negra em português, é utilizado por diversos grupos de direita para tentar desqualificar a historiografia de determinados processos históricos. Um exemplo disso se relaciona com o partido espanhol Vox, cuja releitura da história descreve de maneira gloriosa a conquista e colonização da

se desculpar por esse passado ou pelo futuro, tendo em vista que tanto o sangue quanto o espírito de luta dos conquistadores seguiria vivo nos crioulos[285]. Embora o grupo se vincule a símbolos e discursos que podem ser classificados como hispanistas, para o eles esse termo restringe a identidade branca no Cone Sul e exclui a contribuição de anos de imigração europeia nas Américas. Dessa forma, mesmo que não reneguem a bandeira do Império Espanhol, preferem se compreender e se inserir em uma dimensão pan-europeísta[286].

Tendo isso em vista, o passado colonial para os grupos latino-americanos é um ponto central das problemáticas que envolvem suas perspectivas identitárias locais, sendo uma via de inserção dentro de um imaginário identitário e pan-europeísta mais amplo. Isso se deu na perspectiva compartilhada, nas Américas e na Europa, de que a negação do direito à identidade e a diferença dos povos europeus e de descendência europeia é perpassada pela imputação de culpa pelo passado de seus antepassados europeus, mais especificamente na América Latina, o passado colonizador e escravista. Nesse sentido, essas questões foram levantadas tanto como forma de reabilitar esse passado, quanto de estabelecê-lo como uma conexão entre a Europa e América, compreendendo-o como um contexto em que a lógica das diferenças era inerente aos europeus e seus descendentes, quando estes ainda tinham consciência de si, mas, mais do que isso, não sentiam culpa por serem quem são.

Essa é uma dinâmica que pode ser compreendida como parte das chamadas guerras culturais, sendo um dos elementos centrais de disputa ideológica. Em maior ou menor grau, dentro das discussões públicas acerca de valores e ideias que deveriam nortear a sociedade, divergências sobre definições e tradições históricas ocupam lugar de destaque. Essa questão é vinculada aos valores que se projetam na interpretação desse passado, relacionando-se com aqueles que deveriam prevalecer no presente. Muitos países, nas últimas décadas, têm vivenciado a emergência de correntes que propõem uma reinterpretação crítica do passado, sendo as experiências coloniais um tema recorrente pela sua magnitude. Dessa forma, em grande medida, a ultradireita tornou-se promotora de uma reação cultural, a qual reivindica valores positivos desses acontecimentos históricos, ligando-os à preservação de um orgulho que tem sido questionado[287]. Assim, a culpa é interpretada como uma forma de tentar

---

América, enquanto as interpretações críticas a esse passado são descritas como anti-espanholas, cujo objetivo é manchar e culpabilizar os espanhóis, uma *leyenda negra*. Ver: CASQUETE, Jesús. **Vox frente a la historia**. Madrid: Ediciones Akal, 2023

[285] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. FNI celebra el día de la Raza. 2013. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/fni-celebra-el-dia-de-la-raza>. Acesso em: 27/10/2024.

[286] F.A. No somos hispanistas. 2015. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/csm/no-somos-hispanistas>. Acesso em: 27/10/2024.

[287] RODRÍGUEZ. Mateo Ballester. Historia y guerra cultural en Vox. In: Casquete, Jesús. Vox frente a la historia. Madrid: Ediciones Akal, 2023.

invalidar o orgulho de ser branco, sendo uma barreira para a autoconsciência étnica e cultural. Portanto, a atuação metapolítica desses grupos buscou promover uma consciência, a qual seria capaz de produzir resistência contra as ameaças identitárias.

Essa questão também se materializa no passado, para o LI, a partir da memória da Revolução Farroupilha, descrita como um dos maiores conflitos em que o Sul participou ativamente, quando os antepassados lutaram por um ideal de liberdade contra um governo central repressor, o qual ecoou não apenas nas elites, mas também nos setores populares. Durante quase 10 anos os sulistas mantiveram-se, em termos evolianos, "de pé entre as ruínas", demonstrando o espírito heroico e guerreiro deste povo. Contudo, devido à desunião e à covardia dos legalistas, a República Riograndense chegou ao fim, mas o seu legado permaneceu vivo para as futuras gerações, a da não submissão, a lembrança da força do povo e a revolta como inspiração para a "chegada do novo alvorecer"[288]. Dessa forma, o passado revolucionário ganha delineados identitários, sendo fonte de aspirações para a formação de um etnoestado, representando a união do Sul contra o Estado brasileiro opressor, a consciência de si compartilhada pela população, esta dotada de traços guerreiros e heroicos, a revolta contra a modernidade e a possibilidade da construção de uma nova ordem.

Assim, as soluções para todas as problemáticas são perpassadas pela retomada de um pensamento etnocêntrico, abandonado pelos brancos etnomasoquistas, o qual possibilitaria buscar o bem comum da própria comunidade. Os europeus são usados como exemplo, pelo LI, para definir isso, por produzirem um "altruísmo patológico" que ao oferecer ajuda a pessoas diferentes de si, colocam em risco seus iguais, serem condenados e destituídos de sua história. Dessa forma, ao abrirem mão da legitimidade de seu passado, perderam o direito de ter um futuro, assim, o caminho para a sobrevivência seria voltar a se centrar naqueles que compartilham o mesmo sangue e história[289]. Dessa maneira, o identitarismo é compreendido como uma via de reconstrução de perspectiva de futuro ante a uma modernidade decadente, um horizonte que espelha o passado heroico e triunfal dos antepassados como um modelo a se buscar, perpassado pela recomposição moral, da reconstrução da ordem social, da pátria e da família. Isso apenas sendo possível com um povo que é dono do próprio destino, e que, a

---

[288] E. Ricardo. Lembremos de nossas revoluções! 2016. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/20/lembremos-de-nossas-revoluções>. Acesso em: 17/11/2024.

[289] SCHWEICKERT, Bertram. Altruísmo patológico e a submissão europeia. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2020/04/17/altruísmo-patológico-e-a-submissão-europeia>. Acesso em: 17/11/2024.

partir das raízes negadas da própria identidade, poderiam construir uma alternativa à decadência[290].

Isso também parece ser uma perspectiva para o FNI. O passado mítico dos ancestrais colonizadores reflete anseios que o grupo tem no presente e suas projeções de um futuro ideal, ou seja, uma comunidade branca e homogênea, que possui consciência de si e de sua diferença em relação ao outro, representando valores de força, heroísmo e coragem, capazes de promover seus interesses perante os outros e, se necessário for, subjugá-los, para garantir a sobrevivência de seus iguais, o que vai de encontro à visão arqueofuturista crioula do grupo. Tendo em vista a compreensão da decadência da modernidade que culminará em uma convergência de catástrofes que irá colapsar a ordem estabelecida, em meio ao caos, somente a solidariedade entre iguais seria capaz de garantir um futuro para os brancos do Sul. Isso porque relações colaborativas entre pares são fundamentais para criar um futuro e uma sociedades mais harmônicas, com maior empatia e colaboração entre membros[291].

Apesar disso, o processo de colonização também trouxe a miscigenação entre os europeus e os povos originários, a qual não foi capaz de criar uma nova etnia e, por isso, uma nova percepção de filiação étnica, não promovendo anseios de colaboração, mas diluindo as unidades raciais pré-existentes e contribuindo para uma fratura social. Essa problemática se acentuou com o liberalismo e a instituição do Estado liberal, que eliminou as instituições que haviam conseguido produzir identificação social, como a Coroa Espanhola e a Igreja Católica. Dessa forma, a colaboração entre iguais não pode ser simplesmente ordenada pela autoridade, mas encorajada pela procura da homogeneidade étnica das sociedades, sendo a empatia e a colaboração não o produto de uma imposição, mas de relações sociais saudáveis[292].

Esse também é o diagnóstico da inconsciência crioula, não havendo vias para uma autoidentificação, a luta cultural através da metapolítica se torna a estratégia capaz de gerar uma alternativa através de um discurso contracultural, cujo objetivo principal é a afirmação identitária que possibilitaria a formação de uma nação crioula[293]. Nesse sentido, se o choque de civilizações é o motor da história, como compreendia Faye[294], a consciência étnica seria

---

[290]W. Ricardo. Nossa Geração. A Geração Identitária. 2017. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/04/10/nossa-geração-a-geração-identitária>. Acesso em: 17/11/2024.

[291]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. ¿Por qué una Nación? 2012. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/por-que-una-nacion>. Acesso em: 17/11/2024.

[292]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. ¿Por qué una Nación? 2012. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/por-que-una-nacion>. Acesso em: 17/11/2024.

[293] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Realidad Étnica Criolla. 2012. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/realidad-criolla-en-chile>. Acesso em: 27/10/2024.

[294] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.

uma forma de compreender a condição de ameaça que os brancos enfrentariam, gerar uma identificação e promover a organização e ações políticas. Não à toa, Alain de Benoist acusou, de modo geral, os identitários de atribuírem a fatores étnicos o que Karl Marx atribuía a fatores econômicos[295].

Além disso, para o FNI, a perspectiva de separação de parte do território e a formação de um Estado próprio para os crioulos não é descartada. Contudo, o grupo compreende que a conjuntura política recente não permitiria concretizar esse projeto, tendo em vista que os crioulos possuem identificações que os informam politicamente ao mesmo tempo que os dividem, tais como: nacionalidade cívica, religião e classe social. Embora, uma secessão pudesse contribuir para a sobrevivência dos brancos do Sul, sua impraticabilidade é colocada em segundo plano, sendo a alternativa a ideia de autossegregação étnica, a qual consistiria na associação voluntária entre crioulos autoconscientes a partir de organizações familiares e de bairro, possibilitando a sobrevivência étnica[296].

Por outro lado, o FUI não retoma um passado mítico associado diretamente à identidade étnica que busca defender, porém, compartilha a perspectiva de uma modernidade decadente e a metapolítica como forma de resistência a ela. A referência ao Barão Ungern, como uma figura masculina, guerreira e mística, talvez seja o exemplo fundamental de um passado capaz de informar a ação, incorporando uma postura de rejeição a modernidade e luta para instaurar uma ordem Tradicional. Dessa forma, o mundo moderno é compreendido como um contexto de vazio espiritual e niilismo, o qual os homens tentam suprir com amor feminino. Contudo, isso se torna um problema tendo em vista que as mulheres atuais são compreendidas como indignas e tóxicas para os homens, possuindo interesse material exacerbado, sendo promíscuas e exigentes. Em vez do amor, o ódio é o sentimento capaz de reavivar o espírito doente, e esse ódio deveria ser direcionado à “Vênus”, a qual representaria o matriarcado, o sistema e as mulheres modernas. A partir disso, Ungern é usado como exemplo, o qual, quando perdeu seu verdadeiro amor, nunca mais se interessou por outras mulheres, tornando-se um guerreiro cruel que superou a humanidade dentro de si. Consequentemente, esse ódio levaria o homem a tornar-se “um aceta ungeriano”, livrando-se

---

[295] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

[296]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Entrevista a Fuerza Nacional-Identitaria en American Renaissance, 2019. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/entrevista-a-fuerza-nacional-identitaria-en-american-renaissance>. Acesso em: 27/10/2024.

daquilo que causa mal e matando a Vênus, assim, transformando-se, tal como o Ungern, em um deus da guerra[297].

Dessa maneira, assim o grupo reconfigura um niilismo evoliano, que não tem grandes esperanças de uma reconstrução, mas propõe uma postura diante das ruínas, onde o homem diferenciado aja de acordo com seus próprios preceitos, sem se deixar influenciar pela sociedade moderna[298]. Essa questão também se materializa na falta de uma perspectiva de futuro. Assim, o contexto atual se relaciona com um estilo de vida ideal impraticável, onde os poderosos enriquecem com a miséria dos outros, impedindo a construção de um horizonte para si e para os seus. Tendo isso em vista, o futuro foi tomado enquanto as pessoas se distraíam com gostos hedonistas e caminhos sem valor. O que resta aos homens de hoje, seria a busca por esse futuro roubado pelos poderosos, através da luta que, por mais que não leve a lugar algum, tal qual a de Ungern, servirá de inspiração para as próximas gerações[299].

Tendo isso em vista, ao considerar que para além dos campos políticos e econômicos, a ultradireita possui demandas morais, comportamentais que visam a preservação de uma comunidade, originada por anseios identitários e que se desdobram não apenas na arena política, mas também na metapolítica[300]. O entendimento de guerra cultural[301], enquanto visões morais conflituosas sobre como se organizar a vida pública através da confrontação de diferenças culturais, mais do que isso, pode ser lida como uma disputa de identidade. Assim, o embate metapolítico sob a perspectiva *neodireitista*/identitária, além de uma buscar produzir uma resposta ao domínio cultural de esquerda, como diria Alain de Benoist[302], é, fundamentalmente, a defesa de uma identidade. Por mais que esta olhe para o passado, busca meios de legitimar demandas e informar ações, conectando-se com perspectivas de futuro.

---

[297]CORVINUS, Velkan. Legion de los Perdidos. 2020. **Círculo de Cuervos Galenos.** Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/07/legion-de-los-perdidos-por-velkan.html> Acesso em: 17/11/2024

[298] FERRARESI, Franco. Julius Evola : tradition, reaction, and the Radical Right. **European Journal of Sociology**, 28, 1987. pp 107-151 doi:10.1017/ S0003975600005415

[299]CORVINUS, Velkan. Resistencia contra el Imperio: la Reconquista del Mañana. 2022. **Círculo de Cuervos Galenos.** Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2022/05/Resistencia-contra-el-Imperio.html> Acesso em: 17/11/2024.

[300] PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Editora 34, 2013.

[301] HUNTER. James Davison. A guerra cultural continua. Pol. Cult. Rev., Salvador, v. 15, n. 1, p. 22-62, jan./jun. 2022

[302] BENOIST, Alain de. **La Nueva Derecha**: una respuesta clara, profunda e inteligente. Barcelona: Editorial Planeta, 1982

Capítulo 3- Problemáticas Locais, Atuação e Rede Identitária

Como vimos, o identitarismo se tornou um fenômeno global, principalmente, a partir da década de 2010. Isso foi possível devido uma inscrição em uma dimensão pan-europeísta de grupos não apenas na Europa, mas também fora dela. Nesse sentido, a identificação com o pan-europeísmo foi permeada pela visão de ameaça comum a todos os europeus étnicos, gerando demonstrações de solidariedade transnacional e esmaecendo rivalidades locais[303]. Isso foi possibilitado, em grande medida, pela circulação de uma literatura *neodireitista* e identitária em diferentes localidades, potencializada pela internet e por organizações de diferentes naturezas que se dispuseram a oferecer versões em seus respectivos idiomas nativos[304]. Das maiores e mais expressivas - como a *Arktos Media* e a *Counter-Currents* - às menores e mais efêmeras - como os grupúsculos com os quais trabalhamos -, essas organizações contribuíram para a disseminação dessas ideias e da perspectiva de ameaça comum aos povos brancos do mundo.

Embora essas questões tenham sido razoavelmente bem discutidas em uma bibliografia voltada para a compreensão dos fenômenos europeus e norte-americanos, o mesmo não pode ser estendido às organizações latino-americanas. Nomeadamente, a globalização e a imigração são as principais ameaças, cuja oposição caracterizou a organização, o ativismo e as redes identitárias. Porém, as dinâmicas identitárias possuem uma dialética entre global e local, na qual estão inseridas como parte de desdobramentos mais amplos[305]. Essas especificidades influenciam diretamente no diagnóstico das problemáticas, suas perspectivas de atuação e na forma como se inserem dentro do movimento identitário internacional. Assim, este capítulo buscará explorar essas temáticas dentro dos grupos identitários aqui trabalhados.

Dessa maneira, inicialmente buscaremos compreender de que maneira esses grupos delinearam suas perspectivas de ameaça a identidade branca local e como isso foi incluído dentro de uma perspectiva de ameaça comum. Em um segundo momento, discutiremos suas vias de atuação, suas perspectivas metapolíticas e suas limitações. Por fim, debateremos o espaço que esses grupos ocupam dentro da rede identitária

---

[303]ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.
[304] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.
[305] HERMANSSON, Patrik; LAWRENCE, David; MULHALL, Joe; MURDOCH, Simon. **The International Alt-Right**: fascism for the 21st century? Nova York: Routledge, 2020.

3.1 - Problemáticas Locais

Os grupos autodenominados identitários ao redor do mundo partem do pressuposto de que a identidade europeia/branca está sob ameaça. Essa ameaça se manifestou de diferentes formas, sendo a globalização, o multiculturalismo e a imigração, os exemplos mais recorrentes, sendo esse último, principalmente, no Norte Global. Contudo, é necessário refletir como essas ameaças são delimitadas pelos grupos na América Latina e, a partir disso, como ofereceram respostas a elas através do ativismo metapolítico.

Pelo menos nos contextos americanos, as concepções de identidade seguiram uma perspectiva de identificação em nível global, como uma herança que conecta, principalmente por meio do passado colonial, povos de diferentes terras através de uma origem compartilhada com a Europa. Ao mesmo tempo, entendem que essa origem comum foi desenvolvida de maneiras distintas em seus diferentes contextos, possuindo suas particularidades locais de diferenciação. Por sua vez, as problemáticas que estariam ameaçando os povos de origem europeia ao redor do mundo, seguem a mesma dinâmica, estando ligadas a questões comuns e particulares. Este aspecto é uma das características que permitiram a dispersão do movimento identitário fosse, relativamente, bem-sucedida.

A oposição à globalização é um ponto de convergência entre ativistas, intelectuais e políticos do campo da ultradireita ao redor do mundo. Nesse sentido, o contexto da globalização se mostra um terreno fértil para a internacionalização do extremismo de direita. Nesta conjuntura, muitas vezes, as lutas pela proteção de uma comunidade deixaram de ser apenas perpassadas pela defesa de uma nacionalidade, mas transcendendo barreiras geográficas e se assentando em visões racialistas e/ou étnico-culturalistas. Seus inimigos fundamentais são o pluralismo, a democracia liberal, seus representantes e as elites cosmopolitas, não raro, ganhando, em maior ou menor instância, dimensões antissemitas a partir de releituras do "judeu internacional"[306]. Além disso, a globalização se tornou um ponto

[306] Essa referência advém do livro antissemita do industrial americano Henry Ford, publicado em 1920 com o título *The International Jew* (O Judeu Internacional). A obra acusou os judeus de deterem o poder do sistema financeiro mundial, o que representaria um anseio de dominação mundial. Isso se estenderia para além do plano econômico, manifestando-se também através da indústria cultural americana, sendo o cinema, o teatro e as gravadoras, controladas por judeus. Além disso, segundo Ford, os judeus estariam tentando implementar o bolchevismo nos EUA, sendo essa mais uma das suas formas de promover domínio e desestabilizar o país. Assim, tal perspectiva influenciou discursos antissemitas em diferentes localidades e temporalidades, representando os judeus, simultaneamente, como ápice do capitalismo financeiro e fomentadores do comunismo global. Talvez, o maior exemplo atual disso, relacione-se com a figura do bilionário George Soros, que, através da fundação *Open Society Foundation*, é acusado por diversos grupos antissemitas de financiar o comunismo em diversos contextos. Ver: SANTIN, Janaína Rigo; ABAL, Felipe Cittolin. Antissemitismo e Jurisdição

central na metapolítica da extrema direita em diferentes partes do mundo, cujas críticas de questões sociais e culturais ganharam uma carga étnica acentuada, voltadas para a reconstrução de uma comunidade internamente homogênea. Dessa forma, a globalização é compreendida como um instrumento de dominação das nações que visa o enfraquecimento de suas particularidades e autonomia, destruindo culturas, tradições e valores. Isso resultou na cooperação internacional, através da mobilização da perspectiva de ameaça comum, a qual esmaece outras diferenças ideológicas, produzindo uma resistência orientada pela identidade[307].

Portanto, os identitários, a partir de seus respectivos contextos, somados ao arcabouço ideológico da ND, produziram uma perspectiva ideológica global, que vinculou problemáticas políticas locais como pertencentes a uma dinâmica comum a todos os povos de ascendência europeia no mundo. Paradoxalmente, a disseminação dessas ideias foi proporcionada pelas tecnologias globalizantes da era digital, possibilitando a formação de uma extrema direita, até certo ponto, internacional. Dessa forma, foram propostas alternativas à globalização, perpassadas por visões étnico-culturais rígidas, as quais precisam ser defendidas de ameaças que são, ao mesmo tempo, comuns e particulares, e se manifestaram através do imigrante, do multiculturalismo e da elite globalista. Tendo isso em vista, a partir das perspectivas e processos globais, o Estado-nação aparece, principalmente nos casos americanos, como um horizonte identitário obsoleto em função dessas ameaças externas, estando essas solidariedades particularistas sedimentadas na concepção de uma branquitude definida com base em uma mitificação de identidade europeia, assim, sendo transnacional por natureza[308].

Tendo isso em vista, a revolta do identitarismo contra o globalismo, entendido como uma ideologia que viabiliza a globalização, insere-se na perspectiva de que esta estaria promovendo a criação de um mundo único, homogeneizando povos, culturas e etnias. Assim, o globalismo é compreendido como a manifestação mais recente do universalismo judaico-cristão, fundamentada na crítica *neodireitista* a respeito da modernidade, a qual culminaria na imposição de uma civilização mundial baseada em um modelo abstrato de uma ordem de livre comércio, somada a destruição das singularidades culturais associada a uma filosofia radicalmente individualista. Dessa forma, a alternativa do anti-universalismo

---

Constitucional: Análise do Caso Siegfried Ellwanger. **Revista de Direito Brasileira. Florianópolis**, SC. v. 25. n. 10. p.162-182. Jan./Abr. 2020.

[307] GRUMKE, Thomas. Globalized anti-globalists: the ideological basis of the internationalization of right-wing extremism. In: MERING, Sabine von; MCCARTY, Timothy Wyman. **Right-Wing Radicalism** Today: Perspectives from Europe and the US. New York: Routledge, 2013

[308]HERMANSSON, Patrik; LAWRENCE, David; MULHALL, Joe; MURDOCH, Simon. **The International Alt-Right**: fascism for the 21st century? Nova York: Routledge, 2020.

identitário se norteou na defesa da singularidade dos povos contra uma ideologia e um sistema globais que objetivam padronizar o mundo, tendo suas bases na defesa do particular contra o universal, em termos etnoculturais[309].

Tal projeto universalista da modernidade é compreendido pelo FNI como uma perspectiva de substituição dos vínculos arcaicos e naturais, por vínculos artificiais, os quais separam semelhantes e igualam os diferentes. Essa perspectiva visava criar um mundo pacífico e igualitário, mas teria gerado sociedades individualistas e ávidas por identidade, causada pelo vazio do desenraizamento da identidade étnica, lida como natural. Esses laços artificiais, como vimos anteriormente, calcados na identificação religiosa, de classe e política, facilitariam o controle das massas desenraizadas a nível tanto local quanto global[310].

Essa problemática teria se desenvolvido a partir de diversas dimensões da modernidade de maneira complementar, sendo elas: o liberalismo, como expressão política e ideológica da modernidade, a qual fragmentou a comunidade orgânica baseada no sangue, transformando às sociedades em um conjunto de indivíduos; o capitalismo, como a expressão econômica da modernidade, o qual procura maximizar o lucro, contratando mão-de-obra estrangeira, incentivando a imigração em territórios com baixa taxa de natalidade para manter a produção das grandes empresas, pagando salários baixos, além de explorar recursos naturais transnacionalmente; e por último, sua expressão cultural, a globalização, que impõe modos uniformes de pensar e agir, destruindo particularidades locais a partir de parâmetros estrangeiros[311].

Além disso, conjunção de diferentes realidades culturais em um mundo interconectado, ao invés de gerar um mundo diverso e rico, sendo essa a proposta original da globalização, na realidade, caminhou para gerar uma cultura disforme e insípida, formada por seres humanos sem tradições, cultura e identidade, tornando-se cidadãos sem nacionalidade e trabalhadores homogêneos e precarizados em uma cultura artificial. Assim, a homogeneização global foi delineada como o ponto nevrálgico de um processo de dominação, destituindo os povos da autoconsciência de seus papéis históricos e objetivos coletivos em nome do funcionamento de uma ordem global. Todavia, a diferença tornou-se meio de resistência ao mundo globalizado, indo à absoluta contramão dos projetos da modernidade, capaz de produzir uma subversão dos paradigmas estabelecidos. Ademais, a retomada da identidade

---

[309] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.
[310] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: El origen de nuestro movimiento. 2012. **FNI.** Disponível em: < https://fni.cl/textos/documentos/origen-cosmovision-movimiento>. Acesso em: 14/12/2024.
[311] S.C. Acerca de la identidad, una reflexión, 2017. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/acerca-de-la-identidad-una-reflexion>. Acesso em: 14/12/2024.

passou a ser compreendida como revolucionária, sendo o único caminho para a constituição de uma nova ordem baseada na diferença entre os povos e que, ao mesmo tempo, propõe o retorno as origens tradicionais, quando a cultura, raça e território restituir-se-iam como elementos fundamentais da construção nacional. Dessa forma, os identitários se entendem como os defensores da verdadeira via de defesa da diversidade dos povos, a partir de uma perspectiva diferencialista, entendendo as culturas como blocos monolíticos que se desenvolvem apartadas de influências alógenas[312].

Ao mesmo tempo, a europeidade compartilhada contribuiu para a sedimentação de uma percepção identitária de destino comum compartilhado pelos povos brancos do mundo, a qual desencadeia, em diferentes lugares, manifestações de solidariedade internacional[313]. Como propôs Juan Pablo Vitali[314], a Europa não seria apenas um território, mas uma cultura desenvolvida a partir de processos históricos realizados por homens de origem comum. Nesse sentido, o pan-europeanismo foi extrapolado para além de seu espaço geográfico original, até o sangue europeu espalhado em diferentes terras. Tendo isso em vista, enquanto a Europa é circunscrita pela decadência, a batalha pela sobrevivência de sua herança transcende o próprio continente. Mas mais do que isso, a irmandade entre os povos de origem europeia é vista como a última alternativa a sua continuidade, unindo aqueles que ainda possuem consciência de suas raízes, capazes de fazer frente aos interesses globalistas.

Ademais, os europeus do continente enfrentariam certa dificuldade de autorreconhecimento, enquanto os “europeus da periferia”, segundo o autor, mostram-se mais preocupados em relação à salvaguarda cultural, necessária para esse empreendimento. Dessa maneira, Vitali, ao mesmo tempo que propôs diversas frentes de luta, tentou igualar o patamar hierárquico entre aqueles que lutam pela Europa dentro e fora do continente. Assim, por mais que em diferentes territórios a defesa da identidade pereça, a união dos povos brancos do mundo, a longo prazo, garantirá sua sobrevivência, sendo o valor de uma comunidade medido pela capacidade de empreender essa defesa e não por sua relação direta ou indireta com o continente. Nesse entendimento, a europeidade só será destruída quando a “herança dos conquistadores espalhada pelo mundo” sucumbir, mesmo que os próprios europeus tenham perecido[315].

---

[312] S.C. Acerca de la identidad, una reflexión, 2017. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/acerca-de-la-identidad-una-reflexion>. Acesso em: 14/12/2024.

[313] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

[314] VITALI, Juan Pablo**.** Europa. 2012. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/otros/europa>. Acesso em: 14/12/2024.

[315] VITALI, Juan Pablo. Europa, 2012. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/otros/europa>. Acesso em: 11/12/2024.

Essa perspectiva corrobora um sentido de irmandade entre os povos brancos do mundo, fazendo com que o referencial de identificação mais próximo seja em direção aos europeus, norte-americanos, oceânicos e sul-africanos, em detrimento dos próprios conterrâneos. Isso porque, com estes, compartilham laços artificiais, ao passo que, com aqueles, dividiriam laços orgânicos, lastreados no sangue, mesmo que distantes territorialmente. Segundo o FNI, suas táticas e objetivos são orientados para contribuir com sobrevivência crioula local e da identidade europeia global[316], compreendendo que tal qual outros jovens - de outras organizações como a *Génération Identitaire* (GI) na França, a *Casa Pound* na Itália, ou mesmo partidos políticos como o grego Aurora Dourada e o espanhol *Alianza Nacional* - possuem ideias convergentes, as quais deságuam na defesa do particular, baseada na herança genética interligada a um determinado espaço geográfico[317].

Neste caso, o sangue europeu na América Latina compartilha a herança sanguínea que se conecta aos diferentes povos brancos ao redor do mundo, cada um com particularidades próprias a medida que construíram suas identidades e culturas em seus respectivos espaços territoriais. Contudo, essa solidariedade tem um limite, embora a Europa represente a herança dos antepassados, a defesa dos crioulos vem em primeiro lugar, por representar um olhar para o futuro. Além disso, assim como Vitali e Guillaume Faye, o FNI compartilhou a percepção de que cada povo é o responsável pelo próprio destino. Ou seja, se o estado atual da Europa é crítico e o destino de seu povo é o desaparecimento, a culpa seria dos próprios europeus que escolheram se manter inertes, sendo a luta conjunta possível apenas se estes decidirem resistir. Apesar disso, mesmo que os europeus sigam o caminho do etno-suicídio, seu sangue, lido como parte fundamental da identidade, sobreviveria através dos crioulos nas Américas.

Dentro do movimento identitário global, a imigração é a expressão mais visível das problemáticas relacionadas à globalização, a qual esses grupos buscaram fazer frente e capitalizar em cima de seus desdobramentos. Junto aos processos de globalização, surgiu o compartilhamento de problemáticas que deixaram de ser locais e transformando-se em globais, associadas às relações econômicas interdependentes, organizações multinacionais, interligação de redes de transporte e comunicação, assim, sincronizando e cruzando distintas dimensões, em termos econômicos, tecnológicos, sociais, políticos, culturais e de desenvolvimento. Ao passo que a globalização promove a formação de sociedades cada vez

---

[316] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Entrevista a Fuerza Nacional-Identitaria en American Renaissance, 2019. Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/entrevista-a-fuerza-nacional-identitaria-en-american-renaissance>. Acesso em: 27/10/2024.

[317] VILLENA, Patricio. ¿Qué es ser criollo?, 2014. **CPI.** Disponível em: <https://pancriollismo.com/2014/03/01/que-es-ser-criollo/>. Acesso em: 11/12/2024.

mais multiculturais, em seus mais diferentes aspectos, também permitiu uma crescente desigualdade entre Estados, bem como problemas sociais relacionados a essas discrepâncias, que, não raro, manifestam-se em conflitos e guerras que, acompanhados do falso pressuposto de uma mobilidade social mais fácil e rápida, influenciam decisões pela busca de melhores condições de vida em outros lugares. Além disso, a globalização é antes de tudo um fenômeno econômico, estando a imigração e força de trabalho diretamente correlacionadas, sendo o caso europeu um grande exemplo dessas questões. A crise imigratória da Europa no século XXI esteve diretamente relacionada a guerras e conflitos de diversas naturezas que forçaram a movimentação massiva de pessoas que deixaram seus países de origem para buscar no continente melhores condições de vida, tornando-se mão de obra em um continente de população ativa envelhecida. Portanto, a relação entre crise imigratória e globalização se desdobrou também para responder a necessidades de mercado[318].

Vale ressaltar que a crise de refugiados que eclodiu em meados da década de 2010 esteve ligada diretamente a processos históricos mais amplos. Um exemplo disso, relaciona-se ao passado colonial europeu, que dividiu, a partir dos interesses de seus respectivos impérios, o continente africano e o Oriente Médio, o que contribuiu tanto para a promoção de conflitos locais quanto determinou de que forma esses países se inseriram na economia mundial, mesmo após as conquistas de independência. Dessa forma, a Primavera Árabe[319] e conflitos anteriores e subsequentes nesses contextos, que desaguaram na crise de refugiados na Europa, são uma herança desses processos históricos. Concomitantemente, mais do que uma irregularidade do Sistema Mundial, a crise dos refugiados foi um resultado deste[320].

Embora, principalmente a partir das últimas décadas do século XX, os fluxos imigratórios globais e intra-regionais tenham aumentado consideravelmente em diferentes partes do mundo, gerando debates relacionados a políticas públicas, direitos humanos e inclusão social, é importante ressaltar que cada contexto possui suas particularidades. A

---

[318] ABDO, Cláudio; CABECINHAS, Rosa; BRITES, Maria José. Crise migratória na Europa: os media e a construção da imagem dos refugiados. In Z. Pinto-Coelho, S. Marinho & T. Ruão (Eds.). Comunidades, participação e regulação. **VI Jornadas Doutorais, Comunicação & Estudos Culturais** (pp. 71-83). Braga: CECS, 2019.

[319] O deslocamento populacional em massa foi a maior manifestação da crise dos países da Primavera Árabe. Desde seu início, houve um aumento significativo em relação ao número de pessoas se deslocando em proporção às populações locais. O início do século XXI foi marcado pelo grande número de árabes despejados de suas casas e comunidades, sendo forçados a construir uma nova vida em um novo território, com os principais motivos sendo de origem econômica, mas também deve-se consider a igual importância os fatores políticos, sociais, de segurança e religiosos. Ver: BANI SALAMEH, Mohammed T. Migration from the Arab Spring Countries to Europe: Causes and Consequences. **Advances in Science, Technology & Innovation**, 243–254, 2019. doi:10.1007/978-3-030-01659-3_28

[320] FONTANA, Eduarda; ZIMNOCH, Larissa; LORENTZ, Luísa Acauan. Crise Migratória no Século XXI: anomalia ou consequência da política internacional? **Relações Internacionais Para Educadores (RIPE)**. ISSN: 2318-9390, v. 4. 2017

América Latina não esteve apartada dessa realidade e das preocupações a ela relacionadas, bem como apresentou um aumento de deslocamentos na região nos últimos anos, principalmente em países como Chile, Brasil, Argentina e Colômbia, que atualmente concentram o maior fluxo imigratório regional. Especificamente no Chile, os quatro maiores grupos de imigrantes advêm de países do próprio continente, nos últimos anos principalmente de venezuelanos e haitianos, devido às crises nesses países, mas também de peruanos e colombianos. A política imigratória chilena é caracterizada por políticas de imigração seletiva, estabelecendo políticas e quadros jurídicos norteados por princípios que avaliavam a imigração europeia como positiva, em detrimento da imigração de países regionais, vista como negativa[321].

Outro aspecto interessante é que o país possui a lei imigratória mais antiga da América do Sul, datada de 1975. Essa lei, promulgada na época da ditadura, baseou-se na doutrina de segurança nacional, possuindo orientações policiais que visavam o controle e segurança do território, além de proibir a entrada no país de estrangeiros sindicalizados ou ativistas de determinadas doutrinas políticas[322]. Essa lógica de criminalização imigratória, bem como a lei que a promovia, persistiu no Chile mesmo com o fim da ditadura de Augusto Pinochet.

Um exemplo mais recente ocorreu durante o governo de Sebastián Piñera (2018-2022), que impôs a necessidade de visto consular nas regiões norte do país para imigrantes oriundos da Venezuela, Haiti e da República Dominicana. Essa imposição restringiu a mobilidade desses grupos, colocando na irregularidade milhares de pessoas que já se encontravam dentro do país, sendo criminalizadas devido a um status legal precarizado. Concomitantemente, eram não cidadãos passíveis de expulsão e mão de obra precária suscetível à exploração laboral. Além disso, sob o verniz humanitário, o governo chileno organizou, com apoio da Organização Internacional para as Migrações (OIM), a deportação de haitianos ilegais, com a justificativa de promover um retorno ordenado e proporcionar ao país uma imigração ordenada, segura e regular[323].

A lei de 1975, que entendia os imigrantes como ameaças potenciais à segurança nacional, esteve vigente até recentemente, sendo substituída pela promulgação da nova *Ley de Migración y Extranjería*, em 2021, com última modificação em 2024, reconhecendo de

[321] SERRANO, Lorena Oyarzún; ARANDA, Gilberto; GISSI, Nicolás. Migración internacional y política migratoria en Chile : tensiones entre la soberanía estatal y las ciudadanías emergentes. **Colombia Internacional** 106, 2021. https://doi.org/10.7440/colombiaint106.2021.04

[322] SERRANO, Lorena Oyarzún; ARANDA, Gilberto; GISSI, Nicolás. Migración internacional y política migratoria en Chile : tensiones entre la soberanía estatal y las ciudadanías emergentes. **Colombia Internacional** 106, 2021. https://doi.org/10.7440/colombiaint106.2021.04

[323] DOMENECH, Eduardo; DIAS, Gustavo. Regimes de fronteira e “ilegalidade”: migrante na América Latina e no Caribe. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 22, n. 55, set-dez 2020, p. 40-73.

direitos humanitários, políticos e trabalhistas aos imigrantes, ao mesmo tempo que pretende controlar esse fluxo, através de uma "Migración segura, ordenada y regular" conduzida pelo Estado[324].

Embora do ponto de vista da política eleitoral o impacto de discursos anti-imigracionistas não tenha o mesmo peso no Chile como no caso europeu[325], tem se desenvolvido no debate público chileno uma certa politização da imigração, associada a representações negativas, principalmente relacionadas à criminalidade, podendo ser uma bandeira de articulação da direita no país. Um exemplo disso seria José Antonio Kast, do Partido Republicano, o qual além de acenar para setores pinochetistas, propôs, caso fosse eleito nas eleições de 2021, construir uma "vala" na fronteira com a Bolívia para impedir a entrada de imigrantes[326]. Contudo, diferentemente do caso europeu e estadunidense, a bandeira contra a imigração não despertou o apoio do FNI à figura de Kast, como, por exemplo, ocorreu com a *alt-right* e as eleições de Donald Trump em 2016.

Para o FNI, a imigração no país, advinda dos países vizinhos, não representou um processo de substituição da população branca local, como na Europa, tendo em vista que os crioulos já eram minoria mesmo antes do início desse fluxo de pessoas para o país. Além disso, considerando que essas populações que chegaram no país estão se integrando às classes mais empobrecidas da população, as misturas com os brancos, pertencentes às classes mais abastadas, seriam raras. Contudo, o grupo compartilha da representação que coloca esses grupos como propensos à criminalidade, além de serem um fardo por necessitarem de assistência estatal e alterarem negativamente a configuração dos bairros onde se assentam[327]. Dessa forma, a problemática da imigração para o grupo tem outros significados, visto que a retórica anti-imigração dominante é desenvolvida no país a partir de uma perspectiva econômica, que não levaria em consideração os aspectos étnicos[328].

Nesse sentido, a imigração em si não é tanto um problema, mas sim o tipo dela. Uma vez que os crioulos surgiram através da imigração de europeus, levando construindo

---

[324] MINISTERIO DEL INTERIOR Y SEGURIDAD PÚBLICA. Ley 21325. 2024. **Biblioteca del Congreso Nacional de Chile**. Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1158549> . Acesso em: 08/12/2024.

[325] LEÓN LOEWE, Trinidad. "**El efecto de la inmigración en el voto de ultraderecha en Chile : un análisis empírico**". Dissertação (Magíster En Análisis Económico) - Universidad de Chile, Santiago, 2024

[326] Bustamante Olguín, Fabián. (2023). ¿Existe(n) una(s) nueva(s) derecha(s) en Chile? Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe, 20(1), e54336. https://doi.org/10.15517/c.a..v20i1.54336

[327] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Entrevista a Fuerza Nacional-Identitaria en American Renaissance, 2019. Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/entrevista-a-fuerza-nacional-identitaria-en-american-renaissance>. Acesso em: 27/10/2024.

[328] F.A. Repensando la inmigración, 2014. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/csm/repensando-la-inmigracion>. Acesso em: 27/10/2024.

identidades e sociedades nas Américas, sendo incompatível ser contra a imigração ao mesmo tempo em que valorizam o que é europeu no continente. Além disso, o discurso anti-imigração baseado na chilenidade - como o de Kast, ou mesmo do *Movimiento Social Patriota* (MSP) - parte do pressuposto de uma identidade vazia de significado étnico, baseada em um caráter jurídico que, no fundo, exaltaria a dimensão multiétnica do Chile, diluindo a preservação da identidade étnica crioula, bem como a tomada de consciência das populações brancas, considerada uma questão fundamental para o identitarismo do grupo. Isso não quer dizer que se abstenham de críticas aos processos de imigração, mas compreendem que, distintivamente da Europa e dos EUA, a realidade local sempre foi multirracial e multicultural, não permitindo atribuir todos os problemas do país na imigração. Portanto, entendem que o discurso dicotômico imigrantes contra chilenos, é uma expressão de um nacionalismo cívico que tenta englobar todos que partilham uma chilenidade e que, por definição, é avessa à lógica de nacionalismo crioulo proposta pelo grupo[329].

Como vimos, o Estado é entendido um agente homogeneizador, circunscrevendo sob o rótulo chileno todos os que são diferentes uns dos outros, como crioulos, mestiços, imigrantes de diversas origens e os povos indígenas locais. O grupo entende que essa nacionalidade foi construída a partir da substituição dos povos indígenas pelos europeus, os quais impuseram sua cultura, a qual representou o europeu como desejável e os indígenas como indesejáveis. Assim, a nacionalidade chilena foi construída com base nessa homogeneização cultural. Contudo, a assimilação de raças diferentes impediu a identificação comum a ponto de conseguir estabelecer uma nação, de fato, internamente homogênea[330]. É importante ressaltar que essa perspectiva não é um *mea culpa*, considerando a lógica baseada em Guillaume Faye[331], de que a história é movida pelo choque de civilizações e de que a culpa da derrocada de uma determinada civilização é do próprio povo que a constitui, assim, a culpa de um processo de colonização seria do povo colonizado que, por fim, teria escolhido a resignação.

A partir disso, corroborou-se uma visão relativamente favorável à causa indígena chilena, a partir da compreensão de que, tal qual os crioulos, suas reivindicações são baseadas em um nacionalismo étnico que rejeita a chilenidade, compreendendo que compartilhar o mesmo território não iguala os diferentes e que a coexistência multiétnica confronta suas

---

[329] F.A. Oponerse a la inmigración no es suficiente para el identitarismo criollo, 2018. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/csm/oponerse-a-la-inmigracion-no-es-suficiente-para-el-identitarismo-criollo>. Acesso em: 10/12/2024.

[330] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Identidad étnica en la sociedad chilena. 2012. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/identidad-en-la-sociedad-chilena>. Acesso em: 10/12/2024.

[331] FAYE, Guillaume. **Archeofuturism**: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.

particularidades e, assim como os crioulos, eles devem ter o direito à autodeterminação[332]. Dessa maneira, as chaves identitárias de interpretação do mundo são transpostas para representar a causa indígena local como equiparável ao nacionalismo branco que professam, não levando em consideração que um movimento indígena possui uma lógica própria e, mais do que isso, opõe-se a essa branquitude que quer se colocar como aliados táticos, não por pertencerem a uma etnia diferente em um mundo onde supostamente a solidariedade intrarracial é inexistente, mas porque estão reagindo a uma visão de branquitude e de Estado Nacional que subalternizou e negou as raízes dessas pessoas[333]. Além disso, por mais que, como De Benoist, enunciem o direito dos povos à diferença, no fundo, possuem uma visão de sociedade excludente e mixofóbica[334].

Portanto, diferentemente do caso europeu, a imigração, mesmo que seletivamente indesejada, não foi vista como o problema central de ameaça a identidade branca na América do Sul, tendo em vista a realidade étnica multicultural que esteve presente na formação do Chile e o fato de os próprios crioulos serem descendentes de imigrantes. Por outro lado, a miscigenação foi compreendida como o verdadeiro problema, estando presente desde a colonização, mas se agravando como um problema após a independência, a qual suplantou a afirmação étnica a partir da nacionalidade cívica, impedindo o desenvolvimento de autoconsciência[335]. Dessa maneira, a mestiçagem teria facilitado a convivência de grupos raciais distintos, sendo minimizada e exaltada por aqueles que professam um nacionalismo chileno, mas que, na realidade, seria responsável pelo genocídio branco perpetrado contra os crioulos[336], ainda mais através de uma identidade nacional baseada na perspectiva de um povo mestiço[337].

A noção de genocídio branco foi criada pelo nacionalista branco estadunidense David Lane em 1988 através do escrito *White Genocide Manifesto*, produzido enquanto Lane estava preso e circulando inicialmente como folheto de pouca expressividade, mas que foi ganhando

---

[332] A.G. Patriotismo, Nacionalismo e Identitarismo. 2014. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/patriotismonacionalismo-o-identitarismo>. Acesso em: 27/10/2024.

[333] MITNICK, Gilda Waldman. Chile: indígenas y mestizos negados. Política y Cultura, primavera 2004, núm. 21, pp. 97-110

[334] TAGUIEFF, Pierre-André. From Race to Culture: The New Right's View of European Identity. **Télos** 1993 (98-99):99-125

[335] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Realidad Étnica Criolla. 2012. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/realidad-criolla-en-chile>. Acesso em: 27/10/2024.

[336] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Entrevista a Fuerza Nacional-Identitaria en American Renaissance, 2019. Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/entrevista-a-fuerza-nacional-identitaria-en-american-renaissance>. Acesso em: 27/10/2024.

[337] A.G. Antirracismo 2.0, 2020. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/csm/antirracismo-2-0>. Acesso em: 11/12/2024.

notoriedade a partir da promoção de sua imagem como uma espécie de revolucionário injustamente preso por tentar acabar com o extermínio dos brancos. Suas obras conseguiram angariar ainda mais popularidade entre círculos nacionalistas brancos através da internet, ganhando amplitude para além dos EUA. Segundo o autor, seu país natal seria parte de um plano para exterminar a raça branca, destruir as diversidades culturais do mundo, transformando-as em uma raça mestiça única, sendo a integração racial uma forma de genocídio branco por meio da miscigenação e o incentivo a baixa natalidade de mulheres brancas, como, por exemplo, a legalidade do aborto[338]. Tal teoria da conspiração, que tem fortes traços antissemitas, culpa os judeus por encorajar a mistura racial, tendo em vista que estes controlariam, de fato, as nações ocidentais, produziu uma interface com um imaginário identitário e a teoria da Grande Substituição, exemplo disso se relaciona com os atentados terroristas de Christchurch[339], cujo manifesto produzido pelo atirador Brenton Tarrant fez alusão às teorias de Lane, como parte de uma dinâmica da Grande Substituição.[340]

A questão do genocídio branco foi muito presente nas publicações de Juan Pablo Vitali pelo site do FNI. Para o autor, o genocídio branco seria uma problemática global, tendo em vista que os países serviriam a interesses de oligarquias globais, sendo a alternativa buscar construir um projeto comum, baseado não na identificação com o nacionalismo cívico, mas com o sangue[341]. Dessa forma, o grupo se propõe a produzir uma luta contracultural que busque fazer frente a essas ideias, que tanto no Chile quanto no Ocidente como um todo, promovem a domesticação, miscigenação e substituição demográfica da população crioula a nível local e europeia de maneira global[342].

Tal como o FNI, o Legião Identitária (LI), manifestou pouco interesse em se posicionar a respeito das eleições locais, ou mesmo acerca de movimentos políticos locais, em exceções esporádicas como o exemplo do Movimento Sul é Meu País. Contudo,

---

[338] GARDELL, Mattias. Lone Wolf Race Warriors and White Genocide. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

[339] Massacre que ocorreu em 2019 na cidade de Christchurch (Nova Zelândia), onde atentados terroristas foram perpetrados em duas mesquitas localizadas na cidade , vitimando mais de cinquenta pessoas. O atirador publicou, no fórum online 8chan, um manifesto que denunciava, a partir de conceitos utilizados por grupos identitários, a substituição dos brancos por imigrantes muçulmanos. Além disso, investigações posteriores constataram contato do terrorista com grupos identitários na Austrália e na Áustria. Tanto nesses países quanto na Nova Zelândia, esses grupos sofreram escrutínio jurídico após o ataque, além de terem suas contas nas redes sociais apagadas. Ver: RICHARDS, Imogen; JONES, Callum. Far-Right Identitarianism in Australia. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[340] Moses, A. D. (2019). “White Genocide” and the Ethics of Public Analysis. Journal of Genocide Research, 1–13. doi:10.1080/14623528.2019.1599493

[341] VITALI, Juan Pablo. Genocidio blanco globalizado. 2019, **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/csm/genocidio-blanco-globalizado> Acesso em: 07/03/2024.

[342] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Nosotros. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/nosotros> Acesso em: 07/03/2024.

demonstraram confluência internacional com o identitarismo global, manifestando apoio às eleições de Marine Le Pen na França e de Donald Trump; compartilhando frases de Viktor Orbán, como uma figura antiglobalista chave; se posicionando contra uma suposta perseguição étnica e política sofrida por fazendeiros brancos sul-africanos; e, de maneira mais constante, produzindo postagens críticas a política de imigração da Europa e aos muçulmanos[343].

Grosso modo, a questão da imigração na Europa foi vista pelo grupo como promovidas pelos governantes globalistas, que justificaram esse empreendimento com o argumento de que os imigrantes seriam assimilados pela cultura europeia. Contudo, como é próprio do arcabouço identitário, tal assimilação é inviável pela forma como compreendem a natureza das identidades culturais[344]. Do ponto de vista local, questões demográficas não se tomaram tão emblemáticas como em suas contrapartes do Norte Global, embora tenham apontado preocupações em relação ao êxodo de sulistas para outras regiões do Brasil, a migração de brasileiros de outras regiões para o Sul e, em menor instância, de haitianos, bem como da queda paulatina da taxa de natalidade na região[345].

Tal qual no caso europeu, a esquerda, principalmente aquela que seria herdeira dos desdobramentos de maio de 1968[346], personifica a culpa das problemáticas que se desenrolam em ambos os lados do Oceano Atlântico. Como exposto pelo grupo, o termo “68tista” - usado para descrever aqueles que fizeram parte dessa geração - seria equiparável nos EUA aos Baby Boomers, e a geração das Diretas Já no Brasil, tendo surgido em meados da década de 1980 no contexto de declínio do Regime Militar, incorporando movimentos que visavam a busca pela liberdade e direitos, formada por progressistas que se tornariam, posteriormente, as lideranças políticas e intelectuais do Brasil. Além disso, suas perspectivas intelectuais seriam semelhantes às dos 68tistas, compartilhando visões sobre economia, cultura, política e sendo

---

[343] SHIGUNOV, Gustavo Henrique. "Nossa Guerra contra vocês": identitarismo e o caso da Legião Identitária. In: **Seminário Internacional História do Tempo Presente**, 4., 2021, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UDESC,2021.

[344]SCHWEICKERT, Bertram. A verdade inconveniente sobre os atentados terroristas. 2017. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/08/05/a-verdade-inconveniente-sobre-os-atentados-terroristas>. Acesso em: 14/12/2024.

[345]SCHWEICKERT, Bertram. A Demografia da Região Sul. 2016. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/15/a-demografia-da-região-sul>. Acesso em: 14/12/2024

[346]Os identitários entendem a geração vinculada ao Maio de 1968 como um desvio no caminho da Europa rumo a uma sociedade decadente que odeia a si mesma, subvertendo valores familiares, culturais, patrióticos e tradicionais. Figuras como o identitário austríaco Markus Willinger acusaram a geração de 1968 de ter abalado conceitos fundamentais da ordem existente, refletindo na degeneração dos mais diversos aspectos da sociedade atual. Ver: Goetz, Judith. ‘Patriotism is not just a Man’s Thing’: Right-wing Extremist Gender Policies within the so-called Identitarian Movement. **Journal of Modern European History**. Volume 20, Issue 3, 2022.

responsáveis pela imposição do politicamente correto no país. Tendo isso em vista, acreditam que os acontecimentos da Europa são o prenúncio do que irá acontecer no Brasil, devido a "doença do progressismo"[347].

Esse progressismo, seria o "cavalo de Troia" da modernidade, apresentando-se como a solução dos problemas da humanidade, mas, na verdade, seria uma promessa vazia utilizada para deteriorar as nações do mundo[348]. Assim, o globalismo, mesmo que, em princípio, diga-se promover a tolerância, ataca, com intolerância, as tentativas de resistência a ele, através de uma faceta da censura do politicamente correto, sendo o etnopluralismo a real via de respeito mútuo entre os povos e suas respectivas identidades[349]. Dessa forma, a afirmação identitária foi vista como uma forma de resistência, muitas vezes ridicularizada e censurada pelo politicamente correto[350]. Concomitantemente, o progressismo promove o esquecimento das identidades naturais, enfraquecendo o "sistema imunológico" dos povos e, assim, a capacidade de criar defesas contra ideologias danosas à sociedade[351].

Como dito, o grupo culpa a geração anterior pela decadência do mundo atual, a qual promoveu a Revolução Sexual, a indiferença com a religiosidade, um modo de vida materialista e um niilismo social, concentrados principalmente nos meios urbanos cosmopolitas. Sendo a nova geração a responsável por reconstruir sociabilidades sólidas destruídas pelas perspectivas utópicas e falhas, ainda dominantes, criadas pelas gerações anteriores[352]. Esse ressentimento com a geração anterior, seja *Baby Boomer*, 68tista, ou das Diretas Já, serviu, ao mesmo tempo, para estabelecer o contraponto e diferenciação, como no slogan exaustivamente repetido no final de cada capítulo na obra do identitário austríaco Markus Willinger, traduzida pelo grupo: "Pois somos a Geração Identitária"[353].

Segundo o grupo, a sua geração foi ensinada pela anterior a combater as particularidades tradicionais da identidade, tidas como barreiras ao progresso dos povos,

---

[347] HUGO, Victor. Nota do Editor da Edição e Tradução Brasileira. In: WILLINGER, Markus. **Geração identitária**: uma declaração de guerra contra os 68tistas. Aquiles Editora, 2016, p. 8.

[348] SCHWEICKERT, Bertram. Progressismo: O Cavalo de Troia Moderno. 2017. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/02/23/progressismo-o-cavalo-de-troia-moderno>. Acesso em: 14/12/2024

[349]SCHWEICKERT, Bertram. Somos tolerantes. 2016. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/12/12/somos-tolerantes>. Acesso em: 14/12/2024

[350]LEGIÃO IDENTITÁRIA. Este é o Sul, 2016. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/28/este-é-o-sul>. Acesso em: 14/12/2024

[351] SCHWEICKERT, Bertram. Pelo direito de afirmar nossa identidade. 2017. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/06/16/pelo-direito-de-afirmar-nossa-identidade>. Acesso em: 14/12/2024

[352] SCHWEICKERT, Bertram. A Geração da Perdição. 2018. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/12/31/a-geração-da-perdição>. Acesso em: 14/12/2024

[353] WILLINGER, Markus. Geração identitária: uma declaração de guerra contra os 68tistas. Aquiles Editora, 2016, p. 14.

quando, na verdade, eram o que os sustentava. As utopias vazias teriam criado um mundo individualista e decadente, caracterizado pela falta de identificação, a venda da honra e da força de trabalho para o capital internacional, a destruição da família nuclear, a promiscuidade e sexualização, a banalização da vida, não sendo esta a sociedade que os antepassados queriam construir, mas sim tendo sido afetada por um mal externo que buscou infectar as raízes dos povos[354].

Esse contexto, culminaria em um niilismo que afetou a juventude, a qual não teve modelos, símbolos e ideias pelos quais se vincular, estabelecendo relações sociais superficiais e norteados pelo materialismo, levando ao isolando, como meio de escape dessas condições, ou se superexpondo, abusando de drogas, sexo adotando um estilo de vida consumista, assumindo uma vida hedonista e desmotivada por uma vida sem proposito. O meio para superar esse estado de vazio existencial seria, a busca pelo autodesenvolvimento e o exercício da virtude, cercar-se de pessoas positivas, assim, transformando-se em um vetor para o resgate dos antigos valores e da identidade[355]. Esse seria o modo de ficar de pé diante das ruínas da modernidade, sendo o desenvolvimento pessoal o princípio do caminho da construção de um mundo melhor, que emanaria para o resto da comunidade, permitindo a mudança[356]. Essa perspectiva vai de encontro a visão de Julius Evola de que o processo de autorrealização e a transformação em um homem diferenciado, protegendo os valores da Tradição a nível individual até que surgissem melhores condições para o estabelecimento desses valores[357], entendendo que o processo de autorrealização teria, como consequência, a transformação da sociedade[358].

Dessa forma, aqueles que detêm o poder da mídia, da economia e do governo têm como alvo as raízes dos povos, cujo objetivo seria destruir as identidades e tradições, promovendo um niilismo massificado que transforma as pessoas em promíscuas com vidas insignificantes, movidas pelo consumo. Contudo, a juventude estaria se levantando em diferentes partes do mundo para fazer frente aos objetivos globalistas, por meio de um campo

---

[354]W. Ricardo. Nossa Geração. A Geração Identitária. 2017. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/04/10/nossa-geração-a-geração-identitária>. Acesso em: 14/12/2024.

[355] SCHWEICKERT, Bertram. Como superar o niilismo?. 2017. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/09/28/como-superar-o-niilismo>. Acesso em: 14/12/2024.

[356] SCHWEICKERT, Bertram. Para o que estou destinado? 2017. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/03/18/para-o-que-estou-destinado>. Acesso em: 14/12/2024.

[357] FURLONG, Paul. Riding the tiger: crisis and political strategy in the thought of Julius Evola. **the italianist 31** · 2011 · 25-40

[358] SEDGWICK, Mark. **Contra o Mundo Moderno**: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

que ainda pode ser disputado, o cultural, assim, restabelecendo uma perspectiva de futuro e de renascimento cultural[359].

O caráter universalista da globalização é compreendido como uma espécie de imperialismo que não tem imperador, centro e nem povo, um Império do Nada, como afirmado por Jack Donovan[360]. O autor fez um exercício de comparação entre os impérios do mundo antigo e o mundo globalizado, compreendendo os primeiros como constituídos de uma identidade poderosa a qual era imposta aos territórios dos povos subjugados. Estes, por sua vez, sabiam quem os dominava e que o poder advinha de um lugar e de uma herança de um grupo de pessoas culturalmente unificadas[361], o que informava quais deuses e costumes deveriam adotar. Enquanto isso, o Império do Nada não possui uma cultura enraizada em um povo. Um exemplo disso seriam as obras produzidas por Hollywood, que geram uma cultura voltada ao lucro, ou seja, pensada para alcançar o maior número de pessoas possível. Dessa maneira, não haveria uma "hegemonia cultural" que emanasse de um povo com uma identidade particular, mas uma cultura universalista que visa apenas o lucro e atingir o maior número de consumidores possível. Isso se refletiria, segundo Donovan, na inclusão de diferentes identidades nessas obras, as quais, mesmo que historicamente antagônicas, seriam representadas convivendo harmonicamente umas com as outras.

Nesse sentido, o Império do Nada seria formado por instituições e interesses privados ao redor do mundo que estariam subvertendo uma lógica tribal, de competição pela sobrevivência, além de anular seus aspectos culturais. Mas, mais do que isso, essas empresas estariam adotando uma abordagem semelhante a dos impérios antigos, ao permitir que seus funcionários mantenham traços superficiais de suas identidades, enquanto a cultura empresarial seria posta acima de seus próprios objetivos. Nesse entendimento, a globalização estaria desenraizando as identidades nacionais, desde suas unidades geográficas, linguísticas, religiosas e raciais, até as sociabilidades particulares de cada sociedade.

Para o FUI, o Império do Nada seria o principal inimigo da Tradição, da virilidade e dos povos livres, cuja afirmação de identidade seria a maior ameaça ao controle desse Império. Mais do que isso, de uma identidade tribal, formada por uma comunidade forte de

---

[359] SCHWEICKERT, Bertram. Reconquistaremos Nosso Futuro. 2018. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/12/31/reconquistaremos-nosso-futuro>. Acesso em: 14/12/2024.

[360] Donovan, Jack. El Imperio de la Nada. 2017. **Círculo de Investigaciones PanCriollistas**. Disponível em: <https://pancriollismo.com/2017/08/19/el-imperio-de-la-nada/>. Acesso em: 14/12/2024.

[361] Vale ressaltar que essa é uma percepção muito própria da modernidade e da maneira como os nacionalismos se constituíram, tendo em vista que a antiguidade é repleta de heterogeneidades e processos complexos, as quais não são levados em consideração na constituição de mitos unificadores dos Estados-nação. Ver: GEARY, Patrick. **O Mito das Nações:** a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005.

pessoas relacionadas entre si, sendo a verdadeira nação em um mundo globalizado, capaz de definir amigo-inimigo e estabelecer identidades individuais e coletivas enraizadas, em contrapartida, a nação iluminista conivente com os interesses globais[362]. Além disso, a globalização seria a expressão mais recente do Kali Yuga, a Idade das Trevas, descrita pelos tradicionalistas como a ascensão da casta e dos valores burgueses, em detrimento dos valores transcendentais da casta guerreiro-sacerdotal, proposta por Julius Evola[363]. Na leitura do grupo, isso se manifesta através da castração da masculinidade guerreira pela cultura globalista, em virtude do potencial que aquela teria de ameaçar e resistir aos interesses do Império global.

Isso se manifesta através da cultura global, norteada por interesses comerciais. Considerando que as empresas estão interessadas em criar produtos que sejam atrativos para o público consumidor do momento, reformulando personagens genéricos a partir de uma identidade vazia que visa apenas atingir público e lucros maiores, tolhidos de qualquer valor artístico significativo. Nessa visão, a cultura pop visa a destruição da masculinidade, gerando, por um lado, homens afeminados e, por outro, homens que buscam sua masculinidade perdida em relações sexuais promíscuas, ambos se tornando, ao mesmo tempo, consumidores e objetos de consumo, tanto do mercado quanto das mulheres. Enquanto isso, o padrão de homem burguês é medido através de bens materiais e riqueza, inatingíveis para homens comuns, especialmente aqueles do Terceiro Mundo[364].

Nesse sentido, a forma como o Império do Nada controla seus dominados seria a comercialização e a corrupção de qualquer meio de dissidência que surja, não sendo uma problemática apenas do homem, mas também da mulher. A medida em que as religiosidades abraâmicas submeteram as mulheres aos homens, seus anseios por mais liberdade são pervertidos pela lógica moderna, gerando reações não naturais, como o feminismo, as quais, mesmo que advindas de uma ambição revolucionária, acabam por perpetuar a submissão. Dessa forma, o homem é colocado como o verdadeiro inimigo, através de uma guerra artificial entre os sexos, levando as mulheres a lutarem contra o único aliado contra a verdadeira denominação.

---

362 FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Manifesto Ungerista, 2020. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/07/manifiesto-ungerista-por-frente.html> Acesso em: 14/12/2024.

363 SEDGWICK, Mark. **Contra o Mundo Moderno**: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

364 CORVINUS, Velkan. Krieganismo: Fanatismo Vir y la Redención Masculina. 2021. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2021/06/krieganismo-fanatismo-vir-y-la.html> Acesso em: 14/12/2024.

Além disso, a mulher foi representada como um fonte de recursos para a reprodução da comunidade, cuja ação se restringe a selecionar o macho mais forte para reproduzir, tal como animais que competem pelo direito de acasalar com as fêmeas. Sendo o maior inimigo do Império do Nada, o homem forte consciente de sua identidade, a cultura artificial do globalismo subverte esses homens em indesejáveis, enquanto os homens fracos, afeminados e burgueses se tornam o novo ideal de masculinidade, complacentes com o *status quo*. Assim, as forças de dissidência são enfraquecidas porque os homens capazes de proteger suas comunidades são vistos como inimigos e não são selecionados para perpetuar sua estirpe[365].

Portanto, a perspectiva identitária vinculou problemáticas locais a desdobramentos de dinâmicas mais amplas, cujo fio condutor é a percepção de uma europeidade compartilhada e ameaçada. O maior exemplo relacionado a isso diz respeito à imigração, sendo essa a principal problemática para os grupos europeus e norte-americanos. Contudo, essa não é uma questão recorrente nos grupos latino-americanos, com exceção do caso chileno. Porém, para o FNI, mesmo que a imigração seja indesejável, a principal ameaça aos crioulos chilenos está mais na mestiçagem do que na imigração.

Além disso, as problemáticas delimitadas por esses grupos são pouco relacionadas ao debate público ou mesmo palpáveis fora de círculos extremistas. Por mais que o FNI tenha debatido a imigração e essa seja uma questão corriqueira tanto em suas postagens quanto no debate político chileno, a aversão à chilenidade e a perspectiva de um movimento apenas para aqueles que se enquadram na categoria de crioulo limitam o alcance de suas ideias em um cenário onde a bandeira contra a imigração é disputada entre o campo da ultradireita. Grosso modo, as pautas desses grupos vão de encontro à repercussão cultural negativa da globalização nas identidades tradicionais locais. Como veremos a seguir, consequentemente, essas ameaças pouco tangíveis fora dos círculos identitários influenciarão diretamente as formas de sua atuação, bem como seu impacto metapolítico.

3.2 – Atuação

Dentro do movimento identitário global, o ativismo metapolítico demonstrou-se como a principal via de atuação desses grupos, sendo adaptado para as novas plataformas digitais,

---

[365] CORVINUS, Velkan. Valkyrja: la Mujer como Seleccionadora de Héroes. 2021 .**Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2021/04/ValkyrjaPorVelkanCorvinus.html> Acesso em: 14/12/2024.

as quais ofereceram uma grande infraestrutura para a disseminação desse ideário e que permitiu que atuassem livremente. Isso se deu pelo menos até 2018, quando se iniciou um processo de banimento, em diferentes localidades, de grupos provenientes do Norte Global, das grandes plataformas, levando a migração para plataformas alternativas, aquelas sem um público tão amplo quanto os sites *YouTube*, *Facebook* ou *Instagram*, por exemplo, implicando, consideravelmente, na diminuição do impacto metapolítico identitário em seus contextos locais e, de maneira mais ampla, em suas redes transnacionais[366].

Como vimos, o ativismo metapolítico surgiu em um momento de reavaliação do campo da extrema direita europeia e de seu corpus intelectual e doutrinário do pós-guerra, em um momento marcado pela efervescência política, as guerras de independência das até então, colônias do continente africano, e os sucessivos fracassos eleitorais da extrema direita até então. Com a formação do *think tank Groupement de Recherche et d'Études pour la Civilisation Européenne* (GRECE) em 1968, uma série de jovens intelectuais franceses, com vínculos na militância neofascista, centrou seus esforços no debate intelectual e cultural, em contrapartida, ao ativismo violento comum àquele contexto[367]. Tal perspectiva compreendeu que a evolução intelectual teria como desdobramento natural a mudança política, sendo o poder cultural um caminho de cristalização de consenso para a duração do poder político[368].

A visão metapolítica da Nouvelle Droite (ND) teve forte influência de Armin Mohler e da Revolução Conservadora (RC). Mohler que se dedicou ao estudo e catalogação de intelectuais de direita críticos à República de Weimar, compreendia que o pensamento da RC girava em torno da perspectiva de fim de ciclo em uma metamorfose repentina (*Umschlag*) e renascimento que terminaria o interregno em que a história teria decaído desde o fim do Segundo Reich. A reinterpretação do pensamento desses autores pela ND, pode ser compreendida como uma tentativa de manter vivo o cerne fascista de palingênese cultural, contornando as manifestações desacreditadas do fascismo histórico e circunscrevendo-se à metapolítica. Dessa maneira, a crítica cultural e metapolítica foi realizada visando promover uma transvaloração de valores na esfera cultural, preparando terreno para uma eventual revolução. Isso marcaria o fim do interregno constituído pela democracia liberal e o

---

[366]FIELITZ, Maik. Identitarians versus Big Tech: The Limits of Digital Metapolitics. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[367]SANROMÁN, Diego Luis. **La nueva derecha**: Cuarenta años de agitación metapolìtica. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2008.

[368] BENOIST, Alain de. **La Nueva Derecha**: una respuesta clara, profunda e inteligente. Barcelona: Editorial Planeta, 1982

capitalismo financeiro, regenerando as sociedades europeias e revitalizando os elementos indo-europeus ainda preservados pela herança cultural[369].

Essa questão também é associada a lógica evoliana de apoliteia, ou seja, de afastamento da política e a manutenção dos valores tradicionais diante da modernidade. Segundo Roger Griffin[370], tanto Mohler quanto Julius Evola ofereceram estruturas conceituais distintas, porém, complementares para adaptar os valores centrais do fascismo em um clima desfavorável do pós-guerra. Ambos os autores compartilham a visão de decadência do mundo moderno, com sintomas similares e horizonte de renascimento cultural, tendo suas visões de interregno e apoliteia, influenciado a perspectiva *grescista* de metapolítica, como premissa de mudança política através da atuação intelectual/cultural.

Apesar disso, o projeto metapolítico liderado por Alain de Benoist contou com algumas dissidências ao longo de sua história. Desde o início, o GRECE foi uma instituição heterogênea e ao longo dos anos produziu diversas dissidências, motivadas tanto por questões ideológicas quanto estratégicas. O *Club de L'Horloge* (atualmente *Carrefour de l'Horloge*) é um *think tank* fundado em 1974 por Jean-Yves Le Gallou, Yvan Blot e Henrique de Lesquen, cuja discordância se deu a princípio pela postura estritamente intelectual e recusa de se associar a política partidária do GRECE, as divergências se acirraram posteriormente com a adoção de uma visão neoliberal pelo grupo. Na década de 1980, outros quadros abandonaram o *GRECE* rumo a política partidária, indo em sua maioria para o Front Nacional de Le Pen, adaptando o arcabouço ideológico *grecista* ao partido[371].

Dentro desse contexto, a dissidência mais importante para o surgimento do autodenominado movimento identitário foi o francês Guillaume Faye. A retomada metapolítica do autor, em meados dos anos 1990, teve um impacto transnacional relevante nos círculos ultradireitistas. Esse retorno foi marcado, principalmente, pela crítica à metapolítica *grecista*, a qual, segundo Faye, ignora que para Antonio Gramsci a batalha cultural não deveria ser apenas uma difusão de ideias, assim, devendo estar associada diretamente a ação política, sendo esta insubstituível. A compreensão metapolítica de Faye, em grande medida, foi adotada por diferentes grupos, sites e ativistas de extrema direita ao redor do mundo, sendo vista como instrumento central para construção de uma cultura para uma nova sociedade futura. Nesse sentido, o intelectual, o político, o ativista e os usuários das

---

369 GRIFFIN, Roger. Plus ça change! The Fascist Pedigree of the Nouvelle Droite. In: ARNOLD, Edward. **The Development of the Radical Right in France (1890-1995).** London: Routledge, 2000.

370 GRIFFIN, Roger. Between metapolitics and apoliteia : The Nouvelle Droite's strategy for conserving the fascist vision in the 'interregnum'. **Modern & Contemporary France**. v. 8(1), 2000, p. 35-53.

371 MCCULLOCH, Tom. The Nouvelle Droite in the 1980s and 1990s: Ideology and Entryism, the Relationship with the Front National. **French Politics**, 2006, 4, (158–178)

plataformas digitais, reprodutores de conteúdo, são compreendidos como parte da batalha metapolítica para a construção de uma nova ordem que superará a democracia liberal[372].

Além disso, principalmente a partir da segunda década do século XXI, a batalha cultural ganhou um novo espaço de disputa, através dos meios digitais e a implementação de uma nova esfera pública[373]. Com a popularização da internet, a conceitualização de metapolítica de Faye foi retomada e ampliada para incluir o ativismo digital, em um contexto onde as dinâmicas de construção e circulação de mensagens e ideias foram ampliadas, tornando-se fundamentais para a metapolítica identitária. Um exemplo disso se relaciona com a rede GI, cuja presença online foi relevante para seu impacto antes do banimento das plataformas, a ponto de se tornar um movimento continental e influenciar grupos, até mesmo, fora da Europa. Muitas sucursais da rede surgiram de forma independente como páginas de *Facebook*, principalmente após a *viralização* de postagens relacionadas a ação performática da sucursal francesa na mesquita de Poitiers, com postagens e declarações sendo traduzidas em diversos idiomas por usuários das plataformas de maneira autônoma, circulando para novos públicos. Dessa maneira, o ativismo digital e offline funcionou como complemento de uma mesma estratégia metapolítica, sendo capaz de conectar, organizar e estruturar sucursais em diferentes países, além de mediatizar seu ativismo a fim de aumentar o efeito metapolítico[374].

Existem alguns marcos relevantes que demonstram o impacto desse ativismo identitário. Por exemplo, a missão *Defend Europe,* de 2017, com ampla cobertura da mídia, contou com a atuação transnacional, tanto online quanto offline, de ativistas do GI, sendo compreendida como um sucesso metapolítico pela atenção que o movimento mobilizou tanto da mídia convencional quanto nas plataformas de mídia digital. Mesmo que, na prática, não tenha impactado a entrada e circulação de imigrantes no continente, tanto em 2017 quanto nos anos posteriores[375].

No caso norte-americano se destaca o impacto digital nas eleições de Donald Trump, em 2016, através de táticas de *trolling*, sequestro de hashtags, *fake news*, e de uma linguagem

---

[372] MALY, Ico. Guillaume Faye's legacy: the alt-right and Generation Identity, Journal of Political Ideologies, 2023, 28:1, 35-61, DOI: 10.1080/13569317.2022.2045460

[373] LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. **XXVII Simpósio Nacional de História**: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: 2013

[374] MALY, Ico. Guillaume Faye's legacy: the alt-right and Generation Identity, Journal of Political Ideologies, 2023, 28:1, 35-61, DOI: 10.1080/13569317.2022.2045460

[375] KEŞKEKCI, Damla; NISSEM, Anita. Defend Europe and Transnational Activism. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

violenta[376]. Essas estratégias, devido ao relativo sucesso, foram copiadas pela sucursal alemã do GI, como no apoio ao partido *Alternative für Deutschland* nas eleições federais de 2017; na tentativa de se apropriar do debate *Me Too* em 2018, a partir da ideia de que o Estado alemão era conivente com abusos sexuais cometidos por imigrantes contra mulheres alemãs, tendo sido coordenado de cima para baixo por ativistas masculinos, cujo objetivo era tentar implantar pautas identitárias no debate público; no mesmo ano tentaram pressionar políticos alemães a não assinarem o Pacto Global para Migração, proposto pela ONU para regular a imigração em escala global, mobilizando grupos de chat, petições online e contrainformação. De toda forma, esses casos demonstram que, em grande medida, a metapolítica digital, foi moldada por esses grupos visando atingir um público amplo para promover suas visões políticas, tentando participar da discussão pública e atrair atenção com ações provocativas e performances espetaculizadas para audiência online[377].

Todavia, essas características e marcos, tão amplamente discutidos dentro da bibliografia sobre os fenômenos europeus e norte-americanos, parecem ser pouco observáveis na América Latina, principalmente nos grupos aqui analisados. O ativismo digital dos identitários latino-americanos envolveu, basicamente, a tradução de autores estrangeiros, a produção de textos em diálogo com essas ideias e a tentativa de fazê-las circular localmente. De modo geral, essas particularidades se aplicam a quaisquer grupos correlatos, mas, diferentemente de suas contrapartes ao norte, não produziram diálogos com setores locais da direita radical, não tiveram a capacidade de pautar o debate público, muitas vezes, até mesmo, por um certo desinteresse, além de demonstrarem dificuldade de levar o ativismo para fora do mundo digital.

A princípio, o referencial de identificação, o qual colocou os respectivos Estados nacionais como ameaças multiculturalistas primordiais, o que constituiu barreiras para conciliação com o nacionalismo cívico mais típico à ultradireita local. Uma retórica nativista[378] parte de uma perspectiva de homogeneidade nacional distinta em relação à América Latina. Um exemplo disso relacionou-se com a visão do FNI, que compreendeu que o discurso anti-imigração dominante no país foi construído a partir de uma dicotomia entre

---

[376] POGGI, Tatiana. Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo. **Marx e o Marxismo** v.6, n.11, jul/dez 2018.

[377] FIELITZ, Maik. Identitarians versus Big Tech: The Limits of Digital Metapolitics. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

[378] O nativismo é uma combinação de nacionalismo e xenofobia, que parte do pressuposto que os Estados devem ser habitados apenas por membros do grupo nacional. Elementos alógenos, como pessoas e ideias, são vistos como ameaças à homogeneidade do Estado-nação, tendo como objetivo final, recriar um país monocultural e fechado à diversidade. Ver: MUDDE, Cas. **O Regresso da Ultradireita:** da direita radical à direita extremista. Lisboa: Editorial Presença, 2020.

uma chilenidade e os imigrantes, tendo em vista a característica multiétnica da formação do país. Esse tipo de nacionalismo foi na contramão do nacionalismo branco proposto pelo grupo[379].

Dentro do continente, o diálogo entre a *alt-right* e Donald Trump foi o único exemplo de uma relação mutualista entre o identitarismo e uma direita institucional. Apesar disso, existiram limites claros, considerando a base variada e os compromissos com setores tradicionais na campanha do então candidato à presidência estadunidense[380]. A vitória de Trump repercutiu positivamente nos círculos identitários, na Europa, foi vista como inspiração para uma possível replicação no continente, com suas propostas de políticas anti-imigração, protecionismo econômico e cultural, sendo um afronte ao progressismo da mídia liberal. Além disso, Trump foi visto como um exemplo de que derrotar o establishment globalista era realmente possível[381].

De modo geral, a ascensão de figuras e partidos políticos de direita radical foi vista com certa expectativa positiva na maioria do movimento identitário ao redor do mundo. No Brasil, como apontou Gustavo Henrique Shigunov[382], o LI demonstrou apoio a figuras como Viktor Orban, Marine Le Pen e Donald Trump, ainda assim, de maneira contida. Embora o autor afirme que parece quase evidente o apoio de seus membros à Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, não é possível corroborar essa afirmação, em termos de posição tomada pela organização, com base nas fontes produzidas por esta. Por conseguinte, mesmo que manifestações de apoio ou de admiração a figuras político-partidárias tenham sido feitas com certa parcimônia, elas existem e a ausência de apoio oficial à Bolsonaro denota que, a nível ideológico, ou mesmo, tático, a campanha ou o governo de Bolsonaro não foram vistos com mesmos olhos que as figuras supracitadas. Isso pode ser relacionado a alguns fatores, como, por exemplo, aponta Odilon Caldeira Neto[383], sendo parte de uma estratégia de internacionalização como método de sobrevivência em um ecossistema preponderantemente ocupado por grupos bolsonaristas. A nível ideológico, o nacionalismo cívico, assim como no

---

[379] F.A. Oponerse a la inmigración no es suficiente para el identitarismo criollo, 2018. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/csm/oponerse-a-la-inmigracion-no-es-suficiente-para-el-identitarismo-criollo>. Acesso em: 10/12/2024.

[380] POGGI, Tatiana. Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo. **Marx e o Marxismo** v.6, n.11, jul/dez 2018.

[381] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

[382] SHIGUNOV, Gustavo Henrique. "Nossa Guerra contra vocês": identitarismo e o caso da Legião Identitária. In: Seminário Internacional História do Tempo Presente, 4., 2021, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UDESC,2021.

[383] CALDEIRA NETO. Odilon. Neo-Fascism In Brazil: from the local to the global? Esboços, Florianópolis, v. 29, n. 52, p.579-598, sep./dec., 2022. ISSN 2175-7976 DOI http://doi.org/10.5007/2175-7976.2022.e87065

FNI, pode ter sido uma barreira importante, o slogan exaustivamente repetido pelo então candidato “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”[384] é avesso a visão da organização do Brasil como uma ferramenta homogeneizadora, a qual teria ameaçado, ao longo dos anos, as especificidades identitárias do povo sulista[385].

Além disso, pode-se ter criado uma certa casca de ceticismo em relação à ascensão ao poder de nomes como Trump. Aquele que, na tese identitária, conseguiu romper com o establishment político globalista, tornando-se uma esperança de alguma fissura da ordem global, de fato, não trouxe grandes mudanças nesse sentido. Mas mais do que isso, a relação entre a *alt-right* e Trump desvaneceu-se depois da eleição, muito motivada por problemáticas relacionadas a manifestações explícitas de nacionalismo branco, o que gerou repercussões públicas negativas, cuja manifestação de Charlottesville é o maior exemplo. Isso obrigou o então presidente eleito a manifestar rejeição pública ao movimento, o que influenciou negativamente na capacidade de impacto do movimento, que muito se deveu a relação estabelecida com Trump durante o processo eleitoral[386].

Os grupos FNI e FUI monstraram-se mais céticos em relação à ascensão dessas figuras e partidos de ultradireita ao poder institucional. Para o primeiro, por mais que esses políticos permitam a construção de uma defesa identitária - em contrapartida, à esquerda progressista que criaria barreiras através do multiculturalismo, da visão anti-branca, da abertura de fronteiras e da busca pela destruição do homem heterossexual, etc. -, no fundo, ainda são políticos do sistema. Dessa maneira, nomes como Trump, Salvini e Bolsonaro são preferíveis porque permitem que o povo se fortaleça, mas, como parte do sistema, responderiam mais aos anseios das multinacionais e dos bancos do que do próprio povo. Tendo em vista a situação crítica que os brancos estariam, essas figuras abriram uma margem para a organização, contudo, a sobrevivência independe da ação desses políticos, mas da ação dos próprios

---

[384] O slogan que marcou a campanha de Jair Bolsonaro em 2018 foi apropriado do brado da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército; surgiu no final da década de 1960, pouco tempo depois do decreto do Ato Institucional nº 5, durante a Ditadura Civil-Militar. Foi criado por um grupo ultranacionalista de paraquedistas chamado Centelha Nativista, cujo objetivo era reforçar a identidade nacional contra forças que buscavam fragmentar o povo através da divisão do mesmo , como a perspectiva marxista de luta de classes. Vale ressaltar a semelhança com o lema nazista *Deutschland über alles* (Alemanha acima de tudo). Ver: FOLHAPRESS. ‘Brasil acima de tudo’: conheça a origem do slogan de Bolsonaro. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/brasil-acima-de-tudo-conheca-a-origem-do-slogan-de-bolsonaro-7r6utek3uk1axzyruk1fj9nas/>. Acesso em: 20/12/2024.

[385] SCHWEICKERT, Bertram; E. Ricardo. A falsa festividade "identitária". 2016. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/09/a-falsa-festividade-identitária>. Acesso em: 17/11/2024

[386] Thompson, Jack. Hawley, George. Does the Alt-Right still matter? An examination of Alt-Right influence between 2016 and 2018. Nations and Nationalism. 2021;27:1165–1180. DOI: 10.1111/nana.12736

brancos[387]. A única exceção de demonstração de algum apoio se deu com o partido grego Aurora Dourada[388], que, segundo o grupo, estava sendo perseguido pela justiça do país, a qual estaria mancomunada com o *lobby* sionista e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Por outro lado, o grupo mexicano percebeu que na política contemporânea tanto a direita quanto a esquerda não apresentam diferenças reais entre si. Isto é, em última instância, as figuras de ambos os campos são simpáticas à democracia liberal, além de recorrerem às urnas, à exploração da força de trabalho e a destruição das identidades sob o guarda-chuva de uma ideologia universal, que ora pode ser o liberalismo, ora o cristianismo. Além disso, não possuem um horizonte de substituir o sistema político atual, onde, em teoria, o povo governaria, mesmo que isso implique na decadência de tal povo. Dessa maneira, embora governos de ambos os lados apresentem números e estatísticas distintas, ambos servem ao sistema, sendo direita e esquerda palavras vazias que dão ao povo a ilusão de que, ao se filiarem a um determinado lado, terão a capacidade de mudar o sistema e lutar contra a ordem estabelecida, mas que tem como fim, a divisão dos povos, colocando-os uns contra os outros sob a bandeira de ideologias artificiais[389].

Essa visão vai de encontro com a perspectiva *neodireitista*. Alain de Benoist, desde meados dos anos 1980, recusou-se a se situar dentro de um campo político-parlamentar ou mesmo a adotar o rótulo de direita, propondo que os antagonismos políticos não poderiam mais ser definidos entre esquerda-direita, mas sim entre aqueles que defendem um mundo unidimensional, baseado no universalismo, e aqueles que defendem o mundo plural, baseado no direito à diferença[390]. Guillaume Faye definiu a democracia como um sistema político em que o povo é soberano e governado por seus representantes eleitos. Contudo, ao reaparecer com o iluminismo, foi corrompida por seus valores, tanto nas democracias comunistas quanto nas liberais, transformando-se em um dogma mundial que negligenciou os interesses do povo. Dessa forma, foi convertida em uma plutocracia a qual quem exerce o poder é uma classe

---

[387] VITALI, Juan Pablo. Trump, Bolsonaro, Salvini, Etcétera. 2019. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/csm/trump-bolsonaro-salvini-etcetera>. Acesso em: 10/12/2024.

[388] O Aurora Dourada foi um partido de inspiração nazista fundado na década de 1980, o qual ganhou expressividade eleitoral a partir de 2012, quando conseguiu eleger 21 deputados durante a crise econômica no país. Em 2020 o partido foi cassado e considerado uma organização criminosa, depois de um julgamento que durou mais de cinco anos. Ver: EURONEWS. Partido grego Aurora Dourada considerado uma organização criminosa pela justiça. 2020. **Euronews**.Disponível em: <https://pt.euronews.com/2020/10/07/partido-grego-aurora-dourada-considerado-uma-organizacao-criminosa-pela-justica> Acesso em: 14/12/2024.

[389]ANTARES. La Extrema ¿Derecha? Parte II. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/09/la-extrema-derecha-parte-ii-por-antares.html> Acesso em: 14/12/2024.

[390] TAGUIEFF, Pierre-André. From Race to Culture: The New Right's View of European Identity. **Télos** 1993 (98-99):99-125

política corrupta, em que a divisão esquerda-direita não parte de diferenças reais, pois ambas seguem a ideologia dominante do sistema[391].

Como aponta Zúquete[392] sobre o caso europeu, os identitários se veem como defensores do povo, personificado nos cidadãos comuns deixados de lado pelo establishment político e pelas elites governantes, sendo uma visão fortemente baseada nas ideias da ND de abandono do povo. Nessa leitura, a direita liberal e a esquerda progressista são parte do sistema e defendem a sociedade de mercado que estaria homogeneizando as culturas, sendo a divisão real de antagonismo político baseada no povo e nas elites globalistas. Nesse cenário, partidos e políticos, ditos, *antiestablishment* foram apoiados, mas também criticados por suas limitações na capacidade de travar uma guerra cultural contra o liberalismo e o globalismo.

Na América Latina, a dicotomia entre povo e *establishment* político foi presente. Contudo, o apoio a partidos e políticos autoproclamados antissistema foi limitado. Além disso, diferente dos casos europeu e norte-americano, não há menção de apoio a figuras políticas locais, o que demonstra o desinteresse tático na política eleitoral, manifestando descrença na democracia liberal como via mudança, bem como o não reconhecimento de figuras e/ou instituições político-partidárias que possibilitassem diálogos. Nesse sentido, a atuação metapolítica desses grupos foi muito mais próxima de uma ótica *grecista*, permeada pela apoliteia, do que a visão de Faye, de que a metapolítica é indissociável da ação política direta, o que se refletiu na dificuldade de levar a atuação do mundo digital às ruas.

É importante ressaltar que essa dificuldade não se circunscreve apenas à América Latina. Como apontam Patrik Hermansson (et al.)[393], os identitários norte-americanos, embora tenham sido bem-sucedidos ao adotar determinadas táticas do GI, aperfeiçoando-as através do ativismo online, não tiveram os mesmos êxitos ao tentarem transcender a internet. Isso se deu muito por uma estrutura grupuscular, pulverizada pelas redes e desierarquizada, diferente do GI, que possuía um certo grau de institucionalização, uma certa hierarquia e um repertório de ação comum[394]. Além disso, como apontam os autores, o GI pôde contar com uma infraestrutura pré-existente na Europa, com uma rede muito mais ampla de instituições geridas por identitários ou por simpatizantes da causa. Apesar disso, mesmo que existam redes e organizações de extrema direita nos EUA ou mesmo no Canadá, os identitários, ao

---

391 FAYE, Guillaume. **Why We Fight**: Manifesto of the European Resistance. London: Arktos Media, 2010.

392 ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

393 HERMANSSON, Patrik; LAWRENCE, David; MULHALL, Joe; MURDOCH, Simon. **The International Alt-Right**: fascism for the 21st century? Nova York: Routledge, 2020.

394 JACQUET-VAILLANT, Marion. Building a Transnational Identitarian Movement? Limits to the diffusion of Génération Identitaire in Europe In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

desejarem se dissociar dessa extrema direita tradicional, não puderam contar com esse apoio e nem foram capazes de recriar uma infraestrutura sólida.

O relativo sucesso do movimento identitário nos contextos europeus e norte-americanos se deu, justamente, por sua capacidade de transcender os círculos da extrema direita até públicos mais amplos. No caso da *alt-right*, houve atividades offline mais localizadas como distribuição de panfletos, colagem de cartazes e discursos públicos de figuras ligadas ao movimento, principalmente em universidades por serem compreendidas como principal fronte de defesa da Civilização Ocidental. Contudo, a *alt-right* se notabilizou entre um público além dos seus ciclos a partir da campanha de Trump, mobilizando a internet e galgando um espaço para a extrema direita dentro da consciência pública mais ampla. Nesse sentido, era natural que o movimento transbordasse de maneira mais ostensiva para as ruas, no entanto, com a repercussão dos acontecimentos em Charlottesville, parte significativa do movimento foi desarticulado, impossibilitando a continuidade desse objetivo[395].

Distintamente da *alt-right* e do GI, a metapolítica dos grupos aqui analisados não conseguiu transcender de maneira eficaz os círculos extremistas. Isso pode ser relacionado à incapacidade de capitalizar em cima ansiedades sociais, ou mesmo, de produzir um ativismo que chamasse a atenção para a própria causa. O discurso antiglobalismo que compartilham e os define, não possui um grande apelo fora do nicho da extrema direita, sendo mais uma discussão abstrata do que um perigo iminente de extinção. Nos casos do Norte Global, a ameaça à identidade e à comunidade é personificada em diálogo com problemáticas sociais evidentes no debate público, como, por exemplo, a crise imigratória e a convivência cotidiana com a diferença. Além disso, tiveram bases importantes para se assentar, seja do arcabouço ideológico *neodireitista*, ou mesmo em uma cultura política nacionalista branca.

O FNI foi o único grupo que apresentou alguma atividade fora do mundo digital, principalmente relacionada a distribuição de panfletos, colagem de cartazes e adesivos em locais públicos[396]; caminhadas pela natureza[397]; atividades de formação de membros[398]; atos públicos em comemoração de datas simbólicas, como, por exemplo, a fundação da cidade de

---

[395] WINTER, Aaron. Online Hate: From the Far-Right to the 'Alt-Right' and from the Margins to the Mainstream. In: Lumsden, Karen; Harmer, Emily (2019). **Online Othering**: exploring digital violence and discrimination on the web. London: Palgrave MacMillan, 2019.

[396] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Primera Celebración del Día de Los Pueblos Blancos. 2014. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/marcha-del-hombre-blanco>. Acesso em: 25/12/2024

[397] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Conmemoración de la Fundación de Santiago del Nuevo Extremo. 2016. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/cuarta-conmemoracion-de-la-fundacion-de-santiago-del-nuevo-extremo>. Acesso em: 25/12/2024.

[398] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Primera Jornada Identitaria de Formación. 2020. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/primera-jornada-identitaria-de-formacion>. Acesso em: 25/12/2024.

Santiago[399] ou ao Dia dos Povos Brancos, contando com faixas e sinalizadores ao estilo de torcidas de futebol ultras na Europa[400]; além de manifestações em conjunto com outras agrupações como em apoio ao Aurora Dourada[401] e a marcha contra o sionismo[402], que, segundo o grupo, contou com outros grupelhos em protesto contra a presença de soldados israelenses na Patagônia chilena e argentina[403].

No contexto chileno, o MSP foi o grupo que apresentou táticas com características mais comumente associadas ao ativismo do identitarismo internacional, ao se mobilizar contra o direito ao aborto, a pedofilia e a imigração. A organização ganhou notoriedade na mídia através de suas performances agressivas tanto online quanto offline, como, por exemplo: ao atirar tinta vermelha e pedaços de bonecas em manifestantes pró-aborto em uma manifestação que reuniu mais de quarenta mil pessoas em 2018, além de ser acusada de arremessar entranhas de animais e esfaquear três manifestantes, o que negaram; utilizando perfis nas redes sociais como instrumentos que permitiram construir uma presença pública e midiática em diversos temas, como o aborto, a pena de morte e a imigração, associada à criminalidade, o tráfico de drogas e a prostituição; pichações complementadas com performances chamativas como imolação de um boneco do George Soros e o enforcamento de bonecos simbolizando padres pedófilos, além de pintarem uma rua de vermelho em protesto contra o aborto e produzirem cartazes transfóbicos contra a atriz Daniela Vega[404].

Todavia, o esforço metapolítico do FNI se concentrou na produção intelectual, tendo seu site reunido ao longo dos anos mais de 500 textos. Tendo em vista o principal objetivo do

---

[399]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. FNI conmemora la fundación de Santiago. 2013. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/fni-conmemora-la-fundacion-de-santiago>. Acesso em: 25/12/2024.

[400] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. FNI conmemora el «Día de los Pueblos Blancos». 2019. **FNI**. Disponível em: < https://fni.cl/actividades/fni-conmemora-el-dia-de-los-pueblos-blancos>. Acesso em: 25/12/2024.

[401] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Apoyo a los Nacionalistas Griegos. 2013. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/apoyo-a-los-nacionalistas-griegos>. Acesso em: 25/12/2024.

[402] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Marcha contra el sionismo. 2014. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/marcha-contra-el-sionismo>. Acesso em: 25/12/2024.

[403] Em 2012, o israelense Rotem Singer causou um incêndio acidental em mais de doze mil hectares de floresta em um parque na Patagônia. Tal acontecimento gerou declarações de políticos chilenos que interpretaram o fato como uma iniciativa de Israel para mapear a região a partir de interesses escusos de criar um novo Estado. Essa é uma teoria da conspiração que remonta ao início dos anos 1970, quando o economista argentino de extrema-direita Walter Beveraggi divulgou o suposto Plano Andínia. Por sua vez, essa teoria da conspiração se baseou no livro do sionista Theodor Herzl, O Estado Judeu, de 1882, no qual foi considerada a possibilidade de comprar terras na Patagônia. Contudo, no início do século XX, essa ideia já havia sido abandonada, tendo em vista propostas mais contundentes em Uganda e na Palestina. Ver: HAMON, Alexandre. Un nuevo Israel en la Patagonia: el mito de la conspiración judía. 2015. **El Mostrador.** Disponível em: <https://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2015/06/21/un-nuevo-israel-en-la-patagonia-el-mito-de-la-conspiracion-judia/>. Acesso em: 25/12/2024.

[404] GRINCHPUN, Boris Matias.“Chileans First!”: Movimiento Social Patriota, Acción Identitaria and Identitarianism in Chile. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

grupo, a de criar a autoconsciência entre os brancos do continente, a partir de uma perspectiva de etnicidade crioula, a estratégia de produção e difusão intelectual é mais condizente com o objetivo de formação de uma subjetividade em um público específico e, segundo eles, minoritário, do que atos performáticos que visam chamar a atenção da sociedade chilena como um todo. Isso se expressou na crítica ao uso do nacionalismo chileno perante a imigração. O grupo compreendeu que o movimento identitário crioulo não deveria basear todo seu esforço de disseminação em um discurso contra a imigração, tendo em vista que, diferente da Europa e dos EUA, onde essa é a principal bandeira dos identitários, a realidade chilena é majoritariamente multirracial e multicultural. Dessa forma, esses discursos, descritos como demagógicos em torno da imigração, mesmo que compreendam que não se deve perder de vista a crítica ao processo de imigração e sua promoção estatal e privada, seriam péssimas estratégias. Isso porque seu movimento não teria pretensões de se tornar um fenômeno de massa, visto que a maioria da população não poderia reivindicar a identidade crioula[405].

Tal como o FNI, a produção intelectual foi a principal via de ação para os outros grupos. O LI se definiu como um *think tank* identitário em busca de promover transformações sociais, culturais e políticas, através da ação metapolítica como via de criação de um contra-discurso à ideologia dominante[406]. A organização chegou a fazer uma autocrítica em relação à falta de atuação para além do escopo da internet, o que definiram como “ativismo de porão”, ou seja, um ativismo que não sai às ruas. O grupo tentou justificar essa particularidade a partir de alguns argumentos, tais como: o contexto brasileiro em que o debate político se encontra, nessa visão, dominado por paradigmas da Guerra-Fria, da direita contra a esquerda, com pouco espaço para pautas e movimentos dissidentes; a falta de tradição desses movimentos, sendo um fenômeno recente em relação à Europa, que possui um espaço melhor preparado para a ação real, devido à produção intelectual longeva no continente, visto que no país não teria espaço para tal desde o fim do integralismo; o estigma que esse tipo de atuação poderia gerar, tendo em vista que qualquer defesa que um branco faça da sua identidade, é estigmatizado como nazista, o que poderia ainda gerar repercussões judiciais, sociais e profissionais. Por fim, concluem que o ativismo de porão não é o ideal, mas tem como objetivo pavimentar o território que possibilite a ação real em um momento futuro[407].

---

[405] F.A. Oponerse a la inmigración no es suficiente para el identitarismo criollo, 2018. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/csm/oponerse-a-la-inmigracion-no-es-suficiente-para-el-identitarismo-criollo>. Acesso em: 25/12/2024.

[406] LEGIÃO IDENTITÁRIA. Sobre. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/sobre>. Acesso em: 25/12/2024

[407] SCHWEICKERT, Bertram. Ativismo de porão e ação real: uma autocrítica. 2016. **Legião Identitária.** Disponível em:

Dessa forma, a internet foi compreendida como um lugar privilegiado de atuação, com um potencial metapolítico que movimentos políticos dos séculos XIX e XX jamais tiveram em mãos, devido ao fácil compartilhamento, o usuário como vetor importante da informação, o grande número de tempo gasto pelas pessoas no mundo digital, os algoritmos que privilegiam informações mais acessadas. Assim, a internet foi percebida como a melhor ferramenta para a guerra cultural, capaz de corroborar para fortalecer e reunir recursos para a expansão da atuação do movimento[408]. Dentro desse escopo de atuação, a produção e tradução de textos foram o foco de esforço do grupo, sendo o *Facebook* a via de vazão para esses textos, os quais eram reproduzidos em sua integralidade na plataforma. Segundo o próprio grupo, a criação do site se relacionou com o objetivo de expandir a discussão de diferentes temáticas a partir do viés identitário, sendo o público convidado a contribuir através de textos autorais, traduções, legendas para vídeos estrangeiros e composições artísticas, visando a ampliação da produção cultural e o alcance do ideário[409]. O que demonstra o caráter diminuto da organização e sua aposta principal no texto escrito como meio de expressar suas ideias, o que vai de encontro com o entendimento, ou mesmo, do contexto de novidade dessas ideias, mirando a formação de público, tanto no sentido de arregimentação quanto de qualificação de seguidores.

Além disso, é uma forma de expressão que, associada ao uso de pseudônimos, garante o anonimato público, tendo em vista o receio manifestado em relação a possíveis repercussões que o ativismo do LI poderia gerar nas vidas privadas de seus militantes. Outras iniciativas foram experimentadas, como a produção de vídeos para o *YouTube*[410], sem mostrar o rosto, e um podcast apenas com uma edição no *SoundCloud*[411], a tradução de livros completos através da editora Aquiles[412], bem como a tentativa de viabilizar o grupo financeiramente através de uma loja de camisetas relacionadas à temática identitária[413]. Essas frentes não foram tão

---

<https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/09/ativismo-de-porão-e-ação-real-uma-autocrítica>. Acesso em: 25/12/2024

[408] SCHWEICKERT, Bertram. Movimento APENAS de Internet? 2016 .**Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/12/31/movimento-apenas-de-internet>. Acesso em: 25/12/2024

[409] LEGIÃO IDENTITÁRIA. Apoie. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/apoie>. Acesso em: 25/12/2024

[410] LEGIÃO IDENTITÁRIA. Youtube: 2016. Disponivel em: <https://www.youtube.com/c/LegiãoIdentitária>. Acesso em : 25 dez. 2024.

[411]AVE CÉSAR!. Legião Identitária - Notícias comentadas. SoundCloud: 2017. Disponível em: <https://soundcloud.com/ave-cesar-li>. Acesso em : 25 dez. 2024.

[412] LEGIÃO IDENTITÁRIA. Aquiles Editora. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/aquiles-editora>. Acesso em: 25/12/2024

[413] LEGIÃO IDENTITÁRIA. Loja. **Legião Identitária.** Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/loja>. Acesso em: 25/12/2024

prolíficas quanto a produção de textos, o que pode ser relacionado ao gargalo de produção de uma organização composta por poucos membros.

Esse é um problema compartilhado pelo FUI, braço identitário do *Círculo de Cuerbos Galenos* (CICUGA), liderado por Velkan Corvvinus. O CICUGA se descreve como um "serviço de medicina" que combate à modernidade e o charlatanismo filosófico, o que é associado à imagética dos médicos medievais da peste, com máscaras de nariz pontiagudo utilizadas com a crença de que poderiam impedir o contágio, o que nesse caso, seria o contágio pela modernidade[414]. Corvinus é figura central do site, bem como de outras frentes de atuação também associadas ao CICUGA, como o blog *Cuentos de un Galeno*, focado contos literários; *Acephale Zine*, página do Facebook atualmente inativa, voltada à publicação de zines em parceria com a Coordinadora Nacional Tempestista; *Cofradía Anarcopirata de Nassau*, grupo privado do Facebook para compartilhar textos e arquivos que têm o potencial de serem derrubados pela plataforma[415]; além da *Biblioteca Velkana*, contendo traduções de livros de autores como: Jack Donovan, Juan Pablo Vitali, o darwinista social Ragnar Redbeard, o tradicionalista russo Askr Svarte, o tradicionalista finlandês Aki Cederberg e o ecofascista Pinti Linkola

Tendo em vista seu manifesto, o FUI foi pensado como uma via ativista do CICUGA com propostas de proteger a verdadeira comunidade contra o globalismo, sendo seu manifesto um chamado à luta contra o Império do Nada[416]. Contudo, o grupo nunca apresentou caminhos e estratégias ativistas delimitadas, além de ser mais um ponto de eco para ideias políticas ligadas ao tradicionalismo, ao neopaganismo, ao identitarismo e a *alt-right*. Além disso, compartilha com os outros grupos aqui trabalhados a característica de ser uma organização diminuta. Assim como o FNI, mesmo que continuem em atividade, o número de publicações anuais caiu vertiginosamente nos últimos anos, tanto no site quanto nas redes sociais, o que demonstra um esgotamento dessa estratégia metapolítica e sua incapacidade de pautar o debate público a partir de suas bandeiras, como suas contrapartes do Norte Global, ou mesmo o chileno MSP.

A metapolítica digital é uma característica marcante do ativismo identitário, inseparável para os europeus do ativismo de rua. Enquanto isso, os latino-americanos

---

[414] CÍRCULO DE CUERVOS GALENOS - CICUGA. Facebook: 2019. Disponível em:<https://www.facebook.com/CuervosGalenos>. Acesso em: 25 dez. 2024.

[415]CORVINUS, Velkan. Cuentos de un galeno. 2021. Disponível em: <https://cuentosdeungaleno-vc.blogspot.com.> Acesso em: 25 dez. 2024.

[416] FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Manifesto Ungerista, 2020. **Círculo de Cuervos Galenos**. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/07/manifiesto-ungerista-por-frente.html>. Acesso em: 25/12/2024.

enfrentaram maiores dificuldades em transcender da internet para as ruas. Em grande medida, isso se relacionou à incapacidade de capitalizar as ansiedades sociais, assim como suas contrapartes no Norte global. Isso é indissociável do fato de que esses grupos não possuem um projeto político bem estabelecido, o que é sintomático de um horizonte de sociedade vago.

Isso demonstra também uma dificuldade de adaptação do identitarismo internacional por parte desses grupos. Os identitários do Norte global nunca se tornaram parte da corrente política dominante em seus respectivos contextos, mas foram bem-sucedidos em romper com a marginalização de seus círculos extremistas, pautar o debate público e estabelecer contatos com figuras e organizações da política institucional, além de serem percebidos como ameaças reais, resultando em repercussões jurídicas para diferentes figuras e grupos. Em contrapartida, houve um desinteresse ou mesmo uma recusa por parte dos grupos latino-americanos em buscar tangenciar a política institucional local. Isso indica, ao mesmo tempo, a falta de figuras que, como Donald Trump para a alt-right, tivessem agendas semelhantes o suficiente para se tornarem aliados táticos na incapacidade desses grupos de adaptarem as ideias identitárias ao contexto da disputa política local.

Por outro lado, como veremos a seguir, houve um interesse pronunciado em buscar estabelecer conexões com organizações e figuras do movimento identitário internacional, alcançando um relativo sucesso nesse empreendimento.

3.3 - Rede Identitária

Na Europa, a crescente presença de um “outro”, na figura do imigrante, levantou questões relacionadas ao que é ser europeu e a percepção de urgência para formar laços transnacionais entre os identitários. A questão do pan-europeísmo foi uma característica importante para impulsionar a formação de uma rede identitária, como, por exemplo, a rede GI, constituindo-se como uma dimensão fundamental para intelectuais e ativistas tanto dentro quanto fora do continente, não se limitando ao espaço geográfico, mas estabelecendo solidariedade étnica e cultural com populações de origem europeia. Segundo os autores, isso conferiu uma escala de maior alcance no identitarismo, adaptando-se a diferentes contextos, como na América do Norte, a qual a *alt-right* adquiriu uma dimensão distinguível e

abertamente racial através de uma perspectiva de identidade branca, influenciando, em contrapartida, uma versão mais americanizada dentro do identitarismo europeu[417].

Como demonstra José Pedro Zúquete[418], a circulação de temáticas e práticas vinculadas ao identitarismos através da internet facilitou a internacionalização e formação de um público para além de seu território nacional original e do próprio continente europeu. Por outro lado, vale ressaltar que esse alcance foi potencializado pela tradução para diversos idiomas de obras e autores relevantes para o movimento, a qual a editora Arktos é o maior exemplo, principalmente no que se refere à língua inglesa. Desde 2009, a editora desempenhou um papel importante ao publicar obras da ND e identitárias até então restritas ao francês, sendo pioneira da disseminação dessa literatura em inglês e outros idiomas.

Além disso, como aponta o autor, na internet se espalhou uma ampla gama de outros grupos, sites e editoras que contribuíram de maneira parecida, mesmo que com impacto menor, para a internacionalização de escritos identitários, como os exemplos: o site tcheco *Délský Potápěč* (Mergulhador de Delos), fundado em 2007 como um blog e tendo sido ativos no *Twitter* (o atual site X), colaborou com a rede GI e publicou diversas traduções de textos e livros vinculados a esse ideário, sendo uma de suas publicações mais antigas o livro *Why We Fight* de Guillaume Faye, publicado pela própria editora; a revista portuguesa *Finis Mundi*, dirigida por João Franco, ex membro da Causa Identitária, foi uma das primeiras iniciativas a traduzir para o português obras da ND e de outros autores ligados ao antiglobalismo; e as iniciativas vinculadas ao FNI, *Identitas* e *Círculo de Investigaciones PanCriollistas*, as quais, embora, como vimos, não tenham sido as primeiras a difundir o pensamento da ND em espanhol na América Latina, ou mesmo no Chile, foram importantes por levarem essas ideias, a partir de uma leitura especificamente identitária, trazendo novas referências, com maior sintonia com o mundo digital e para uma nova geração de leitores. Dessa maneira, essas redes difusas são apenas alguns dentre os diversos exemplos possíveis, em uma pluralidade de localidades e idiomas, os quais contribuíram para tornar o identitarismo e o antiglobalismo um fenômeno global.

Embora o GI tenha sido um fator importante para o surgimento de diversos grupelhos identitários - tanto na Europa, os quais se estruturariam como sucursais de uma rede continental, quanto fora das fronteiras europeias, de maneira não oficial[419] -, essa

---

417 ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

418 ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.

419 MURDOCH, Simon; Mulhall, Joe. **From Baners to Bullets**: the international identitarian movement. HOPE not hate Charitable Trust, 2019.

particularidade não pode ser estendida ao FNI, considerando que este surgiu do mesmo ano do GI francês (2012), antes que os europeus ganhassem alguma repercussão fora do país ou mesmo se estruturassem em uma rede continental. Mesmo reconhecendo a importância de sua contraparte do outro lado do Atlântico para transpor o ideário *neodireitista* ao ativismo político, bem como sua influência no identitarismo global[420], a influência da *alt-right* foi mais importante para a formação do grupelho. O contato com esse ideário se deu em meados de 2010, entre jovens chilenos que possuíam proximidade com ideias fascistas e de terceira posição, através do site oficial da *Alt-Right* de Richard Spencer, desenvolvendo interesse pela perspectiva etnopluralista. Dois anos depois surgiram duas iniciativas de maneira concomitante, o próprio FNI e o site *Derecha Alternativa* (Direita Alternativa - DA), os quais entendiam a ênfase etnopluralista como um diferencial dentro da direita local, vista como próximas de ideias liberais, pinochetismo e o cristianismo, sem entrarem em questões étnico-raciais, lidas como fundamentais[421]. Além disso, é importante destacar a influência do argentino Juan Pablo Vitali, fundamental para a perspectiva *pancriollista* conjugada pelo FNI e pelo *Círculo de Investigaciones PanCriollistas* (CPI), o qual foi pioneiro dentro do pensamento identitário e etnopluralista no continente.

O site do DA esteve em atividade entre os anos de 2012 e 2022. Como o próprio nome diz, foi uma inspiração direta na *Alt-Right* norte-americana, sem ambições ativistas fora da internet. Traduziu autores desse círculo para o espanhol, entre eles: Greg Johnson; Richard Spencer; Brett Stevens, do site nacionalista branco *Amerika.org*; Keith Preston, do site anarco fascista *Attack the System*. A proximidade com o FNI é visível desde o início de ambas as organizações, entre os anos de 2012, quando foram criados, até meados de 2015, a maioria das traduções e publicações feitas pelo DA também poderia ser encontrada na plataforma do FNI. Pelo menos em partes, os grupos compartilharam nomes de liderança responsáveis por suas fundações.

A partir de 2015, o DA começou a desenvolver uma identidade própria desvinculada do FNI, principalmente a partir de uma guinada ao libertarianismo, quando referências a figuras de economistas ligados à Escola Austríaca como Hans-Hermann Hoppe, Murray Rothbard e Ludwig von Mises se tornaram referências frequentes nos textos publicados pelo grupo. Contudo, esse movimento se deu a partir da confluência entre as influências

---

[420] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Primera Jornada Identitaria de Formación. 2020. **FNI**. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/primera-jornada-identitaria-de-formacion>. Acesso em: 25/12/2024.

[421] COOPER, Patricio David Baeza. Tendencias Ideológicas En La “Batalla Cultural” de La Sociedad Civil de La Ultraderecha Chilena. AVATARES de la comunicación y la cultura Nº 28, 2024. ISSN 1853-5925.

libertarianas e nacionalistas brancas[422], encontrando-se, por exemplo, em temáticas como a anti-imigração: se pelo viés libertariano os imigrantes representariam mais um peso aos Estados que os recebem, do ponto de vista identitário, a ameaça se desenrolaria a partir da problemática da substituição das populações locais[423]. Se a princípio houve um distanciamento ideológico com o FNI, isso não parece ter manifestado uma ruptura brusca tento em vista que Francisco Albanese fundador das duas iniciativas[424], publicou no DA até meados de 2018[425].

Além disso, o CPI, iniciado em 2013, amalgamou militantes e textos vinculados aos dois grupos, compreendido por eles como uma entidade sem fins lucrativos que surgiu com o objetivo de reivindicar a identidade crioula no Cone Sul através de análises e estudos[426]. Apesar disso, pode ser compreendido como uma via de financiamento de suas atividades metapolíticas, uma vez que aceitam doações via plataforma *PayPal* e comercializaram edições de livros e revistas. Embora o FNI e o DA tenham feito um trabalho importante para a disseminação do ideário identitário a um público falante de espanhol, principalmente na América Latina, o CPI deu um passo de maior fôlego, traduzindo obras completas até então inéditas em espanhol, bem como editando a revista *Identitas*, com traduções e conteúdos próprios. Essa via de atuação do CPI foi de encontro aos modelos de diversos empreendimentos da *alt-right*, como, por exemplo, o *American Renaissance* de Jared Taylor e o *Counter-Currents* de Greg Johnson, atuando simultaneamente como blog e loja de livros.

A revista *Identitas* foi editada durante o ano de 2014, com o *slogan "El despertar de nuestra Identidad en la Modernidad*", sendo sua primeira edição dedicada à Dominique

---

[422] Existe uma série de questões centrais às quais alt-right e os libertários concordam, embora motivações para isso possam partir de locais distintos, tais como posição contrária a políticas afirmativas, anticomunismo, controle de armas, e a defesa irrestrita da liberdade de expressão. Além disso, a natureza abstrata da concepção libertária das relações sociais e interferência mínima do Estado na vida do indivíduo tornaram o movimento um espaço de acomodação para posições de extrema direita, permitindo que políticas enraizadas em ideias libertárias fossem apoiadas pela alt-right. Ver: HERMANSSON, Patrik; LAWRENCE, David; MULHALL, Joe; MURDOCH, Simon. **The International Alt-Right**: fascism for the 21st century? Nova York: Routledge, 2020.

[423] JAVGZO, Francisco. La inmigración según sexo y su relevancia para el identitarismo y el libertarianismo. Derecha alternativa, 2017. Disponível em: <https://derecha-alternativa.com/2017/11/12/la-inmigracion-segun-sexo-y-su-relevancia-para-el-identitarismo-y-el-libertarianismo/>. Acesso em: 25/12/2024.

[424] COOPER, Patricio David Baeza. Tendencias Ideológicas En La "Batalla Cultural" de La Sociedad Civil de La Ultraderecha Chilena. AVATARES de la comunicación y la cultura Nº 28, 2024. ISSN 1853-5925.

[425] ALBANESE, Francisco. Realpolitik después de 'el fin de la historia'. 2018. **Derecha Alternativa**. Disponível em: <https://derecha-alternativa.com/2018/04/18/realpolitik-despues-de-el-fin-de-la-historia/>. Acesso em: 25/12/2024.

[426] CÍRCULO PANCRIOLISTAS DE INVESTIGAÇÕES. Nosotros, 2013. **CPI** Disponível em: <https://pancriollismo.com/nosotros/>. Acesso em: 25/12/2024.

Venner que falecera um ano antes[427]. De modo geral, as três edições da revista não trouxeram nada de muito diferente do que poderia ser encontrado nos sites, com textos autorais de seus membros e, em menor instância, de autores internacionais como Juan Pablo Vitali, Guillaume Faye, Dominique Venner, Lucian Tudor, Greg Johnson. Além disso, a revista foi um marco na constituição de relações com figuras do identitarismo internacional, com entrevistas concedidas exclusivamente para suas edições, com nomes como Juan Pablo Vitali; Jack Donovan; o produtor musical independente e ensaísta de ultradireita britânico, Alex Kurtagić; o identitário romeno Lucien Tudor; [428]; além de vincular propaganda da editora Arktos Media[429].

Embora não tenhamos como objetivo fazer uma análise aprofundada da revista *Identitas*, algumas de suas escolhas editoriais do CPI são interessantes para entender de que maneira os identitários chilenos buscaram construir contatos com o identitarismo internacional. Como aponta Roger Chartier[430], a editoração de uma obra é uma parte fundamental para seu entendimento, visto que essas não são neutras, mas impõem uma perspectiva de leitura. Isso se dá tanto por estratégias explícitas, fundamentadas no discurso, como prefácios, prólogos, comentários e notas, quanto outras implícitas, tornando o texto um mecanismo que deve impor uma compreensão. Dessa forma, algumas estratégias explícitas e implícitas da revista *Identitas*, chamam a atenção na publicação.

Em primeiro lugar, a escolha dos textos publicados na revista, os quais foram em sua maioria escritos pelos próprios membros do CPI, em contrapartida, de dois ou três autores estrangeiros por número, os quais não ocupam espaço especial na ordem de leitura, o que sugere uma hierarquia comum entre esses escritos. Outro aspecto importante relacionou-se ao anseio de demonstrar uma interlocução internacional, seja nos textos de autores supracitados, nas entrevistas em destaque no final da edição, na vinculação de propaganda da *Arktos Media*, ou mesmo por agradecimentos especiais Guillaume Faye, Sri Dharma Pravartaka Acharya, Welf Herfurth, Alex Kurtagić e figuras ligadas ao *Counter-Currents*, como Greg Johnson, Matt Parrott, Nicholas Slattery. Ademais, um glossário de termos ao final não apenas direcionou a interpretação de alguns termos, não necessariamente ligados ao vocabulário

[427]CÍRCULO PANCRIOLLISTA DE INVESTIGACIONES. Identitas. Santiago: **CPI**, 2014. v. 1. Disponível em: <https://pancriollismo.com/wp-content/uploads/2015/08/cipc001_-_identitasvol1.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2024.

[428] CÍRCULO PANCRIOLLISTA DE INVESTIGACIONES. Publicaciones. **CPI** . Disponível em: Disponível em: <https://pancriollismo.com/publicaciones/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

[429] CÍRCULO PANCRIOLLISTA DE INVESTIGACIONES. Identitas. Santiago: **CPI**, 2014. v. 1. Disponível em: <https://pancriollismo.com/wp-content/uploads/2015/08/cipc001_-_identitasvol1.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2024.

[430] CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

metapolítico, tais como *raza, racismo, patria, e nación*, mas também demonstra o interesse de atingir um público mais amplo[431]. Por fim, o fato de ser uma publicação impressa.

Esse último aspecto é interessante, tendo em vista que o CPI, ou mesmo o FNI e o DA surgiram e se desenvolveram através da internet, e que até então, de modo geral, suas publicações digitais e impressas possuíram pouca distinção, em termos práticos, uma da outra. Por um lado, esse empreendimento pode ser compreendido como uma via de financiamento, ao transformar textos disponibilizados gratuitamente em um produto, sendo este um caminho recorrente entre diversas iniciativas metapolíticas ao redor do mundo. Por outro, a primeira vista, parece uma decisão na contramão de uma iniciativa metapolítica enraizada na internet, ao mesmo tempo em que o suporte digital tem sido discutido como um meio de democratização e popularização da palavra escrita, que na maior parte da sua história foi restrita a recortes de classe e de poder aquisitivo[432], além de ser, por si só, um espaço de poder[433]. Contudo, o conflito entre ideias políticas vinculadas ao impresso, especialmente livros, encontra um suporte durável e com pretensões de maior prestígio, além de possuir capacidade de atingir uma audiência maior, tanto pela leitura quanto pela disseminação de ideias por comentaristas e compartilhamento nas redes sociais[434].

Dessa forma, a escolha de um produto impresso pelo CPI, pode também ser compreendida como uma via de projeção da organização, tanto ao mirar um público mais amplo, quanto ao buscar um verniz de legitimidade para a iniciativa, seus membros e ideias. Mais do que isso, essa projeção não se restringiu ao âmbito nacional, mas internacional, sendo claro entre os três livros publicados entre os anos de 2015 e 2019, os quais não demonstram apenas uma interlocução internacional com uma rede identitária estabelecida, mas também o interesse de acessar um público além de suas fronteiras geográficas e se estabelecer como um nó latino-americano de uma rede identitária/metapolítica internacional. Exemplo disso foi o livro "*From the German Conservative Revolution to the New Right*", contendo uma antologia de ensaios de Lucien Tudor sobre a Revolução Conservadora e o identitarismo, bem como sua entrevista concedida ao CPI. A publicação apenas em inglês e precificada em euro - podendo

---

[431] CÍRCULO PANCRIOLLISTA DE INVESTIGACIONES. Identitas. Santiago: **CPI**, 2014. v. 1. Disponível em: <https://pancriollismo.com/wp-content/uploads/2015/08/cipc001_-_identitasvol1.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2024.

[432] RASTELI. Alessandro. A evolução da palavra escrita e o acesso às novas formas de construção de sentido. *Páginas a&b:* **Arquivos E Bibliotecas**, 2015.

[433] Sociedades ocidentalizadas e modernas privilegiaram a palavra escrita, sobre a oralidade, tornando-se única prova e recurso possível, mesmo que passível de falsificação e desonestidade, assim como a palavrava falada. Ver: BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História Geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. Brasília; São Paulo: UNESCO; MEC; UFSCar, 2010, p. 168-212.

[434] SILVA, Leonardo Nóbrega da. O mercado editorial e a Nova Direita brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13 n. 2 dez, 2018.

também ser adquirida pelo site do FNI - por essas características, visava um público estrangeiro e, até mesmo, a autopromoção do CPI para além do Chile, associando-se à figura de Tudor e sua relevância para o identitarismo internacional[435].

Essa foi a única incursão a no mercado metapolítico anglófono bastante concorrido, as apostas subsequentes foram traduções para o espanhol de obras até então inéditas no idioma de modo geral - sendo precificadas tanto em pesos chilenos quanto em euros e dólares americanos - a partir de dois autores: Jack Donovan, nas obras "*Un Cielo Sin Águilas*" (2016), com prólogo original de Paul Waggener[436] e "*El Camino de los Hombres*" (2019)[437]; e Welf Herfurth com a obra "*Una Vida en la Jungla Política*" (2016), com prefácio de Keith Preston e distribuída internacionalmente pela multinacional de *e-commerce Amazon*[438]. Herfurth, é alemão, com histórico de ativismo na Austrália e atualmente radicado no Brasil, suas ideias giram em torno do nacional-anarquismo e do antiglobalismo. Devido a relativa proximidade de sua atual moradia com o Chile, foi convidado pelo CPI para ministrar uma palestra em conjunto com seus membros em setembro de 2016[439].

Contudo, o CPI nunca adotou uma estrutura profissional para a comercialização de seus produtos, os quais possuem um caráter intermitente claro. Isso pode ser relacionado a diversos fatores, como o número diminuto de membros ativos, o qual parece ter diminuído ao longo dos anos; o custo para a produção de publicações independentes, que dependem muitas vezes da venda de obras anteriores; a estrutura amadora que dificulta a venda dos livros; a capacidade de divulgação pequena, tendo em vista o baixo número de seguidores nas redes sociais; apostas comerciais equivocadas, como o interesse de atingir um público internacional, tendo que lidar com um mercado competitivo e contar com serviços de entrega transcontinental. Apesar disso, foram relativamente bem-sucedidos ao estabelecer diálogos com figuras importantes do identitarismo, além de serem reconhecidos por esses como parte

---

[435] CÍRCULO PANCRIOLISTAS DE INVESTIGAÇÕES. CIPC #004 Lucian Tudor – From the German Conservative Revolution to the New Right. **CPI.** Disponível em: <https://pancriollismo.com/2015/06/04/lucian-tudor-from-the-german-conservative-revolution-to-the-new-right/#comments/> Acesso em: 25/12/2024.

[436] CÍRCULO PANCRIOLISTAS DE INVESTIGAÇÕES. Jack Donovan – Un Cielo Sin Águilas. 2016. **CPI.** Disponível em: <https://pancriollismo.com/2016/01/08/jack-donovan-un-cielo-sin-aguilas/> Acesso em: 25/12/2024.

[437] CÍRCULO PANCRIOLISTAS DE INVESTIGAÇÕES. Jack Donovan – El Camino de Los Hombres. 2019. **CPI.** Disponível em: <https://pancriollismo.com/2019/07/04/cpi-007-jack-donovan-el-camino-de-los-hombres/> Acesso em: 25/12/2024.

[438] CÍRCULO PANCRIOLISTAS DE INVESTIGAÇÕES. Welf Herfurth – Una Vida en la Jungla Política. 2016. **CPI.** Disponível em: <https://pancriollismo.com/2016/09/10/cipc-006-welf-herfurth-una-vida-en-la-jungla-politica/> Acesso em: 25/12/2024.

[439] PAN CRIOLLISMO. Conferencia de Welf Herfurth en Chile. **Youtube**: 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YPi2XnEPQrM>. Acesso em: 25/12/2024.

do movimento identitário internacional, assim como no caso do FNI, tendo em vista seu vínculo direto.

Segundo entrevista concedida pelo FNI em 2015, mantinham contato com pessoas vinculadas à *Counter-Currents*, *Amerika.org*, *Alternative Right*, *White Independent Nation*, *Traditional Youth Network*, *International Sanatana Dharma Society*. Embora também mencionem contatos com autores europeus e a *Arktos Media*, a maioria das organizações com as quais mantiveram contato foram de origem americana[440]. Isso pode ser aferido não apenas nas traduções para o espanhol, mas também em menções de alguns desses sites, como, por exemplo, a propaganda do livro de Lucien Tudor lançado pelo CPI no site *Amerika.org*, com *hiperlink* que direciona para o site do FNI[441]. Entretanto, as relações entre o site estadunidense e membros do FNI remontam pelo menos à 2014, quando foram traduzidos e publicados pela primeira vez textos de Francisco Albanese, originalmente vinculados no site do FNI. Entre os anos de 2014-2022, ao todo, nove textos de Albanese foram postados na *Amerika.org*, os quais não buscaram discutir a realidade identitária crioula na América Latina, ou mesmo mencionam seu vínculo com o grupo chileno, indo em direções a temáticas mais palpáveis para um público norte-americano, como, por exemplo, antissionismo[442], decadência civilizacional como um ciclo histórico[443], individualismo e sociedade[444].

O *Counter-Currents* foi outro site da *alt-right* que aprofundou relações com o FNI e seus membros. O site estadunidense não apenas disponibiliza seus textos para a tradução em outros idiomas como estes são repostados na plataforma com os créditos devidos. Para além de traduções para o espanhol, em 2019, um texto sobre a figura de Inés de Suaréz e seus feitos que teriam garantido a sobrevivência dos antepassados dos crioulos na cidade de Santiago foi creditado ao grupo[445], sendo listado, em 2022, pelos estadunidenses como um dos textos para

---

[440]FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Algunas preguntas sobre Identitarismo. 2015. **FNI.** Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/algunas-preguntas-sobre-identitarismo>. Acesso em: 25/12/2024.

[441] STEVENS, Brett. Lucian Tudor From the German Conservative Revolution to the New Right now published. 2015. **Amerika.** Disponível em: <https://www.amerika.org/lifestyle/lucian-tudor-from-the-german-conservative-revolution-to-the-new-right-now-published/> Acesso em: 25/12/2024.

[442]ALBANESE. Francisco. Zionism 1.0 Versus Zionism 2.0. 2016. **Amerika.** Disponível em: <https://www.amerika.org/politics/zionism-1-0-versus-zionism-2-0/> Acesso em: 25/12/2024.

[443]ALBANESE. Francisco. Blood sacrifice to the historical cycle. 2014. **Amerika.** Disponível em: <https://www.amerika.org/science/blood-sacrifice-to-the-historical-cycle/> Acesso em: 25/12/2024.

[444]ALBANESE. Francisco. Nullius Mihi Culpa. 2015. **Amerika.** Disponível em: <https://www.amerika.org/politics/nullius-mihi-culpa/> Acesso em: 25/12/2024.

[445] FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Remembering September 11, 1541. 2019. **Counter-Currents.** Disponível em: <https://counter-currents.com/2019/09/remembering-september-11-1541/> Acesso em: 25/12/2024.

se ler no Dia de Colombo, data que estaria sendo atacada nas últimas décadas por aqueles que querem deslegitimar a Civilização Europeia nas Américas[446].

Tal como no *Amerika.org*, os textos de Albanese se destacam, tendo publicado entre 2014 e 2024 doze textos, um deles sendo traduzido para o alemão pelo site *ahnenreihe*[447]. Porém, em sua maioria, os artigos são autorais e desvinculados do FNI. Em 2024 o autor mais para o site estadunidense (cinco textos) do que para seu projeto chileno, creditado em apenas um dos três ensaios publicados naquele ano. Além do FNI, Albanese conseguiu uma projeção própria dentro de círculos metapolíticos internacionais, permanecendo vinculado à iniciativa chilena, mas se associando a outras plataformas e projetos, participando desde 2021[448] como membro do corpo editorial da editora britânica de extrema direita *Black Front Press*, liderada pelo nacional-anarquista Troy Southgate, o que ajuda a explicar a queda de frequência nos últimos anos no site e nas redes sociais do FNI.

Ademais, em 2019, o FNI - através das lideranças de Francisco Albanese e A. Garrido - concedeu entrevistas a outro site importante da *alt-righ*t estadunidense, o *American Renaissance*, onde foram descritos como "*The White World's Southernmost Front*" (A Frente Mais Meridional do Mundo Branco, em tradução livre)[449]. Segundo o entrevistador, Benjamin Villaroel[450], a grande questão do século XXI seria a chance de sobrevivência do mundo branco em meio ao multiculturalismo. Dessa forma, europeus de diferentes partes do mundo estariam se levando para enfrentar essa ameaça, incluindo os brancos, muitas vezes esquecidos, do Cone Sul da América Latina, desenvolvendo políticas de "reação branca" diante da imigração

---

[446] JOHNSON, Greg. Columbus Day Resources at Counter-Currents. 2022. **Counter-Currents.** Disponível em: <https://counter-currents.com/2022/10/columbus-day-resources-at-counter-currents-2/> Acesso em: 25/12/2024.

[447]ALBANESE. Francisco. Weißer Stammeszusammenhalt: Anarchie an der Südspitze. 2014. **ahnenreihe.** Disponível em:<https://web.archive.org/web/20140831152304/http://ahnenreihe.wordpress.com/2014/06/06/weiser-stammeszusammenhalt-anarchie-an-der-sudspitze/> Acesso em: 25/12/2024.

[448] BLACK FRONT PRESS. Germany on the precipice: Left alternatives to fascism, 1904-1949.**Facebook**: 2021. Disponível em:<https://www.facebook.com/BlackFrontPress/photos/pb.100063749903118.-2207520000/106288394761489/?type=3>. Acesso em: 25/12/2024.

[449]VILLAROEL, Benjamin. The White World's Southernmost Front. 2019. **American Renaissance.** Disponível em: <https://www.amren.com/features/2019/08/the-white-worlds-southernmost-front/>. Acesso em: 25/12/2024.

[450] Benjamin Villaroel foi um dos pseudônimos de Martin Rojas, o qual tinha ascendência chilena por parte de pai e contribuiu para diversas plataformas da *alt-right*, como o *Social Matter, Vdare*, *American Renaissance*, *Counter-Currents, Occidental Observer* e outras. Sob o nome Villaroel, escreveu sobre imigração hispânica, identidade hispânica branca, e questões relacionadas à América Latina, principalmente focado no Chile. Em 2019, mudou-se para o Chile e estabeleceu vínculos com o movimento identitário local, de onde surgiu o contato para a entrevista com as lideranças do FNI para o *American Renaissance*. Para o mesmo site, em 2020, fez um compilado de páginas do *Instagram,* com conteúdo identitário lidos como positivos, entre eles o FUI, que fez com um post sobre Jack Donovan, exaltando a influência da *alt-right* americana em outras partes do mundo. Além disso, descreveu o FNI como o principal grupo identitário no Chile. Ver: ATLANTA ANTIFASCISTS. Martin Rojas' Pen Names. 2021. **Atlanta Antifascists** Disponível em: <https://atlantaantifa.org/2021/02/25/martin-rojas-pen-names/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

em massa e construindo organizações que visam garantir o futuro para o seus. De modo geral, a entrevista girou em torno das influências intelectuais e atividades do FNI, a realidade dos brancos do Sul, e a perspectiva de futuro para estes.

Dessa forma, os chilenos foram os pioneiros de uma perspectiva identitária na América Latina, em grande medida influenciados pela *alt-right* estadunidense, mas conseguindo estabelecer uma visão própria, expandindo a visão crioula do argentino Juan Pablo Vitali. Além disso, estabeleceram os primeiros grupos de tal seguimento metapolítico fora do continente, seja em termos ativistas como o FNI, ou mesmo iniciativas apenas de ordem cultural/intelectual como o CPI e o DA. Ademais, conseguiram estabelecer laços com redes internacionais, conquistando um pequeno espaço para expressar suas ideias em alguns dos maiores portais de segmentos da direita alternativa norte-americana. Mesmo que a influência e o impacto dessas iniciativas chilenas para as perspectivas identitárias ao redor do mundo tenham sido, em grande medida, irrisórios em comparação aos identitários do Norte Global, conseguiram reconhecimento e abrir diálogos com instituições e figuras desse campo, além de conseguir inserção, a nível individual, como Francisco Albanese, nessas redes.

Embora o FNI seja apenas quatro anos mais antigo do que o LI, o contexto em que este se formou (2016) foi distinto de sua contraparte chilena, tendo em vista o momento de ascensão do movimento identitário europeu e a rede GI na Europa e seus impactos ao redor do mundo. Como vimos, o GI surgiu na França em 2012, rapidamente influenciando no surgimento de grupos inspirados em seu ativismo em outras partes da Europa, como, por exemplo, o austríaco *Identitäre Bewegung Österreichs* (2012), o alemão Identitäre Bewegung Deutschland (2012), ou mesmo o tcheco *Generace ID* (2013). Contudo, a maioria dos grupelhos identitários surgiu na segunda metade da década de 2010, tornando-se de fato um movimento continental, em grande medida influenciado pela crise de refugiados na região. Além disso, no mesmo período começou a se desenvolver uma série de grupelhos em outras partes do mundo inspirados pelo identitarismo europeu, como o estadunidense *Identity Evropa* (2016), o chileno *Acción Identitaria* (2016), o *Identity Australia* (2017), o neozelandês *Dominion Movement* (2018) - dissolvido pouco tempo depois devido ao massacre de Christchurch - e o *Generation Identity South Africa* (2019), que teve apenas uma pequena atividade nas redes sociais[451].

O LI surgiu em 2016 como parte dessa leva de novos grupos identitários ao redor do mundo, sendo fortemente inspirado no GI europeu, buscando conexões, ou mesmo, ligações

[451] MURDOCH, Simon; Mulhall, Joe. **From Baners to Bullets**: the international identitarian movement. HOPE not hate Charitable Trust, 2019.

diretas, com o arquétipo identitário europeu. Além disso, trouxe algumas pautas pouco recorrentes na extrema direita brasileira, como a preocupação com imigração e islamização da Europa. Contudo, seu maior impacto se relacionou com uma circulação transnacional e apropriação de autores do campo extremista internacional, entre eles Julius Evola, Alain de Benoist, Dominique Venner e Guillaume Faye. Ademais, através da Editora Aquiles, uma espécie de selo editorial criado pelo grupo, traduziram para o português as obras do identitário austríaco Markus Willinger, com o título "Geração identitária: uma declaração de guerra contra os 68tistas" (2017) e dos *neodireitistas* europeus Alain de Benoist e Charles Champetier, com o título "Manifesto por uma renascença europeia" (2019)[452].

Essas obras foram fruto do contato direto com a Arktos Media, a partir da figura de seu editor Daniel Frieberg, gerando publicações com direitos reservados à iniciativa brasileira[453]. Assim como nas edições da revista Identitas, produzidas pelo CPI, a Arktos aparece no final da edição da obra de Willinger, com propaganda de autores e livros da editora se estendendo pelas quatro últimas páginas da edição, além de hiperlinks que direcionam para o *e-commerce* da iniciativa europeia[454]. Considerando que as obras da Editora Aquiles não foram comercializadas, mas disponibilizadas gratuitamente em formato digital, e do LI ter sido uma organização diminuta com poucos recursos financeiros, o anúncio da Arktos pode ser interpretado como uma moeda de troca, apresentando-a a um público diferente, mas potencialmente interessado nas ideias em que vende.

A Arktos oferece licenciamento internacional e direitos de tradução de mais de cem títulos de diferentes assuntos, como tradicionalismo, identitarismo e neopaganismo, abrangendo uma ampla gama de autores, como Alexandr Dugin, Guillaume Faye e Michael O'Meara[455], sendo um dos principais pontos para a disseminação de ideias extremistas ao redor do mundo. Isso está em consonância com o slogan da empresa "*Making Anti-Globalism Global*" (Tornando o Antiglobalismo Global, em tradução livre), expressando o objetivo de promover ideias antiglobalistas em diferentes partes do mundo, ao mesmo tempo em que promovem uma perspectiva pan-europeísta e a preservação de uma perspectiva de Civilização Europeia[456]. A editora de Frieberg esteve próxima do identitarismo desde o início de suas atividades em 2009, sendo um espaço para a publicação de autores que surgiam, como

---

[452] CALDEIRA NETO. Odilon. Neo-Fascism In Brazil: from the local to the global? **Esboços**, Florianópolis, v. 29, n. 52, 2022.
[453] WILLINGER, Markus. **Geração identitária: uma declaração de guerra contra os 68tistas**. Aquiles Editora, 2016. p.1
[454] WILLINGER, Markus. **Geração identitária: uma declaração de guerra contra os 68tistas**. Aquiles Editora, 2016. p. 86-89.
[455] Foreign Rights. **Arktos**, 2024. Disponível em: <https://arktos.com/foreign-rights/>. Acesso em: 25 dez. 2024
[456] About us. **Arktos,** 2024. Disponível em: <https://arktos.com/about/>. Acesso em: 25 dez. 2024

Willinger, e apresentando a novos públicos autores consagrados, mas restritos a seus idiomas originais, como aqueles vinculados à ND, demonstrando interesse não apenas na perspectiva ideológica dos identitários, mas também na capacidade de levar o ativismo ao mundo real[457].

Para além da Arktos, os identitários brasileiros buscaram referências em outros portais. O LI listou treze endereços eletrônicos, como sugestão àqueles interessados em contribuir com o movimento, direcionando traduções que pudessem ser vinculadas no site brasileiro. Entre eles os vinculados à *alt-right Amerika.org* e *Socialmatter.net*; o blog neopaganista *The Atlantic Religion*; os tradicionalistas *Aristocratsofthesoul.com* e *Juliusevola.net*; sites voltados para a discussão da masculinidade e/ou associados a um estilo de vida *fitness* como o *jack-donavan.com, operationwerewolf.com, artofmanliness.com, chadhowsefitness.com, average2alpha.com*; os britânicos *New English Review*, de orientação conservadora, e o nacionalista branco *Western Spring*; além do *New European Conservative*, voltados para assuntos relacionados à Revolução Conservadora, Nova Direita Europeia e identitarismo[458]. Grosso modo, organizações como o LI, pouco se preocupam em demonstrar de onde vieram seus textos traduzidos ou mesmo em mostrar as referências bibliográficas de seus textos originais. Embora isso tenha acontecido em grande medida, também existiu uma preocupação do LI de indicar, com *hiperlinks*, a origem de alguns textos traduzidos. Para além dos supracitados, também é possível ver referências ao *Guillaume Faye Archive,* o tradicionalista cristão e estadunidense *Gornahoor*, o britânico *Identity Forum,* o site oficial de Dominique Venner, e o *Counter-Currents*, o qual, vale ressaltar, não publicou as versões em português feitas pelo grupo brasileiro.

Além disso, o LI teve contatos esporádicos com outros grupúsculos do embrionário campo metapolítico brasileiro, em 2016, como o Nova Resistência e os extintos Ação Identitária Paulista, Frente Austral e Avante, buscando estabelecer um diálogo para além do "ativismo de porão" discutido pelo grupo[459]. Contudo, o grupo sempre privilegiou interfaces com iniciativas do Norte Global, mesmo com uma interlocução aparentemente pequena se comparados ao Nova Resistência, ou mesmo ao FNI. Em 2018, foi mencionado pela página portuguesa de *Facebook* Observatório Media Nacional, como parte do "Nacionalismo Identitário na Europa" ao lado de grupos como o *Identity Evropa*, *Alt-Right*, o FNI, o GI e

---

[457] ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.
[458] LEGIÃO IDENTITÁRIA. Apoie. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/apoie>. Acesso em: 25 dez. 2024.
[459]LEGIÃO IDENTITÁRIA. **Facebook**: 2016. Disponível em: Acesso em: 25 dez. 2024

outras organizações identitárias (Imagem 7)[460], as quais, de fato, não possuíram conexões significativas para além do compartilharem uma literatura e uma perspectiva interpretativa próxima em relação a ela, mas que, somadas entre si e a outras organizações, da mais insignificante à mais performática, contribuíram para fazer circular ideias perniciosas em diferentes sociedades ao redor do mundo.

(Imagem 7: Identity Evropa, Geração Identitária, Nova Ordem Social - o símbolo também representa o Movimento de Resistência Nórdica, Legião Identitária, Fuerza Nacional-Identitária, Alt-Right, Szturmowcy, União Eslava e Renascimento, Der Dritte Weg, Obóz Narodowo-Radykalny)

O contato entre o LI e os identitários chilenos é verificável apenas através de um comentário no *Facebook* feito por um membro do FNI, com o intuito de divulgar a entrevista concedida ao canal de *YouTube* atualmente extinto, *La Josefina* comandado pela jornalista e comentarista política Gretchen Schwenger Charme, que não obteve resposta[461], o que pode estar mais relacionado ao fim das atividades do LI do que com apenas uma indiferença do grupo em relação às suas contrapartes chilenas. Em contrapartida, a mesma imagem, juntamente com o *link* direcional para a entrevista ao vivo, foi postada nas páginas do *Facebook* do FUI[462] e CICUGA[463], demonstrando a colaboração entre chilenos e mexicanos.

---

[460]OBSERVATÓRIO MEDIA NACIONAL. We are one - Defend your heritage. **Facebook**: 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/observatoriomedianacional/photos/t.100064674942610/415329848995706/?type=3>. Acesso em: 25 dez. 2024.

[461]LEGIÃO IDENTITÁRIA. Facebook: 2020. Disponível em: Acesso em: 25 dez. 2024

[462]FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Entrevista a Fuerza Nacional Identitaria en el canal de YouTube "La Josefina". Facebook: 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/photos/pb.100064362384412.-2207520000/208804087499032/?type=3> Acesso em: 25 dez. 2024.

[463]CÍRCULO DE CUERVOS GALENOS - CICUGA. Entrevista a Fuerza Nacional Identitaria en el canal de YouTube "La Josefina". Facebook: 2020. Disponível em:

Como vimos, a influência do argentino Juan Pablo Vitali foi fundamental para a formação do CICUGA[464], sendo uma referência relativamente constante, principalmente através da perspectiva de masculinidade de Vitali, o qual compreendia que os homens estariam perdendo suas características naturais de irmandade e sendo colocados uns contra os outros pelo sistema e o feminismo[465]. A admiração pelo identitário argentino foi uma confluência importante entre os dois grupos, demarcando o início de uma relação através da republicação pelos mexicanos do texto "*Ya no hay Hombres"* de Vitali, originalmente postado pelo FNI[466], além de traduções de Jack Donovan originalmente publicadas nas plataformas do FNI[467] e do CPI[468]. Contudo, essa relação foi bastante unilateral, pelo menos publicamente, visto que não houve menções às contrapartes mexicanas pelos chilenos.

Diferentemente do FNI e do LI, o FUI demonstrou um interesse maior em participar de um ecossistema local de organizações e figuras metapolíticas na América Latina, observável através das redes sociais do grupo, através de compartilhamento de blogs e sites com ideias próximas como, por exemplo, o tradicionalista *Rebelión Contra el Mundo Moderno*[469], o neopaganista *Raven Kult*[470], *Guerra de las Ideas,* blog de Fernando Trujillo[471] e outros. Esse tipo de tática, além de fazer circular novas ideias para um público específico, também faz com que esse público se espalhe, através da internet, até novas organizações em diferentes partes do mundo. Essas ligações se estendem à América do Sul, não se restringindo apenas ao FNI e ao identitarismo, mas também se associando a uma esfera de grupos voltados

---

<https://www.facebook.com/CuervosGalenos/photos/pb.100064584226426.-2207520000/1323748127979535/?type=3> Acesso em: 25 dez. 2024.

464 CORVINUS, Velkan. Ave Vitali. In: CORVINUS, Velkan; TRUJILLO, Fernando (Org.) **Escritos del Último Criollo**: Tributo a Juan Pablo Vitali.

465VITALI, Juan Pablo. Ya no hay hombres. Círculo de cuervos galenos: 2019. Disponível em:<https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2019/06/ya-no-hay-hombres-por-juan-pablo-vitali.html>. Acesso em: 25 dez. 2024.

466 VITALI, Juan Pablo. Ya no hay hombres. **FNI**: 2019. Disponível em: <https://fni.cl/csm/ya-no-hay-hombres>. Acesso em: 25 dez. 2024.

467 DONOVAN, Jack. Volviéndonos los nuevos bárbaros. **Círculo de cuervos galenos**: 2020. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/02/volviendonos-los-nuevos-barbaros-por.html>. Acesso em: 25 dez. 2024.

468DONOVAN, Jack. Todos son una putas. **Círculo de cuervos galenos**: 2020. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/02/todos-son-una-putas-por-jack-donovan.html>. Acesso em: 25 dez. 2024.

469FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Ungern como mito y su importancia para nosotros. **Facebook**: 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid0vXMRVRfTBpJgr8aF8Hpwzg6enKxgKXxhbG8Fo8Tx1bxSJBfXjgrUjFqnmzQFCivTl>. Acesso em: 25 dez. 2024.

470FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Tradicionalismo pagano o muerte. **Facebook**: 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid02NXYV9oGrJ4HumtxYFXwXKhWfCqKM2mGv4Xz7hEbm8UdToLHVED9XbGbGqzZ3x8tal>. Acesso em: 25 dez. 2024.

471FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Los monstruos de la navidad. **Facebook**: 2021.Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid09eYjg1RfWzWnMgK7k7Yg2KJZDr34eFxybDckpSqg2B5VKnRKPRmeVQ5cNfAWJhJRl>. Acesso em: 25 dez. 2024.

para a Quarta Teoria Política de Dugin, como o argentino *Plataforma Multipolar*[472], o peruano *Centro de Estudios Crisolistas*[473] e o colombiano *Vanguardia Colombia*[474]. Esses são apenas alguns dos exemplos possíveis, por mais que nem todos eles possuam uma interlocução direta, existe uma confluência de ideias e perspectivas de ameaças perpassadas pelo globalismo.

Dessa forma, é possível ver a amplitude de interfaces transnacionais conjugadas por esses grupos, não apenas em termos de apropriação de uma literatura da direita europeia e estadunidense, mas também de iniciativas digitais que compartilham interesses próximos e atuam em um esforço local e transnacional de fazer que essas ideias circulem entre diferentes localidades e públicos. Por menores que possam ser, ganharam na internet um espaço privilegiado de atuação e proliferação de suas ideias, formando redes mais amplas. Embora nem todos os nós da rede identitária internacional possam ser enquadrados na categoria de direitas grupusculares propostas por Roger Griffin[475], como o próprio GI, melhor compreendido como um movimento social de direita[476], parte significativa das organizações identitárias, como os próprios grupos aqui trabalhados, atua como pontos nodais de uma rede grupuscular mais ampla.

Como aponta o autor, os grupúsculos são entidades políticas essencialmente pequenas e frequentemente metapolíticas, formadas para perseguir fins ideológicos, organizacionais e/ou ativísticos, cujo principal objetivo de superar a suposta decadência do sistema liberal existente, mesmo que sejam numericamente insignificantes e tenham visibilidade e apoio público mínimos, ou mesmo, inexistentes. Apesar disso, possuem maior influência e relevância pela facilidade com que podem ser associados - mesmo que em alguns casos, apenas na cabeça de extremistas políticos - a outras organizações autônomas que estão suficientemente alinhadas, em termos ideológicos e/ou táticos, para complementar suas atividades visando instituir um novo tipo de sociedade, por mais inalcançável e ilusório que

---

[472]FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Daria Dugina (1992 - 2022). **Facebook**: 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid0bAEdHxL5znHdmUF36VQfuRNZ63C6QAEg9Fi9Y7ZjEQz7juebUCSayWdVMSVdsK2cl>. Acesso em: 25 dez. 2024.

[473]FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Centro de Estudios Crisolistas. **Facebook**: 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid02Sm3m8dZK7F4CRVSJ1kQzXsCdDmn2WiVqFaxYukPVRvD2QXdPzyBbhJAoiPqD9EA3l>. Acesso em: 25 dez. 2024.

[474]FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Juventudes: Nuevos imaginarios - El espíritunacionalista y revolucionario. **Facebook**: 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid0ByXnpWH6yt3r2Py99EgTxp59uw6EG5SssQURAFniBLKGDQFgq74nySUiWBvhY3tRl>. Acesso em: 25 dez. 2024.

[475] GRIFFIN, Roger. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. Patterns of **Prejudice**, v. 37, n. 1, 2003, p. 27 – 50.

[476] Keşkekci, Damla; Nissem, Anita. Defend Europe and Transnational Activism. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

isso possa ser. Isso se deu através da metapolitização ideológica, acompanhada por um ataque à hegemonia liberal e a internacionalização de sua visão extremista, seja na universalização do nazismo e no crescimento da chamada terceira posição, ou em fenômenos com ênfase na base europeia de nações étnicas. Além disso, os grupúsculos de direita ganharam maior tração a partir dos anos 1990, com a crescente percepção pública de uma globalização cultural e da popularização da internet, fazendo com que cada organização, por menor que fosse, pudesse atuar como um ponto nodal de uma rede de organizações extremistas mais ampla[477].

[477] GRIFFIN, Roger. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. Patterns of **Prejudice**, v. 37, n. 1, 2003, p. 27 – 50.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscamos nos debruçar sobre uma vertente ainda pouco explorada das "novas direitas", especialmente na América Latina, o chamado movimento identitário. Em um contexto em que esses grupos tiveram pouco sucesso em romper com uma certa marginalidade para além de seus círculos extremistas, diferentemente dos identitários lambda da Europa e da *alt-right* nos EUA que conseguiram atenção pública e midiática em seus respectivos contextos, esses grupos também se encontraram marginalizados em relação ao olhar acadêmico especializado.

Como apontou Roger Griffin[478], em grande medida, a relevância de pequenas organizações extremistas e suas potenciais ameaças à democracia liberal foi avaliada através do potencial para arregimentar seguidores em massa e se tornar forças eleitorais ou revolucionárias substanciais, tendendo a ser tratados apenas como partidos fascistas embrionários que pereceram antes alçarem alguma maturidade. A perspectiva em relação a essas organizações muda se levarmos em consideração de que as tensões do ultranacionalismo palingenésico[479], em destaque quando movimentos fascistas acenderam nos anos 1930, não findaram após 1945, mas se adaptaram, diversificaram-se e deixaram de ocupar o espaço de fornecer uma língua franca aos movimentos de massa. Mais recentemente, encontraram no uso extensivo da Internet um espaço para divulgar seus princípios e construir vínculos, formando uma comunidade online de ativistas que estão convencidos de deter uma verdade contra a ideologia dominante que precisam manter viva em meio ao interregno, permitindo que seus membros se entreguem a um sentido ilusório do potencial da extrema direita para realizar utopias de ordens alternativas que restaurariam o enraizamento cultural e/ou racial.

Além disso, essas utopias são moldadas a partir dos medos de homogeneização cultural, imigração em massa e do colapso ecológico planetário. Como demonstra o autor, as redes que esses grupos formam, não possuem centro ou liderança, além de limites e hierarquias mal definidas ou mesmo uma inteligência unificada, onde grupos individuais constituem pontos nodais de uma rede mais ampla que, mesmo com a descontinuação de alguns grupos, também serve como um laboratório de ideias extremistas que podem chegar a boca de políticos extremistas mais conhecidos de um grande público, ou mesmo se radicalizando ou radicalizando indivíduos a ponto de cometerem atos de violência política.

---

[478] GRIFFIN, Roger. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. **Patterns** of **Prejudice**, v. 37, n. 1, 2003, p. 27 – 50.

[479] Para o autor, o fascismo é definido por um mito político central de ultranacionalismo palingenésico, sendo assim uma ideologia que busca reparar a decadência nacional por meio de um ultranacionalismo regenerador. Ver: GRIFFIN, Roger. **The Nature of Fascism**. London and New York: Routledge, 2006.

É dentro dessa categoria que enquadramos os grupos aqui analisados, os quais compreendem que suas identidades se encontram em decadência promovida pela ordem global, e que suas ações poderiam fazer renascer a pujança, outrora, perdida de suas culturas e etnias. Mas mais do que isso, acreditam que a resistência contracultural e a afirmação de suas identidades étnicas são, ao mesmo tempo, ferramentas capazes de fazer frente a suposta ideologia dominante do globalismo. Isso foi permeado por uma perspectiva pan-europeísta que conferiu uma percepção de ameaça e destino comuns aos povos de origem europeia ao redor do mundo, permitindo com que grupos identitários se espalhassem pela maior parte da Europa e em diferentes localidades do mundo com uma população branca significativa devido ao histórico de colonização.

A questão pan-europeísta é uma das bases fundamentais para a delimitação do que seria o movimento identitário posteriormente, tendo se desenvolvido nos círculos da extrema direita europeia desde a primeira metade do século XX. Alguns autores, como Tamir Bar-On[480], argumentam que o anseio de uma Europa unida esteve presente nesses círculos não apenas no pós-guerra, mas também nos regimes fascistas que tomaram o poder no entre-guerras, mas como aponta João Fábio Bertonha[481], o nacionalismo característico dessa ideologia minou iniciativas de criar uma internacional fascista. De fato, foi no pós-guerra que uma visão de nacionalismo desterritorializado, que transcendia os Estados nacionais e estendia a perspectiva de renascimento nacional ao continente europeu, ganhou força, motivada pela marginalização do campo extremista e pelo contexto de Guerra Fria, contando com os esforços transnacionais de diversos intelectuais extremistas[482].

Dessa maneira, enquadramos os identitários como o desdobramento mais recente das adaptações que o campo neofascista teve de enfrentar desde a derrocada das forças do Eixo, principalmente devido as suas ideias tributárias da chamada *Nouvelle Droite* (ND). A ND, como ficou conhecida posteriormente, representa uma nova geração de intelectuais neofascistas que considerou que a marginalização que seu campo se encontrava, devia-se ao marasmo intelectual. Nomeadamente, através de leituras da Revolução Conservadora e de referências da Nova Esquerda, a qual pretendiam confrontar, readaptando ideias fascistas para um novo contexto. Principalmente a partir da década de 1980, o pan-europeísmo *neodireitista*

---

[480] BAR-ON, Tamir. Fascism to the Nouvelle Droite: The Dream of Pan-European Empire. **Journal of Contemporary European Studies,** 16(3):327-345 · December 2008.

[481] BERTONHA, João Fábio. A questão da "Internacional Fascista" no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. **Revista Brasileira de Política Internacional, vol.43** no.1 Brasília Jan./June 2000.

[482] COPSEY, Nigel. Neo-Fascism: A Footnote to the fascist Epoch? In: IORDACHI, C. e KALLIS, A. **Beyond the Fascist Century**: Essays in Honour of Roger Griffin. London: Palgrave Macmillan, 2020.

começou a ser pensado para além de uma terceira via diante dos blocos conflitantes da Guerra Fria, mas para enfrentar as dinâmicas da globalização que começavam a se desenvolver e foram lidas como agentes homogeneizantes que ameaçavam as culturas de todos os povos do mundo. Embora a ND seja heterogênea, existem alguns pontos de convergência importantes que influenciaram os identitários posteriormente: em primeiro lugar, a perspectiva de que os europeus são um só povo e cultura; em segundo, de que todos os povos possuem culturas diferentes entre si, que possuem o direito à diferença, e que a maneira de buscar preservação seria manter essas culturas separadas umas das outras.

Esses pontos são conclusões de duas interpretações antagônicas. A primeira, proposta por Alain de Benoist nos anos 1980, tentou se desvincular da categoria de raça, como forma de distanciamento de uma mácula racista presente no campo da extrema direita europeia. Dessa forma, produziu a interpretação de que tanto a cultura europeia quanto a de outros povos do mundo estariam sendo ameaçadas por uma homogeneização planetária promovida pela modernidade iluminista, a qual estaria destruindo suas particularidades em nome de um modelo universal de sociedade. De outro lado, Guillaume Faye, no final dos anos 1990, retomou a visão racialista, propondo que as culturas são indissociáveis de aspectos raciais. Para além da homogeneização, a principal ameaça a identidade europeia seria a imigração em massa, entendida como uma força colonizadora que substituiria as populações brancas locais. Essas duas perspectivas se misturam dentro dos grupos identitários ao redor do mundo, gerando grupos mais abertamente racialistas e outros que se filiam a visão cultural de identidade, e tentam se desvincular do rótulo de racista.

De modo geral, a internacionalização do identitarismo se deu principalmente através da internet e de iniciativas que traduziram obras e dialogaram com figuras da ND, sendo as mais conhecidas a *Arktos Media*, a *Counter-Currents*, a *Alt-right.com* e a *American Renaissance*. Essas três últimas são enquadradas como pertencentes a *alt-right*, nome genérico para designar os identitários americanos que uniram referências do nacionalismo branco local com as ideias da ND. Além disso, os primeiros grupos autodenominados identitários surgiram na França no início dos anos 2000, mas foi apenas a partir da década seguinte, principalmente inspirado pelo *Génération Identitaire* (Geração Identitária - GI), fundado em 2012, que o movimento se tornou, de fato , internacional, inspirando grupos por toda a Europa e fora dela. A grande novidade do identitarismo foi retomar um ativismo que não se restringia apenas à produção intelectual, fazendo o movimento inverso ao da Nova Direita, que no final dos anos 1960 decidiu se resguardar em um ativismo metapolítico,

compreendido como uma disputa no campo cultural/intelectual, que precederia a tomada do poder político.

Os identitários produziram uma nova forma de atuação metapolítica, em grande medida baseada na crítica de Faye à atuação ensimesmada da metapolítica *neodireitista*[483]. Assim, retomaram um ativismo de rua, unindo-o a performances que visavam chamar a atenção da mídia tradicional e usando a internet para viralizar seus conteúdos. Embora os identitários da *alt-right* tenham enfrentado maiores dificuldades em levar suas atividades às ruas, sua metapolítica digital - que utiliza uma retórica agressiva, *fake news, trolling,* sequestro de *hashtags* e que expande as fronteiras do que é aceitável dizer em público - foi uma contribuição importante nas eleições americanas de 2016, com o então candidato Donald Trump, sendo visto como um aliado tático[484].

Na América Latina, as ideias da ND, principalmente na parte hispanófona do continente, já circulavam mesmo antes da formação de grupos identitários na Europa. Apesar disso, os interlocutores da perspectiva etnopluralista do direito à diferença não seguiram uma linha estrita do pan-europeísmo característico dos grupos identitários que se formaram no continente algumas décadas depois. Em contrapartida, essas ideias foram usadas para pensar uma identidade própria para a América Latina, em uma chave de oposição ao universalismo da globalização, a qual, embora colocasse a herança europeia em local de primazia nessa representação de identidade, não excluiu as contribuições de outras culturas para a formação do que chamaram de América Hispânica. Dessa forma, devido à afiliação exclusiva com pan-europeísmo dos grupos aqui trabalhados, esse histórico pregresso de uma intelectualidade diferencialista pouco influenciou esses novos grupos metapolíticos. Além disso, o caso brasileiro é um pouco distinto devido a sua especificidade tardia em relação ao neofascismo, com ideias *neodireitistas* aparecendo nesse contexto apenas entre o final dos anos 2000 e início dos anos 2010. Nesse contexto, surgiram grupos que usaram o etnopluralismo para pensar em uma identidade brasileira multiétnica e, outros, como o Legião Identitária (LI), filiados à visão pan-europeísta.

Ademais, esse trabalho teve como objeto de análise três grupos, o chileno fundado em 2012 Fuerza Nacional-Identitaria (FNI), um dos grupos identitários mais longevos e antigos das Américas, em contínua atividade, que propõe defender a identidade *criolla,* entendida como a identidade dos povos de origens europeias em território americano. O supracitado LI,

---

[483]MALY, Ico. Guillaume Faye's legacy: the alt-right and Generation Identity, **Journal of Political Ideologies**, 2023, 28:1, 35-61, DOI: 10.1080/13569317.2022.2045460

[484] POGGI, Tatiana. Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo. **Marx e o Marxismo** v.6, n.11, jul/dez 2018.

grupo criado em 2016 com o objetivo de preservar e fortalecer a cultura eurodescendente no sul do Brasil. E o grupo mexicano Frente Ungerista Identitario (FUI), em atividade desde 2020, o qual possui uma filiação tímida com a visão *criollista* do FNI, mas possui uma característica tribalista acentuada com base em Jack Donovan acentuada.

A perspectiva identitária desses grupos foi construída com o intuito de delinear uma comunidade internamente homogênea. Tendo em vista que estão inseridos em contextos multiétnicos , cujas respectivas identidades nacionais foram pensadas a partir de uma tentativa de construir uma identidade nacional unificada , esses grupos compreenderam suas próprias nacionalidades como ameaças primordiais à homogeneização cultural, unindo em um mesmo território e nacionalidade diferentes heranças étnico-culturais. Embora a crítica ao Estado-nação como instituição homogeneizante tenha sido uma crítica recorrente na ND[485], essa parece uma dimensão pouco presente na visão identitária europeia[486], visto que as identidades dos Estados nacionais no continente foram imaginadas a partir de uma perspectiva de homogeneidade interna, a qual os grupos no continente desejam reaver por meio da oposição à imigração. Como isso não pode ser aplicado em um continente marcado pela colonização e escravização de pessoas, a crítica neodireitista foi retomada de maneira enfática pelos grupos aqui analisados.

Dessa forma, a colonização é um ponto central para pensar o identitarismo no continente, o qual permitiu que esses grupos se enquadrassem em uma particularidade pan-europeísta . Essa temática é pouco explorada dentro dos círculos europeus, sendo um conceito mais associado ao imigrante do Sul Global, visto como agente colonizador dos europeus. Nessa perspectiva, a culpa pelo passado de dominação europeia no mundo é entendida como um meio de enfraquecer e fazer com que os europeus não se sintam orgulhosos de sua identidade. Contudo, ao se proporem a redimir esse passado, acabam por construir perspectivas de futuro baseadas em uma visão de mundo que permitiu que o colonialismo prosperasse.

Para além dos Estados nacionais, as principais problemáticas delineadas por esses grupos giram em torno da globalização e suas noções de identidade. As ameaças à identidade giram em torno de uma dinâmica que circunscreve especificidades locais dentro de um quadro global. Além disso, diferentemente de suas contrapartes do Norte Global, a questão da imigração não parece ser um dos principais problemas para esses grupos. Apenas o FNI

---

[485] BENOIST, Alain de. Nossotros y los Otros: Problemática de la identidad. Torredembarra: Ediciones Fides, 2015.

[486] MLEJNKOVÁ, Petra. The transnationalization of Ethno-nationalism: the case of the identitarian Movement. **Intersections**. EEJSP 7(1): 136–149. DOI: 10.17356/ieejsp.v7i1.572

discute essa questão de forma mais extensiva, não considerando a imigração em si como um problema, mas o tipo dela, visto o caráter imigrante das populações europeias no continente. Considerando a característica miscigenada da população chilena, o grupo entende que adotar um discurso irrestrito contra a imigração culmina em um apelo a um nacionalismo chileno que não contempla sua perspectiva crioula.

A atuação desses grupos esteve, em grande medida, restrita à esfera digital. Essas atividades giram em torno principalmente da produção e tradução de textos e sua divulgação nas redes sociais. Atividades relacionadas a editoração de livros e revistas também podem ser observadas nesses grupos. Enquanto isso, o ativismo de rua foi observado apenas no FNI, como colagens de adesivos em locais públicos, comemoração de datas patrióticas, e a participação em pequenas manifestações em conjunto com outros grupos de extrema direita locais. Nesse sentido, o paradigma metapolítico dessas organizações esteve um tanto quanto distante daquele comumente associado ao movimento identitário, sendo, na verdade, mais próximo de uma metapolítica *neodireitista*, voltada principalmente para a produção intelectual, o que se relaciona com o caráter de novidade dessas ideias no contexto latino-americano.

Embora, de modo geral, não tenham conseguido levar suas ideias para além dos círculos locais da extrema direita, objetivo fundamental da tática metapolítica identitária, cumpriram seu papel de fazer circular novas ideias extremistas em seus respectivos contextos. Como parte de uma rede identitária transnacional, o FNI alcançou espaços e reconhecimento de figuras e organizações importantes do identitarismo europeu e estadunidense, em uma escala menor, o LI e o FUI também tiveram um pequeno sucesso ao estabelecerem contatos com figuras e organizações do identitarismo internacional, como a Arktos Media, no primeiro caso e a *Editorial EAS* e o identitário argentino Juan Pablo Vitali, no segundo. Dessa maneira, existiu um interesse pronunciado de buscar esses contatos e que, em certa medida, foram bem-sucedidos. Contudo, demonstraram pouco interesse, ou mesmo, interesses apenas unilaterais, de estabelecer contatos com grupos identitários locais. Apesar disso, desempenharam o papel relevante de fazer ecoar, para além de suas origens, o ideal pan-europeísta do identitarismo.

Por fim, este trabalho buscou analisar grupos identitários no contexto latino-americano, tentando lançar um olhar novo a partir de um referencial pouco explorado tanto por aqueles trabalhos voltados para a compreensão do extremismo de direita e o neofascismo, de modo geral, quanto acerca do próprio movimento identitário. Dessa forma, contribuindo para construir um novo ângulo de visão a respeito da temática, a partir de

particularidades locais. Embora sejam grupos diminutos, contribuíram à sua maneira para tornar o antiglobalismo um fenômeno global, moldando subjetividades e engrossando o couro contra a democracia liberal.

FONTES

ABAMMON, Frater. Identidade, Nacionalismo e a Proposta para o Renascimento Cultural. 2016. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/11/identidade-nacionalismo-e-a-proposta-para-o-renascimento-cultural>. Acesso em: 17/11/2024.

A.G. Patriotismo, Nacionalismo e Identitarismo. 2014. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/patriotismonacionalismo-o-identitarismo>. Acesso em: 27/10/2024.

A.G. Patriotismo, Nacionalismo e Identitarismo. 2014. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/patriotismonacionalismo-o-identitarismo>. Acesso em: 27/10/2024.

A.G. Antirracismo 2.0. 2020. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/csm/antirracismo-2-0>. Acesso em: 11/12/2024.

ALBANESE. Francisco. Blood sacrifice to the historical cycle. 2014. Amerika. Disponível em: <https://www.amerika.org/science/blood-sacrifice-to-the-historical-cycle/> Acesso em: 25/12/2024.

ALBANESE. Francisco. Weißer Stammeszusammenhalt: Anarchie an der Südspitze. 2014. ahnenreihe. Disponível em:<https://web.archive.org/web/20140831152304/http://ahnenreihe.wordpress.com/2014/06/06/weiser-stammeszusammenhalt-anarchie-an-der-sudspitze/> Acesso em: 25/12/2024.

ALBANESE. Francisco. Nullius Mihi Culpa. 2015. Amerika. Disponível em: <https://www.amerika.org/politics/nullius-mihi-culpa/> Acesso em: 25/12/2024.

ALBANESE. Francisco. Zionism 1.0 Versus Zionism 2.0. 2016. Amerika. Disponível em: <https://www.amerika.org/politics/zionism-1-0-versus-zionism-2-0/> Acesso em: 25/12/2024.

ANTARES. Microhistoria. 2020. Círculo de Cuervos Galenos. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/01/microhistoria-por-antares.html>. Acesso em: 07/03/2024.

ANTARES. La Extrema ¿Derecha? Parte II. 2020. Círculo de Cuervos Galenos. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/09/la-extrema-derecha-parte-ii-por-antares.html> Acesso em: 14/12/2024.

ARKTOS. Foreign Rights. 2024. Disponível em: <https://arktos.com/foreign-rights/>. Acesso em: 25/12/24.

ARKTOS. About us. 2024. Disponível em: <https://arktos.com/about/>. Acesso em: 25/12/24.

AVE CÉSAR!. Legião Identitária - Notícias comentadas. SoundCloud: 2017. Disponível em: <https://soundcloud.com/ave-cesar-li>. Acesso em : 25/12/24.

BENOIST, Alain de. La Nueva Derecha: una respuesta clara, profunda e inteligente. Barcelona: Editorial Planeta, 1982.

BENOIST, Alain de; CHAMPETIER, Charles. Manifesto for a European Renaissance. London: Arktos Media, 2012.

BENOIST, Alain de. Nossotros y los Otros: Problemática de la identidad. Torredembarra: Ediciones Fides, 2015.

BLACK FRONT PRESS. Germany on the precipice: Left alternatives to fascism, 1904-1949.Facebook: 2021. Disponível em:<https://www.facebook.com/BlackFrontPress/photos/pb.100063749903118.-2207520000/106288394761489/?type=3>. Acesso em: 25/12/2024.

BUELA, Alberto. Ensayos de Disenso: sobre metapolítica. Barcelona: Nueva República Ediciones, 1999.

BUELA, Alberto. Teoría del Disenso. Barcelona: Ediciones Fides, 2016.

BUELA, Alberto. Hispano-América contra o Ocidente. Caxias do Sul: Ars Regia, 2023.

CEPA.LA. Sobre nosotros. Disponível em: <https://cepa.la/sobre-nosotros/> . Acesso em: 17/11/24.

CÍRCULO DE CUERVOS GALENOS - CICUGA. Facebook: 2019. Disponível em:<https://www.facebook.com/CuervosGalenos>. Acesso em: 25/12/24.

CÍRCULO DE CUERVOS GALENOS - CICUGA. Entrevista a Fuerza Nacional Identitaria en el canal de YouTube "La Josefina". Facebook: 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/CuervosGalenos/photos/pb.100064584226426.-2207520000/1323748127979535/?type=3> Acesso em: 25/12/24.

CÍRCULO DE INVESTIGACIONES PANCRIOLLISTAS. Nosotros, 2013. CPI. Disponível em: <https://pancriollismo.com/nosotros/>. Acesso em: 25/12/24.

CÍRCULO DE INVESTIGACIONES PANCRIOLLISTAS. Identitas. Santiago: CPI, 2014. v. 1. Disponível em: <https://pancriollismo.com/wp-content/uploads/2015/08/cipc001_-_identitasvol1.pdf>. Acesso em: 25/12/24.

CÍRCULO DE INVESTIGACIONES PANCRIOLLISTAS. CIPC #004 Lucian Tudor – From the German Conservative Revolution to the New Right. 2015. CPI. Disponível em: <https://pancriollismo.com/2015/06/04/lucian-tudor-from-the-german-conservative-revolution-to-the-new-right/#comments/> Acesso em: 25/12/2024.

CÍRCULO DE INVESTIGACIONES PANCRIOLLISTAS. Jack Donovan – Un Cielo Sin Águilas. 2016. CPI. Disponível em: <https://pancriollismo.com/2016/01/08/jack-donovan-un-cielo-sin-aguilas/> Acesso em: 25/12/2024.

CÍRCULO DE INVESTIGACIONES PANCRIOLLISTAS. Welf Herfurth – Una Vida en la Jungla Política. 2016. CPI. Disponível em: <https://pancriollismo.com/2016/09/10/cipc-006-welf-herfurth-una-vida-en-la-jungla-politica/> Acesso em: 25/12/2024.

CÍRCULO DE INVESTIGACIONES PANCRIOLLISTAS. Jack Donovan – El Camino de Los Hombres. 2019. CPI. Disponível em: <https://pancriollismo.com/2019/07/04/cpi-007-jack-donovan-el-camino-de-los-hombres/> Acesso em: 25/12/2024.

CÍRCULO DE INVESTIGACIONES PANCRIOLLISTAS. Publicaciones. CPI . Disponível em: <https://pancriollismo.com/publicaciones/>. Acesso em: 25/12/24.

CNT. The Anarcho-Fascist Manifesto. 2022. Zero Schizo (Medium). Disponível em <https://medium.com/@zeroschizo/the-anarcho-fascist-manifesto-4ba58af0e0fc> Acesso em: 17/11/2024.

CORVINUS, Velkan. Guerra Tribal. 2020. Círculo de Cuervos Galenos. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/05/guerra-tribal-por-velkan-corvinus.html>. Acesso em: 07/03/2024.

CORVINUS, Velkan. Culpabilidad Mierda. 2020. Círculo de Cuervos Galenos. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/06/culpabilidad-mierda-por-velkan-corvinus.html>. Acesso em: 17/11/2024.

CORVINUS, Velkan. Legion de los Perdidos. 2020. Círculo de Cuervos Galenos. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/07/legion-de-los-perdidos-por-velkan.html> Acesso em: 17/11/2024.

CORVINUS, Velkan. Krieganismo: Fanatismo Vir y la Redención Masculina. 2021. Círculo de Cuervos Galenos. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2021/06/krieganismo-fanatismo-vir-y-la.html > Acesso em: 14/12/2024.

CORVINUS, Velkan. Valkyrja: la Mujer como Seleccionadora de Héroes. 2021 .Círculo de Cuervos Galenos. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2021/04/ValkyrjaPorVelkanCorvinus.html> Acesso em: 14/12/2024.

CORVINUS, Velkan. Cuentos de un galeno. 2021. Disponível em: <https://cuentosdeungaleno-vc.blogspot.com.> Acesso em: 25/12/24.

CORVINUS, Velkan. Resistencia contra el Imperio: la Reconquista del Mañana. 2022. Círculo de Cuervos Galenos. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2022/05/Resistencia-contra-el-Imperio.html> Acesso em: 17/11/2024.

CORVINUS, Velkan. Ave Vitali. In: CORVINUS, Velkan; TRUJILLO, Fernando (Org.) Escritos del Último Criollo: Tributo a Juan Pablo Vitali.

COUNTER-CURRENTS. 2017. Disponível em: <https://counter-currents.com/2017/05/remembering-dominique-venner-2/>. Acesso em: 27/10/2024.

DONOVAN, Jack. El Imperio de la Nada. 2017. Círculo de Investigaciones PanCriollistas. Disponível em: <https://pancriollismo.com/2017/08/19/el-imperio-de-la-nada/>. Acesso em: 14/12/2024.

DONOVAN, Jack. Volviéndonos los nuevos bárbaros. Círculo de cuervos galenos: 2020. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/02/volviendonos-los-nuevos-barbaros-por.html>. Acesso em: 25/12/24.

DONOVAN, Jack. Todos son una putas. Círculo de cuervos galenos: 2020. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/02/todos-son-una-putas-por-jack-donovan.html>. Acesso em: 25/12/24.

EDITORIAL EAS. José Luis Ontiveros. Disponível em: < https://editorialeas.com/autor/jose-luis-ontiveros/> Acesso em: 07/03/2024.

E. Ricardo. Lembremos de nossas revoluções! 2016. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/20/lembremos-de-nossas-revoluções>. Acesso em: 17/11/2024.

EURONEWS. Partido grego Aurora Dourada considerado uma organização criminosa pela justiça. 2020. Euronews.Disponível em: <https://pt.euronews.com/2020/10/07/partido-grego-aurora-dourada-considerado-uma-organizacao-criminosa-pela-justica> Acesso em: 14/12/2024.

F.A. Repensando la inmigración, 2014. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/csm/repensando-la-inmigracion>. Acesso em: 27/10/2024.

F.A. No somos hispanistas. 2015. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/csm/no-somos-hispanistas>. Acesso em: 27/10/2024.

F.A. Oponerse a la inmigración no es suficiente para el identitarismo criollo, 2018. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/csm/oponerse-a-la-inmigracion-no-es-suficiente-para-el-identitarismo-criollo>. Acesso em: 25/12/2024.

FAYE, Guillaume. Archeofuturism: European Visions of the Post-catastrophic Age. London: Arktos Media, 2010.

FAYE, Guillaume. Why We Fight: Manifesto of the European Resistance. London: Arktos Media, 2010.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Entrevista a Fuerza Nacional Identitaria en el canal de YouTube "La Josefina". Facebook: 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/photos/pb.100064362384412.-2207520000/208804087499032/?type=3> Acesso em: 25/12/24.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Manifesto Ungerista, 2020. Círculo de Cuervos Galenos. Disponível em: <https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2020/07/manifiesto-ungerista-por-frente.html > Acesso em: 14/12/2024.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Bandera del Arco Ungerista. Facebook: 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/photos/pb.100064362384412.-2207520000/146825997030175/?type=3>. Acesso em: 25/12/24.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Estandarte Ungerista. Facebook:2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/photos/pb.100064362384412.-2207520000/143986510647457/?type=3>. Acesso em: 25/12/24.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Bandera del Nómada. Facebook:2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/photos/pb.100064362384412.-2207520000/170140864698688/?type=3>. Acesso em: 25/12/24.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Ungern como mito y su importancia para nosotros. Facebook: 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid0vXMRVRfTBpJgr8aF8Hpwzg6enKxgKXxhbG8Fo8Tx1bxSJBfXjgrUjFqnmzQFCivTl>. Acesso em: 25/12/24.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Tradicionalismo pagano o muerte. Facebook: 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid02NXYV9oGrJ4HumtxYFXwXKhWfCqKM2mGv4Xz7hEbm8UdToLHVED9XbGbGqzZ3x8tal>. Acesso em: 25/12/24.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Los monstruos de la navidad. Facebook: 2021.Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid09eYjg1RfWzWnMgK7k7Yg2KJZDr34eFxybDckpSqg2B5VKnRKPRmeVQ5cNfAWJhJRl>. Acesso em: 25/12/24.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Centro de Estudios Crisolistas. Facebook: 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid02Sm3m8dZK7F4CRVSJ1kQzXsCdDmn2WiVqFaxYukPVRvD2QXdPzyBbhJAoiPqD9EA3l>. Acesso em: 25/12/24.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Juventudes: Nuevos imaginarios - El espíritunacionalista y revolucionario. Facebook: 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid0ByXnpWH6yt3r2Py99EgTxp59uw6EG5SssQURAFniBLKGDQFgq74nySUiWBvhY3tRl>. Acesso em: 25/12/24.

FRENTE UNGERISTA IDENTITARIO. Daria Dugina (1992 - 2022). Facebook: 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/FrenteUngerista/posts/pfbid0bAEdHxL5znHdmUF36VQfuRNZ63C6QAEg9Fi9Y7ZjEQz7juebUCSayWdVMSVdsK2cl>. Acesso em: 25/12/24.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. ¿Por qué una Nación? 2012. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/por-que-una-nacion>. Acesso em: 17/11/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Realidad Étnica Criolla. 2012. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/realidad-criolla-en-chile>. Acesso em: 27/10/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: La Nacionalidad Chilena. 2012. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/la-nacionalidad-chilena>. Acesso em: 27/10/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Identidad étnica en la sociedad chilena. 2012. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/identidad-en-la-sociedad-chilena>. Acesso em: 10/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Un Movimiento Criollo. 2012. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/un-movimiento-criollo>. Acesso em: 27/10/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: Explicando el concepto «Nacional-Identitario». 2012. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/nacional-identitarismo-concepto>. Acesso em: 27/10/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Fundamentos de FN-I: El origen de nuestro movimiento. 2012. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/origen-cosmovision-movimiento>. Acesso em: 14/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. FNI conmemora la fundación de Santiago. 2013. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/fni-conmemora-la-fundacion-de-santiago>. Acesso em: 25/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. FNI celebra el día de la Raza. 2013. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/fni-celebra-el-dia-de-la-raza>. Acesso em: 27/10/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Apoyo a los Nacionalistas Griegos. 2013. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/apoyo-a-los-nacionalistas-griegos>. Acesso em: 25/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Marcha contra el sionismo. 2014. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/marcha-contra-el-sionismo>. Acesso em: 25/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Segunda conmemoración Nacional-Identitaria de la fundación de Santiago del Nuevo Extremo. 2014. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/segunda-conmemoracion-nacional-identitaria-de-la-fundacion-de-santiago-del-nuevo-extremo>. Acesso em: 27/10/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Primera Celebración del Día de Los Pueblos Blancos. 2014. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/marcha-del-hombre-blanco>. Acesso em: 25/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Algunas preguntas sobre Identitarismo. 2015. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/algunas-preguntas-sobre-identitarismo>. Acesso em: 25/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Conmemoración de la Fundación de Santiago del Nuevo Extremo. 2016. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/cuarta-conmemoracion-de-la-fundacion-de-santiago-del-nuevo-extremo>. Acesso em: 25/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. FNI conmemora el «Día de los Pueblos Blancos». 2019. FNI. Disponível em: < https://fni.cl/actividades/fni-conmemora-el-dia-de-los-pueblos-blancos>. Acesso em: 25/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Remembering September 11, 1541. 2019. Counter-Currents. Disponível em: <https://counter-currents.com/2019/09/remembering-september-11-1541/> Acesso em: 25/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Recordando el 11 de Septiembre de 1541. 2019. FN-I. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/11-de-septiembre-de-1541>. Acesso em: 27/10/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Entrevista a Fuerza Nacional-Identitaria en American Renaissance, 2019. Disponível em: <https://fni.cl/textos/entrevistas/entrevista-a-fuerza-nacional-identitaria-en-american-renaissance>. Acesso em: 27/10/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Primera Jornada Identitaria de Formación. 2020. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/actividades/primera-jornada-identitaria-de-formacion>. Acesso em: 25/12/2024.

FUERZA NACIONAL-IDENTITARIA. Nosotros. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/nosotros> Acesso em: 07/03/2024.

HUGO, Victor. Nota do Editor da Edição e Tradução Brasileira. In: WILLINGER, Markus. Geração identitária: uma declaração de guerra contra os 68tistas. Aquiles Editora, 2016, p. 8.

JOHNSON, Greg. Remembering Dominique Venner:April 16, 1935–May 21, 2013.

JOHNSON, Greg. Columbus Day Resources at Counter-Currents. 2022. Counter-Currents. Disponível em: <https://counter-currents.com/2022/10/columbus-day-resources-at-counter-currents-2/> Acesso em: 25/12/2024.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. Facebook: 2016. Disponível em: Acesso em: 25/12/24.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. Este é o Sul, 2016. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/28/este-é-o-sul> Acesso em: 07/03/2024.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. Youtube: 2016. Disponivel em: <https://www.youtube.com/c/LegiãoIdentitária>. Acesso em : 25/12/24.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. Este é o Sul. 2016. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/28/este-é-o-sul>. Acesso em: 14/12/2024.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. O pecado capital do Homem Branco. 2019. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2019/05/14/o-pecado-capital-do-homem-branco>. Acesso em: 17/11/2024.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. Facebook: 2020. Disponível em: Acesso em: 25/12/24.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. Apoie. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/apoie>. Acesso em: 25/12/2024.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. Aquiles Editora. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/aquiles-editora>. Acesso em: 25/12/2024.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. Loja. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/loja>. Acesso em: 25/12/2024.

LEGIÃO IDENTITÁRIA. Sobre. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/sobre>. Acesso em: 25/12/2024.

LIBRERÍA VIGENTE LA DERROTA MUNDIAL.Sobre la Librería. Disponível em: <https://libreriavigenteladerrotamundial.com/sobre-nosotros/>. Acesso em: 17/11/24.

LOMBROSO, Daniel; APPELBAUM, Yoni. 'Hail Trump!': White Nationalists Salute the President-Elect. The Atlantic. 2016. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/11/richard-spencer-speech-npi/508379/> Acesso em: 07/03/2024.

METAPEDIA. Primer Congreso Internacional Identitario. Disponível em: <https://es.metapedia.org/wiki/Primer_Congreso_Internacional_Identitario> Acesso em: 17/11/24.

METAPEDIA. Walter Romero. Disponível em: <https://es.metapedia.org/wiki/Walter_Romero> Acesso em: 17/11/2024.

MINISTERIO DEL INTERIOR Y SEGURIDAD PÚBLICA. Ley 21325. 2024. Biblioteca del Congreso Nacional de Chile. Disponível em: <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1158549>. Acesso em: 08/12/2024.

PAN CRIOLLISMO. Conferencia de Welf Herfurth en Chile. Youtube: 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YPi2XnEPQrM>. Acesso em: 25/12/24.

ROBERTSON, Erwin. Presentación de Vivir Peligrosamente: antología de José Luis Ontiveros. 2023. Asociación Robert Brasillach. Disponível em: < https://acrobertbrasillach.substack.com/p/presentacion-de-vivir-peligrosamente> Acesso em: 07/03/24.

OBSERVATÓRIO MEDIA NACIONAL. We are one - Defend your heritage. Facebook: 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/observatoriomedianacional/photos/t.100064674942610/415329848995706/?type=3>. Acesso em: 25/12/24.

S.C. Acerca de la identidad, una reflexión. 2017. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/acerca-de-la-identidad-una-reflexion>. Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. A Demografia da Região Sul. 2016. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/15/a-demografia-da-região-sul>. Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Somos tolerantes. 2016. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/12/12/somos-tolerantes>. Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram; E. Ricardo. A falsa festividade "identitária". 2016. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/09/a-falsa-festividade-identitária>. Acesso em: 17/11/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Ativismo de porão e ação real: uma autocrítica. 2016. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/09/09/ativismo-de-porão-e-ação-real-uma-autocrítica>. Acesso em: 25/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Movimento APENAS de Internet? 2016 .Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2016/12/31/movimento-apenas-de-internet>. Acesso em: 25/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. A verdade inconveniente sobre os atentados terroristas. 2017. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/08/05/a-verdade-inconveniente-sobre-os-atentados-terroristas>. Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Progressismo: O Cavalo de Troia Moderno. 2017. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/02/23/progressismo-o-cavalo-de-troia-moderno>. Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Pelo direito de afirmar nossa identidade. 2017. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/06/16/pelo-direito-de-afirmar-nossa-identidade>. Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Como superar o niilismo?. 2017. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/09/28/como-superar-o-niilismo>. Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Para o que estou destinado? 2017. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/03/18/para-o-que-estou-destinado>. Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Reconquistaremos Nosso Futuro. 2018. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/12/31/reconquistaremos-nosso-futuro> . Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. A Geração da Perdição. 2018. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/12/31/a-geração-da-perdição>. Acesso em: 14/12/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. O Colono é a representação do Espírito Sulista. 2018. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/12/31/o-colono-é-a-representação-do-espírito-sulista>. Acesso em: 17/11/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Heróis de Dois Mundos. 2018. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/12/31/heróis-de-dois-mundos>. Acesso em: 17/11/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Etnomasoquismo. 2018. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2018/08/30/etnomasoquismo>. Acesso em: 17/11/2024.

SCHWEICKERT, Bertram. Altruísmo patológico e a submissão europeia. 2020. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2020/04/17/altruísmo-patológico-e-a-submissão-europeia>. Acesso em: 17/11/2024.

STEVENS, Brett. Lucian Tudor From the German Conservative Revolution to the New Right now published. 2015. Amerika. Disponível em: <https://www.amerika.org/lifestyle/lucian-tudor-from-the-german-conservative-revolution-to-the-new-right-now-published/> Acesso em: 25/12/2024.

VILLAROEL, Benjamin. The White World's Southernmost Front. 2019. American Renaissance. Disponível em: <https://www.amren.com/features/2019/08/the-white-worlds-southernmost-front/>. Acesso em: 25/12/2024.

VILLENA, Patricio. ¿Qué es ser criollo? 2014. CPI. Disponível em: <https://pancriollismo.com/2014/03/01/que-es-ser-criollo/>. Acesso em: 11/12/2024.

VITALI, Juan Pablo. Europa. 2012. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/otros/europa>. Acesso em: 14/12/2024.

VITALI, Juan Pablo. Los Criollos. 2013. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/textos/documentos/los-criollos>. Acesso em: 27/10/2024.

VITALI, Juan Pablo. To Dominique Venner. Counter-Currents, 2014. Disponível em: <https://counter-currents.com/2014/06/to-dominique-venner/>. Acesso em: 27/10/2024.

VITALI, Juan Pablo. Ya no hay hombres. Círculo de cuervos galenos: 2019. Disponível em:<https://circulodecuervosgalenos.blogspot.com/2019/06/ya-no-hay-hombres-por-juan-pablo-vitali.html>. Acesso em: 25 dez. 2024.

VITALI, Juan Pablo. Ya no hay hombres. FNI: 2019. Disponível em: <https://fni.cl/csm/ya-no-hay-hombres>. Acesso em: 25 dez. 2024.

VITALI, Juan Pablo. Genocidio blanco globalizado. 2019, FNI. Disponível em: <https://fni.cl/csm/genocidio-blanco-globalizado> Acesso em: 07/03/2024.

VITALI, Juan Pablo. Trump, Bolsonaro, Salvini, Etcétera. 2019. FNI. Disponível em: <https://fni.cl/csm/trump-bolsonaro-salvini-etcetera>. Acesso em: 10/12/2024.

VITALI, Juan Pablo. Sobre el autor. Juan Pablo Vitali. Disponível em: <https://juanpablovitali.wordpress.com/acerca-de/>. Acesso em: 27/10/2024.

W. Ricardo. Nossa Geração. A Geração Identitária. 2017. Legião Identitária. Disponível em: <https://legiaoidentitaria.wixsite.com/leg-id/post/2017/04/10/nossa-geração-a-geração-identitária>. Acesso em: 14/12/2024.

WILLINGER, Markus. Geração identitária: uma declaração de guerra contra os 68tistas. Aquiles Editora, 2016.

YOCKEY, Francis Parker. The Proclamation of London 1949.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ABDO, Cláudio; CABECINHAS, Rosa; BRITES, Maria José. Crise migratória na Europa: os media e a construção da imagem dos refugiados. In Z. Pinto-Coelho, S. Marinho & T. Ruão (Eds.). **Comunidades, participação e regulação**. VI Jornadas Doutorais, Comunicação & Estudos Culturais (pp. 71-83). Braga: CECS, 2019.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. **Revista Aedos**, v. 3, n 8, 2011.

ALTAMIRANO, Carlos. La Invencíon de Nuestra América. : Obsesiones, narrativas y debates sobre la identidad de América Latina. Madrid: Siglo XXI Editores, 2021

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTÓN-MELLÓN, J. El Eterno Retorno. ¿Son fascistas las ideas-fuerza de la Nueva Derecha Europea (ND)? **Foro Interno** 2011, 11, 69-92.

ÅSBRINK, Elisabeth. When Race Was Removed from Racism: Per Engdahl, the Networks that Saved Fascism and the Making of the Concept of Ethnopluralism. **Journal of the History of Ideas**, 82(1), 133–151, 2021 doi:10.1353/jhi.2021.0006

ATLANTA ANTIFASCISTS. Martin Rojas' Pen Names. 2021. **Atlanta Antifascists** Disponível em: <https://atlantaantifa.org/2021/02/25/martin-rojas-pen-names/>. Acesso em: 25 dez. 2024.

AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021 http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-09

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História Geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. Brasília; São Paulo: UNESCO; MEC; UFSCar, 2010, p. 168-212.

BALE. J. M. **The Darkest Sides of Politics**, I: Postwar Fascism, Covert Operations, and Terrorism. London: Routledge, 2017.

BANI SALAMEH, Mohammed T. Migration from the Arab Spring Countries to Europe: Causes and Consequences. **Advances in Science, Technology & Innovation**, 243–254, 2019. doi:10.1007/978-3-030-01659-3_28

BARNES, Ian. Antisemitic Europe and the 'Third Way': The Ideas of Maurice Bardèche. **Patterns of Prejudice** Volume 34, 2000.

BAR-ON, Tamir. Fascism to the Nouvelle Droite: The Dream of Pan-European Empire. **Journal of Contemporary European Studies,** 16(3):327-345 · December 2008.

_____. The Alt-Right's continuation of the 'cultural war' in Euro-American societies. **Thesis Eleven** 2021, Vol. 163(1) 43–70.

BARROS, José D'Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia** (103), enero-abril, 2019: e-1528.

BEN-GHIAT, Ruth. Language and the construction of national identity in fascist Italy. **The European Legacy**, 2(3), 1997. 438–443. doi:10.1080/10848779708579754

BERTONHA, João Fábio. A questão da "Internacional Fascista" no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. **Revista Brasileira de Política Internacional, vol.43** no.1 Brasília Jan./June 2000.

BITTAR, Eduardo. Reconhecimento e Direito à diferença: teoria crítica, diversidade e a cultura dos direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo** v. 104, 2009.

BLOUT, Emily; BURKART, Patrick. White Supremacist Terrorism in Charlottesville: reconstructing 'Unite the Right'. **Studies in Conflict & Terrorism**, 2021. DOI: 10.1080/1057610X.2020.1862850

BULL, Anna Cento. Neo-fascism. In: BOSWORTH, R. J. B. **The Oxford Handbook of Fascism**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

BUSTAMANTE, Gilberto Cristian Aranda. Chile's Radical and Extreme Right: Two Groups at the Fringe of Politics. In: Bar-On, Tamir; MOLAS, Bàrbara (Org.). **The Right and Radical Right in the Americas**. Lenham: Lexington Books, 2022.

BUSTAMANTE OLGUÍN, Fabián. ¿Existe(n) una(s) nueva(s) derecha(s) en Chile? **Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe**, 20(1), e54336. 2023 https://doi.org/10.15517/c.a..v20i1.54336.

CAMUS, Jean-Yves. Alain de Benoist and the New Right IN: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

CALDEIRA NETO. Odilon. Neo-Fascism In Brazil: from the local to the global? **Esboços**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p.579-598, sep./dec., 2022.

_____. The identitarism in Brazil. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

_____. MADEIRA, Bruna. Direitas radicais e extremas: uma introdução. **Lusotopie**, XXI (2), 2022.

CASQUETE, Jesús. **Vox frente a la historia**. Madrid: Ediciones Akal, 2023.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** − entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

COOPER, Patricio David Baeza. Tendencias Ideológicas En La "Batalla Cultural" de La Sociedad Civil de La Ultraderecha Chilena. **AVATARES de la comunicación y la cultura** Nº 28, 2024. ISSN 1853-5925.

COPSEY, Nigel. Neo-Fascism: A Footnote to the fascist Epoch? In: IORDACHI, C. e KALLIS, A. **Beyond the Fascist Century**: Essays in Honour of Roger Griffin. London: Palgrave Macmillan, 2020.

DACOS, Marin. Manifesto delle digital humanities. **THATCamp**. 26 marzo 2011. Disponível em <http://tcp.hypotheses.org/482>. Acesso em: 13 ago. 2024.

DAHL, Göran. **The Nature of Identitarianism**. Abingdon: Routledge, 2023.

DANIELI NETO, Mário. Os portugueses nunca pisaram na África e não foram responsáveis pela escravidão? In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Revisionismos**: a universidade esclarece. São Paulo: Editora Mentes Abertas, 2020.

DOHNAL, Adam. Baron Roman von Ungern-Sternberg: Between Global Pop Culture and Mongolian Historiography. In: PESHKOV. Ivan. **The Hulunbuir and Transbaikalia Playground**: Microphysics of Power on the Sino-Russian Border. Poznań: Adam Mickiewicz University, 2019.

DOMENECH, Eduardo; DIAS, Gustavo. Regimes de fronteira e "ilegalidade": migrante na América Latina e no Caribe. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 22, n. 55, set-dez 2020, p. 40-73.

EATWELL, R. The Esoteric Ideology of the National Front in the 1980s. **The Failure of British Fascism,** 99–117., 1996. doi:10.1007/978-1-349-24758-5_6

ENGELS, David. Oswald Spengler and the Decline of the West. In: In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

FIELITZ, Maik. Identitarians versus Big Tech: The Limits of Digital Metapolitics. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

FERRARESI, Franco. Julius Evola : tradition, reaction, and the Radical Right. **European Journal of Sociology**, 28, 1987. pp 107-151 doi:10.1017/ S0003975600005415

FLÓREZ, Jairo Antonio. Historia digital: la memoria en el archivo infinito. **Historia Critica** No. 43, enero-abril 2011.

FOLHAPRESS. 'Brasil acima de tudo': conheça a origem do slogan de Bolsonaro. 2018 **Folhapress**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/brasil-acima-de-tudo-conheca-a-origem-do-slogan-de-bolsonaro-7r6utek3uk1axzyruk1fj9nas/>. Acesso em: 20/12/2024.

FONTANA, Eduarda; ZIMNOCH, Larissa; LORENTZ, Luísa Acauan. Crise Migratória no Século XXI: anomalia ou consequência da política internacional? **Relações Internacionais Para Educadores** (RIPE). ISSN: 2318-9390, v. 4. 2017

FRANÇOIS, Stéphane. Guillaume Faye and Archeofuturism. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

_____. NONJON, Andrien. Guillaume Faye (1949-2019): At the Forefront of a New Theory of White Nationalism. **The Journal of Illiberalism Studies** Vol. 2 (2022): 17-30.

Fanon, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FURLONG, Paul. Authoritarian Conservatism After The War: Julius Evola and Europe. **Paper presented at the PSA Annual Conference**, University of Leeds, 4-7 April 2005.

_____. Riding the tiger: crisis and political strategy in the thought of Julius Evola. **the italianist 31**, 2011.

GARDELL, Mattias. **Lone Wolf Race Warriors and White Genocide**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

GAYOZZO, Piero. Arqueofuturismo: El Proyecto Postmoderno De La Derecha Alternativa Internacional. **Ciencia Política**, vol. 17, n.º 34, 2023.

GEARY, Patrick. **O Mito das Nações:** a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005.

GOETZ, Judith. 'Patriotism is not just a Man's Thing': Right-wing Extremist Gender Policies within the so-called Identitarian Movement. **Journal of Modern European History**. Volume 20, Issue 3, 2022.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **Sol Negro**: Cultos arianos, nazismo esotérico e políticas de identidade. Madras: 2004.

GRANT, John; MACDONALD, Fiona, The alt right, toxic masculity and violence. In: MACDONALD, Fiona e DOBROWOLSKY, Alexandra. **Turbulent Times, Transformational Possibilities?**: gender and politics today and tomorow. Toronto: University of Toronto Press, 2020

GRIFFIN, Roger. Plus ça change! The Fascist Pedigree of the Nouvelle Droite. In: ARNOLD, Edward. **The Development of the Radical Right in France (1890-1995).** London: Routledge, 2000a.

_____. Between metapolitics and apoliteia : The Nouvelle Droite's strategy for conserving the fascist vision in the 'interregnum'. **Modern & Contemporary France**. v. 8, 2000b.

_____. **The Nature of Fascism**. London and New York: Routledge, 2006.

_____. From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right. **Patterns of Prejudice**, v. 37, n. 1, 2003, p. 27 – 50.

GRINCHPUN, Boris Matías. Los enemigos del "pensamiento único". Disenso y las redes transnacionales de la "nueva derecha", 1994-1999. **Latitud Sur**, n.º 12, 2017.

_____. **Antimodernos.** Julius Evola, sus lectores y las extremas derechas argentinas (1983-2003). Tese (Doctorado en Historia) - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2020.

_____. "Chileans First!": Movimiento Social Patriota, Acción Identitaria and Identitarianism in Chile. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

GRUMKE, Thomas. Globalized anti-globalists: the ideological basis of the internationalization of right-wing extremism. In: MERING, Sabine von; MCCARTY, Timothy

Wyman. **Right-Wing Radicalism** Today: Perspectives from Europe and the US. New York: Routledge, 2013

GUZMÁN, Gustavo Castro. Negación del Holocaustoen Chile: Miguel Serrano en los años ochenta. **Cuadernos Judaicos,** n.º 27, 2010.

HAKL, H. T. Julius Evola and Tradition. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMON, Alexandre. Un nuevo Israel en la Patagonia: el mito de la conspiración judía. 2015. **El Mostrador.** Disponível em: <https://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2015/06/21/un-nuevo-israel-en-la-patagonia-el-mito-de-la-conspiracion-judia/>. Acesso em: 25/12/2024.

HAVERTZ, Ralf. Ethnopluralism and its ambiguities: racism with and without race, **Journal of Political Ideologies**, 2023. DOI: 10.1080/13569317.2023.2212252

HERF, Jeffrey. **El Modernismo Reaccionario**: Tecnología, cultura y política en Weimar y el Tercer Reich. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

HERMANSSON, Patrik; LAWRENCE, David; MULHALL, Joe; MURDOCH, Simon. **The International Alt-Right**: fascism for the 21st century? Nova York: Routledge, 2020.

HERMANSSON, Patrik. The International Alternative Right: An Explainer. 2017. **Hope not Hate**. Disponível em: <https://hopenothate.org.uk/wp-content/uploads/2019/07/Alt-Right-report-SHORT-2019-v1.pdf>. Aceso em: 17/11/2024.

HUNTER. James Davison. A guerra cultural continua. **Pol. Cult. Rev**., Salvador, v. 15, n. 1, p. 22-62, jan./jun. 2022

JACQUET-VAILLANT, Marion. Building a Transnational Identitarian Movement? Limits to the diffusion of Génération Identitaire in Europe In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

KEŞKEKCI, Damla; NISSEM, Anita. Defend Europe and Transnational Activism. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. Nova Iorque: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

KULAITIS, Fernando. AVER, Gabriel Pancera. As fronteiras do pertencimento étnico na pauta separatista do movimento “O Sul é o meu país”. **Sociologias**, Porto Alegre, volume 25, 2023, e-soc123675, p. 1-33

LEÓN LOEWE, Trinidad. **El efecto de la inmigración en el voto de ultraderecha en Chile** : un análisis empírico. Dissertação (Magíster En Análisis Económico) - Universidad de Chile, Santiago, 2024

LINCOLN, Bruce. Dumézil, Ideology, and the Indo-Europeans. **Zeitschrift für Religionswissenschaft** v.6, 1998, 221-227. doi.org/10.1515/0029.221

LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. **XXVII Simpósio Nacional de História**: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: 2013.

LYONS, Matthew N. Jack Donovan and Male Tribalism. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez. 2007, p. 248-285.

MACHADO, Gabriel Benedito. O Neofascismo na América Latina: um breve panorama. Juiz de Fora: **Revista Casa D'Italia**. n. 31, 2023 – ISSN: 2764-0841.

MACKLIN, Graham. Greg Johnson and Counter-Currents. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

MALY, Ico. Guillaume Faye's legacy: the alt-right and Generation Identity, **Journal of Political Ideologies**, 2023, 28:1, 35-61, DOI: 10.1080/13569317.2022.2045460

MAMMONE, Andrea. **Transnational Neofascism in France and Italy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

_____. The transnational reaction to 1968: Neo-fascist Fronts and Political Cultures in France and Italy. **Contemporary European History**, 17(02), 2008, p. 213-236.

MCCULLOCH, Tom. The Nouvelle Droite in the 1980s and 1990s: Ideology and Entryism, the Relationship with the Front National. **French Politics**, 2006, 4, (158–178).

MEHRING, Reinhard. Carl Schmitt and the Politics of Identity. In: **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

MOSES, A. D. "White Genocide" and the Ethics of Public Analysis. **Journal of Genocide Research**, 1–13. 2019. doi:10.1080/14623528.2019.1599493

MITNICK, Gilda Waldman. Chile: indígenas y mestizos negados. **Política y Cultura**, primavera 2004, núm. 21, pp. 97-110

MLEJNKOVÁ, Petra. The transnationalization of Ethno-nationalism: the case of the identitarian Movement. **Intersections**. EEJSP 7(1): 136–149. DOI: 10.17356/ieejsp.v7i1.572

MUDDE, Cas. **O Regresso da Ultradireita**: da direita racial à direita extremista. Lisboa: Editorial Presença, 2020.

MURDOCH, Simon; MULHALL, Joe. **From Baners to Bullets**: the international identitarian movement. HOPE not hate. Charitable Trust, 2019.

MURILLO, David Benjamin Castillo. **A la extrema derecha del conservadurismo mexicano**: El caso de Salvador Abascal y Salvador Borrego. Tese (Doctorado en Historia) - División de Ciencias Sociales y Humanidades, Universidade Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco.

NEAMAN, Elliot y. Ernst Jünger and Storms of Steel. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

NIELI, Russell. Jared Taylor and White Identity. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

PÉRES, Maria Luiza. História global versus história transnacional: um olhar a partir da história do feminismo. **História Social**, n. 26, 2023, pp. 181-209.

PENA, Lara Pontes Juvencio. "Globalismo": o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. **Fronteira**, v. 18, n. 36, 2019. p. 371-386.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Editora 34, 2013.

POGGI, Tatiana. Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo. **Marx e o Marxismo** v.6, n.11, jul/dez 2018.

_____. HOEVELLER, Rejane. Velhas ideologias, novas roupagens: perspectivas do fascismo atual a partir da experiência da nova direita europeia e latino-americana. In:TZEIMAN, Andrés; MARTUSCELLI, Danilo Enrico. **La crisis de la democracia en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2024. ISBN 978-987-813-704-9

RASTELI. Alessandro. A evolução da palavra escrita e o acesso às novas formas de construção de sentido. **Páginas a&b: Arquivos E Bibliotecas**, 2015.

RÉMOND, René. **Les Droites en France**. Paris: Aubier Montaigne, 1982.

RICHARDS, Imogen. A Philosophical and Historical Analysis of "Generation Identity": Fascism, **Online Media, and the European New Right**. Terrorism and Political Violence, 2019.

_____. JONES, Callum. Far-Right Identitarianism in Australia. In: ZÚQUETE, José Pedro; MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. New York: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.

RODRÍGUEZ. Mateo Ballester. Historia y guerra cultural en Vox. In: Casquete, Jesús. **Vox frente a la historia.** Madrid: Ediciones Akal, 2023.

RUEDA, Daniel. Alain de Benoist, ethnopluralism and the cultural turn in racism. **Patterns of Prejudice**, 2021 Vol. 55, No. 3, 213–235, https://doi.org/10.1080/0031322X.2021.1920722

RUTHERFORD, Stephanie. Wolfish White Nationalisms? Lycanthropic Longing on the Alt-right. **Journal of Intercultural Studies**, 41(1), 60–76, 2020. doi:10.1080/07256868.2020.1704227

RYDGREN, Jens. Is extreme right-wing populism contagious? Explaining the emergence of a new party family. **European Journal of Political Research** , 44(3), 413–437. 2005. doi:10.1111/j.1475-6765.2005.00233.x

SANAHUJA, José Antonio. BURIAN, Camilo López. La nueva extrema derecha neopatriota latinoamericana: el internacionalismo reaccionario y su desafío al orden liberal internacional. **Revista Conjura Austral**. V. 11, n. 55, jul./set. 2020.

_____. Hispanidad e Iberosfera: antiglobalismo, internacionalismo reaccionario y ultraderecha neopatriota en Iberoamérica. **Documentos de Trabajo**. v.69, 2022.

SANROMÁN, Diego Luis. **La nueva derecha**: Cuarenta años de agitación metapolìtica. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2008.

SANTIN, Janaína Rigo; ABAL, Felipe Cittolin. Antissemitismo e Jurisdição Constitucional: Análise do Caso Siegfried Ellwanger. **Revista de Direito Brasileira**. Florianópolis, SC. v. 25. n. 10. p.162-182. Jan./Abr. 2020.

SEDGWICK, Mark. **Contra o Mundo Moderno**: o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

SERRANO, Lorena Oyarzún; ARANDA, Gilberto; GISSI,Nicolás. Migración internacional y política migratoria en Chile: tensiones entre la soberanía estatal y las ciudadanías emergentes. **Colombia Internacional**, n.º106, 202.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: história & cultura** – v. 11, n. 22, p. 13-39, jul./dez. 2012.

SHIGUNOV, Gustavo Henrique. "Nossa Guerra contra vocês": identitarismo e o caso da Legião Identitária. In: **Seminário Internacional História do Tempo Presente**, 4., 2021, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UDESC,2021.

SILVA, Glaydson José da. O mundo antigo visto por lentes contemporâneas: as extremas direitas na França nas décadas de 1980 e 90, ou da instrumentalidade da Antigüidade. **HISTÓRIA**, SÃO PAULO, v. 26, n. 1, p. 98-118, 2007.

_____. Barone, Victor. A Grande Substituição, o colonialismo projetado e os usos do passado: esboço para uma crítica ao caráter paranóico da Nova Direita francesa. **Fronteiras - Revista Catarinense de História** | ISSN 2238-9717 | n. 41, p. 192-212, jan./2023

SILVA, Leonardo Nóbrega da. O mercado editorial e a Nova Direita brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 13 n. 2 dez, 2018.

SOUZA FILHO. Carlos Luiz da Silva. Comunidades Imaginadas Transnacionais: globalização, identidade e ascensão da Alt-Right. **Revista Neiba**, Rio de Janeiro, Vol. 11, 2022

SPEKTOROWSKI, Alberto. The French New Right: Differentialism and the Idea of Ethnophilian Exclusionism. **Polity**, 33(2), 2000, 283–303. doi:10.2307/3235491

_____. The New Right: ethno-regionalism, ethno-pluralism and the emergence of a neo-fascist 'Third Way'. **Journal of Political Ideologies**, 2003, 8(1), 111–130

_____. The intellectual reconstruction of post-war fascism and the populist right. In: DOVAL, G.P. e SOUROUJON, G. **Global Resurgence of the Right**. Londres: Routledge, 2021

TAGUIEFF, Pierre-André. From Race to Culture: The New Right's View of European Identity. **Télos**, 1993 (98-99):99-125

TEITELBAUM, Benjamin. Daniel Friberg and Metapolitics in Action. In: SEDGWICK, M. **Key Thinkers of the Radical Right**. Oxford: Oxford University Press, 2019

THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Tempo Social; Rev. Social**. USP S. Paulo, 10(2); 63-100, outubro de 1998.

THOMPSON, Jack. HAWLEY, George. Does the Alt-Right still matter? An examination of Alt-Right influence between 2016 and 2018. **Nations and Nationalism**. 2021.

TOBIN, Robert Deam. The Evolian Imagination: Gender, Race, and Class from Fascism to the New Right. **The Journal of Holocaust Research**. Volume 35, 2021.

VARELA, Raquel; SANTA, Roberto della. O Maio de 68 na Europa – Estado e Revolução. **Rev. Direito e Práx.** Rio de Janeiro, Vol. 9 N. 2, 2018, p. 969-991.

VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. "Para Salvar a Nação Somos Até Capazes de Comunismo": o nacional-bolchevismo ontem e hoje. **Almanaque de Ciência Política**, Vitória, vol. 6, n. 1, pp. 01-34, 2022

_____. O arqueofuturismo de Guillaume Faye e a Nouvelle Droite (1970-2019): uma metapolítica da guerra étnica para uma Europa em crise. **Hist. Historiogr**., Ouro Preto, v. 16, n. 41, 2023. ISSN 1983-9928.

WINTER, Aaron. Online Hate: From the Far-Right to the 'Alt-Right' and from the Margins to the Mainstream. In: Lumsden, Karen; Harmer, Emily (2019). **Online Othering**: exploring digital violence and discrimination on the web. London: Palgrave MacMillan, 2019.

ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: The Movement Against Globalism and Islam in Europe, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018

_____. Para além do populismo: a defesa da identidade branca na Europa Ocidental. In: PINTO, A. C. e GENTILE, F. (org.) **Populismo**: teorias e casos. Fortaleza: Edmeta, 2020.

_____. MARCHI, Ricardo. **Global Identitarianism**. New York: Routledge Studies in Fascism and the Far Right, 2023.